

Curso de Quenya

Helge Kåre Fauskanger
(*helge.fauskanger@nor.uib.no*)

Tradução
Gabriel “Tilion” Oliva Brum
(*tilion@terra.com.br*)

Copyright: pode-se fazer o download deste curso (inglês: <http://www.uib.no/People/hnohf>; português: <http://www.valinor.com.br>) mas não recolocá-lo em outro lugar na internet sem a permissão do autor, H.K. Fauskanger. (Contudo, aqueles que previamente receberam permissão para traduzir artigos de minhas páginas também podem traduzir este curso.) Impressões podem ser feitas para uso pessoal (grupos privados inclusos).

A tradução do curso não pode ser disponibilizada ou distribuída de quaisquer formas sem as prévias autorizações do tradutor do mesmo e do Editor-geral da Valinor.

LIÇÃO UM

Os sons do quenya.

Pronúncia e acentuação.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

O quenya, como uma entidade real em nosso próprio mundo, existe primeiramente como um idioma *escrito*: os entusiastas do quenya tendem a estar amplamente espalhados e devem repartir suas composições através apenas de meio escrito (de fato, eu geralmente irei me referir aos usuários do quenya como “escritores” ao invés “falantes”). Apesar disso, qualquer estudante deve obviamente saber que pronúncia Tolkien imaginou, tão bem quanto suas intenções possam ser agora deduzidas.

Existem muito poucas gravações com o próprio Tolkien lendo textos em quenya. Em uma entrevista de tv, Tolkien escreve e pronuncia a saudação **elen síla lúmenn' omentielvo**. Notavelmente, ele fez duas gravações diferentes do *Namárië* (cantado e falado). Umas poucas linhas desta versão do *Namárië* diferem da sua contraparte do SdA: A versão gravada tem **inyar únóti nar ve rámar aldaron / inyar ve lintë yulmar vánier** ao invés de **yéni únótímë ve rámar aldaron! / yéni ve lintë yuldar (a)vánier** como no SdA. A gravação foi feita antes do livro ser publicado (e, portanto, antes das revisões finais).

As poucas gravações existentes são interessantes, mas elas não são nossa fonte principal de informação. A maior parte do que sabemos sobre a pronúncia do quenya é baseada nas *notas* escritas de Tolkien sobre como seus idiomas deveriam ser pronunciados, predominantemente a informação fornecida no Apêndice E do SdA. (De fato, a pronúncia real de Tolkien nas gravações nem sempre são impecáveis, de acordo com suas próprias descrições técnicas, mas ele também não era um nativo falante de quenya.)

Qualquer idioma natural possui uma *fonologia*, um conjunto de regras que define que sons são usados, como eles variam e se comportam, e como eles podem ser combinados. Isto vale também para qualquer idioma inventado. O quenya definitivamente não é uma confusão de sons aleatórios; Tolkien construiu cuidadosamente sua fonologia – tanto como uma entidade em evolução (o quenya clássico gradualmente se desenvolvendo a partir do élfico primitivo) como uma forma “fixa” (definindo o tipo de quenya que era usado como um idioma de tradição e cerimônia na Terra-média). Tolkien observa, através de Pengolodh, o sábio de Gondolin, que as línguas élficas tendiam a usar relativamente poucos sons – “pois os Eldar, sendo habilidosos nas artes, não são esbanjadores nem pródigos por pequenos propósitos, admirando mais em uma língua o uso habilidoso e harmonioso de poucos sons bem balanceados do que uma profusão mal-ordenada” (PM: 398). Nenhum dos sons usados no quenya são particularmente exóticos de um ponto de vista europeu, mas eles são combinados de uma maneira primorosamente ordeira. Comparados ao élfico de Tolkien, muitos idiomas “reais” de fato parecem uma bagunça.

TERMOS BÁSICOS

Coloquemos alguns termos básicos nos seus lugares (pessoas com treinamento lingüístico não precisam gastar muito tempo nesta seção). Os sons de qualquer idioma podem ser divididos em duas grandes categorias, *vogais* e *consoantes*. As *vogais* são sons feitos ao

deixar a corrente de ar passar “livremente” através da boca: diferentes vogais são produzidas ao se modificar a posição da língua e dos lábios, mas a corrente de ar não é diretamente obstruída. Ao extrair várias vogais, pronunciando **aaaaa...** ou **eeeee...** ou **ooooo...**, é fácil sentir como o ar flui bastante desimpedido pela boca: simplesmente modela-se a língua e os lábios para “formar” o som desejado. As vogais podem ser mais ou menos “abertas” ou “fechadas”: você só precisa observar a posição da língua e do maxilar inferior ao pronunciar **aaah...** comparada com sua posição ao pronunciar **ooooh...** para compreender o que isto quer dizer. A vogal **a** (como na palavra *mal*) é mais aberta, enquanto a vogal **u** (como na palavra *rude*) é mais fechada. As outras vogais ficam em posições intermediárias. As vogais também podem ser mais ou menos “arredondadas”, dependendo principalmente da posição dos lábios; a vogal **u** (como recém descrita) é dita arredondada porque é pronunciada com os lábios unidos como que para um beijo. Uma vogal como **o** (como na palavra *porta*) é realmente pronunciada como o **a** de *parte*, mas o **o** é arredondado e o **a** não é – fazendo as vogais distintas.

Ao se pronunciar as vogais, a corrente de ar é apenas *modificada* (por meios como os já descritos). Ela realmente nunca é “impedida”. No caso das *consoantes*, entretanto, o ar é mais obstruído. Assim, Tolkien pode nos informar que um elemento élfico primitivo para *consoante* era **tapta tengwë** ou apenas **tapta**, significando “elemento impedido” ou “aquele impedido” (VT39: 7). Nos casos mais “extremos”, a corrente de ar pode ainda ser completamente parada por um momento: isto é facilmente percebido no caso de uma consoante como o **p**, que é pronunciado ao unir-se os lábios, momentaneamente interrompendo a corrente de ar dos pulmões e permitindo a criação de uma pressão no interior da boca. Então os lábios são repentinamente separados de novo, liberado o ar em uma pequena explosão – e esta explosão forma um **p**. Tais consoantes *plosivas* incluem **t**, **p**, **k** e suas contrapartes **d**, **b**, **g** (**g** duro como em *guerra*, não como em *giro*). Todas elas são formadas ao interromper-se e então liberando o ar repentinamente em vários lugares na boca. Ao invés de interromper completamente o ar, pode-se também deixá-lo “chiar através” de uma pequena abertura, como quando o **f** é pronunciado ao forçar o ar para fora entre o lábio inferior e os dentes superiores; tais sons de “fricção” são chamados de *fricativos* e incluem consoantes como **f**, **th** e **v**. E ainda há outras opções de como manipular a corrente de ar, tais como a redirecionar através do nariz para produzir consoantes *nasais* como **n** ou **m**.

O conceito de *vocalização* também deve ser compreendido. Humanos (e elfos) vêm com um tipo de aparelho sonoro instalado em suas gargantas, chamado de *cordas vocais*. Ao fazer as cordas vocais vibrarem, pode-se adicionar “voz” à corrente de ar antes que ela entre nos órgãos da fala propriamente ditos. A presença ou ausência de tal vocalização é o que distingue sons como **v** e **f**. Ao se produzir um som como **ffff...** e repentinamente mudar para **vvvv...**, irá se sentir a “campainha” na garganta soando (coloque um dedo na sua glote – o que nos homens é chamado de “pomo de Adão”, menos proeminente nas mulheres – e você realmente sentirá a vibração das cordas vocais). Em princípio, o aparelho de vocalização poderia ser usado para dobrar o número de sons que somos capazes de produzir, uma vez que todos eles podem ser pronunciados *com* vibração das cordas vocais (como sons *sonoros*) ou *sem* tal vibração (como sons *surdos*). Na prática, a maioria dos sons da fala não aparece nas versões surdas. Muitos sons mal seriam perceptíveis sem a vocalização (o **n**, por exemplo, seria reduzido a não mais que um bufo fraco). Normalmente, todas as vogais também são sonoras; certamente o são no quenya (embora no japonês as vogais podem perder sua sonoridade em certos ambientes). Mas eu já me

referi a **d**, **b** e **g** como as “contrapartes” de **t**, **p** e **k**; elas são contrapartes no sentido de que as primeiras são sonoras e as últimas não. Um aspecto característico do quenya (ao menos no dialeto) é a distribuição muito limitada das plosivas sonoras **d**, **b**, **g**; elas ocorrem somente no meio das palavras, e apenas como parte dos encontros consonantais **nd/ld/rd**, **mb**, e **ng**. Alguns falantes também pronunciavam **lb** ao invés de **lv**. (Possivelmente Tolkien imaginou diferentes regras para parcamente atestado dialeto vanyarin do quenya: o *Silmarillion* se refere a um lamento chamado **Aldudénië** feito por um elfo vanyarin; esta palavra tem confundido os pesquisadores, uma vez que o **d** central seria um tanto impossível no quenya noldorin.)

Sílabas: Feita de vogais e consoantes, a fala não é uma explosão indiferenciada de sons. Ela é particularmente percebida por ser organizada em unidades rítmicas chamadas *sílabas*. As palavras mais curtas são necessariamente *monossilábicas*, possuindo apenas uma sílaba – como a palavra *de* ou sua equivalente em quenya **ho**. Palavras de mais de uma sílaba, as *polissilábicas*, formam séries mais longas de “batidas” rítmicas. Uma palavra como *veloz* tem duas sílabas (*ve-loz*), uma palavra como *ótimo* tem três (*ó-ti-mo*), uma palavra como *camiseta* tem quatro (*ca-mi-se-ta*), e assim por diante – embora não possamos ir muito além antes das palavras se tornarem impraticavelmente longas e difíceis de se pronunciar. Alguns idiomas orientais, como o vietnamita, mostram uma grande diferença para palavras monossilábicas. Mas como fica evidente a partir dos exemplos em português recém citados, os idiomas europeus empregam freqüentemente palavras longas, e o quenya de Tolkien faz uso de grandes bocados (assim como o finlandês). Considere palavras como **Ainulindalë** ou **Silmarillion** (cinco sílabas: **ai-nu-lin-da-lë**, **sil-ma-ril-li-on**). Uma palavra em quenya não flexionada possui tipicamente duas ou três sílabas, e este número é aumentado com freqüência ao se adicionar afixos ou palavras compostas.

OS SONS DO QUENYA

Em quenya, as *vogais* básicas são **a**, **e**, **i**, **o**, **u** (curtas e longas). Elas também podem ser combinadas em *ditongos*, grupos de duas vogais básicas pronunciadas juntas como uma sílaba: há três ditongos em **-i** (**ai**, **oi**, **ui**) e três em **-u** (**au**, **eu**, **iu**, embora os ditongos **eu** e **iu** sejam bastante raros). As *consoantes* do quenya da Terceira Era podem ser listadas como **c** (= **k**), **d**, **f**, **g**, **gw**, **h**, **hy**, **hw**, **l**, **ly**, **m**, **n**, **nw**, **ny**, **p**, **qu**, **r**, **ry**, **s**, **t**, **ty**, **v**, **y** e **w** (esta listagem não é livre de controvérsia; o sistema consonantal do quenya pode ser plausivamente analisado em mais de uma maneira). Na escrita élfica, a ortografia *Tengwar* também mantém a distinção entre algumas consoantes que na Terceira Era vieram a ser pronunciadas iguais e assim fundidas (**p** fundindo-se com **s**, enquanto o **ñ** inicial uniu-se ao **n** – ver a análise de convenções ortográficas). Na transcrição e ortografia empregadas neste curso, a presença anterior de distintas consoantes “perdidas” é refletida em apenas dois casos: **hl** e **hr**, que eram originalmente **l** e **r** *mudos*, mas posteriormente fundiram-se com o **l**, **r** normais (e, portanto, não são incluídos na lista de consoantes do quenya da Terceira Era acima). Assim, escreveremos, digamos, **hrívë** (“inverno”) deste modo, apesar do fato de Tolkien ter imaginado a pronúncia típica da Terceira Era como simplesmente “rívë” (com um **r** normal).

Embora as consoantes **hy**, **gw**, **hw**, **ly**, **nw**, **ny**, **ry**, **ty**, e **qu** (e **hr**, **hl**) devam aqui ser escritas como duas letras (como *dígrafos*), elas devem evidentemente ser tomadas como sons unitários: sua pronúncia será discutida em mais detalhes abaixo. Os dígrafos em **-w** representam consoantes *labializadas*, enquanto os dígrafos em **-y** representam consoantes *palatalizadas*; novamente, ver abaixo para análise adicional destes termos. Deve ser

compreendido que **qu** é simplesmente uma maneira estética de escrever o que seria de outra forma representado como **cw** (a maioria das pessoas concordará que **quenya** fica melhor do que **cwenya**), então **qu**, como **nw**, é uma consoante labializada. Ao dividir as sílabas, deve-se lembrar que na verdade há a vogal **u** no **qu**; o “u” aqui representa o **w**. Uma palavra como **alqua** (“cisne”) tem assim apenas duas sílabas: **al-qua** (= **al-cwa**). Não deve se achar que é “al-qu-a” e concluir que há na verdade três sílabas. Na escrita Tengwar, o **qu** é indicado por uma única letra, e na maioria das fontes primitivas, Tolkien também usou a letra única **q** para representar isso.

Consoantes Duplas: algumas consoantes podem ocorrer em versões *longas* ou *duplas*; consoantes duplas e simples podem ser comparadas a vogais longas e curtas. Os casos “óbvios”, as consoantes duplas diretamente representadas na ortografia, são **cc**, **ll**, **mm**, **nn**, **pp**, **rr**, **ss** e **tt** (ex: **ecco** “lança”, **colla** “manto”, **lamma** “som”, **anna** “presente”, **lappa** “bainha de manto”, **yarra-** “rosnar”, **essë** “nome”, **atta** “dois”). O grupo **pp** é muito raro, aparecendo somente em material muito anterior ao SdA. No *Nota sobre a pronúncia* anexado ao *Silmarillion*, Christopher Tolkien observa: “Consoantes repetidas têm a pronúncia longa. Assim, *Yavanna* tem o *n* longo ouvido no inglês *unnamed*, *penknife*, não o *n* curto de *unaimed*, *penny*.” Palavras como **tana** “que” vs. **tanna** “sinal”, **tyelë** “cessa” vs. **tyellë** “grau”, **ata** “novamente” vs. **atta** “dois” devem ser distintas de forma audível. – É possível que algumas das consoantes escritas como dígrafos também possam ser contadas como consoantes duplas quando elas ocorrem entre vogais; ex: **ny** = **n** longo ou palatizado duplo (detalhes abaixo).

Encontros consonantais (vs. consoantes simples): é difícil pronunciar muitas consoantes sucessivas, de modo que a linguagem das palavras geralmente as confinam em grupos relativamente *pequenos* (ou “encontros”) de consoantes. A mais típica palavra, de qualquer idioma, é uma série de vogais e consoantes (encontros consonantais simples ou relativamente curtos) alternadas – o “núcleo” de cada sílaba sendo geralmente uma vogal. O quenya de Tolkien não é exceção; este idioma na verdade possui regras bastante restritivas para o modo como as consoantes e vogais podem ser combinadas em sílabas e palavras mais longas. Ainda assim, encontros consonantais são muito comuns, mas não são distribuídos tão “livremente” como no português. Enquanto o português e o sindarin permitem encontros consonantais no início das palavras, o quenya não o faz (SD: 417-418). Tolkien disse que o nome que os “Woses” ou Homens Selvagens usavam para si mesmos, *Drughu*, fora adaptado para o quenya como **Rú** (CI: 385). O quenya não poderia preservar o encontro inicial *dr-* da forma original desta palavra incorporada (além do fato de que o quenya não poderia ter um **d** nesta posição). O quenya permite um número limitado de encontros consonantais *medialmente*, entre vogais no meio das palavras; entre os encontros “freqüentes” ou “favorecidos”, Tolkien citou **ld**, **mb**, **mp**, **nc**, **nd**, **ng**, **ngw**, **nqu**, **nt**, **ps**, **ts** e **x** (para **cs**). Desse modo, temos típicas palavras em estilo quenya como **Elda** “elfo”, **lambë** “língua”, **tumpo** “corcova”, **ranco** “braço” etc. *Finalmente*, no final das palavras, apenas cinco consoantes simples podem ocorrer: apenas **-l**, **-n**, **-r**, **-s**, ou **-t** são permitidas nesta posição (*Letters*: 425; entretanto, a maioria das palavras em quenya termina em uma vogal). *Encontros* consonantais ou consoantes *duplas* não são normalmente encontradas no final das palavras, embora possam ocorrer se uma vogal final for *elidida* (omitida), no caso da próxima palavra começar com a mesma vogal ou com uma semelhante. No SdA temos um **nn** “final” na frase **lúmenn' omentielvo** (“sobre a hora do nosso encontro”), mas apenas porque esta é a forma reduzida de **lúmenna omentielvo** (esta forma completa ocorrendo em WJ: 367 e *Letters*: 424). O único encontro consonantal genuíno que ocorre

no final de uma palavra parece ser **nt**, usado como uma terminação gramatical específica (*dual dativa*, a ser discutida em lições posteriores) – ex: **ciryant** “para um par de navios”, formado a partir de **cirya** “navio”. Os experimentos mais primitivos de “qenya” de Tolkien, como registrados no *Qenya Lexicon* de 1915, eram mais liberais a este respeito. O “qenya” permitia mais consoantes finais e mesmo encontros consonantais, mas como o quenya no estilo do SdA evoluiu nas notas de Tolkien, ele estreitou a fonologia. Assim ele deu ao idioma um gosto claramente mais definido.

PRONÚNCIA

Vogais: as vogais do quenya são puras. Para aqueles que querem pronunciar as vogais élficas com um certo grau de exatidão, Tolkien recomendou as vogais italianas como um modelo (como fez Zamenhof com o esperanto, por sinal; mas as vogais portuguesas também podem ser aplicadas perfeitamente). Falantes do inglês possuem um hábito enraizado de “dissolver” muitas vogais, especialmente quando elas não são totalmente enfatizadas; assim, em uma palavra como *banana*, é geralmente apenas o **a** central que sai com um som “próprio” de **a**. Os dois outros **a**'s, que não são enfatizados, são tipicamente feitos para soar como uma indistinta, obscura “redução de vogal” que os lingüistas chamam de *schwa* (de uma palavra hebraica para “nada”). Mas em quenya, *todas* as vogais, em *todas* as posições, devem ser claramente e distintamente pronunciadas; quaisquer tendências para “dissolvê-las” devem ser fortemente combatidas.

Como lembramos, o quenya possui vogais *longas* e *curtas*, as longas sendo marcadas com um acento: **á, é, ó, ú, í**, alongadas de **a, e, o, u, i**. Vogais longas e curtas devem ser mantidas separadas e pronunciadas clara e distintamente. Às vezes, o comprimento da vogal é a única coisa que distingue duas palavras parecidas: por exemplo, **cu** com um **u** curto significa “pombo”, enquanto que **cú** com um **ú** longo significa “crescente ou arco”.

O **á** longo pode ser pronunciado como na palavra *máquina*: **má** “mão”, **nárë** “chama”, **quáco** “corvo”. O **a** curto soa como nas palavras *padre* e *azul*. É absolutamente necessário dominá-lo, pois o **a** curto é de longe o mais comum das vogais em quenya. Tolkien observou que ele deveria ser mais “aberto” que o **á** longo.

NOTA: Se você possui o filme original de *Star Wars* disponível, escute cuidadosamente quando Harrison Ford aparece pela primeira vez por volta dos 45 minutos e se apresenta como “Han Solo”: Ford realmente produz um belo **a** curto no estilo do quenya em “Han”, fazendo esta sílaba soar do modo como seria nas palavras em quenya (ex: **hanu** “um macho” ou **handa** “inteligente”). Mas posteriormente nos filmes de *SW*, a vogal de “Han” é pronunciada inconsistentemente, seja com um **a** longo como em página, seja com a vogal ouvida em *quebra*, que é precisamente a vogal a ser evitada em quenya. Consistência lingüística nunca foi a, aham, força de *Star Wars*. A propósito, lembra-se de **Endor**, a lua verde onde George Lucas colocou seus ursinhos de pelúcias reinventados no terceiro filme? Adivinhe qual é a palavra em quenya para “Terra-média”? Lucas certamente diria que sua intenção fora a de pagar *tributo* a Tolkien...

Deve-se tentar pronunciar um **a** completo em todas as posições, nunca “dissipando” o mesmo.

O **é** longo deve ser, como observado por Tolkien, mais fechado que o **e** curto (ver Apêndice E do SdA), como nas palavras *tendência* e *parabéns*: **nén** “água”, **ré** “dia”, **ména** “região”.

O **e** *curto* pode ser pronunciado como em *festa* e *pedra*. Em quenya este som também ocorre no final das palavras. Uma vez que o **e** final na ortografia inglesa

geralmente é mudo, Tolkien usou com frequência a grafia *ë* nesta posição – e no decorrer deste curso, esta grafia é empregada consistentemente. Isto é apenas para lembrar os leitores de inglês (e também a nós mesmos) que, no quenya, esta letra deve ser pronunciada distintamente. O *e* do quenya tem o valor descrito acima em todas as posições. Ele NÃO deve ser pronunciado “dissolvendo-se” em um *i*: **lómë** “noite”, **morë** “preto, negro”, **tinwë** “centelha”.

O *í* longo é pronunciado como em *incrível*: a palavra em quenya **sí** (“agora”) é parecida no som. Outros exemplos incluem **nís** “mulher” e **ríma** “beira, borda”. Este *í* longo deve ser notavelmente mais longo que o *i* curto, que pode ser pronunciado como em *menino* e *dolorido*: **titta** “pequenino, diminuto”, **imbë** “entre”, **vinya** “novo”. Isto se aplica também ao *-i* final (geralmente uma desinência de plural), que não deve ser “dissolvido”.

O *ó* longo pode ser pronunciado como em *conto* e *ônus*, de preferência um pouco mais carregado e “fechado”: **mól** “escravo”, **tó** “lã”, **óma** “voz”. O *o* curto pode ser pronunciado como em *morte* ou como em *porta*. Algumas palavras com *o*: **rondo** “caverna”, **olos** “sonho”, **tolto** “oito”. O *o* também não deve ser “dissolvido” (como acontece na pronúncia de *rápido*, com o *o* final reduzindo-se a um *u*: *rápidu*). Deve ser ter cuidado especialmente com a terminação *-on*, frequentemente encontrada em nomes masculinos (e também em *genitivos* plurais como **Silmarillion**; ver lições posteriores). A pronúncia “anglicanizada” de um nome como **Sauron** resultaria no que um confuso elfo tentaria representar na escrita como **Sór'n** (ou, na melhor das hipóteses, **Sóren**). O *-on* final deve soar como em *compra*, com a vogal totalmente intacta, mesmo que não seja acentuada em **Sauron**.

O *ú* longo deve ser pronunciado como em *bruto* e *único*: **númen** “oeste”, **cú** “crescente, arco”, **yúyo** “ambos”. Ele deve ser distintamente mais longo que o *u* curto, que é pronunciado como o *u* de *uso*: **cundu** “príncipe”, **nuru** “morte”, **ulundo** “monstro”.

Deve-se estar atento especialmente quando uma combinação *vogal + r* ocorre. Nas combinações **ar**, **or**, **er**, **ir** e **ur**, tente evitar alongar a vogal; nas palavras em quenya como **narda** “nó”, **lorna** “adormecido”, **sercë** “sangue”, **tirno** “observador”, **turma** “escudo” a vogal antes do *r* deve ser *curta*, como indicado pela ausência de acento.

Ditongos: além dos sons unitários “básicos” das vogais discutidos acima, nós temos os ditongos – combinações de duas vogais básicas que se formam em uma sílaba, em muitos casos se comportando como uma vogal unitária para o propósito da construção da palavra: os ditongos do quenya são **ai**, **au**, **eu**, **iu**, **oi**, e **ui**.

□ O ditongo **ai** é o mesmo ouvido na palavra *caixa*: **faila** “justo, generoso”, **aica** “apavorante, terrível”, **caima** “cama”, **aira** “sagrado”.

□ O ditongo **au** é pronunciado como em *caule*: **aulë** “invenção”, **laurëa** “dourado”, **taurë** “floresta”.

□ O ditongo **eu** é parecido com o da palavra *neutro*. Exemplos em quenya: **leuca** “cobra”, **neuma** “armadilha”, **peu** “par de lábios”. Este ditongo não é muito comum.

□ O ditongo **iu** fora originalmente imaginado por Tolkien como “decrecente”, como os outros ditongos do quenya, enfatizado mais no primeiro elemento do que no último (SdA Apêndice E). Entretanto, na pronúncia da Terceira Era ele se tornara “crescente”. Este ditongo, de qualquer modo, é muito raro; no *Etymologies*, ele só aparece em poucas palavras (**miulë** “lamentar, miar”, **piuta** “cuspir”, **siulë** “incitação” e o grupo

tiuca “grosso, gordo”, **tiuco** “coxa” and **tiuya-** “inchar, engordar” – mais alguns exemplos de **iu** poderiam ser citados a partir de material de “qenya” de Tolkien).

□ O ditongo **oi** corresponde ao da palavra *jóia*: **coirëa** “vivo”, **soica** “sedento”, **oira** “eterno”.

□ O ditongo **ui** possui o mesmo som que ocorre em *cuidado*: **huinë** “sombra”, **cuilë** “vida”, **uilë** “planta trepadeira”. Note que a combinação **qui não** contém este ditongo; este é apenas um modo visualmente mais agradável de se escrever **cwi** (ex: **orqui** “orcs” = **orcwi**).

Todos os outros grupos de vogais *não* são ditongos, mas apenas vogais pertencentes a sílabas separadas e devem ser pronunciadas claramente. Em termos lingüísticos, vogais que estão em contato direto sem formar ditongos são chamadas de *hiatos*. O élfico primitivo aparentemente não possuía tais combinações, ao menos não no meio das palavras: Tolkien colocou Fëanor concluindo que “nossos pais...ao construir palavras, tomaram as vogais e as separaram com as consoantes como paredes” (VT39: 10). Mas algumas consoantes se perderam no quenya, de forma que as vogais que estavam então “separadas”, entraram em contato direto (VT39: 6). Em quenya temos ainda palavras polissilábicas formadas apenas por vogais, como **Eä** (um nome do universo) ou **oa** (“longe”). As combinações mais freqüentes de vogais em hiato são **ea**, **eo**, **ie**, **io**, **oa**; cada vogal deve soar “por si própria”. Tolkien com freqüência enfatiza este fato ao adicionar um *trema* a uma das vogais, e na grafia consistente imposta a este material, nós regularmente escrevemos **ëa** (**Eä**), **ëo** (**Eö**), **öe**. Aqui não usamos o trema nas combinações **ie** (exceto quando final) e **oa**, mas como indicado pela grafia **ië** e **öa** em certos manuscritos de Tolkien, as vogais devem ser pronunciadas distintamente. Algumas palavras com vogais em hiato: **fëa** “alma”, **lëo** “sombra”, **loëndë** “meio do ano” (o dia do meio do ano de acordo com o calendário élfico), **coa** “casa”.

Consoantes: a maioria das consoantes no quenya é fácil de se pronunciar para pessoas acostumadas a falar um idioma ocidental. Estes pontos devem ser observados:

□ **C** é sempre pronunciado **k**, nunca **s**; de fato, Tolkien usa letra **k** ao invés de **c** em muitas fontes. **Celma** “canal” ou **ciryä** “navio” *não* devem ser ditas como “selma”, “siryä”. (Isto se aplica também à pronúncia sindarin: quando **Celeborn** é pronunciado “Seleborn” na versão animada do SdA, é mostrado claramente que os realizadores do filme nunca leram o Apêndice E. Esperamos e oramos para que Peter Jackson faça um melhor trabalho.)

□ Nos grupos **hw**, **hy**, **hl**, **hr**, a letra **h** não deve ser pronunciada separadamente. Estes são apenas dígrafos denotando consoantes unitárias.

□ Os dígrafos **hl** e **hr** eram originalmente o **l** e **r** *mudos*. Isto é, estes sons eram pronunciados sem vibração nas cordas vocais, resultando no que pode ser descrito como versões “sussurradas” do **l** e **r** normais. Em quenya, estes sons são muito raros; exemplos incluem **hrivë** “inverno” e **hlócë** “serpente, dragão”. Entretanto, Tolkien afirmou que na Terceira Era, o **hr** e **hl** vieram a ser pronunciados como sonoros **r** e **l** normais, embora a grafia **hl** e **hr** tenha aparentemente continuado na escrita.

□ O dígrafo **hw** corresponde ao *to wh* nas palavras inglesas *witch* e *which*. Simplificando, o **hw** é uma versão (fraca) do som que você faz ao apagar uma vela. **Hw** não é um som muito freqüente em quenya; esta parece ser uma lista bastante completa das palavras conhecidas onde ele ocorre: **hwan** “esponja, fungo”, **hwarin** “torto, trapaceiro”,

hwarma “barra (transversal)”, **hwerme** “código de gestos”, **hwesta** “brisa, hálito, sopro de ar” (também como verbo: **hwesta-** “soprar”), **hwindë** “turbilhão, redemoinho”.

□ O dígrafo **hy** representa um som como o das palavras inglesas *hew*, *huge*, *human*; o *h* pode ser pronunciado como um (obscuro) **hy**. Cf. SD: 418-419, onde Tolkien afirma que em quenya ou “avallonianano”, o som **hy** é “aproximadamente equivalente ao...*h* em *huge*”. No Apêndice E do SdA, Tolkien também apontou que o **hy** possui a mesma relação com o **y** assim como o **hw** (tratado acima) possui com o **w** normal: um é mudo; o outro, sonoro. Outro modo de se chegar ao **hy** é começar com o som de **y** (como em *you*) e produzir uma variante surda e “sussurrada” dele. Uma vez que tenha reconhecido o som, você tem apenas que fortalecê-lo: **hyarmen** “sul”, **hyalma** “concha”, **hyellë** “vidro”. Parece que o **hy** ocorre principalmente no *início* das palavras; **ahya-** “mudar” é até agora o único exemplo conhecido de **hy** ocorrendo entre vogais no meio de uma palavra. Porém, o **h** na combinação **ht** após certas vogais também deve ser pronunciado como **hy**; ver abaixo. – No Apêndice E, Tolkien observou que os falantes de westron (o suposto “idioma original” do Livro Vermelho, que Tolkien “traduziu” para o inglês) freqüentemente substituíam o som de *sh* pelo **hy** do quenya.

□ Fora dos grupos **hw**, **hy**, **hl**, **hr**, a letra **h** representa um som independente, mas é pronunciado de formas diferenciadas em posições diferentes. Parece que originalmente, o **h** do quenya (ao menos de onde ele vem do *kh* élfico primitivo) era tipicamente mais *forte* que na palavra inglesa *high*. Os dias de Fëanor ele era pronunciado aparentemente como a palavra alemã *ach* ou a palavra escocesa *loch*. Em escrita fonética, este som é representado como [x]. Mas posteriormente, no início das palavras, este [x] foi enfraquecido e tornou-se um som como o **h** inglês. No Apêndice E do SdA, Tolkien nos informa que a letra tengwa para [x] era originalmente chamada **harma**; naturalmente, esta tengwa era assim chamada porque o **h** inicial desta palavra era um exemplo do som que esta letra denotava, [x]. Mas quando o [x] nesta posição eventualmente se tornou um **h** no estilo inglês, a tengwa foi renomeada **aha**, pois o meio das palavras, o [x] não era enfraquecido. Assim, podemos extrair estas regras: no *início das palavras* (antes de uma vogal), a letra **h** deve ser pronunciada como o *h* inglês. Mas no *meio* das palavras, o **h** deve ser pronunciado [x]: como entre as vogais em **aha** “ira”, e da mesma forma antes de **t** em palavras como **pahta** “fechado”, **ohta** “guerra”, **nuhta-** “tolher (o desenvolvimento)”.

Em uma fonte recente, Tolkien observou que “em quenya e telerin, o [x] mediano eventualmente tornou-se *h* também na maioria dos casos” (VT41: 9). O grupo **ht** deve ser provavelmente sempre pronunciado como [xt].

Esta regra precisa de uma modificação. Provavelmente, o **h** antes de **t** era originalmente pronunciado [x] em todos os casos. Após quaisquer das vogais **a**, **o**, e **u**, esta pronúncia persistiu, como nos exemplos **pahta**, **ohta**, **nuhta-** acima. Mas após as vogais **i** e **e**, o [x] original tornou-se um som parecido com o alemão *ich*-Laut (o alemão pode de fato ser a inspiração de Tolkien para este desenvolvimento em particular da fonologia do quenya). Assim, em palavras como **ehtë** “lança” ou **rihta-** “sacudir”, o **h** deve ser pronunciado como o **hy** descrito acima. Novamente, Tolkien imaginou que falantes humanos (mortais) de westron tinham uma tendência a substituir um som como o *sh* inglês e dizer “eshtë”, “rishta”.

□ O **l** em quenya tem o mesmo som do **l** na palavra *leve*, e este é o tipo de **l** que deve ser usado em *todas* as posições no quenya. Os perfeccionistas também devem observar outro detalhe: em Letters: 425, Tolkien mencionou o **l** entre as “dentais” do quenya, isto é, sons que são pronunciados com a ponta da língua tocando os dentes (superiores).

□ O **n** do quenya é como o **n** do português. Frequentemente este som era usado sempre como **n**, mas em alguns casos ele representa o dígrafo **ng** mais antigo, como nas palavras inglesas *king* e *ding* (note que não há um **g** distinto para ser ouvido (ele é mudo), apesar da grafia). Ao contrário do português, o quenya também podia ter este som no início das palavras. Como mencionado na discussão das convenções ortográficas, Tolkien às vezes usou a letra **ñ** para representar este **ng** antigo, como em. **ñoldor**. Nestas cartas, Tolkien em um caso adicionou uma nota para a palavra **noldor** (assim escrita), informando o recipiente que o *N* inicial devia ser pronunciado “ng, como em *ding*” (*Letters*: 176). Esta devia, porém, ser uma pronúncia “arcaica”; pessoas falando quenya nos dias de Frodo diriam simplesmente **noldor**: O Apêndice E do SdA indica claramente que, na Terceira Era, o **ñ** inicial veio a ser pronunciado como um **n** normal e, portanto, a letra élfica para o **ñ** “foi transcrita como *n*”. Adotamos o mesmo sistema aqui, de modo que a letra **n** em quase todos os representa o **n** normal do português, independente de sua história fonológica no quenya. Digo “em quase todos os casos” porque o **n** ainda é pronunciado **ñ** antes de **c** (= **k**), **g** e **qu**. Este não é um problema muito grande, pois é natural para muitos falantes do inglês e de muitos outros idiomas usar esta pronúncia, de qualquer modo: **anca** “mandíbula”, **anga** “ferro”. Note que o **ng** do quenya, ocorrendo no meio das palavras, deve sempre ser pronunciado *com um g audível* (isto também se aplica ao grupo **ngw**, como em **tengwa** “letra”).

□ O **r** do quenya representa o som das palavras *parede* e *atrito*, em todas as posições; o **r** do quenya deve ser *vibrado*. Certas sutilezas da grafia Tengwar sugerem que em quenya, o **r** era um pouco mais fraco quando na frente de consoantes (em oposição às vogais) e no final das palavras. Apesar disso, ele deve ser vibrado corretamente, um som completamente distinto mesmo nessas posições: **parma** “livro”, **erdë** “semente”, **tasar** “salgueiro”, **Eldar** “elfos”. A vogal na frente do **r** não deve ser alongada ou afetada de qualquer modo. – o **r** *uvular*, que é comum em idiomas como o francês e o alemão, deve ser evitado no quenya, pois o Apêndice E do SdA afirma que este era “um som que os Eldar consideravam desagradável” (é ainda sugerido que era assim que os orcs pronunciavam o **r**!)

□ A consoante **s** deve sempre ser surda (como o som do **ss** em português). Ao se pronunciar o quenya, deve-se ter cuidado para não adicionar sonoridade ao **s**, transformando-o em **z**: **asar** “festival”, **olos** “sonho”, **nausë** “imaginação”. O quenya “exilado” da Terceira Era definitivamente não possuía o som do **z**. (Tolkien imaginou que o **z** teria ocorrido em um estágio primário, mas depois teria se transformado em **r**, fundindo-se com o **r** original. Por exemplo, o CI: 436 indica que o plural de **olos** “sonho” fora a certo estágio **olozi**, mas posteriormente se tornou **olori**.)

□ Sobre **v** e **w**: as letras **v** e **w** são corretamente pronunciadas como nas palavras *vitória* e *William*, respectivamente (mas o **nw** *inicial* não é uma combinação de **n** + **w**, mas simplesmente um **n** *labializado*; veja abaixo). Há alguns pontos obscuros aqui, embora o Apêndice E do SdA pareça indicar que, no quenya da Terceira Era, o **w** inicial veio a ser pronunciado **v**: é dito que o nome da letra tengwa **vilya** teria sido primeiramente **wilya**. Da mesma forma, Tolkien indicou que a palavra **vëra** (“pessoal, privado, próprio”) fora **wëra** no que ele chamou de “quenya antigo” (PM: 340). No *Etymologies*, a evidência é um tanto divergente. Algumas vezes Tolkien tem radicais primitivos em *W*- produzindo palavras em quenya em **v**-, como quando o radical *WAN* produz o quenya **vanya**- “ir, partir, desaparecer”. Às vezes ele lista formas duplas, como quando o radical *WÁ* (ou *WAWA*, *WAIWA*) produz o quenya **vaiwa** e **waiwa**, ambas significando “vento”. Sob o radical *WAY*,

Tolkien listou uma palavra para “envelope” como “w- *vaia*”, evidentemente indicando uma forma dupla **waia** e **vaia** (todos estes exemplos são encontrados em LR: 397). Em LR: 398, há ainda outras formas duplas, mas no caso do verbo **vilin** (“eu vôo”) a partir do radical *WIL*, Tolkien curiosamente *mudou* para **vilin**. Quem sabe ele repentinamente decidiu optar pela grafia do “quenya antigo” ao invés de rejeitar de fato uma em favor da outra?

O peso da evidência parece ser que, no começo das palavras, o **w-** veio a ser pronunciado como o **v-** normal na Terceira Era; onde Tolkien listou as formas duplas em **w-** e **v-**, a primeira é para aparentemente ser vista como a forma mais arcaica. Entretanto, eu não regularizei a grafia neste ponto; e embora o *próprio Tolkien* tenha usado ou listado uma forma em **v-** ao invés de **w-** (sozinha ou como uma alternativa para **w-**), eu usarei a forma em **v-** neste curso. (Isto também vale para **vilin**!) É possível, contudo, que de acordo com a pronúncia da Terceira Era, *todos* os **w's** iniciais soassem como o **v**, com a distinção original entre o **v** inicial e o **w** tendo sido perdida na linguagem falada. Exceto no início das palavras, a distinção entre o **v** e o **w** foi mantida mesmo na Terceira Era. No caso dos grupos **lw** e **lv**, a distinção podia ainda ser enfatizada alterando-se a pronúncia do último: “para *lv*, não para *lw*, muitos falantes de quenya, especialmente os elfos, usavam *lb*” (Apêndice E do SdA). Assim uma palavra como **elvëa** “estelar” seria frequentemente pronunciada “elbëa”, e isso também podia ser escrito na ortografia Tengwar. Apesar de freqüente, esta não parecia ser uma pronúncia padrão, e as grafias empregadas por Tolkien geralmente indicam a pronúncia do “*lv*”. Por exemplo **celvar** (ou “kelvar”, significando *animais*) ao invés de **celbar** na conversa de Yavanna e Manwë no *Silmarillion*, capítulo 2. Em PM: 340, porém, Tolkien cita uma palavra em quenya para “galho” como **olba** ao invés de **olva**.

□ A letra **y** “é usada apenas como uma consoante, como o *y* na palavra inglesa *yes*”: Tolkien escolheu esta como uma das poucas diferenças principais da grafia latina nas convenções ortográficas usadas para o quenya (Letters: 176). A vogal **y**, como no *ü* alemão ou “*u*” francês como em *lune*, não ocorre em quenya (embora seja encontrada em sindarin).

A QUESTÃO DA ASPIRAÇÃO

Há uma incerteza quanto à pronúncia precisa das paradas mudas **c** (= **k**), **t**, **p**: no inglês, assim como em alguns outros idiomas, estes sons, quando ocorrem antes de uma vogal no início de uma palavra, são normalmente *aspirados*. Isto é, há um sopro de ar com o som de **h** depois deles. Nesta posição eles são pronunciados um pouco como seqüências genuínas de **k + h**, **t + h**, **p + h** (como em *backhand*, *outhouse*, *scrap-heap*). O falante médio não está de modo algum consciente disso, não percebendo, de fato, o **h** extra como um som distinto: este é simplesmente o modo como se “espera” que o **k**, **t** e **p** soem no início das palavras. Mas em alguns idiomas, como o francês, russo e (talvez com mais importância) o finlandês, não há tal **h** desnecessário, automaticamente vindo logo após estas consoantes quando elas ocorrem em certas posições.

Os **t**, **p** e **c** em quenya deveriam ser aspirados como em inglês ou deveriam ser pronunciados como em francês ou finlandês? Esta questão não está diretamente respondida em quaisquer das obras publicadas de Tolkien. Pode ser observado que os **t**, **p**, **c** em quenya descendem de consoantes élficas primitivas que certamente não eram aspiradas, pois no idioma primitivo eles *contrastavam* com sons aspirados distintos: *th*, *ph* e *kh* primitivos que posteriormente tornaram-se **s**, **f** e **h** em quenya. (Cf. duas palavras primitivas completamente distintas como *thaurâ* “detestável” e *taurâ* “perito”).

Uma vez que os sons primitivos aspirados mudaram, adicionar aspiração a **t**, **p** e **c** não causaria confusão. Deve ser notado, contudo, que no sistema de escrita desenvolvido por Fëanor, havia originalmente letras distintas para sons aspirados: “o sistema fëanoriano original possuía também um grau com hastes expandidas, tanto acima quanto abaixo da linha [da escrita]. Estas normalmente representavam consoantes aspiradas (e.g. *t + h*, *p + h*, *k + h*)” (Apêndice E do SdA). Entretanto, estas *não* eram as letras usadas para escrever os **t**, **p** e **c** do quenya. Logo, considerando todas as coisas, penso que os **t**, **p** e **c** do quenya deveriam ser idealmente pronunciados sem aspiração. As contrapartes *sonoras* de **t**, **p** e **c/k**, são **d**, **b** e **g** (duro) respectivamente.

CONSOANTES PALATALIZADAS E LABIALIZADAS

Em quenya, encontramos palavras como **nyarna** “conto”, **tyalië** “jogo” or **nwalca** “cruel”. A partir destas grafias, pareceria que tais palavras começam em encontros consonantais: **n + y**, **t + y**, **n + w**. Entretanto, isto não estaria de acordo com o enunciado explícito feito no Lowdham's Report que o “adunaico, como avalloniano [= quenya], não permite mais do que uma simples consoante básica no início de qualquer palavra” (SD: 417-418). Então, como explicamos isso?

A solução parece ser que as “combinações” como o **ny** de **nyarna** são apenas simples consoantes básicas: **ny** não é um encontro **n + y**, mas o mesmo som unitário que é apropriadamente representado como uma simples letra “ñ” na ortografia espanhola – como em *señor* (semelhante ao nosso **nh**). Este “ñ” é uma versão *palatalizada* do **n**. Uma consoante é palatalizada ao se curvar a parte de trás da língua em direção ao céu da boca (o *palato*, daí o termo “consoante palatalizada”).

Além do **ny**, o quenya também possui as consoantes palatalizadas **ty**, **ly**, **ry** (ex: **tyalië** “jogo”, **alya** “rico”, **verya** “destemido, ousado”); estas são as contrapartes palatalizadas dos **t**, **l** e **r** “normais”. O **ty** pode ser pronunciado como na palavra **tato**. Em Gondor, alguns falantes mortais de quenya supostamente pronunciavam o **ty** como *ch*, como na palavra inglesa **church**, mas esta não era a pronúncia élfica. Quanto à consoante **ly**, ela é parecida com o “lh” do português, como em *olho*. No Apêndice E do SdA, Tolkien apontou que o **l** (assim escrito) deveria também “até certo ponto [ser] 'palatalizado' entre *e*, *i* e uma consoante, ou em posição final após *e*, *i*”. A expressão “até certo ponto” parece sugerir que não teríamos um **l** regular e completamente palatalizado nestas posições (como o som de **ly**), mas em palavras como **Eldar** “elfos” ou **amil** “mãe”, o **l** deve ter apenas uma leve palatalização.

Além das consoantes palatalizadas, temos as consoantes *labializadas*: **nw**, **gw** e **qu** (= **cw**). Estes não são realmente encontros **n + w**, **g + w**, **c + w**. Eles representam as letras **n**, **g**, **c** (**k**) pronunciadas esticando-se os lábios, como quando pronunciamos o **w** de *William*. O **qu** do quenya pode certamente ser pronunciado como o do português. O **nw** e **gw** representam de forma similar versões “fundidas” de **n/w**, **g/w**. – Deve-se notar que o **nw** é uma simples consoante labializada apenas no *início* das palavras, onde ela representa o **ngw** primitivo. No meio das palavras, como em **vanwa** “perdido”, o **nw** é realmente um encontro **n + w**, e assim também é escrito na ortografia Tengwar. No entanto, as consoantes labializadas **qu** e **gw** também ocorrem no meio das palavras. De fato, o **gw** ocorre *apenas* nesta posição, e sempre na combinação **ngw** (não “ñw”, mas “ñgw”, ainda usando o “ñ” como Tolkien fazia): **lingwë** “peixe”, **nangwa** “mandíbula”, **sungwa** “vasilhame para beber”.

A questão do comprimento: parece que quando ocorrem entre as vogais, as consoantes palatalizadas e labializadas contam como consoantes *longas* ou *duplas* (como se os dígrafos de fato representassem encontros consonantais). Novamente usando a letra “ñ” com o valor espanhol de um **n** palatalizado, pode-se perguntar se uma palavra como **atarinya** (“meu pai”, LR: 61) representa, na verdade, “atariñña”. Se assim, o grupo **ny** no meio das palavras denota um *longo n palatalizado*. Então a própria palavra **quenya** seria pronunciada “queñña” (ou “quenha”) ao invés de “quen-ya”. Outra possibilidade é “queñya”, com o **n** sendo completamente palatalizado, mas aí há ainda um som de **y** relativamente distinto (que não pode haver quando o **ny** ocorre no início de uma palavra). Tolkien, lendo uma versão do *Namárië*, pronunciou pelo menos uma vez a palavra **inyar** como “iññar” (mas na segunda vez que ela ocorreu, ele simplesmente disse “inyar”, com **n** + **y**). De qualquer modo, os grupos **ny**, **ly**, **ry**, **ty** e **qu** (para **cw**) devem ser contados como consoantes longas ou encontros consonantais para fins de tonicidade (veja abaixo) – embora também seja claro que algumas vezes eles devem ser analisados como consoantes simples e unitárias.

TONICIDADE

Quando um idioma possui palavras polissilábicas, os falantes deste idioma podem pronunciar algumas sílabas mais fortes do que outras. Dizemos que estas sílabas são *tônicas*.

As regras para *quais* sílabas são tônicas variam muito. Uma vez que o idioma finlandês foi evidentemente a principal inspiração de Tolkien, pode-se pensar que ele teria copiado seu sistema simples de acentuar todas as palavras na primeira sílaba para o quenya. Na história “interna” ou fictícia do idioma, ele de fato imaginou um período inicial durante o qual as palavras do quenya eram então acentuadas (o assim chamado *período de retração*, WJ: 366). Contudo, este foi substituído por um novo sistema antes mesmo dos noldor partirem para o exílio; logo, o quenya, como um idioma de tradição na Terra-média, empregava diferentes padrões de acentuação, cuidadosamente descritos no Apêndice E do SdA. Este é o sistema que devemos usar. (Parece que Tolkien realmente o copiou do latim!)

Palavras de uma sílaba, como **nat** “coisa”, obviamente não são nenhum problema; esta sílaba única é a sílaba tônica. As palavras polissilábicas mais simples, as *dissílabas*, também não são problema: no Apêndice E do SdA, Tolkien apontou que “em palavras de duas sílabas [o acento] cai, em praticamente todos os casos, na primeira sílaba”. Como esta expressão indica, pode haver muito poucas exceções; a única exceção conhecida parece ser a palavra **avá** “não!”, que é acentuada na última sílaba: “aVÁ”. (Porém esta palavra também aparece na forma alternativa **áva**, enfatizada na primeira sílaba de acordo com a regra normal: “ÁVa”.) Eu escuto às vezes pessoas pronunciarem o nome do Reino Abençoado, **Aman**, com a sílaba tônica na segunda sílaba ao invés da primeira – mas a pronúncia correta deve ser “AMan”, se podemos confiar nas regras estabelecidas por Tolkien. (“AmAN” seria Amman, capital da Jordânia!)

Palavras mais longas, com três ou mais sílabas (trissílabas e polissílabas), são levemente mais complexas. Muitas delas são acentuadas da *segunda (paroxítonas) para a última (proparoxítonas)* sílaba. Contudo, em alguns casos tal sílaba não é “capacitada” para receber o acento: esta sílaba não pode ser acentuada se for *curta*. Então como reconhecemos uma sílaba curta? Se ela não possui nenhuma vogal *longa* (nenhuma vogal marcada com um acento), isto é obviamente um indício. Então a própria vogal é necessariamente curta. Se esta vogal curta é seguida por *apenas uma consoante*, ou mesmo

por *nenhuma consoante*, esta sílaba tem pouca chance de receber o acento. Sua única oportunidade de ser vista como uma sílaba longa é se, ao invés de uma simples vogal curta, ela possua um dos *ditongos* do quenya: **ai**, **au**, **eu**, **oi**, **ui** ou **iu**. Duas vogais combinadas em um ditongo contam como tendo o mesmo “comprimento” de uma vogal longa normal (marcada por um acento). Mas se não há ditongo, nem vogal longa, e nem mesmo uma vogal curta seguida por mais de uma consoante, a sílaba em questão é sem dúvida alguma *curta*. Se esta é a segunda-para-última sílaba em uma palavra de três ou mais sílabas, esta penúltima sílaba terá perdido todas as chances de ser a tônica. Em tal caso, a sílaba tônica dá um passo a frente, para cair na *terceira* sílaba a partir do final (não importando como seja *esta* sílaba), e torna a palavra *proparoxítona*. Tolkien observou que palavras de tais formas “são preferidas nos idiomas Eldarin, especialmente o quenya”. Exemplos:

□ Uma palavra como **vestalë** “casamento” é pronunciada “*VESTalë*”. A penúltima sílaba não pode receber a ênfase porque sua vogal (o **a**) é curta e é seguida por apenas uma única consoante (o **l**); desse modo, a ênfase passa para a terceira sílaba a partir do final. Formas plurais como **teleri** (os elfos do mar) e **istari** (os magos) eu escuto as pessoas pronunciarem erradas como “*TeLERi*”, “*IsTARi*”; aplicando as regras de Tolkien, temos que concluir que ele na verdade as imaginava como “*TELeri*”, “*ISTari*”. As penúltimas sílabas dessas palavras não podem ser acentuadas.

□ Uma palavra como **Eressëa** (o nome de uma ilha próxima ao Reino Abençoado) é uma proparoxítona; uma vez que em **Er-ess-ë-a** a penúltima sílaba é apenas um **ë** curto não seguido por um grupo de consoantes (na verdade, nem mesmo *uma* consoante), esta sílaba não pode ser a sílaba tônica e a ênfase passa para a sílaba anterior: “*ErESSëa*”. Outras palavras de mesmo padrão (com nenhuma consoante vindo após uma vogal curta na penúltima sílaba): **Eldalië** “o povo dos elfos” (“*Eldalië*” – embora a própria palavra **Elda** “elfo” seja, é claro, pronunciada “*Elda*”), **Tilion** “o provido de chifres”, nome de um Maia (“*TILion*”), **laurëa** “dourado” (“*LAURëa*”), **yavannië** “setembro” (“*YaVANNië*”), **Silmarillion** “[A História] das Silmarils” (“*SilmaRILLion*”).

Mas embora essas palavras fossem “preferidas”, com certeza não faltam palavras onde a penúltima se capacita para receber a ênfase (paroxítonas). Exemplos:

□ O título de Varda, **Elentári** “Rainha das Estrelas”, é pronunciado “*ElenTÁRi*”, uma vez que a vogal **á** na penúltima sílaba é *longa*. (Se este fosse um **a** curto, ele não poderia ser enfatizado, já que não é seguido por mais de uma consoante, e a antepenúltima sílaba seria então a tônica: “*ELENTari*” – mas não existe tal palavra.) Os nomes **Númenóre**, **Valinóre** são da mesma forma acentuados no **ó** longo na penúltima sílaba (embora nas formas encurtadas **Númenor**, **Valinor**, a ênfase deve ir para a antepenúltima sílaba, tornando-as proparoxítonas: *NÚMenor*, *VALinor*).

□ Palavras como **hastaina** “desfigurado” ou **Valarauco** “demônio de poder” (sindarin *balrog*) são pronunciadas “*hasTAINa*”, “*ValarAUCo*” – uma vez que ditongos como **ai**, **au** podem ser contados como vogais longas para propósitos de tonicidade.

□ Os nomes **Elendil** e **Isildur** são pronunciados “*ElENDil*” e “*IsILDur*”, já que a penúltima sílaba, embora curta, é seguida por mais de uma consoante (os grupos **nd**, **ld**, respectivamente). Uma consoante dupla teria o mesmo efeito de um encontro de diferentes consoantes; por exemplo, **Elenna** (“Na direção da estrela”, um nome de Númenor) é pronunciada “*ElENNa*”. (Diferente do adjetivo **elena** “estelar, das estrelas”: este deve ser pronunciado “*ELena*”, uma vez que a penúltima sílaba, “**en**”, é curta e portanto incapaz de receber a ênfase – ao contrário da sílaba longa “**enn**” em **Elenna**.)

Note que a letra **x** representa duas consoantes, **ks**. Entretanto, uma palavra como **Helcaraxë** “Gelo Atritante” (um nome de lugar) é pronunciado “HelcarAXë” (e não “HelCARaxë”, como se houvesse apenas uma consoante após o **a** na penúltima sílaba). Cf. a grafia alternativa **Helkarakse** no *Etymologies*, entrada **KARAK**.

Como observado acima, algumas combinações devem aparentemente ser vistas como consoantes simples: **qu** (para **cw/kw**) representa o **k** labializado, e não **k + w**. De maneira parecida, **ny**, **ty**, **ly**, **ry** seriam os **n**, **t**, **l**, **r** palatalizados (o primeiro = ñ espanhol). Mas no meio das palavras, para efeito de tonicidade, parece que **qu**, **ly**, **ny**, **ty** etc. contam como grupos de consoantes (consoantes duplas ou encontros – não podemos ter certeza do que Tolkien pretendia exatamente). Em WJ: 407, Tolkien indica que a palavra composta **ciryaquen** “marinheiro, marujo” (criada a partir de **cirya** “navio” + **-quen** “pessoa”) é para ser pronunciada “cirYAquen”. Se o **qu** (= **cw/kw**) fosse aqui visto como uma simples consoante, o **k** labializado, não haveria um grupo de consoantes após o **a** e ele não poderia receber a ênfase: a palavra seria então pronunciada “CIRyaquen”. Logo, o **qu** aqui ou conta como um encontro **k + w**, ou representa um **k** labializado longo ou duplo (ou ainda um **kw** labializado seguido por **w**). O ponto principal é: pronuncie “cirYAquen” e fique aliviado que o resto seja principalmente divagações acadêmicas. Algumas outras palavras que possuem as combinações em questão: **elenya** (primeiro dia da semana de seis dias Eldarin, pronunciada “ElENya”), **Calacirya** ou **Calacilya** (um lugar no Reino Abençoado, pronunciado “CalaCiryá”, “CalaCilya”).

Uma palavra de advertência sobre o acento agudo: note que o acento agudo que pode aparecer sobre as vogais (**á**, **é**, **í**, **ó**, **ú**) denota *apenas* que a vogal é longa. Apesar deste símbolo ser freqüentemente usado para indicar a sílaba tônica, este não é o caso na ortografia normal de Tolkien do quenya. Uma vogal longa receberá *freqüentemente* a ênfase, como no exemplo **Elentári** acima, mas não necessariamente: se a vogal longa não estiver na penúltima sílaba, seu comprimento (e o acento agudo que a denota!) é bastante irrelevante para o efeito de tonicidade. Em uma palavra como **Úlairi**, o nome em quenya dos Espectros do Anel ou Nazgûl, a ênfase vai para o ditongo **ai**, e não para o **ú**. A grafia **palantír** tem confundido muitos, fazendo-os pensar que esta palavra deva ser enfatizada no “tír”. Eis aqui algo que Ian McKellen, interpretando Gandalf no SdA de Peter Jackson, escreveu enquanto o filme estava sendo filmado:

...Eu tenho que aprender uma nova pronúncia. Todo esse tempo estivemos dizendo “palanTÍR” ao invés da ênfase do inglês antigo na primeira sílaba. No momento em que a palavra estava a ponto de ser comprometida com a trilha sonora, uma correção veio de Andrew Jack, o professor de dialeto; ele me ensinou um sotaque de Norfolk para *Restoration*, e para o SdA ele supervisionou pronúncias, idiomas e tudo que havia de vocal. *Palantír*, sendo estritamente de origem élfica, deve seguir a regra de Tolkien na qual a sílaba anterior a uma consoante dupla deve ser enfatizada – “paLANTír”, criando um som que é próximo ao de “lâmpada”...

Andrew Jack estava certo. **Palantír** não pode ter a sílaba tônica no final; a prática, nenhuma palavra polissilábica em quenya é pronunciada de tal modo (como disse acima, **avá** “não!” é a única exceção conhecida). Assim, o **a** na penúltima sílaba recebe a ênfase

porque é seguido pelo encontro consonantal **nt** (não chamarei isto de uma “consoante dupla” como fez McKellen, uma vez que quero reservar este termo para um grupo de duas consoantes *idênticas*, como **tt** ou **nn** – mas para propósito de tonicidade, consoantes duplas e encontros de diferentes consoantes têm o mesmo efeito). Então, é de fato “palANTír”. (Mas na forma plural **palantíri**, onde o **í** longo aparece repentinamente na penúltima sílaba, ela recebe a ênfase: “palanTÍRi”).

No caso de longas palavras terminando em duas sílabas curtas, a última destas sílabas pode receber uma *ênfase secundária* mais fraca. Em uma palavra como **hísimë** “névoa”, a ênfase principal recai sobre a sílaba **hís**, mas a sílaba final –**më** não é totalmente sem ênfase. Esta ênfase secundária é, porém, muito mais fraca que o acento principal. (Apesar disso, Tolkien observou que para fins de poesia, a ênfase secundária pode ser usada metricamente: RGEO: 69.)

VELOCIDADE

Por fim, uma breve nota sobre algo que pouco conhecemos: com que velocidade devemos falar em quenya? As poucas gravações de Tolkien falando quenya não são “confiáveis” nessa questão; ele inevitavelmente pronunciava com bastante cuidado. Mas com respeito a mãe de Fëanor, *Míriel*, ele observou que that “ela falava rapidamente e orgulhava-se desta habilidade” (PM: 333). Então, o quenya rápido é evidentemente um bom quenya. Quando Tolkien também escreveu que “os elfos faziam um uso considerável de...gestos concomitantes” (WJ: 416), notou-se que ele possuía uma grande afeição pelo *italiano* – ver Letters: 223.

Sumário da Lição Um: as vogais do quenya são **a, e, i, o, u**; vogais longas são marcadas com um acento agudo: **á, é** etc. As vogais devem ser puras, pronunciadas como no português; **á** e **é** longos devem ser notavelmente mais fechados do que o **a** e **e** curtos. Algumas vogais podem receber um trema (**ë, ä** etc.), mas isto não afeta sua pronúncia e apenas significa um esclarecimento para as pessoas acostumadas à ortografia inglesa. Os ditongos são **ai, au, eu, oi, ui**, e **iu**. A consoante **c** é sempre pronunciada *k*; o **l** deve ser pronunciado como um “claro” **l** dental, como no português; o **r** deve ser vibrante; o **s** é sempre mudo; o **y** só é usado como uma consoante (como no inglês *you*). Idealmente, as consoantes **t, p** e **c** devem ser provavelmente sem aspiração. Consoantes palatalizadas são representadas por dígrafos em **-y** (**ty, ny** etc.); consoantes labializadas são normalmente escritas como dígrafos em **-w** (ex: **nw**, mas o que seria **cw** é, ao invés disso, escrito **qu**). O **h** é pronunciado [x] (forte; como no alemão *ach-Laut*) antes de **t**, a não ser que esta combinação **ht** seja precedida por **e** ou **i**, quando o **h** soa (fraco) como no alemão *ich-Laut*. Fora isso, o **h** pode ser pronunciado como o **h** inglês; os dígrafos **hy** e **hw** representam, contudo, o **y** “sussurrado” e o **w** mudo (como o *wh* do inglês americano), respectivamente. As combinações **hl** e **hr** representavam originalmente **l** e **r** mudos, mas na Terceira Era, estes sons vieram a ser pronunciados como **l** e **r** normais. Em palavras polissilábicas, a *ênfase* recai na penúltima sílaba quando esta é *longa* (contendo uma vogal longa, um ditongo ou uma vogal seguida por um encontro consonantal ou uma consoante dupla). Se a penúltima sílaba for curta, a ênfase recai sobre a antepenúltima sílaba, tornando-se uma proparoxítone (a não ser que a palavra tenha apenas duas sílabas; nesse caso a primeira sílaba recebe a ênfase, seja ela curta ou longa).

EXERCÍCIOS

Até o ponto em que as sutilezas mais importantes da pronúncia estão relacionadas, eu infelizmente não posso fazer nenhum exercício; não estamos em uma sala de aula para que eu possa comentar sua pronúncia. Mas com respeito à *tonicidade* (ênfase) e a pronúncia do **h**, é possível fazer exercícios.

1. Determine que vogal (vogal simples ou ditongo) recebe a ênfase nas palavras abaixo. (Não é necessário indicar onde a sílaba a qual ela pertence começa e termina.)

- A. **Alcar** (“glória”)
- B. **Alcarë** (variante mais longa da palavra acima)
- C. **Alcarinqua** (“glorioso”)
- D. **Calima** (“brilhante”)
- E. **Oronti** (“montanhas”)
- F. **Únótímë** (“incontável, inumerável”)
- G. **Envinyatar** (“renovador”)
- H. **Ulundë** (“inundação”)
- I. **Eäruilë** (“alga marinha”)
- J. **Ercassë** (“azevinho”)

2. Onde a letra **h** aparece nas palavras em quenya do modo como elas são escritas nas nossas letras, ela pode ser pronunciada de vários modos. Ignorando os dígrafos **hw** e **hy**, a letra **h** pode ser pronunciada como:

- A) um **h** “aspirado”, como o **h** inglês em *high*,
 - B) mais ou menos como nas palavras inglesas *huge*, *human* ou idealmente como o *ch* no alemão *ich*,
 - C) como o *ch* no alemão *ach* ou escocês *loch* (em escrita fonética, [x]).
- Além disso, temos a alternativa D: a letra **h** não é, de forma alguma, realmente pronunciada, mas indica meramente que a consoante seguinte era muda no quenya arcaico. Classifique as palavras abaixo nestas quatro categorias (A, B, C, D):

- K. **Ohtar** (“guerreiro”)
- L. **Hrávë** (“carne”)
- M. **Nahta** (“uma mordida”)
- N. **Heru** (“senhor”)
- O. **Nehtë** (“ponta de lança”)
- P. **Mahalma** (“trono”)
- Q. **Hellë** (“céu”)
- R. **Tihtala** (“piscadela, lampejo”)
- S. **Hlócë** (“cobras, serpente”)
- T. **Hísië** (“névoa”)

LIÇÃO DOIS

Substantivos.

Plural.

O artigo.

O SUBSTANTIVO

Palavras que denotam coisas, em oposição à, por exemplo, ações, são chamadas *substantivos*. As “coisas” em questão podem ser inanimadas (como “pedra”), animadas (como “pessoa”, “mulher”, “menino”), naturais (como “árvore”), artificiais (como “ponte, casa”), concretas (como “pedra” novamente) ou completamente abstratas (como “ódio”). Nomes de pessoas, como “Pedro” ou “Maria”, também são considerados substantivos. Algumas vezes um substantivo pode denotar não apenas um objeto ou pessoa claramente distintos, mas também uma substância inteira (como “ouro” ou “água”). Logo, há muito a ser incluído.

Na maioria das línguas, um substantivo pode ser *flexionado*, isto é, ele aparece em várias formas para modificar seu significado, ou para encaixá-lo em um contexto gramatical específico. Começando com um substantivo como *árvore*, e querendo deixar claro que você está falando sobre mais de uma única árvore, você modifica a palavra para sua forma plural ao adicionar a desinência de plural -s para formar *árvores*. No português, um substantivo possui apenas duas formas: *singular* e *plural*.

Um substantivo em quenya, por outro lado, possui *centenas* de formas diferentes. Ele pode receber desinências não apenas para o plural, além de desinências denotando um *par* de coisas, mas também desinências expressando significados que em português seriam denotados colocando-se pequenas palavras como “para, em/sobre, de, com” etc. na frente do pronome. Por fim, um substantivo em quenya também pode receber desinências denotando a quem ele pertence, como -*rya*- “dela/sua” em *máryat* “suas mãos” no *Namárië* (o -*t* final, a propósito, é uma das desinências denotando um *par* de alguma coisa – neste caso, um par natural de mãos).

Tendo lido o citado acima, o estudante não deve sucumbir à idéia de que o quenya é um idioma terrivelmente difícil (“ imagine, *centenas* de formas diferentes para se aprender enquanto o português possui apenas duas!”), ou começar a pensar que o quenya é um tipo de super-idioma (“uau, centenas de formas diferentes para se divertir enquanto os coitados dos falantes de português têm que lidar com patéticas duas formas!”) O português e o quenya organizam a informação diferentemente, isto é tudo – o primeiro com frequência preferindo uma série de palavras curtas, enquanto o último de preferência mistura as idéias para serem expressadas em uma grande palavra. As centenas de formas diferentes surgem porque um número muito pequeno de desinências pode ser *combinado*; logo, não há razão para desespero. É um pouco como calcular contar; você não precisa aprender duzentos e cinquenta símbolos numéricos para ser capaz de contar até 250, mas apenas os dez de 0 a 9.

Da maioria das desinências que um substantivo pode receber nós não trataremos antes de lições muito adiante. Começaremos com algo que deve ser o suficientemente familiar: passar um substantivo para o plural – indo de um para vários.

PLURAL

Em quenya, há dois plurais diferentes. Um é formado ao se adicionar a desinência **-li** ao substantivo. Tolkien chamava este de “plural partitivo” (WJ: 388) ou um “pl[ural] geral” (ver o *Etymologies*, entrada *TELES*). Infelizmente, a função desse plural – como ele difere do plural mais “normal” tratado abaixo – não é completamente compreendido. Temos alguns exemplos deste plural em nossa escassa fonte de material, mas eles não são muito úteis. Por muito tempo se presumiu que este plural indicava que havia “muitas” das coisas em questão; assim **Eldali** (formada a partir de **Elda** “elfo”) significaria algo como “muitos elfos”. Pode ser algo desse gênero, mas nos vários exemplos que temos, parece não haver indicação de “muitos”. Foi sugerido que **Eldali** pode significar mais exatamente algo como “vários elfos” ou “alguns elfos”, isto é, alguns fora de um grupo maior, *alguns* considerados como *parte* deste grupo: o termo “plural partitivo” pode apontar na mesma direção. Contudo, geralmente deixarei sozinho o plural partitivo no decorrer deste curso. A sua função apenas não é bem compreendida o suficiente por mim para elaborar exercícios que apenas alimentariam algumas tentativas de interpretação de estudantes inocentes. Posso apresentar alguns pensamentos sobre esta forma no final.

Por ora, lidaremos, com o plural “normal”. Qualquer leitor das narrativas de Tolkien terá encontrado muitos exemplos dessa forma; eles são especialmente no *Silmarillion*. Substantivos terminando em quaisquer das vogais **-a**, **-o**, **-i** ou **-u**, mais os substantivos terminando no grupo **-ië**, formam seu plural com a desinência **-r**. Cf. os nomes de vários grupos de povos mencionados no *Silmarillion*:

Elda “elfo”, plural **Eldar**

Vala “deus (ou, tecnicamente, anjo)”, pl. **Valar**

Ainu “espírito da primeira criação de Deus”, pl. **Ainur**

noldo “noldo, membro do segundo clã dos Eldar”, pl. **noldor**

Valië “Vala feminina”, pl. **Valier**

Para outro exemplo de **-ië**, cf. **tier** para “caminhos” no *Namárië*; compare o singular **tië** “caminho”. (De acordo com as convenções ortográficas aqui aplicadas, o trema em **tië** é retirado na forma plural **tier** porque os pontos estão lá meramente para indicar que o **-ë** não é mudo, mas em **tier**, o **e** não é mais final porque uma desinência foi adicionada – e assim os pontos saem.) Exemplos de plurais dos substantivos em **-i** são raros, uma vez que substantivos com esta terminação já são plurais por si mesmos, mas em MR: 229 temos **quendir** como o pl. de **quendi** “elfo mulher/elfa” (e também **quendur**, como o pl. de **quendu** “elfo homem”; substantivos em **-u** também não são muito numerosos).

Esta palavra no singular, **quendi** “elfo mulher”, não deve ser confundida com a palavra no plural **quendi** que muitos leitores da ficção de Tolkien lembrarão do *Silmarillion*, como por exemplo na descrição do despertar dos elfos no capítulo 3: “A si mesmos, chamaram quendi, querendo dizer aqueles que falam com vozes. Pois até então não haviam conhecido nenhum outro ser vivo que falasse ou cantasse.” **Quendi** é a forma plural de **quendë** “elfo”; substantivos terminando em **-ë** foram tipicamente seus plurais em **-i**, e como vemos, este **-i** substitui o **-ë** final ao invés de ser adicionado a ele. Em WJ: 361, Tolkien claramente se refere a “substantivos em **-e**, a maioria dos quais formam seus plurais em **-i**”.

Como esta expressão indica, há exceções; uns poucos substantivos em **-ë** são encontrados usando a outra desinência de plural, o **-r**. Uma exceção já mencionamos: onde o **-ë** for parte de **-ië**, teremos plurais em **-ier**, como em **tier** “caminhos”. Assim evitamos a forma plural estranha ****tii**. Outras exceções não podem ser explicadas tão facilmente. No Apêndice E do SdA, temos **tyeller** para “graus”, evidentemente o plural de **tyellë**. Por que **tyeller** ao invés de ****tyelli**? LR: 47 do mesmo modo indica que o plural de **mallë** “estrada” é **maller**; por que não ****malli**? Pode ser que os substantivos em **-lë** tenham plurais em **-ler** porque o ****li** “regular” pode causar confusão com a desinência de plural partitivo **-li** mencionada acima. Infelizmente, carecemos de mais exemplos que poderiam confirmar ou refutar esta teoria (e, portanto, eu não ousou elaborar quaisquer exercícios baseados nessa suposição, embora eu seguisse esta regra em minhas próprias composições em quenya). A forma **tyeller** confundiu os primeiros pesquisadores; com extremamente poucos exemplos para seguir, alguns concluíram erroneamente que substantivos em **-ë** regularmente possuem plurais em **-er**. O nome do jornal **Parma Eldalamberon** ou “Livro das Línguas Élficas” (ainda publicado esporadicamente) reflete este engano; o título incorpora ****lamber** como o plural presumido de **lambë** “língua, idioma”, enquanto sabemos agora que o plural correto deve ser **lambi**. Embora se tenha suspeitado do erro desde o princípio e ele seja agora reconhecido por todos, o editor nunca se dignou a mudar o nome do jornal para a forma correta **Parma Eldalambion** (e desse modo, de vez em quando, eu recebo um e-mail de algum estudante novato perguntando por que meu site é chamado **Ardalambion** e não **Ardalamberon**...) Em alguns casos, o próprio Tolkien parece incerto sobre qual plural deve ser usado. Em PM: 332, a forma plural de **Ingwë** “elfo do primeiro clã [também o nome do rei deste clã]” é dado como **Ingwi**, da mesma forma que suporíamos; umas poucas páginas depois ainda, em PM: 340, encontramos, porém, **Ingwer** (lá é dito que o primeiro clã, os vanyar, chamavam *a si próprios* de Ingwer; então isto talvez reflita um uso especial vanyarin?) Pode ser observado que no “quenya” mais primitivo de Tolkien, mais substantivos em **-ë** aparentemente possuíam formas plurais em **-er**. Por exemplo, o poema primitivo *Narqelion* tem **lasser** como o plural de **lassë** “folha”, mas no *Namárië* no SdA, Tolkien usou a forma plural **lassi**.

Até onde eu sei, as palavras nos exercícios abaixo seguem, todas, a regra normal: substantivos terminando em **-ë**, exceto como uma parte de **-ië**, possuem plurais em **-i**.

Isto deixa apenas um grupo de substantivos a ser considerado, ou seja: aqueles que terminam em uma consoante. Estes substantivos, assim como aqueles que terminam em **-ë**, são vistos como tendo plurais em **-i**. Alguns exemplos: **eleni** “estrelas”, a forma plural de **elen** “estrela”, ocorre no *Namárië* (e também em WJ: 362, onde tanto a forma singular como a plural são citadas). O *Silmarillion* tem **Atani** para “homens” (não “machos”, mas humanos em oposição aos elfos); esta é formada a partir da palavra em singular **Atan**. De acordo com WJ: 388, a palavra **casar** “anão” possui o plural **casari** “anões”.

Destas duas desinências de plural – **r** como em **Eldar** “elfos”, mas **i** como em **Atani** “homens (mortais)” – Tolkien imaginou a última como a mais antiga. A desinência de plural **-i** vem diretamente do élfico primitivo **-î**, uma palavra como **quendi** representando a primitiva *kwendî*. A desinência de plural **-r** surgiu posteriormente: “Para a exibição de muitos, o novo uso do *r* foi introduzido e usado em todas as palavras de uma certa forma – e isto, é dito, foi iniciado entre os noldor” (PM: 402). Em termos mundiais primários, ambas desinências de plural estavam, contudo, presentes na concepção de Tolkien desde o

princípio; no seu trabalho inicial com o “qenya”, escrito durante a Primeira Guerra Mundial, já encontramos formas como **quendi** (como era então escrita) e **Eldar** coexistindo. As desinências de plural duplas são uma característica que evidentemente sobreviveu no decorrer de todos os estágios de desenvolvimento de Tolkien do quenya, de 1915 a 1973.

NOTA SOBRE AS DIFERENTES PALAVRAS PARA “ELFO”: como o leitor atento terá deduzido do citado acima, há mais de uma palavra em quenya para “elfo”. A palavra com a aplicação mais abrangente, dentro do escopo da ficção de Tolkien, era **quendë** pl. **quendi**. Esta forma é ao menos associada com a palavra “falar” (**quet-**), e Tolkien especulou que, no final das contas, estas palavras eram de fato relacionadas através de uma base muito primitiva, **KWE-**, tendo a ver com a fala (ver WJ: 391-392). Quando os elfos despertaram perto do lago de Cuiviénen, eles chamaram a si próprios de **quendi** (ou em élfico primitivo, *kwendî*) uma vez que por muito tempo eles não tiveram conhecimento de outras criaturas falantes. Eventualmente o Vala *Oromë* encontrou-os sob um céu estrelado, e lhes deu um novo nome no idioma que eles mesmos haviam desenvolvido: *Eldâi*, frequentemente traduzido “Povo das Estrelas”. Em quenya, esta palavra primitiva apareceu posteriormente como **Eldar** (singular **Elda**). Enquanto o termo **Eldar** (*eldâi*) fora originalmente pretendido para ser aplicado à raça élfica inteira, ele foi posteriormente usado apenas para os elfos que aceitaram a convocação do Valar para ir e morar no Reino Abençoado de Aman e começaram a Grande Marcha para chegar lá (o termo **Eldar** também é aplicável àqueles que realmente nunca percorreram todo o caminho até Aman, tais como os **sindar**, ou elfos-cinzentos, que ficaram em Beleriand). Aqueles que recusaram a convocação era chamados **avari**, “Os Relutantes”, e assim todos os elfos (**quendi**) podem ser subdivididos em **Eldar** e **avari**. Apenas os primeiros representam uma parte importante nas narrativas de Tolkien. Logo, no quenya posterior a situação era esta: **quendë** pl. **quendi** permaneceu como o único termo verdadeiramente universal para todos os elfos de qualquer raça, mas esta era uma palavra técnica usada primeiramente pelos Mestres de Tradição, e não uma palavra que seria usada na fala diária. As variantes específicas de gênero de **quendë** “elfo”, ou seja, masculino **quendu** e feminino **quendi**, seriam presumidamente usadas apenas se você quisesse falar de um(a) *elfo* homem/mulher em oposição a um(a) homem/mulher senciente de qualquer raça: Estas não são as palavras regulares em quenya para “homem” e “mulher” (as palavras regulares são **nér** e **nís**, presumidamente aplicáveis a um(a) homem ou mulher de qualquer raça senciente, não apenas elfo). O termo regular em quenya, cotidiano, para “elfo” era **Elda**, e o fato de que esta palavra *tecnicamente* não se aplicava aos elfos das obscuras tribos avarin vivendo em algum lugar distante no leste da Terra-média não era um grande problema, uma vez que nenhum deles jamais fora visto, de qualquer modo. A respeito da palavra composta **Eldalië** (que combina **Elda** com **lië** “povo”) Tolkien escreveu que quando um dos elfos de Aman usava esta palavra, “ele queria dizer, vagamente, toda a raça dos elfos, embora ele provavelmente não estivesse pensando nos avari” (WJ: 374). – No decorrer dos exercícios encontrados neste curso, eu usei **Elda** (ao invés de **quendë**) como a tradução padrão da palavra portuguesa “elfo”, independente de qualquer significado específico que ela possa ter dentro dos mitos de Tolkien. Como eu disse na introdução, nestes exercícios eu evitei largamente referências aos mitos e narrativas de Tolkien.

O ARTIGO

Temos tempo para mais uma coisa nesta lição: o *artigo*. Um artigo, linguisticamente falando, é uma palavra semelhante aos “o, a” ou “um, uma” do português. Estas pequenas palavras são usadas em conjunto com substantivos para expressar diferentes matizes de significados, como “um cavalo” vs. “o cavalo”. Em primeiro lugar, qualquer um capaz de ler este texto saberá qual é a diferença, de modo que nenhuma explicação prolongada é necessária. em resumo, “um cavalo” se refere a um cavalo que não fora mencionado anteriormente, então você introduz o artigo “um” como um tipo de introdução: “Veja, tem um cavalo lá!” Você também pode usar a expressão “um cavalo” se você quer dizer algo que é verdadeiro a qualquer cavalo, como em “um cavalo é um animal”. Se, por outro lado, você diz “o cavalo”, geralmente se refere a um cavalo definido. Assim, o “o” é chamado de *artigo definido*, enquanto o “um”, desprovido desse aspecto “definido”, é por outro lado chamado de *artigo indefinido*.

Neste respeito, ao menos, o quenya é um tanto mais simples que o português. O quenya possui apenas um artigo, correspondente aos artigos definidos “o(s), a(s)” do português (e uma vez que não há artigo indefinido para ser distinguido, podemos simplesmente falar “o artigo” ao tratar do quenya). A palavra em quenya correspondente aos “o(s), a(s)” do português é **i**. Por exemplo, o *Namárië* tem **i eleni** para “as estrelas”. Como pode ser deduzido do citado acima, o quenya não possui palavra correspondente aos “um, uns, uma(s)” do português. Ao se traduzir do quenya para o português, pode-se simplesmente introduzir o “um(a)” sempre que a gramática portuguesa exige um artigo indefinido, como na famosa saudação **elen síla lúmenn' omentielvo**, “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro”. Como vemos, a primeira palavra da frase em quenya é simplesmente **elen** “estrela”, com nada correspondente ao artigo indefinido “uma” antes dela (ou em qualquer outro lugar na frase). Em quenya, não há como se manter a distinção entre “uma estrela” e apenas “estrela”; ambas são simplesmente **elen**. Por sorte, não há muito para ser distinguido de qualquer forma. Idiomas como o árabe, o hebraico e o grego clássico empregam um sistema parecido: há um artigo definido correspondente aos “o(s), a(s)” do português, mas nada correspondente ao artigo indefinido “uma” (e este é o sistema também usado no esperanto). Afinal de contas, a ausência do artigo definido é em si suficiente para indicar que um substantivo (comum) é indefinido; logo, o artigo indefinido é de certo modo supérfluo. Tolkien decidiu abrir mão dele em quenya, de forma que os estudantes têm apenas que se preocupar com o **i** = “o(s), a(s)”.

Às vezes, Tolkien conecta o artigo à próxima palavra através de um hífen ou um ponto: **i-mar** “a terra” (*Fíriel's Song*), **i-coimas** “o pão de viagem” (PM: 396). Contudo, ele não o fez no SdA (já citamos o exemplo **i eleni** “as estrelas” no *Namárië*), e nós também não o faremos aqui.

O artigo no quenya é geralmente usado como no português. Entretanto, alguns substantivos que requereriam o artigo no português são aparentemente contados como nomes próprios em quenya, e portanto não levam artigo. Por exemplo, a frase **Anar caluva tielyanna** é traduzida “o Sol brilhará sobre o seu caminho” (CI: 10); todavia, não há artigo na frase em quenya. “O Sol” não é ***i Anar**, mas simplesmente **Anar**. Claramente **Anar** é visto como um nome próprio, designando apenas um corpo celestial, e você não precisa dizer “o Sol” mais do que uma pessoa falante do português diria “o Marte”. O nome d[a] Lua, **Isil**, indubitavelmente comporta-se como **Anar** neste aspecto. Pode ser observado que ambas as palavras são tratadas como nomes próprios no *Silmarillion*, capítulo 11: “Isil foi criada e preparada em primeiro lugar, e subiu primeiro para o reino das estrelas... Anar surgiu, glorioso. E a primeira aurora do Sol foi como um grande incêndio...”

Note também que antes de um plural denotando um povo inteiro (ou mesmo uma raça), o artigo não é geralmente usado. WJ: 404 menciona um ditado: **Valar valuvar**, “a vontade dos Valar será feita” (ou mais literalmente * “os Valar reinarão”). Note que “os Valar” é simplesmente **Valar** em quenya, e não **i Valar**. De forma parecida, PM: 395 tem **lambë quendion** para “idioma dos elfos” e **coimas Eldaron** para “coimas [lembas] dos Eldar” – e não ***lambë i quendion**, ***coimas i Eldaron**. (A terminação **-on**, aqui anexada aos plurais **quendi** e **Eldar**, significa “de”; esta terminação não influencia na presença ou não do artigo antes da palavra.)

Com este convenção, compare o uso de Tolkien para “homens” nas suas narrativas ao se referir à raça humana como um todo: “os homens despertaram em Hildórien ao nascer do Sol... uma escuridão encobria os corações dos homens... os homens (ao que se diz) eram de início muito poucos...” (*Silmarillion*, capítulo 17.) Em contraste, “os homens” se

referiria não a uma raça inteira, mas apenas a um grupo casual de “homens” ou humanos. Os plurais em quenya denotando povos ou raças inteiras parecem se portar do mesmo modo. Em um texto em quenya provavelmente não haveria artigo antes de plurais como **Valar**, **Eldar**, **vanyar**, **noldor**, **lindar**, **teleri**, **Atani** etc. enquanto a raça inteira ou povo é considerada, mesmo que as narrativas em português de Tolkien falem de “os Valar”, “os Eldar” etc. Entretanto, se substituirmos **Eldar** por seu equivalente “elfos”, vemos que o artigo também não seria obrigatório frequentemente em português (ex: “elfos são bonitos” = **Eldar nar vanyë**; se você disser “os elfos são bonitos” = **i Eldar nar vanyë**, você estará provavelmente descrevendo um grupo em particular de elfos, e não a raça inteira).

Ocasionalmente, em especial na poesia, o artigo aparentemente sai sem nenhuma razão especial. Talvez ele seja simplesmente omitido por causa de considerações métricas. A primeira linha do *Namárië*, **ai! laurië lantar lassi súrinen**, Tolkien traduziu “Ah! como ouro caem as folhas...” – embora não tenha um **i** antes de **lassi** “folhas” no texto em quenya. O poema Markirya também omite o artigo em alguns lugares, se formos julgar pela tradução de Tolkien para a nossa língua.

Sumário da Lição Dois: existe uma desinência de plural, **-li**, cuja função não compreendemos totalmente; portanto vamos deixá-la de lado por ora. O plural normal é formado ao se adicionar **-r** a substantivos terminando em qualquer uma das vogais **-a**, **-i**, **-o**, **-u**, mais os substantivos terminando em **-ië**. Se, por outro lado, o substantivo termina em **-ë** (exceto, é claro, como parte do **-ië**), a desinência de plural é geralmente **-i** (removendo o **-ë** final); substantivos terminando em uma consoante também formam plurais em **-i**. O *artigo definido* em quenya, correspondendo aos “o(s), a(s)” do português, é **i**; não há artigo indefinido como o “um” do português.

VOCABULÁRIO

A respeito de Frodo ouvindo Galadriel cantar o *Namárië*, o SdA afirma que “como acontece com as palavras élficas, elas permaneceram gravadas em sua memória”. Este pode ser um pensamento confortante para os estudantes que estão tentando memorizar o vocabulário do quenya. Nas próprias lições, enquanto eu trato de vários aspectos do quenya, geralmente mencionarei um bom número de palavras – mas nos exercícios, usarei somente palavras da lista de “vocabulário” que daqui em diante será apresentada no final de cada lição. Assim, isto é tudo o que é pedido ao estudante para que memorize (fazendo os exercícios das próximas lições, você precisará também do vocabulário introduzido anteriormente). Apresentaremos doze novas palavras em cada lição: um número adequado, já que os elfos de Tolkien preferiam contar às dúzias ao invés de dezenas, como fazemos.

minë “um” (de agora em diante, apresentaremos um novo número em cada lição)

Anar “(o) Sol”

Isil “(a) Lua”

ar “e” (uma palavra muito útil que lhe permitirá ter dois exercícios em um...traduzir “o Sol e a Lua”, por exemplo...)

Elda “elfo”

lië “povo” (isto é, um “grupo étnico” ou mesmo uma raça, como em as **Eldalië** = o povo dos elfos).

vendë “donzela” (em quenya arcaico, **wendë**)

rocco “cavalo” (especificamente “cavalo veloz para cavalgada”, de acordo com o *Letters*: 382)

aran “rei”

tári “rainha”

tasar “salgueiro” (por sua forma, este poderia ser o plural de ****tasa**, mas tal palavra não existe, e o **-r** é aqui parte da palavra básica e não uma desinência. Esta palavra ocorre, aglutinada, no SdA – Barbárvore cantando “Pelos prados de salgueiros de Tasarinan [Vale dos Salgueiros] caminhei na primavera...”)

nu “sob, embaixo”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português (ou qualquer língua que você preferir):

A. **Roccor**

B. **Aran** (*duas traduções possíveis!*)

C. **I rocco.**

D. **I roccor.**

E. **Arani.**

F. **Minë lië nu minë aran.**

G. **I aran ar i tári.**

H. **Vendi.**

2. Traduza para o quenya:

I. Salgueiros.

J. Elfos.

K. Os reis.

L. Povos.

M. O cavalo sob o (*ou, debaixo do*) salgueiro.

N. Uma donzela e uma rainha.

O. A rainha e as donzelas.

P. O Sol e a Lua (*prometi a vocês essa...*)

LIÇÃO TRÊS

Número par.

Variação de radical.

NÚMERO PAR

A lição anterior abordou duas formas plurais do quenya: o um tanto misterioso “plural partitivo” em **-li**, e o plural “normal” tanto em **-r** como em **-i** (dependendo principalmente da forma da palavra). Como vários idiomas “reais”, o quenya também possui uma forma *dual*. Número par se refere a *duas* coisas, um *par* de coisas. A dual é formada com uma das duas desinências: **-u** ou **-t**.

Dentro da linha de tempo fictícia imaginada por Tolkien, estas duas desinências possuíam originalmente significados um tanto diferentes, e assim não eram completamente intercambiáveis. Uma nota em Letters: 427 fornece alguma informação sobre isto. A desinência **-u** (do élfico primitivo **-û**) era usada originalmente no caso de *pares naturais*, de duas coisas ou pessoas juntas como um casal natural. Por exemplo, de acordo com o VT39: 9, 11, a palavra **pé** “lábio” possui a forma dual **peu** “lábios”, referindo-se ao par de lábios de uma pessoa (e não, por exemplo, ao lábio superior de uma pessoa e ao lábio inferior de outra, que seriam apenas “dois lábios” e não um par natural). O substantivo **veru**, significando “par casado(casal)” ou “marido e mulher”, possui forma dual; neste caso, não parece haver um singular correspondente para “cônjuge” (mas temos **verno** “marido” e **vessë** “esposa”, a partir da mesma raiz; ver LR:352). O substantivo **alda** “árvore” ocorre em forma dual com referência, não a qualquer par casual de árvores, mas às Duas Árvores de Valinor: **Aldu**. (Note que se a desinência **-u** é adicionada a um substantivo terminando em uma vogal, esta vogal é retirada: assim, a dual de **alda** é **aldu** ao invés de ***aldau** – embora uma palavra citada em PM: 138, reproduzindo um rascunho para os Apêndices do SdA, parece sugerir que Tolkien considerou, por um momento, precisamente a última forma. Há também uma fonte antiga que possui **Aldaru**, aparentemente formada ao se adicionar o desinência dual **-u** ao plural normal **aldar** “árvores”, mas este parece ser uma experiência primitiva de Tolkien que provavelmente já era há muito tempo obsoleta à época em que ele escreveu o SdA.)

Quanto à outra desinência dual, **-t**, de acordo com o Letters: 427, representa um elemento antigo: *ata*. Este, Tolkien observou, era originalmente “puramente enumerativo”; ele é de fato relacionado com a palavra em quenya do algarismo “dois”, **atta**. Por “puramente enumerativo”, Tolkien evidentemente quis dizer que a dual em **-t** poderia denotar duas coisas apenas casualmente relacionada. Por exemplo, **ciryat**, como a forma dual de **cirya** “navio”, poderia se referir a quaisquer dois navios; **ciryat** seria apenas um tipo de estenografia falada para a expressão completa **atta ciryar**, “dois navios”. Contudo, Tolkien mais adiante observou que “em q[uenya] posterior”, as formas duais eram “apenas comuns com referência a pares naturais”. O que precisamente ele quis dizer com quenya “posterior” não pode ser determinado; poderia se referir ao quenya como um idioma ritual na Terra-média ao invés do veráculo dos Eldar em Valinor. De qualquer forma, o quenya da Terceira Era que almejamos neste curso deve com certeza ser incluído quando Tolkien fala de quenya “posterior”, de modo que aqui seguiremos a regra da qual *qualquer* forma dual deve se referir a algum tipo de par natural ou lógico, e não a duas coisas apenas casualmente relacionadas. Em outras palavras, a dual em **-t** vem a ter apenas o mesmo

“significado” de uma dual em **-u**. Uma dual como **ciryat** “2 navios” (curiosamente escrita “ciritat” em Letters: 427, talvez um erro de digitação), não seria usada no quenya posterior com referência a quaisquer dois navios, mas apenas a dois navios que de algum modo formam um *par* – como dois navios gêmeos. Se você só quer se referir a dois navios que de nenhum modo formam um par natural ou lógico, como quaisquer dois navios que por acaso sejam vistos juntos, você não usaria a forma dual, mas simplesmente o numeral **atta** “dois” – assim, **atta ciryar**.

Uma vez que as duas desinências, **-t** e **-u**, transmitem o mesmo significado, alguma regra é necessária para determinar quando usar cada uma delas. Que desinência deve ser usada pode-se deduzir aparentemente a partir da forma da própria palavra (assim como a forma da palavra geralmente determina se a desinência de *plural* deve ser **-i** ou **-r**). Em Letters: 427, Tolkien observou que “a escolha de *t* ou *u* [foi] decidida pela eufonia”, isto é, por qual soava melhor – acrescentando como um exemplo que o **-u** fora preferido ao invés do **-t** se a palavra que está para receber uma desinência dual já possuir um **t** ou o som parecido com **d**. Assim, a dual de **alda** é **aldu** ao invés de ***aldat**. Parece que até onde o quenya posterior está relacionado, o **-t** seria sua primeira opção como a desinência dual, mas se o substantivo ao qual ela está para ser adicionada já possuir **t** ou **d**, você opta, então, pelo **-u** (lembrando-se que esta desinência remove quaisquer vogais finais). As duais que Tolkien mostrou na Carta Plotz, **ciryat** “um par de navios” e **lasset** “um par de folhas” (formadas a partir de **cirya** “navio” e **lassë** “folha”) confirmam que as palavras sem **t** ou **d** nelas recebem a desinência dual **-t**. Talvez a desinência **-u** fosse preferida no caso de substantivos terminando em uma consoante, uma vez que o **-t** não poderia ser adicionado diretamente a tal palavra sem produzir um encontro consonantal final que a fonologia do quenya não permitiria; infelizmente, não possuímos exemplos. (Se a desinência **-t** é para ser usada de qualquer modo, uma vogal provavelmente teria que ser inserida antes dela, produzindo uma terminação mais longa – provavelmente **-et**. Evitaremos este pequeno problema nos exercícios abaixo, visto que ninguém sabe a resposta.)

É claro, entretanto, que o quenya possui um número de duais antigas que não seguem a regra de que a desinência é geralmente **-t**, substituída por **-u** apenas se houver um **d** ou **t** na palavra a qual ela será adicionada. Os exemplos **veru** “par casado (casal)” e **peu** “lábios, par de lábios” são prova disso; aqui não há **t** ou **d** presente, mas a desinência é ainda **-u**, ao invés de **-t**. Presumidamente, estas são formas duais “fossilizadas” refletindo o sistema mais antigo, no qual apenas o **-u** denotava um par natural ou lógico. O exemplo **peu** “(par de) lábios” sugere que a desinência **-u** é usada no caso de partes do corpo ocorrendo em pares, tais como olhos, braços, pernas. (A outra desinência, **-t**, pode ser, contudo, usada se outras certas desinências entram antes da própria desinência dual; voltaremos a isto em uma lição posterior.) A palavra para “braço” é **ranco**; a forma dual denotando o par de braços de uma pessoa não é dado, mas meu melhor palpite é que seria **rancu**. A palavra aglutinada **hendumaica** “olhar aguçado” mencionada em WJ: 337 *pode* incorporar uma dual **hendu** “(par de) olhos”. A palavra em quenya para “olho” é conhecida como **hen**, ou **hend-** antes de uma desinência (o *Etymologies* apenas menciona o plural normal **hendi** “olhos”, LR: 364). No caso desta palavra, a desinência dual seria, de qualquer modo, **-u** ao invés de **-t**, já que há um **d** em **hend-**. A palavra para “pé”, **tál**, provavelmente possui a dual **talu** (para o encurtamento da vogal, ver abaixo).

VARIAÇÃO DE RADICAL

Esta é uma matéria na qual teremos que gastar alguns parágrafos, visto que mesmo neste estágio inicial do curso não fomos capazes de evitá-la completamente. Entrarei em alguns detalhes aqui, mas os estudantes podem ficar descansados, pois não se espera que lembrem de todas as palavras e exemplos abaixo; apenas tentem ter uma idéia do que se trata a variação de radical.

Algumas vezes, a forma de uma palavra em quenya sutilmente *muda* quando você adiciona desinências a ela. Duas dessas palavras foram mencionadas acima. Se você adicionar uma desinência a **tál** “pé”, por exemplo **-i** para plural ou **-u** para dual, a vogal longa **á** é encurtada para **a**. Logo, o plural “pés” é **tali** ao invés de ****táli**, a dual “um par de pés” é **talú** ao invés de ****tálu**. Em tal caso, **tál** “pé”, pode-se dizer que possui o *radical tal-*. Da mesma forma, a palavra **hen** “olho” possui o *radical hend-*, já que seu plural é **hendi** e não apenas ****heni**. A forma “radical” não ocorre por si só, mas é a forma a qual você adiciona desinências. Ao apresentar uma nota explicativa, representarei tal *variação de radical* ao listar a forma independente primeiro, seguida pela “forma radical” em parênteses com um hífen onde vai a desinência, ex: **tál (tal-)** “pé”, **hen (hend-)** “olho”.

No caso de **tál** vs. **tal-**, a variação é aparentemente devido ao fato de que as vogais são freqüentemente prolongadas em palavras de apenas uma sílaba, mas quando a palavra possuía desinências, ela obviamente tinha mais de uma sílaba e então o prolongamento não ocorria (outro exemplo do mesmo parece ser **nér** “homem” vs. plural **neri** “homens”, MR: 213/LR: 354). Originalmente, a vogal era curta em todas as formas. É geralmente verdadeiro que a forma radical revela como a palavra se parecia em um estágio *inicial* na longa evolução lingüística que Tolkien planejou em grande detalhe. **Hen** “olho” em seu radical **hend-** reflete a “base” primitiva *KHEN-D-E* da qual ela é definitivamente derivada (LR: 364). O quenya não podia ter um **-nd** no final de uma palavra e o simplificavam para um **-n** quando a palavra ficava sozinha (assim, **hen**, de certo modo, *representa* a impossível forma “completa” **hend**), mas antes de uma desinência o grupo **-nd-** não era final e podia então realmente aparecer. Com muita freqüência, a variação de radical tem a ver com encontros ou sons que não são permitidos no final das palavras, mas que podem aparecer em outro lugar. Cf. uma palavra como **talan** “chão, assoalho”. O plural “assoalhos” não é ****talani** como podíamos supor, mas **talami**. O radical é **talam-** porque esta é a forma da primitiva palavra de origem élfica: *TALAM* (LR: 390). Como o quenya evoluiu a partir do élfico primitivo, uma regra surgiu, na qual apenas algumas consoantes eram permitidas no final das palavras, e o **m** não era uma delas. A consoante “admissível” mais próxima era o **n**, e assim a antiga palavra *talam* foi alterada para **talan** – mas na forma plural **talami** (e outras formas que adicionaram uma desinência à palavra), o **m** não era final, e portanto continuou inalterado. Outro caso parecido é **filit** “pequeno pássaro”, que possui o radical **filic-** (ex: plural **filici** “pequenos pássaros”): A primitiva palavra de origem era *PHILIK* (LR: 381), mas o quenya não permitia **-k** no final de uma palavra, de modo que nesta posição ele tornou-se **-t**. Não sendo final, ele permanecia **k** (aqui escrito **c**).

Em alguns casos, a forma “independente” é a forma *simplificada* ou *encurtada* de uma palavra, enquanto a forma radical reflete a forma mais completa. Por exemplo, Tolkien aparentemente imaginou que a palavra **merendë** “banquete, festa, festival” era freqüentemente encurtada para **meren**, mas o radical ainda é **merend-** (LR: 372). Assim, o plural de **meren** é **merendi**, não ****mereni**. Quando se encontra sozinha, a palavra **nissë** “mulher” é geralmente reduzida para **nis** (ou **nís** com uma vogal alongada), mas o *S* duplo continua antes de desinências: dessa forma, o plural “mulheres” é **nissi** (LR: 377, MR:

213). Um caso semelhante é **Silmarillë**, o nome de uma das lendárias jóias criadas por Fëanor; esta geralmente é encurtada para **Silmaril**, mas antes de desinências, o *L* duplo da forma completa é preservado (**Silmarill-**); assim, o plural é sempre **Silmarilli**. No caso de palavras *compostas*, isto é, palavras criadas a partir de várias outras palavras, o segundo elemento no composto é freqüentemente reduzido, mas uma forma mais completa pode acontecer antes de uma desinência. Por exemplo, o substantivo **sindel** “elfo-cinzentos” (WJ: 384) incorpora **-el** como uma forma reduzida de **Elda** “elfo”. O plural de **sindel** não é ****sindeli**, mas sim **sindeldi**, preservando o encontro **-ld-** visto em **Elda**. (Uma vez que o **-a** final é perdido na palavra composta, não podemos ter o plural ****sindeldar**.)

Em alguns casos a palavra pode ser *contraída* quando você adiciona desinências a ela. Em tais casos, a forma radical *não* reflete a forma mais antiga e completa da palavra. Tal contração freqüentemente ocorre em palavras dissílabas contendo duas vogais idênticas. Por exemplo, **feren** “faia (um tipo de árvore)” é reduzida para **fern-** antes de uma desinência; ex: plural **ferni** ao invés de ****fereni**. O WJ: 416 indica da mesma forma que **laman** “animal” pode ser reduzida para **lamn-** antes de uma desinência; assim, por exemplo, **lamni** “animais”, embora a forma não reduzida **lamani** também estivesse em uso. Ocasionalmente, as formas contraídas sofrem mudanças adicionais quando comparadas à forma não reduzida; como o plural de **seler** “irmã”, podemos supor ****selri**, mas já que o **lr** não é um encontro consonantal admissível em quenya, ele é mudado para **ll** – o plural real “irmãs” sendo **selli** (LR: 392).

Outra forma de variação de radical é pouco encontrada até onde se relaciona com os substantivos, mas há evidências para o efeito de que a *vogal final* de algumas palavras mudaria quando uma desinência é adicionada. Em quenya, as vogais finais **-o** e **-ë** algumas vezes vêm do **-u** e **-i** no élfico primitivo. Em algum estágio da evolução lingüística, o **-i** curto original tornou-se **-e** quando a vogal era final; na mesma circunstância, o **-u** curto original tornou-se **-o**. Por exemplo, a palavra primitiva **tundu** “colina, monte” surgiu como **tundo** em quenya (LR: 395). Mas visto que esta mudança ocorria apenas quando a vogal era *final*, é possível que sua qualidade original fosse preservada antes de uma desinência. O plural “colinas” pode bem ser **tundur** ao invés de **tundor**, embora nenhuma das formas seja encontrada. De acordo com SD: 415, o substantivo em quenya **lómë** “noite” possui o “radical” **lómi-**, evidentemente significando que a vogal final **-ë** muda para **-i-** se você adicionar uma desinência depois dela. Por exemplo, adicionando a desinência dual **-t** para **lómë** (para expressar “um par de noites”) aparentemente produziria **lómit** ao invés de **lómet**. Assim seria porque **lómë** vem do élfico primitivo **dômi** (LR: 354), e o **-i** nunca se transformou em **-e**, exceto quando final. Alguns acham que certas palavras no *Namárië*, **lirinen** e **súrinen**, são exemplos confirmados deste fenômeno: estas são formas de **lírë** “canção” e **súre** “vento” (a última confirmada por si mesma em MC: 222; o significado da desinência **-nen** vista em **lirinen** e **súrinen** será tratado em uma lição posterior). Se esta palavra originalmente terminasse em um **-i** que se tornou um **-ë** apenas posteriormente (e somente quando final), isto pode explicar por que nesta palavra o **-ë** aparentemente transforma-se em **-i-** antes de uma desinência. Diríamos então que **súre** possui o radical **súri-**.

Parece haver uma variação semelhante envolvendo a vogal final **-o**, que em alguns casos origina-se do **-u** final em élfico primitivo; novamente a qualidade primitiva da vogal pode ser restaurada se uma desinência é adicionada a ela. Por exemplo, **rusco** “raposa” diz-se ter o radical **ruscu-**, então se adicionarmos a desinência dual para falar de um “par de

raposas”, a forma resultante deve ser presumidamente **ruscut** ao invés de **ruscot**. Contudo, não há um tratamento abrangente deste fenômeno nas obras publicadas de Tolkien; de fato, as afirmações feitas em SD: 415 e VT41: 10 que **lómë** e **rusco** possuem radicais **lómi-** e **ruscu-**, são o mais perto que chegamos de referências explícitas a ele.

O estudante não deve se desesperar, pensando que todos os tipos de coisas estranhas tipicamente acontecem sempre que você adiciona uma desinência a uma palavra em quenya, de forma que há uma grande capacidade para se causar enganos embaraçosos (ou pelo menos muita coisa extra para se memorizar). A maioria das palavras do quenya parece ser muito bem comportada, com nenhuma forma “radical” distinta para se lembrar; você apenas adiciona a desinência e é só. Onde é sabida a existência de uma distinta forma radical (ou onde temos uma boa razão para suspeitar de uma), esta será, claro, indicada quando eu apresetar a palavra pela primeira vez, se for relevante para os exercícios.

Sumário da Lição Três: em acréscimo à(s) forma(s) plural(is), o quenya também possui um número *par* (ou *dual*) usado para um par de coisas formando algum tipo de casal natural ou lógico. (Devemos assumir que duas coisas casualmente associadas seriam denotadas por um plural normal em conjunção com o numeral **atta** “dois”.) A (forma) dual é criada com uma de duas desinências: **-t** ou **-u** (a última remove vogais finais; a dual de **alda** “árvore” é, portanto, **aldu**, ao invés de **aldau**). A primeira escolha parece ser **-t**, mas se a palavra a qual esta desinência será adicionada já contém um **t** ou um **d**, a desinência alternativa **-u** é, então, preferida (por razões de eufonia – se você preferir, para evitar “encher” a palavra com the **t**'s ou sons parecidos!) Entretanto, parece haver um número de antigas formas duais “fossilizadas” que terminam em **-u** mesmo que não haja **d** ou **t** na palavra, tal como **veru** “par casado(casal)” e **peu** “par de lábios”. O último exemplo pode sugerir que todas as partes do corpo que ocorram em pares são indicadas por formas duais em **-u** ao invés de em **-t**, independente da forma da palavra (embora a desinência **-t** seja evidentemente preferida se outras desinências entram antes da própria dual; mais sobre isto virá posteriormente).

Um grande número de palavras em quenya sutilmente *mudam* quando desinências são anexadas a elas; ex: **talan** “chão, assoalho” transformando-se em **talam-** na forma plural **talami**. Chamariamos então **talam-** de a *forma radical* de **talan**. De maneira parecida, as vogais finais **-o** e **-ë** às vezes aparecem como **-u-** e **-i-**, respectivamente, se alguma desinência é adicionada; assim **lómë** “noite” possui o radical **lómi-**. Em muitos casos, a forma radical imita a forma mais antiga de palavras (sons ou combinações que não poderiam sobreviver preservados no final de uma palavra sendo finais), embora a forma radical também possa representar uma contração.

VOCABULÁRIO

atta “duas”
hen (hend-) “olho”
ranco “braço”
ando “portão”
cirya “navio”
aiwë “pássaro”

talan (talam-) “chão, assoalho”

nér (ner-) “homem” (adulto do sexo masculino de qualquer raça senciente – élfica, mortal ou outras)

nís (niss-) “mulher” (de forma similar: adulto do sexo feminino de qualquer raça senciente)

sar (sard-) “pedra” (uma pedra pequena – não “pedra” como uma substância ou material)

alda “árvore”

oron (oront-) “montanha”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. **Hendu**

B. **Atta hendi** (e responda: qual é a diferença entre esta e **hendu** acima?)

C. **Aldu**

D. **Atta aldar** (e responda novamente: qual é a diferença entre esta e **Aldu** acima?)

E. **Minë nér ar minë nís.**

F. **I sardi.**

G. **Talami.**

H. **Oronti.**

2. Traduza para o quenya:

I. Dois navios (*apenas quaisquer dois navios que venham a ser vistos juntos*)

J. Dois navios (*que venham a ser navios gêmeos*)

K. Braços (*os dois braços de uma pessoa*)

L. Duas montanhas (*dentro da mesma extensão; Picos Gêmeos, se preferir – use uma forma dual*)

M. Portão duplo (*use uma forma dual*)

N. Dois pássaros (*que tenham formado um par*)

O. Dois pássaros (*apenas quaisquer dois pássaros*)

P. Homens e mulheres.

LIÇÃO QUATRO

O adjetivo.

O verbo de ligação.

Concordância adjetiva em número.

O vocabulário de qualquer idioma pode ser separado em várias classes de palavras – várias *partes da língua*. Os idiomas de Tolkien foram planejados para serem “definitivamente de um tipo europeu em estilo e estrutura” (*Letters*: 175), de modo que as partes da língua que eles possuem não são muito exóticas, mas devem ser bastante familiares a qualquer aluno de colégio na Europa e na América. Já mencionamos os *substantivos* que, por uma definição um tanto simplificada, são palavras que denotam coisas. Agora iremos para os *adjetivos*.

O ADJETIVO

Adjetivos são palavras que assumiram a função especial de *descrição*. Se você quer dizer que alguém ou alguma coisa possui uma certa qualidade, você pode frequentemente encontrar um adjetivo que fará o serviço. Em uma frase como *a casa é vermelha*, a palavra “vermelha” é um adjetivo. Ela descreve a casa. Existem adjetivos para todos os tipos de qualidades, muito úteis se você quer dizer que alguém ou algo é *grande, pequeno, sagrado, triste, tolo, podre, lindo, fino, repugnante, alto, maravilhoso, ofensivo* ou seja lá o que for que a ocasião exige.

Pode-se distinguir dois modos diferentes de usar um adjetivo:

1. Você pode associá-lo a um substantivo que ele descreve, resultando em expressões como *homens altos* ou *(um/o) livro vermelho*. Tais expressões podem então ser inseridas em uma frase completa, como *homens altos me assustam* ou *o livro vermelho é meu*, onde as palavras *altos* e *vermelho* simplesmente fornecem informação extra sobre seus substantivos acompanhantes. Isto é chamado “usar o adjetivo *atributivamente*”. A qualidade em questão é apresentada como um “atributo” do substantivo, ou é “atribuída” a ele (*homens altos* – Certo, então sabemos precisamente de que tipo de homens estamos falando aqui, os altos, sua altura sendo o “atributo” deles).

2. Mas você também pode construir frases onde o *ponto* central é que alguém ou alguma coisa possui uma qualidade específica. Você não “pressupõe” apenas a altura quando você fala de *homens altos* – você quer dizer que *os homens são altos*; esta é a parte da informação que você quer transmitir. Iso é chamado “usar um adjetivo *predicativamente*”: você escolhe um grupo sobre o qual você quer falar algo (como *os homens*, neste caso) e então adiciona um adjetivo para dizer que tipo de qualidade este grupo possui. O adjetivo é então chamado de o *predicado* desta frase.

Como o leitor atento já desconfia a partir do exemplo acima, há mais uma complicação: você não pode dizer simplesmente *os homens altos*, mas sim *os homens são altos*. Na verdade, frases como *os homens altos* estariam bastante corretas em um grande número de idiomas (e mesmo o quenya pode ser um deles), mas em português você tem que introduzir uma palavra como *são* ou *é* antes do adjetivo quando você o usar como um predicado: *O livro é vermelho. Os homens são altos*. Este “é/são” realmente não acrescenta um significado maior aqui (há uma razão pela qual tantos idiomas permanecem sem qualquer palavra correspondente!), mas é usado para “ligar” o adjetivo com as palavras que

nos contam o que estamos realmente falando aqui – como *o livro* e *os homens* em nosso exemplo. Assim, o “é/são” é chamado de *verbo de ligação*. Em frases como *ouro é belo*, *eu sou esperto* ou *pedras são duras*, pode ser percebida a função principal do verbo de ligação (aqui manifestado de várias maneiras como *é*, *sou* e *são*), que é simplesmente conectar os adjetivos subseqüentes *belo*, *esperto* e *duro* com a(s) coisa(s) ou pessoa que estamos tratando: *ouro*, *eu*, *pedras*. O verbo de ligação é uma parte integral do predicado da frase. Esta é uma das mais importantes construções que os falantes de português têm a sua disposição quando querem dizer que X possui a qualidade Y.

Bem, partamos para o quenya aqui. Quando comparados à quantidade de formas que um substantivo pode ter, os *adjetivos* do quenya são bastante restritos em forma. A grande maioria dos adjetivos do quenya termina em uma de duas vogais: **-a** ou **-ë**. A última terminação é menos comum, e geralmente ocorre em adjetivos de cores: **ninquë** “branco”, **morë** “preto”, **carnë** “vermelho”, **varnë** “marrom” etc. Quando um adjetivo não termina em **-a** ou **-ë**, ele na prática termina sempre em **-in**; ex: **firin** “morto”, **hwarin** “torto, trapaceiro”, **melin** “querido, prezado, caro” ou **latin** “aberto, livre, limpa (a terra)”. O último adjetivo é na verdade listado como **latin(a)** nos escritos de Tolkien (LR: 368), evidentemente sugerindo que **latin** é encurtado a partir de uma forma mais longa, **latina**, ambas as variantes ocorrendo no idioma. (Talvez todos os adjetivos em **-in** devam ser considerados formas encurtadas de formas completas em **-ina**.) Adjetivos que *não* terminam em **-a**, **-ë** ou **-in** são extremamente raros; há pelo menos **teren** “delgado” – mas mesmo esse adjetivo também possui uma forma mais longa em **-ë** (**terenë**).

Adjetivos em **-a** são de longe o tipo mais comum. A vogal final **-a** pode aparecer por si só, como em **lára** “plano, liso”, mas ela é freqüentemente parte de uma desinência adjetiva mais longa como **-wa**, **-na** (variante **-da**), **-ima** ou **-ya**. Exemplos: **helwa** “azul (claro)”, **harna** “ferido”, **melda** “amado”, **melima** “amável”, **vanya** “belo”. A própria palavra **quenya** é em sua origem um adjetivo **ya** significando “élfico, quendiano”, embora Tolkien tenha decidido que ela veio a ser usada apenas como um nome do idioma alto-élfico (Letters: 176, WJ: 360-361, 374).

Em quenya, assim como no português, um adjetivo pode ser diretamente combinado com um substantivo, descrevendo-o. Temos muitos exemplos confirmados de adjetivos sendo usados atributivamente desse modo; eles incluem as expressões **lintë yuldar** “goles rápidos” (*Namárië*), **luini tellumar** “abóbadas azuis” (*Namárië* prosaico), **fána cirya** “um navio branco” (*Markirya*), **quantë tengwi** “sinais completos” (um termo usado por antigos lingüistas élficos; não precisamos discutir seu significado preciso aqui; ver VT39: 5). Nestes exemplos, a ordem sintática é a mesma do inglês: adjetivo + substantivo. Está é aparentemente a ordem normal preferida. Em quenya, entretanto, também é admissível deixar o adjetivo *suced* o substantivo (como no português). Por exemplo, o *Markirya* possui **anar púrëa** literalmente “um ofuscado sol”, para “(um) sol ofuscado”, e em LR: 47 temos **mallë téra**, literalmente “reta estrada”, para “uma estrada reta” (cf. LR: 43). Talvez esta ordem sintática seja usada no caso de você quer enfatizar o adjetivo: o contexto em LR: 47 indica que esta é uma estrada *reta* em oposição a uma curva. Contudo, deixar o adjetivo *suced* o substantivo pode ser a ordem sintática normal no caso de um “título” adjetival que é usado em conjunção com um nome próprio: Em CI: 340 cf. 497 temos **Elendil Voronda** para “Elendil, o Fiel” (bem, a forma encontrada em CI: 340 é na verdade **Elendil Vorondo**, porque a expressão é declinada; voltaremos à desinência **-o** aqui vista em uma lição posterior). Presumidamente você também pode usar a ordem sintática mais normal e falar **voronda Elendil**, mas esta – eu acho – seria simplesmente uma referência

mais casual a “Elendil fiel”, não significando “Elendil, o Fiel” com o adjetivo usado como um título regular. Pode ser notado que o quenya, diferente do português, não insere o artigo antes de um adjetivo usado como um título (não sendo ****Elendil i Voronda**, ao menos não necessariamente).

O que dizer, então, de usar adjetivos como *predicados*, como por exemplo “vermelho”, que é o predicado da frase “o livro é vermelho”? (Compare o uso *atributivo* do adjetivo em uma expressão como “o livro vermelho”.) O adjetivo **vanwa** “perdido” é usado predicativamente no *Namárië*: **vanwa ná...Valimar** “perdida está...Valimar” (um lugar no Reino Abençoado que Galadriel pensou que nunca veria novamente). Esta frase nos conta que o verbo de ligação “está” possui a forma **ná** em quenya; de fato, esta é o nosso único exemplo desta palavra vital em um texto real. O plural “estão” parece ser **nar**, visto em uma versão primitiva do *Namárië* gravada por Tolkien em fita (ver *An Introduction to Elvish* (Uma Introdução ao Élfico), de Jim Allan, pág. 5). Supõe-se que estes verbos de ligação seriam usados como no português; desse modo, por exemplo:

I parma ná carnë. “O livro é vermelho.”

Ulundo ná úmëa. “Um monstro é mau.”

I neri nar hallë. “Os homens são altos.”

Nesta lição, como originalmente publicada em dezembro de 2000, eu introduzi uma advertência neste ponto:

Devo acrescentar, de qualquer forma que, devido à extrema escassez de exemplos, não podemos ter certeza de qual ordem sintática é na verdade preferida. A partir do exemplo **vanwa ná...Valimar** “perdida está...Valimar” no *Namárië*, pode-se argumentar que **ná** deve *suced*er o adjetivo, de modo que “o livro é vermelho” deva preferencialmente ser **i parma carnë ná**, “o livro vermelho é”. Seria interessante saber se o **ná** “(o verbo *ser/estar*)” ainda sucederia **vanwa** “perdida” se passássemos **Valimar** para o início da frase; deveria “Valimar está perdida” ser **Valimar ná vanwa**, como em português (e em inglês), ou talvez **Valimar vanwa ná**? Nos exemplos acima e nos exercícios abaixo, organizei as frases usando a ordem sintática “portuguesa”, mas Tolkien *pode* ter tido algo mais exótico em sua manga. Não há maneira de descobrir antes de mais material ser publicado.

Revisei esta lição em novembro de 2001 e, no inverno passado, mais alguns exemplos envolvendo a palavra **ná** “ser/estar” finalmente tornaram-se disponíveis. Parece haver uma tendência a se colocar o **ná** no final da frase, como no exemplo **lá caritas...alasaila ná** (literalmente, “não fazê-lo, insensato é” – VT42: 34). O mesmo artigo que fornece este exemplo também cita ainda a fórmula “**A ná calima lá B**” (literalmente, “A é brilhante além de B”) como a maneira em quenya de expressar “A é mais brilhante que B” (VT42: 32). Note que esta fórmula emprega um estilo português de ordem sintática, com o **ná** “é” precedendo ao invés de suceder **calima** “brilhante”. Logo, parece que frases como **i parma ná carnë**, palavra por palavra correspondendo ao português “o livro é vermelho”, podem ser possíveis, afinal de contas. Portanto, eu não revisei quaisquer dos exemplos ou exercícios deste curso, todos os quais empregam a ordem sintática “portuguesa”, até o ponto em que o verbo de ligação **ná** esteja relacionado. Perece, entretanto, que a ordem **i parma carnë ná** “o livro vermelho é” deve ser considerada uma alternativa perfeitamente

válida, e Tolkien pode mesmo ter pretendido que esta fosse a ordem sintática mais comum. Devemos ainda esperar mais exemplos.

Na Fíriel's Song (um texto pré-SdA), a palavra para “é” aparece como **ye** ao invés de **ná**, como em **írima ye Númenor** “amável é Númenor” (LR: 72). Contudo, tanto o *Qenya Lexicon* (QL: 64) como o *Etymologies* (LR: 374) apontam para o **ná**, e no *Namárië* temos esta palavra exemplificada em um texto real. O Etym e o QL são anteriores à Fíriel's Song, mas o *Namárië* é posterior; logo, parece que **ye** era apenas uma experiência passageira na evolução de Tolkien do quenya. Na Fíriel's Song também vemos uma *desinência* para “é”, **-ië**, anexada a adjetivos e removendo sua vogal final: assim, nesta canção temos **márië** para “(isto) é bom”, derivada do adjetivo **mára** “bom”. Esta desinência **-ië** é claramente relacionada com a palavra independente **ye**. Eu não acho que o sistema de usar a desinência **-ië** para “é” ainda fosse válido no estilo de quenya do SdA, e eu não o recomendaria para escritores. A desinência **-ië** possui outros significados no quenya posterior.

Contudo, outro sistema pode bem ser válido: não usando qualquer verbo de ligação. Você simplesmente justapõe o substantivo e o adjetivo, a palavra “é/são” sendo compreendida: **Ilu vanya** “o Mundo [é] belo” (*Fíriel's Song*), **maller raicar** “estradas [são] curvas” (LR: 47). A fórmula “A é brilhante além de B” = “A é mais brilhante que B” referida acima é na verdade citada como “A (**ná**) **calima lá** B” em VT42: 32. Como sugerido pelos parênteses, **ná** pode ser omitido. O exemplo **mallë téra** “uma estrada reta”, mencionado acima pode também ser interpretado “uma estrada [é] reta”, se o contexto permitir.

Devemos supor que o verbo de ligação **ná**, **nar** não é limitado a unir substantivos e adjetivos, mas também pode ser usado para equiparar substantivos: **parmar nar engwi** “livros são objetos”, **Fëanáro ná noldo** “Fëanor é um noldo”. (Note, a propósito, que a forma apropriada em quenya do nome de Fëanor é **Fëanáro**; “Fëanor” é uma forma híbrida quenya-sindarin usada na Terra-média após sua morte.) Novamente pode ser admissível omitir o verbo de ligação e manter o mesmo significado: **parmar nati**, **Fëanáro noldo**.

Concordância adjetiva em número: os adjetivos do quenya devem concordar em número com o substantivo que eles descrevem. Isto é, se o substantivo está no plural, o adjetivo também deve estar; se o adjetivo descreve *vários* substantivos, ele também deve estar no plural, mesmo se cada um dos substantivos esteja no singular.

Não temos exemplos do que acontece se um adjetivo concordar com um substantivo na forma *dual* (ou, a respeito disso, com um substantivo “plural partitivo” em **-li**). É geralmente presumido, porém, que não há formas duais especiais ou plurais partitivos de adjetivos, mas apenas uma forma de plural (ou, diríamos, “não-singular”).

Como, então, a forma plural dos adjetivos é construída? A partir dos exemplos agora disponíveis, pode ser visto que Tolkien experimentou vários sistemas no decorrer dos anos. Em fontes *primitivas*, adjetivos em **-a** formam suas formas plurais ao se adicionar a desinência **-r**, assim como fazem os substantivos em **-a**. Por exemplo, um “mapa” bem antigo do mundo imaginário de Tolkien (na verdade, representado como um navio simbólico) inclui uma referência a **I Nori Landar**. Isto evidentemente significa “As Terras Amplas” (LT1: 84-85; o adjetivo **landa** “amplo” ocorre no *Etymologies*, entrada *LAD*. Christopher Tolkien no LT1: 85 sugere a tradução “As Grandes Terras”.) Aqui o substantivo no plural **nori** “terras” é descrito pelo adjetivo **landa** “amplo” – a propósito, outro exemplo de um adjetivo atributivo *sucedendo* o substantivo – e visto que o

substantivo está no plural, o adjetivo recebe a desinência de plural **-r** para concordar com ele. Este modo de formar adjetivos no plural ainda era válido em meados de 1937 ou um pouco antes; já citamos o exemplo **maller raicar** “estradas [são] curvas” do LR: 47, onde o adjetivo **raica** “torto, curvo, errado” (listada sozinha em LR: 383) está no plural para concordar com **maller**.

Entretanto, este sistema não pode ser recomendado a escritores; a evidência é que, no quenya no estilo do SdA, ele foi abandonado. Tolkien, de certo modo, voltou ao passado e reviveu um sistema que ele usou no que pode ser o primeiro poema em “quenya” que ele escreveu: *Narqelion*, de 1915-16. Neste poema, adjetivos em **-a** formam seus plurais através da desinência **-i**. Por exemplo, a expressão **sangar úmëai**, que ocorre neste poema, aparentemente significa “grande aglomeração” = aglomeração grande; o adjetivo **úmëa** “grande, largo” está registrado no primitivo *Qenya Lexicon* (QL: 97 – em quenya posterior, por outro lado, a palavra **úmëa** significa “mau”). Mais tarde, entretanto, Tolkien introduziu mais uma complicação: adjetivos in **-a** possuíam plurais em **-ai** apenas no quenya *arcaico*. No quenya exílico, o quenya como era falado pelos noldor após terem retornado à Terra-média, o **-ai** no final das palavras de mais de uma sílaba fora reduzido para **-ë**. (Cf. WJ: 407 acerca da desinência **-vë** representando o “-vai do quenya arcaico”.) Assim, enquanto a forma plural de, digamos, **quanta** “completo” era aparentemente **quantai** nos estágios mais antigos do idioma, ela posteriormente tornou-se **quantë**. Esta forma nós já encontramos em um dos exemplos citados acima: **quantë tengwi**, “sinais completos”, onde **quanta** aparece na forma plural para concordar com **tengwi** “sinais” (VT39: 5).

Há um caso especial a ser considerado: adjetivos em **-ëa**, tais como **laurëa** “dourado”. No quenya arcaico, devemos supor que a forma plural era simplesmente **laurëai**. Mas quando o **-ai** depois se tornou **-e**, o que seri **?laurëe** não provou ser uma forma durável. Para evitar a combinação incômoda de dois **e**’s concomitantes, o primeiro deles foi mudado para **i**. Desse modo, a forma plural de **laurëa** no quenya exílico aparece como **laurië**, como na primeira linha do *Namárië*: **Ai! laurië lantar lassi súrinen...** “Ah, como ouro caem as folhas ao vento...” – o adjetivo estando no plural para concordar com o substantivo que ele descreve, **lassi** “folhas”.

Quanto a adjetivos em **-ë**, eles parecem se comportar como a maioria dos substantivos da mesma forma: **-ë** se torna **-i** no plural. Não temos muitos exemplos, mas a expressão **luini tellumar** “abóbadas azuis” na versão em prosa do *Namárië* parece incorporar a forma plural de um adjetivo **luinë** “azul” (na verdade, não visto nesta forma mas, como observado acima, existem muitos adjetivos de cores em **-ë**). Além disso, no *Etymologies* Tolkien registrou que um adjetivo **maitë** “hábil” possui a forma plural em **maisi** (LR: 371). Evidentemente a forma plural foi em especial mencionada primeiramente para ilustrar outro ponto: que adjetivos em **-itë** possuem as formas plurais em **-isi**, a consoante **t** transformando-se em **s** antes de **i**. Porém, esta idéia em particular parece ter sido abandonada posteriormente: em uma fonte muito posterior, pós-SdA, Tolkien escreveu **hloníti tengwi**, e não **?hlonísi tengwi**, para “sinais fonéticos” (WJ: 395). Logo, talvez a forma plural de **maitë** possa também simplesmente ser **?maiti**.

Quanto a forma plural de adjetivos terminando em uma consoante, tais como **firin** “morto”, parece que não temos quaisquer exemplos para nos orientar. Tem sido tradicionalmente presumido que eles formam seus plurais em **-i**, assim como fazem os substantivos que possuem esta forma, e isto ainda parece razoavelmente plausível. Assim, digamos, “homens mortos” poderia ser **firini neri**. Se qualquer argumento pode ser levantado contra esta hipótese, é o de que adjetivos em **-in** na verdade parecem ser formas

encurtadas de adjetivos mais longos em **-ina**. Como indicado acima, Tolkien citou o adjetivo significando “aberto, livre, limpa (a terra)” como **latin(a)**, indicando as formas duplas **latin** e **latina**. A forma plural de **latina** deve obviamente ser **latinë**, para a forma mais antiga **latinai**. Mas o que dizer de **latin**? Se esta é meramente uma forma encurtada de **latina**, talvez a forma plural ainda seria **latinë** ao invés de **latini**? Não podemos saber com certeza; nos exercícios abaixo eu segui a hipótese tradicional, usando plurais em **-i**. Adjetivos terminando em uma consoante são, de qualquer forma, bastante raros; logo, esta incerteza não coloca muito em risco a qualidade de nossos próprios textos em quenya.

Em que posições os adjetivos concordam em número? Exemplos confirmados da mesma forma que estes já citados, como **luini tellumar** “abóbadas azuis”, parecem indicar que um adjetivo atributivo na frente do substantivo mostra concordância. Assim o faz um adjetivo *sucedendo* o substantivo; o poema *Markirya* tem **i fairi nēcë** para “os fantasmas pálidos”, ou literalmente “os pálidos fantasmas” (**néca** pl. **nēcë** “turvo, débil, indistinto de se ver”, MC: 223). Um adjetivo *separado* do substantivo que ele descreve também concorda em número, assim **laurëa** “dourado” aparece na forma plural **laurië** na primeira linha do *Namárië*, **laurië lantar lassi** “como ouro caem as folhas” (o *Namárië* prosaico possui **lassi lantar laurië** “as folhas caem como ouro”). Quanto aos adjetivos *predicativos*, carecemos de exemplos tardios. Em alemão, os adjetivos concordam em número quando são usados atributivamente, mas os adjetivos usados predicativamente não. Todavia, o exemplo antigo **maller raicar** “estradas [são] curvas” em LR: 47 parece indicar que em quenya, os adjetivos também concordam em número quando são usados predicativamente. Em quenya posterior, devemos ler presumidamente **maller (nar) raicë**, uma vez que Tolkien modificou as regras de como a forma plural de adjetivos é construída.

Então, em resumo, podemos concluir que adjetivos concordam em número com os substantivos que eles descrevem “em qualquer lugar” – quer apareçam antes, após ou separados do substantivo, quer sejam usados atributivamente ou predicativamente. Existem alguns exemplos, porém, que não se encaixam muito bem nisso. O Apêndice E do ensaio *Quendi and Eldar*, de cerca de 1960, contém vários exemplos “bem comportados” de adjetivos no plural que são usados atributivamente com o plural do substantivo **tengwi** “sinais”, construindo várias expressões usadas por antigos lingüistas élficos quando tentavam analisar a estrutura de sua língua (como eu disse acima, não precisamos nos preocupar com o significado preciso destes termos aqui). Além de **hloníti tengwi** “sinais fonéticos” e **quantë tengwi** “sinais completos” já citados acima (WJ: 395, VT39: 5), temos **racinë tengwi** “sinais despídos” e **penyë tengwi** “sinais escassos” (VT39: 6; o singular do último, **penya tengwë** “um sinal escasso”, é confirmado: VT39: 19). Nestas expressões, os adjetivos **hlonitë** “fonético”, **quanta** “completo”, **racina** “desnudo, privado” e **penya** “escasso, inadequado, insuficiente” assumem todas suas formas, belamente concordando com **tengwi** “sinais, elementos, sons”. Até aqui, tudo bem. Mas então nos voltamos para o material *rascunhado* para o Apêndice E de *Quendi and Eldar*. Aqui, Tolkien *não* permite aos adjetivos concordarem em número, e temos expressões como **lehta tengwi** “elementos livres/libertados”, **sarda tengwi** “sons rudes” e **tapta tengwi** “elementos impedidos” (VT39: 17). Esperaríamos, é claro, **lehtë tengwi**, **sardë tengwi** e **taptë tengwi**, mas estes não são encontrados. A menos que suponhamos que existem várias classes de adjetivos, alguns que concordam em número e outros que não – e acho que isto é ilógico –, parece que Tolkien, no material rascunhado, usou um sistema no qual um adjetivo atributivo imediatamente a frente de seu substantivo *não* concorda em número. Mas quando ele realmente escreveu o Apêndice, ele parece ter introduzido também a concordância nesta

posição, e então temos, por exemplo, **quantë tengwi** ao invés de ?**quanta tengwi** para “sinais completos”. A gramática élfica podia mudar velozmente a qualquer hora na qual Tolkien estivesse em seu humor de “revisão”, logo isto não seria surpreendente.

A última versão do poema *Markirya*, que Christopher Tolkien acredita ter sido escrito em algum ponto na última década de vida de seu pai (1963-73), também é relevante aqui. Na expressão “torres caídas”, Tolkien primeiro escreveu o adjetivo **atalantëa** “arruinado, caído, tombado” em sua forma plural **atalantië**, exatamente como esperaríamos. Então, de acordo com Christopher Tolkien, ele misteriosamente *mudou atalantië* para a forma singular (ou, de preferência, não declinada) **atalantëa**, embora o substantivo adjacente “torres” tenha sido deixado no plural (MC: 222). Novamente Tolkien parece estar fazendo experiências com um sistema no qual adjetivos atributivos imediatamente a frente do substantivo que eles descrevem não concordam em número, mas aparecem em sua forma não declinada. Um sistema parecido aparece nos escritos de Tolkien sobre o *westron*, a “Fala Comum” da Terra-média (um idioma que ele apenas esboçou). Talvez ele considerasse introduzir tal sistema também no quenya; e vemos esta idéia surgindo de vez em quando, supostamente, em seus escritos?

Entretanto, o sistema que eu recomendaria aos escritores seria o de deixar os adjetivos concordarem em número também nesta posição. No *Namárië* no SdA, temos a expressão **lintë yuldar** “goles rápidos”, e na tradução entrelinhas em RGEO: 66 Tolkien claramente observou que **lintë** é um adjetivo no “pl.”. Devemos supor, então, que **lintë** representa o **lintai** mais antigo, a forma plural de um adjetivo **linta**. Se um adjetivo atributivo imediatamente a frente do substantivo que ele descreve não concorda em número, “goles rápidos” deveria ter sido, ao invés disso, ?**linta yuldar**. A fonte onde Tolkien claramente identificou **lintë** como uma forma plural foi publicada durante sua própria vida e, além disso, a última vez em 1968, possivelmente datando após mesmo da última versão do *Markirya*. Assim, sua decisão final parece ter sido a de que os adjetivos também *concordam* em número com seus substantivos quando o adjetivo aparece imediatamente a frente do substantivo. Desconfia-se que ele passou muitas noites em claro considerando cuidadosamente os vários prós e contras desta importante questão.

NOTA SOBRE ADJETIVOS USADOS COMO SUBSTANTIVOS: Como descrito acima, Tolkien em certo estágio fez os adjetivos em **-a** formarem seus plurais em **-ar**, mas posteriormente ele substituiu este por **-ë** (para o **-ai** mais antigo). Contudo, adjetivos em **-a** podem ainda ter suas formas plurais em **-ar** se eles forem usados como substantivos, porque em tal caso eles são naturalmente declinados como substantivos. Tolkien observou que, ao invés de se dizer **penyë tengwi** “sinais escassos”, os elfos podem simplesmente se referir a **penyar** ou “escassos” – “usando [o adjetivo] *penya* como um substantivo técnico” (VT39: 19). Um exemplo bem conhecido é fornecido pelo adjetivo **vanya** “belo, lindo”; este geralmente teria a forma plural **vanyë** (ex: **vanyë nissi** “mulheres lindas”). Entretanto, o adjetivo **vanya** também pode ser usados como um substantivo, “um *vanya*” ou “o belo”, que era a palavra usada para um membro do primeiro clã dos Eldar. Logo, o clã inteiro é chamado, claro, os **vanyar**, como no *Silmarillion*, capítulo 3: “Os *vanyar* eram seu [de Ingwë] povo. São os belos-elfos.” Usando outro (mas relacionado) adjetivo, “lindo”, que é **vanima**, Barbárvore empregou outro plural substantivado quando ele saudou Celeborn e Galadriel como **a vanimar** “ó belos” (a tradução é dada em Letters: 308).

Adjetivos em **-ë** possuem, contudo, sua forma plural comum em **-i**, mesmo se eles são usados como substantivos, visto que a maioria dos substantivos em **-ë** também formam seus plurais em **-i**.

Sumário da Lição Quatro: adjetivos são palavras usadas para descrever várias qualidades, tais como “alto” ou “lindo”. Eles podem ser combinados com substantivos, criando expressões como “(um/o) livro vermelho” ou “homens altos”, onde os adjetivos “vermelho”

e “altos” descrevem os substantivos “livro” e “homens” diretamente; isto é chamado “usar adjetivo *atributivamente*”. Mas eles também podem ser ordenados de modo a criarem frases como “o livro é vermelho” ou “os homens são altos”, onde o ponto principal da frase é relacionar uma certa qualidade a um substantivo; aqui o adjetivo é usado como um *predicado*. Em tais casos, o português insere um *verbo de ligação*, como “é/está” ou “são/estão” nestes exemplos, para deixar claro a relação entre o substantivo e o adjetivo. Muitos idiomas não contam com este artifício extra (pode-se dizer que corresponde a “o livro vermelho”), e isto também parece ser admissível em quenya, mas o explícito verbo de ligação **ná** “é/está”/**nar** “são/estão” também ocorre no material. – A maioria dos adjetivos no quenya termina na vogal **-a**, alguns também em **-ë**; os únicos que terminam em uma consoante são alguns que possuem a desinência **-in** (aparentemente encurtada de **-ina**). Os adjetivos no quenya concordam em *número*; se um adjetivo descreve um substantivo no plural ou mais de um substantivo, o adjetivo também deve estar no plural. Adjetivos em **-a** possuem formas plurais em **-ë** (em relação ao antigo **-ai**); note que se o adjetivo termina em **-ëa**, ele forma seu plural em **-ië** (para evitar **-ëe**). Adjetivos em **-ë** possuem formas plurais em **-i**; para os poucos adjetivos em **-in**, carecemos de exemplos, mas é geralmente assumido que eles adicionariam **-i** no plural.

VOCABULÁRIO

Exceto pelos dois primeiros itens, todos estes são adjetivos. Não se preocupe com as outras palavras que ocorrem nos exercícios abaixo; aquelas você já memorizou cuidadosamente, seguindo minhas instruções na Lição Dois. Certo?

neldë “três”

ná “é/está” (**nar** “são/estão”)

vanya “belo, lindo”

alta “grande” (a palavra é usada apenas para tamanho físico)

calima “brilhante”

taura “poderoso”

saila “sábio” (usaremos esta forma encontrada em material recente; uma fonte pré-SdA possui **saira**)

úmëa “mau”

carñë “vermelho” (suspeitamos que Tolkien, como católico devoto, estivesse pensando em *cardeais* com seus trajes vermelhos; a palavra italiana (e também portuguesa, já que vem do latim) *carne* também pode ser relevante aqui...)

ninquë “branco”

morë “preto, negro” (cf. o primeiro elemento da palavra em sindarin *Mordor* = Terra Negra)

firin “morto”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. **Morë rocco.**

B. **Calimë hendu.**

C. **Neldë firini neri.**

D. **Vanyë aiwi.**

E. Tári ná taura nís.

F. I oronti nar altë.

G. Aran taura (*duas traduções possíveis!*)

H. I nér ar i nís nar sailë.

2. Traduza para o quenya:

I. O portão branco.

J. Um navio grande.

K. O assoalho é vermelho.

L. Uma pedra preta e três pedras brancas.

M. Reis sábios são homens poderosos.

N. O homem poderoso e a mulher linda são maus.

O. Elfos são lindos.

P. Os elfos são um belo povo.

LIÇÃO CINCO

O Verbo: presente e concordância em número.

Sujeito/objeto.

A forma superlativa de adjetivos.

Como eu mencionei no início da lição anterior, o vocabulário de qualquer idioma pode ser separado em várias classes de palavras, ou “partes da língua”. Até agora tratamos explicitamente dos *substantivos*, que denotam coisas, e *adjetivos*, que são palavras usadas para descrever substantivos (lingüistas julgariam estas definições particularmente simplistas, mas elas servirão ao nosso propósito). Na verdade, já tocamos também em três outras partes da linguagem, sem discuti-las em profundidade. Como parte da Lição Dois, você (esperamos) memorizou a palavra **nu** “sob, embaixo”, que é uma *preposições*; preposições são pequenas palavras ou “partículas” como *sob, sobre, de, para, em*, etc., com frequência usadas para fornecer informação sobre relações espaciais (ex: “*sob* a árvore” = **nu i alda**), embora freqüentemente sejam usadas em contextos mais abstratos. Com a palavra **ar** “e” incluímos também a representante mais típica das *conjunções*, palavras usadas para conectar (ou, de fato, “unir”) outras palavras, expressões ou frases, ex: **Anar ar Isil** = “o sol *e* a lua”. Ainda assim, nenhuma discussão completa de preposições ou conjunções, como tal, parece necessária: em quenya elas parecem se comportar muito como suas equivalentes portuguesas, assim; logo, na maioria das vezes, você simplesmente tem que aprender as palavras correspondentes em quenya. Elas geralmente não são flexionadas de qualquer modo.

Outra parte da língua na qual já tocamos é muito mais sofisticada e intrigante: o *verbo*. Encontramos um verbo na lição anterior: **ná** “é/está”, com sua forma plural **nar** “são/estão”. Pelo modo como os verbos se comportam, este não é muito emocionante; ele é usado simplesmente para coordenar um substantivo com algum tipo de predicado que nos diz o que o substantivo “é”: **aran ná taura**, “um rei é poderoso”, **tasar ná alda** “um salgueiro é uma árvore”. Como eu disse em uma lição anterior, o verbo de ligação **ná** realmente não fornece muita informação extra aqui, exceto ao esclarecer a relação entre os vários elementos da frase. A maioria dos outros verbos (na verdade, quase que *todos* os outros verbos) é, entretanto, cheia de significados. Eles não nos dizem apenas o que alguém ou algo “é”, mas sim o que alguém ou algo *faz*. O verbo traz *ação* ao idioma.

Em uma frase como “o elfo dança”, é fácil identificar “dança” como o verbo da ação, nos dizendo o que está acontecendo aqui. E, sem dúvida, “dança” é uma forma do verbo português *dançar*. Este verbo também pode aparecer em outras formas; ao invés de “dança”, podemos dizer “dançou”, o que move a ação para o *passado*: “o elfo dançou.” Isto ilustra uma característica importante de verbos em idiomas europeus: a forma do verbo fornece informação sobre *quando* a ação indicada ocorre, no presente ou no passado. Alguns idiomas também possuem formas especiais de *futuro*. Tolkien construiu todas estas características no quenya.

As diferentes “formas temporais” do verbo são chamadas de vários *tempos*; falamos de tempo presente, tempo passado (pretérito) e tempo futuro. Trataremos apenas do presente nesta lição, e voltaremos aos outros mais tarde. (a trindade de presente, pretérito e futuro não representa uma lista completa de todos os tempos que existem. Trataremos de

um total de cinco diferentes tempos neste curso, e eu ficaria muito surpreso se o material não publicado não descrevesse mais tempos além dos que conhecemos no momento.)

Aqui devo colocar um aviso: não possuímos muita informação *explícita* sobre o verbo em quenya. Na assim chamada Carta Plotz, que Tolkien escreveu para Dick Plotz em algum ponto nos meados dos anos sessenta, ele apresentou a declinação do substantivo. Aparentemente, informação similar sobre o verbo estava para se seguir; isto nunca foi feito. Isto é, certamente, muito lamentável. Não que Tolkien tenha levado esta informação para o túmulo; sabemos que ele escreveu sobre estes assuntos, mas os escritos relevantes não foram publicados. Por enquanto devemos, na maior parte, tentar compreender as regras gramaticais por nós mesmos se quisermos que nossos poemas em quenya possuam verbos. Com relação ao *presente*, alguns pedaços de informação felizmente apareceram em *Vinyar Tengwar* #41, de julho de 2000. Combinando esta informação com alguma dedução lingüística, podemos provavelmente decifrar as principais características do sistema que Tolkien tinha em mente.

Assim como aparecem em várias fontes, os verbos do quenya parecem se encaixar em duas categorias *principais* (embora haja alguns verbos em nosso corpus que também não se encaixam facilmente, mesmo se excluirmos o material mais primitivo em “quenya” onde algumas coisas realmente estranhas acontecem no sistema verbal). A primeira e maior categoria é a dos que podem ser chamados de *radicais A*, pois todos terminam em **-a**. Outro termo para a mesma é verbos *derivados*, pois estes verbos nunca representam uma primitiva “palavra raiz” evidente, mas são derivados ao se *adicionar desinências* a esta raiz. As mais freqüentes destas desinências são **-ya** e **-ta**; com muito menos freqüência vemos **-na** ou apenas **-a**. Exemplos:

calya- “iluminar” (raiz *KAL*)

tulta- “invocar, mandar buscar/vir” (raiz *TUL*)

harna- “ferir” (raiz *SKAR*; o *sk-* primitivo e inicial tornou-se **h-** em quenya)

mapa- “agarrar, segurar” (raiz *MAP*)

(Por convenção, ao se listar radicais verbais como tais, adiciona-se um hífen no final; Tolkien geralmente assim o fazia em seus escritos. o “radical” de um verbo é uma forma básica pela qual começamos para derivar outras formas, tais como tempos diferentes.)

Se estes radicais A podem ser chamados “verbos derivados”, a outra categoria consiste dos verbos “não-derivados” ou *primários*. Estes são verbos que não apresentam desinências como **-ya**, **-ta**, **-na** ou **-a**. Os radicais verbais em questão podem ser chamados “primários” ou “básicos” uma vez que eles representam essencialmente uma raiz primitiva sem adições. Por exemplo, o verbo **mat-** “comer” vem diretamente da raiz *MAT-* de significado similar. **Tac-** “fixar, apertar” representa a raiz *TAK-* “fixar, amarrar”. **Tul-** “vir, chegar” pode ser identificado com a raiz *TUL-* “chegar, aproximar, avançar” (compare o verbo *derivado* **tulta-** “mandar buscar/vir, invocar, trazer” da mesma raiz, derivado por meio da desinência **-ta**). No caso das raízes *MEL-* “amar” e *SIR-* “fluir”, Tolkien sequer se incomodou em repetir as notas para os verbos do quenya **mel-** e **sir-** (ver LR: 372, 385).

Ao tratar dos verbos do quenya, às vezes precisamos nos referir à *vogal raiz*. Esta é a vogal da palavra raiz fundamentando o verbo como ele aparece em quenya. No caso de verbos primários como **mel-** “amar”, certamente é fácil identificar a vogal raiz, já que o **e** é a única vogal que há (e, sem dúvida, esta também é a vogal da raiz base *MEL-*). No caso de verbos derivados como **pusta-** “parar” ou **ora-** “impelir”, as vogais da desinência

adicionada (aqui **-ta** e **-a**) não contam como vogais raízes. **Pusta-**, por exemplo, é derivado de uma raiz *PUS*, e sua vogal raiz é, portanto, **u**, e não **a**. Na maior parte dos casos, a vogal raiz é simplesmente a *primeira* vogal do verbo (mas, não necessariamente, pode haver algum elemento prefixado).

Com isto, temos os termos necessários identificados, e podemos finalmente começar a tratar da formação do presente. Antes de tudo, os verbos primários; o que parece ser o presente do verbo **mel-** “amar” é visto em LR: 61, com Elendil dizendo a seu filho Herendil: **Yonya inyë tye-méla**, “Eu também, meu filho, te *amo*”. Aqui temos o verbo descrevendo uma ação presente ou em andamento (neste caso, bem permanente). Outro exemplo de um verbo primário no presente pode aparentemente ser encontrado no próprio SdA, na famosa saudação **elen síla lúmenn' omentielvo**, “uma estrela *brilha* [ou, *está brilhando*] sobre a hora do nosso encontro”. **Síla** parece ser o presente do verbo **sil-** “brilhar (com luz branca ou prateada)”, registrada no apêndice do *Silmarillion*. **Méla** e **síla** mostram a mesma relação com os simples radicais verbais **mel-** e **sil-**: as formas do presente são derivadas pelo *alongamento* da vogal raiz (isto é indicado ao se fornecer um acento, é claro) e pela *adição* da desinência **-a**. Esta conclusão é sustentada por um exemplo do VT41: 13: o verbo **quet-** “falar, dizer” lá aparece no presente **quéta** “está dizendo”.

Embora formas como **méla** e **síla** possam ocasionalmente ser traduzidas usando o simples presente em português, tendo assim “ama” e “brilha”, parece que o presente do quenya indica propriamente uma ação *continua* ou *progressiva* que é melhor traduzida usando a construção “está...-ndo” do português, como no exemplo **quéta** recém citado: isto é, “está dizendo” ao invés de apenas “diz”. A conclusão de que o presente do quenya indica propriamente ações *contínuas* também é sustentada por outra evidência: o presente em quenya do verbo primário **mat-** “comer” não é atestado em lugar algum no material publicado. Contudo, Tolkien afirmou que *mâtâ* era “o radical da forma contínua”, que poderia ser traduzida “está comendo” (VT39: 9; o *â* aqui denota um *a* longo, em quenya escrito **á**). Tolkien, na verdade, colocou um asterisco na frente de *mâtâ* para marcá-la como uma forma “não atestada”; logo, isto deve evidentemente ser considerado como élfico primitivo ao invés de quenya. Como o quenya evoluiu do idioma primitivo pode ser deduzido a partir de muitos outros exemplos, então sabemos que *mâtâ* apareceria como **máta**. Esta forma parece seguir o mesmo padrão de **méla**, **síla** e **quéta**: vogal raiz alongada e desinência **-a** (e olhando para trás, podemos deduzir que Tolkien pretendia que **méla**, **síla** e **quéta** viessem do élfico primitivo *mêlâ*, *sîlâ* e *kwêtâ*). Aparentemente, estas são todas as formas “contínuas”; assim como a primitiva *mâtâ* “está comendo”, elas aparentemente enfatizam a natureza *progressiva* da ação: **síla** pode literalmente ser “está brilhando” ao invés de apenas “brilha”. Talvez o alongamento da vogal raiz simboliza de alguma forma esta ação progressiva. No caso de **méla** na frase **inyë tye-méla**, é mais natural traduzir “eu te amo” do que “eu estou amando você”, mas o último parece ser o significado mais literal.

Então devemos considerar a segunda e maior categoria de verbos, os radicais A. No caso deles, a informação do VT41 é de especial valor.

Parece que os radicais A formam seu presente de certa forma pela mesma regra dos verbos primários, mas a regra necessita de uma pequena “adaptação” para se encaixar à forma do verbo de radical A. Nosso único exemplo confirmado é o verbo **ora-** “incitar” ou “impelir”. VT41: 13, 18 indica que seu presente é **órëa** (“está incitando”). Como no caso dos verbos primários, a vogal raiz foi alongada e a desinência **-a** foi adicionada. Porém, há uma

complicação: uma vez que o radical verbal **ora-** já termina em **-a**, esta vogal *mudada para e*, de modo a evitar **a's** em seqüência: o que seria **óra-a** manifesta-se como **órëa**. Assim, devemos concluir que verbos como **mapa-** “agarrar, segurar” e **lala-** “rir” aparecem como **mápëa** e **lálëa** no presente.

Radicais A curtos, como **ora-** ou **mapa-** são, entretanto, de uma forma particularmente pouco comum, visto que eles adicionam apenas a vogal simples **-a** à raiz original. Como tratado acima, radicais A, onde o **-a** final é apenas parte de uma desinência derivacional mais longa (com maior freqüência **-ya** ou **-ta**), são muito mais comuns. Já citamos exemplos como **calya-** “iluminar” e **tulta-** “invocar” (raízes *KAL* e *TUL*). Tais radicais A “complexos” possuem um *encontro consonantal* seguindo a vogal da raiz original, como **ly** e **lt** nestes exemplos. Não temos exemplo real do presente de tal verbo. Se fossemos aplicar o modelo que deduzimos existir a partir do exemplo **órëa** “está incitando”, chegaríamos a formas como **?cályëa** “está iluminando” e **?túltëa** “está invocando”. Entretanto, parece haver uma regra fonológica em quenya proibindo uma vogal longa imediatamente em frente a um encontro consonantal. Tudo indica que uma palavra como **?túltëa** não pode existir (mas, francamente, não estou muito certo sobre **?cályëa**, já que **ly/ny/ry** algumas vezes parecem contar como consoantes palatalizadas unitárias ao invés de encontros consonantais). Carecendo de exemplos reais, só podemos supor que em tal caso o alongamento da vogal simplesmente seria abandonado, de forma que o presente de verbos como **calya-** e **tulta-** seriam **calyëa**, **tultëa** (embora, como recém indiquei, **?cályëa** pode ser possível até onde eu sei). Isto é aplicável sempre que houver um encontro consonantal sucedendo a vogal do radical verbal. Outros exemplos são **lanta-** “cair”, **harna-** “ferir” e **pusta-** “parar”, que formariam todos – aparentemente – suas formas do presente em **-ëa**: **lantëa** “está caindo”, **harnëa** “está ferindo”, **pustëa** “está parando”.

Devemos supor que este sistema também se aplica onde há um *ditongo* no radical verbal, visto que, como uma vogal em frente de um encontro consonantal, um ditongo não pode ser alongado de maneira alguma. As formas no presente de verbos como **faina-** “emitir luz” ou **auta-** “passar” seriam presumidamente **fainëa** e **autëa**.

Agora sabemos o suficiente para começar a construir frases simples:

□ **Isil síla** “a Lua está brilhando” (presente **síla** formado a partir do verbo primário **sil-** “brilhar”)

□ **i Elda lálëa** “o elfo está rindo” (presente formado a partir do radical A curto **lala-** “rir”)

□ **Lassë lantëa** “uma folha está caindo” (presente formado a partir do complexo radical A **lanta-** “cair”; não podemos ter ***lántëa** paralelamente a **lálëa** porque uma vogal longa não pode ocorrer na frente de um encontro consonantal)

Alguns termos úteis podem ser incluídos aqui. Sempre que você inclui um verbo na frase, indicando algum tipo de *ação*, você geralmente deve dedicar outra parte da frase para contar quem está *praticando* esta ação. A parte que *faz* o que for que o verbo nos diga que está sendo feito, constitui o *sujeito* da frase. Em uma frase como **Isil síla** “a Lua está brilhando”, é **Isil** “a Lua” o sujeito, uma vez que é a Lua que *executa* o brilhar que nos é dito pelo verbo **síla**. Em uma frase como **i Elda máta** “o elfo está comendo”, **i Elda** “o elfo” é o sujeito, uma vez que o elfo *pratica o ato de comer*.

Esta mesma frase, **i Elda máta**, tem possibilidades. Podemos adicionar mais um elemento, como o substantivo **massa** “pão”, e conseguir **i Elda máta massa** “o elfo está comendo pão”. Ora, qual é a função desta palavra adicionada? Ela é o “alvo” da ação verbal; neste caso, o que é *comido*. O alvo da ação verbal é chamado de *objeto*, a

contraparte passiva do sujeito ativo: o sujeito *pratica* alguma coisa, mas o objeto é *ao qual* o sujeito *pratica algo*. O sujeito “sujeita” o objeto a algum tipo de ação. Esta “ação” pode, é claro, ser muito menos dramática do que “sujeito *come* objeto” como no exemplo acima. Por exemplo, ela pode ser tão sutil como na frase “o sujeito *vê* o objeto” (preencha com outros verbos se você quiser), onde a “ação” do sujeito não afeta fisicamente o objeto de modo algum. Este não é o ponto aqui. A idéia básica da dicotomia sujeito-objeto é simplesmente que o *sujeito* faz algo ao *objeto*, embora “faz algo ao” deva ser às vezes compreendido em um sentido mais amplo.

NOTA: Note, porém, que em frases com o verbo de ligação **ná/nar** “é, são/está, estão”, como por exemplo **i alda ná tasar** “a árvore é um salgueiro”, **tasar** “um salgueiro” não conta como o objeto de **i alda** “a árvore”. **i alda** é o *sujeito*, claro, visto que este é o elemento que “pratica” o pouco de ação que há na frase: “a árvore é...”. Mas **tasar** “um salgueiro” não é o objeto, pois nessa frase “a árvore” não *faz* alguma coisa a “um salgueiro” – e a característica marcante do objeto é que alguma coisa é feita a ele. Ao invés de fazer algo ao salgueiro, a árvore *é* um salgueiro, e isto é completamente outra coisa: **tasar** é aqui o *predicado* de **i alda**, como vimos na lição anterior. Mas se substituirmos **ná** “é” por **máta** “está comendo”, voltamos para uma construção sujeito-verbo-objeto: **i alda máta tasar**, “a árvore está comendo um salgueiro”. Se você está desnecessariamente preocupado pelo fato disto soar um tanto absurdo, fique tranquilo, pois a *gramática* está perfeita.

No caso de alguns verbos, pode não haver objeto. No caso de (digamos) **lanta-** “cair”, você pode ter um sujeito e dizer **i Elda lantëa** “o elfo está caindo”. Aqui o sujeito não faz nada *a* um objeto; é apenas o próprio sujeito que está fazendo alguma coisa. Com um verbo como **mat-** “comer”, é um tanto opcional você preencher a frase com um objeto ou não: **i Elda máta (massa)**, “o elfo está comendo (pão)”; isto funciona como uma frase completa mesmo sem o objeto. Mas alguns verbos, por seu significado, *exigem* um objeto, e se sentiria a frase incompleta sem ele. Se dizemos **i Elda mápëa** “o elfo está agarrando”, isto apenas levanta a questão “o elfo está agarrando *o que?*”, e devemos propor um objeto para tornar a frase completa.

Na Carta Plotz, Tolkien ressaltou que em uma variante de quenya, conhecida como *quenya livresco*, os substantivos teriam uma forma especial se funcionassem como objetos. Substantivos no singular terminando em uma vogal teriam esta vogal alongada (por exemplo, **ciryá** “navio” tornaria-se **ciryá** se aparecesse como o objeto de uma frase), e substantivos que geralmente empregam a desinência de plural **-r** trocariam para **-i** (assim, “navios”, como objeto, seria **ciryai** ao invés de **ciryar**). Esta forma especial de “objeto” (em termos lingüísticos, o *caso acusativo*) era supostamente usada em quenya (arcaico?) escrito. Contudo, este acusativo não aparece em quaisquer textos reais, tais como *Namárië* ou mesmo a última versão do poema *Markirya*, que deve ser quase contemporâneo à carta Plotz. *Namárië*, cantado por Galadriel, supõem-se que talvez reflita o uso de quenya da Terceira Era falado. Seja qual for o caso, não uso o acusativo distinto nos exercícios que elaborei para este curso (ou em minhas próprias composições em quenya). Parece claro que o uso do acusativo era longe de ser universal, dentro ou não do contexto imaginário. Logo, eu diria **ciryá(r)** para “navio(s)” mesmo se a palavra aparecesse como o objeto de uma frase.

Com os termos sujeito e objeto explicados, podemos tratar de outra característica do verbo do quenya. Assim como os adjetivos concordam em número com os substantivos que eles

descrevem, *os verbos concordam em número com seus sujeitos*. Vamos dar uma melhor olhada na primeira linha do *Namárië*, **laurië lantar lassi** “como ouro caem as folhas”, ou literalmente “douradas caem [as] folhas”. Aqui o adjetivo **laurëa** “dourado” aparece na forma plural **laurië** para concordar em número com o substantivo no plural **lassi** “folhas”, como tratamos na lição anterior. Mas o verbo **lanta-** “cair” também deve concordar com seu sujeito no plural **lassi**. O verbo **lanta** então recebe a desinência **-r**. (O próprio verbo aparece no chamado *aoristo*, a ser tratado mais tarde; você pode pensar no aoristo **lantar** vs. o presente **lantëar** como correspondente ao português “caem” vs. “estão caindo”, respectivamente.) A desinência de plural **-r** nós já encontramos no caso dos substantivos, como em **Eldar** “elfos”, mas os substantivos também possuem plurais em **-i**, dependendo da sua forma. No caso de verbos, a desinência de plural **-r** parece ser universal, não importando como o verbo seja. A desinência **-r** não é restrita ao presente dos verbos, mas é aparentemente usada em todos os tempos, sempre que acontece um sujeito no plural.

Basicamente já encontramos a desinência de plural verbal no verbo **nar** “são/estão”, o plural de **ná** “é/está”. (Pode-se perguntar por que **ná** não se torna **?nár** com a vogal longa intacta. A última forma pode muito bem ser tornada válida, mas **nar** “são/estão”, com um **a** curto é pelo menos pouco propensa à confusão com o substantivo **nár** “chama”.)

Mais de um sujeito possui o mesmo efeito sobre o verbo como um (único) sujeito no plural, o verbo recebendo a desinência **-r** em ambos os casos:

I arani mátar “os reis estão comendo” (sing. **i aran máta** “o rei está comendo”)

I aran ar i tári mátar “o rei e a rainha estão comendo” (se você quiser que o verbo **mat-** “comer” apareça aqui na forma singular do presente **máta**, você deve se livrar ou do rei ou da rainha, para que haja apenas um sujeito)

Por outro lado, ele não possui efeito sobre o verbo se tivermos um *objeto* no plural ou objetos *múltiplos*; ex: **i aran máta massa ar apsa** “o rei está comendo pão e carne” (**apsa** “comida cozida, carne”). O verbo concorda em número apenas com o sujeito.

Tem sido geralmente admitido que o verbo possui apenas uma forma plural, a desinência **-r** sendo universal. Em outras palavras, o verbo receberia a desinência **-r** não apenas onde o substantivo sujeito aparece no plural “normal” (desinência **-r** ou **-i**), mas também onde ele é dual (desinência **-u** ou **-t**) ou aparece na forma do “plural partitivo” (desinência **-li**). Entretanto, não temos exemplos reais do quenya no estilo do SdA, e em particular não rejeitarei a possibilidade de que possa haver uma forma *dual* especial do verbo para combinar com os sujeitos duais (desinência **-t** quanto a maioria dos substantivos, como **Aldu sílat** ao invés de **Aldu sílar** para “as Duas Árvores estão brilhando”???) O material publicado não permite uma conclusão exata sobre esta questão; logo, simplesmente evitarei sujeitos duais nos exercícios deste curso.

A última coisa que devemos considerar ao tratar do verbo é a questão da *ordem sintática*. Onde na frase o verbo realmente se encaixa? Frases portuguesas geralmente listam o sujeito, o verbo e o objeto (se há algum objeto) nesta ordem. O leitor atento terá notado que a maioria das frases em quenya acima é organizada da mesma maneira. Esta parece ser a ordem sintática *mais típica* na prosa do quenya. Exemplos de sujeito e verbo nesta ordem incluem **lassi lantar** “folhas caem” e **mornië caita** “escuridão se deita [sobre as ondas espumantes]” – ambas da versão em prosa do *Namárië*. Mas existem também exemplos do

verbo sendo colocados antes; ex: o grito em resposta a Fingon antes da Nirnaeth Arnoediad: **auta i lómë!**, literalmente “passa a noite!”, mas traduzida “a noite está passando!” no *Silmarillion* cap. 20. De fato, ambos os exemplos citados acima da ordem sujeito-verbo, do *Namárië* prosaico, aparecem ao invés disso na ordem verbo-sujeito na versão poética no SdA: **lantar lassi, caita mornië**. Em português, colocar o verbo na frente é um modo de tornar um enunciado declarativo em uma pergunta; ex: “elfos são bonitos” vs. “são os elfos bonitos?”, mas este modo de formar perguntas evidentemente não funciona em quenya. (**Auta i lómë!** “passa a noite!” para “a noite está passando!” talvez seja um exemplo de estilo dramático ou fala afetuosas; a ação verbal é obviamente considerada mais importante do que o sujeito que a pratica. Desconfio que em um contexto menos dramático, pode-se dizer, porém, **i lómë auta**.)

O *Namárië* também fornece um exemplo de uma frase com sujeito, verbo e objeto: **hísië untúpa Calaciryo míri**, “a névoa [*sujeito*] cobre [*verbo*] as jóias de Calacirya [*esta expressão inteira sendo o objeto*]”. Todavia, a ordem sintática é novamente bastante flexível, especialmente em poesia, como os exemplos do *Namárië* mostram adiante. Temos objeto-sujeito-verbo na frase **máryat Elentári ortanë**, literalmente “suas mãos (a) Rainha das Estrelas ergueu” (no SdA traduzido “a Rainha das Estrelas...ergueu suas mãos”). A frase **ilyë tier undulávë lumbulë**, literalmente “todos caminhos cobertos pelas trevas”, possui a ordem objeto-verbo-sujeito (no SdA, Tolkien usou a tradução “todos os caminhos mergulharam fundo nas trevas”). Na versão em prosa do *Namárië*, Tolkien reorganizou interessantemente ambas as frases em construções sujeito-verbo-objeto: **Elentári ortanë máryat, lumbulë undulávë ilyë tier**. Esta é a nossa base principal para supor que esta é a ordem normal, preferida onde não há considerações poéticas ou dramáticas a serem feitas.

Em geral, deve-se ter cuidado ao se colocar o objeto antes do sujeito, pois isto pode em alguns casos causar confusão tal como que palavra *é* o objeto e qual *é* o sujeito (visto que a forma mais comum de quenya não mantém um caso acusativo distinto para indicar o objeto). Tais inversões são, entretanto, bastante admissíveis quando o sujeito é singular e o objeto é plural ou vice versa. Então o verbo, concordando em número apenas com o sujeito, o identificará indiretamente. Na frase **ilyë tier undulávë lumbulë** podemos claramente perceber que deve ser **lumbulë** “sombra, treva” e não **ilyë tier** “todos caminhos” o sujeito, porque o verbo **undulávë** *não* recebe a desinência **-r** para concordar com a palavra no plural **tier**. Assim, esta expressão não pode ser o sujeito – mas o substantivo singular **lumbulë** “sombra, treva” pode.

MAIS SOBRE ADJETIVOS

No português e em outros idiomas europeus, os adjetivos possuem formas especiais que são usadas para *comparação*. Em português, os adjetivos têm uma forma *comparativa* que é construída ao se adicionar as palavras **mais**, **tão** ou **menos** antes do adjetivo; eis as fórmulas dos três modos:

- **mais** + *adjetivo* + **que** (**do**) **que** [comparativo de superioridade].
- **tão** + *adjetivo* + **como** (ou **quanto**) [comparativo de igualdade].
- **menos** + *adjetivo* + (**do**) **que** [comparativo de inferioridade].

Os adjetivos também possuem uma forma *superlativa* que é construída das seguintes maneiras:

- intensificando a qualidade de um ser *em* relação a um conjunto de seres. Ex.: Ele é **o mais inteligente da classe**.
- intensificando a qualidade de um ser *sem* relação com outros seres. Pode ser feita de duas formas:

- com o auxílio de palavras que dão idéia de intensidade (**muito, extremamente...**). Ex.: Ele é **muito** inteligente.
- por meio do acréscimo de sufixos (**-íssimo, -rimo, -imo**). Ex.: Ele é **intelligentíssimo**.

Alguns adjetivos, porém, possuem formas especiais quando apresentados em certos modos de comparativo e superlativo. São eles: **bom, mau, grande e pequeno**, que se tornam **melhor, pior, maior e menor**, respectivamente. Essas formas especiais do comparativo e superlativo são obrigatórias, especialmente porque é assumida em uma única palavra a idéia de intensidade do adjetivo; Exemplos:

Ele é **mais bom** como vendedor do que como dentista. [Inadequado]

Ele é **melhor** como vendedor do que como dentista. [Adequado]

Na primeira versão desta lição de quenya, publicada em dezembro de 2000, eu escrevi: “mas em se tratando do quenya, não há muito que podemos dizer. O material publicado não inclui absolutamente qualquer informação sobre formas comparativas; ainda nem temos uma palavra independente para 'mais'.” Desde então, a situação felizmente mudou; durante 2001, um pouco mais de informação apareceu nos jornais *Tyalië Tyelelliëva* e *Vinyar Tengwar*. Agora temos uma palavra para “mais” (**malda**), e também temos uma fórmula especial que é usada para comparação: “A é mais brilhante que B” pode ser expressa como “A **ná calima lá** B”, literalmente “A é brilhante além de B” (VT42: 32). Entretanto, a palavra **lá** possui outros significados fora “além”, e será mais prático tratar e praticar seu uso em comparação em uma lição posterior (“Os vários usos de **lá**”, Lição Dezoito).

Aqui iremos nos concentrar, ao invés disso, na forma *superlativa* dos adjetivos. Um pedacinho de informação tem estado disponível há muito tempo: em Letters: 278-279, Tolkien explicou a forma adjetiva **ancalima**, que ocorre no SdA. Traduzindo-a como “excessivamente brilhante”, ele afirmou que isto é **calima** “brilhante” com o elemento **an-** adicionado, o último sendo um “prefixo superlativo ou intensivo”. Por esta razão, muitos escritores têm usado o prefixo **an-** como o equivalente da estrutura em português “**o(a) mais** [adjetivo] **de/do(s)/da(s)** [substantivo]”, para construir a forma superlativa de adjetivos – ex: **anvanya** “o(a) mais belo(a)” de **vanya** “belo, lindo” (mas deve ser entendido que **ancalima** permanece como nosso único exemplo *confirmado* de **an-** usado neste sentido).

Pode-se perguntar se a forma que é criada ao se prefixar **an-** é realmente a equivalente de um superlativo em português, isto é, uma forma de adjetivo que implica ter a maior parte da propriedade envolvida *em comparação com certas outras*. É notado que Tolkien traduziu **ancalima** não como “o(a) mais brilhante”, mas sim como “excessivamente brilhante”. Ao descrever **an-** como um “prefixo superlativo ou intensivo”, ele quase parece querer dizer 'prefixo superlativo *ou mais exatamente* intensivo'. Logo, talvez **an-** signifique “muito, excessivamente” ao invés de “o(a) mais” em comparação com

outros. Pode ser notado, porém, que o contexto no qual a palavra se encontra parece indicar uma certa quantidade de “comparação”: no SdA, **ancalima** ocorre como parte do grito de Frodo na toca de Laracna (volume 2, Livro Quatro, capítulo IX): **Aiya Eärendil Elenion Ancalima**. Nenhuma tradução é dada no próprio SdA, mas Tolkien afirmou posteriormente que isto significa “salve Eärendil, a mais brilhante das estrelas” (Letters: 385). Na mitologia de Tolkien, Eärendil, carregando a reluzente Silmaril, foi colocado nos céus como a mais brilhante das estrelas. Logo, aqui o significado parece ser o de um superlativo genuíno, “a mais brilhante” no sentido completo de “mais brilhante do que todas as outras”. De qualquer modo, nenhuma outra informação sobre como formar o superlativo aparece nas obras publicadas, então não temos outra opção a não ser usar esta formação. Devemos, entretanto, estar preparados, pois publicações futuras podem fornecer mais informação sobre isto, envolvendo formações alternativas do superlativo.

O prefixo **an-** nesta forma não pode ser mecanicamente prefixado a *qualquer* adjetivo do quenya, ou apareceriam algumas vezes encontros consonantais que o quenya não permite. **An-** pode ser prefixado “assim como está” a adjetivos começando por uma vogal ou por **c-**, **n-**, **qu-**, **t-**, **v-**, **w-**, e **y-**:

an + **alta** “grande (em tamanho)” = **analta** “o(a) maior”

an + **calima** “brilhante” = **ancalima** “o(a) mais brilhante” (nosso único exemplo confirmado!)

an + **norna** “rígido” = **annorna** “o(a) mais rígido(a)”

an + **quanta** “completo” = **anquanta** “o(a) mais completo(a)”

an + **vanya** “belo, lindo” = **anvanya** “o(a) mais belo(a)/lindo(a)”

an + **wenya** “verde” = **anwenya** “o(a) mais verde”

an + **yára** “velho” = **anyára** “o(a) mais velho(a)”

Talvez também possamos incluir adjetivos em **f-** e **h-** (sem exemplos):

an + **fána** “branco” = ?**anfána** “o(a) mais branco(a)”

an + **halla** “alto” = ?**anhalla** “o(a) mais alto(a)”

O que aconteceria em outros casos não podemos dizer com certeza. Ou uma vogal extra (provavelmente **e** ou **a**) seria inserida entre o prefixo e o adjetivo para romper o que seria, de outro modo, um encontro impossível, ou o **-n** final do prefixo mudaria, tornando-se mais parecido (ou completamente parecido) com a primeira consoante do adjetivo. Tal *assimilação* é observada em outra parte no nosso corpus; logo, esta também tem que ser nossa teoria favorita acerca do comportamento do **an-**. Antes da consoante **p-**, o **n** de **an** é pronunciado provavelmente com os lábios unidos, porque a pronúncia do **p** envolve tal união; assim, o **n** se torna **m**. De **pitya** “pequeno” teríamos assim **ampitya** para “o(a) mais pequeno(a)”, esta sendo a impossível palavra **anpitya** remanejada em uma forma admissível (o quenya não possui **np**, mas o encontro **mp** é frequente mesmo em palavras unitárias).

Antes das consoantes **l-**, **r-**, **s-**, e **m-**, o **n** final de **an-** provavelmente seria completamente assimilado, isto é, se tornaria idêntico à consoante seguinte:

an + **lauca** “aquecido” = **allauca** “o(a) mais aquecido(a)”

an + **ringa** “frio” = **arringa** “o(a) mais frio(a)”

an + **sarda** “duro” = **assarda** “o(a) mais duro(a)”

an + **moina** “querido, caro” = **ammoina** “o(a) mais querido(a)/caro(a)”

Cf. assimilações confirmadas tais como **nl** tornando-se **ll** na palavra aglutinada **Númellótë** “Flor do Oeste” (CI: 477, claramente uma aglutinação das palavras bem conhecidas **númen** “oeste” e **lótë** “flor”). Quanto ao grupo **nm** se tornar **mm**, este desenvolvimento é visto no nome do elfo vanyarin **Elemmírë**, mencionado no *Silmarillion*: seu nome aparentemente significa “Jóia Estelar” (**elen** “estrela” + **mírë** “jóia”).

Sumário da Lição Cinco: duas categorias principais de verbos do quenya são os verbos *primários*, que representam uma raiz primitiva sem adições, e os *radicais A*, que adicionam uma desinência incluindo a vogal **a** à raiz original (às vezes o **-a** sozinho, mas geralmente alguma desinência mais longa como **-ya** ou **-ta**). Os verbos primários formam seu presente ao se alongar a vogal raiz e ao se adicionar **-a**; ex: **síla** “está brilhando” de **sil-** “brilhar”. Os radicais A formam seu presente de certa forma pela mesma regra, mas quando a desinência **-a** é adicionada a tal radical (já terminando em **-a**), o que seria **-aa** é mudado para **-ëa**. No nosso único exemplo confirmado do presente de um radical A, **órëa** a partir de **ora-** “impelir”, a vogal raiz foi alongada. Contudo, até onde compreendemos a fonologia quenya, uma vogal longa não pode ocorrer normalmente na frente de um encontro consonantal, e a maioria dos radicais A possui um encontro consonantal sucedendo a vogal raiz (ex: **lanta-** “cair”, **hilya-** “seguir”). Presumidamente, tais verbos formariam seu presente em **-ëa**, mas a vogal raiz permaneceria curta. Apenas os (relativamente poucos) radicais A que *não* possuem um encontro consonantal sucedendo a vogal raiz podem alongá-la no tempo presente. – Um verbo concorda com seu sujeito em *número*, recebendo a desinência **-r** se o sujeito está no plural: **elen síla** “uma estrela está brilhando”, **eleni sílar** “estrelas estão brilhando”.

Uma forma *superlativa* de adjetivos pode ser produzida ao se adicionar o prefixo **an-**, como em **ancalima** “o(a) mais brilhante” de **calima** “brilhante”. Devemos, porém, supor que o **n** deste prefixo é em muitos casos assimilado à primeira consoante do adjetivo, ou encontros consonantais que a fonologia do quenya não permite surgirem. Por exemplo, **an-** + **lauca** “aquecido” pode produzir **allauca** para “o(a) mais aquecido(a)” (***anlauca** sendo uma palavra impossível).

VOCABULÁRIO

canta “quatro”

Nauco “anão”

parma “livro”

tiuca “grosso, gordo”

mapa- verbo “agarrar, segurar”

tir- verbo “observar, vigiar, guardar”

lala- verbo “rir” (de acordo com uma fonte tardia, PM: 359; em material primitivo o verbo **lala-**, de uma derivação bem diferente, tem o significado de “negar”: ver a entrada **LA** no *Etymologies*. Não precisamos discutir de um torna o outro obsoleto; aqui usaremos **lala-** para “rir” somente.)

caita- verbo “deitar”

tulta- verbo “invocar, mandar buscar/vir”

linda- verbo “cantar” (cf. a palavra **Ainulindalë** ou “Música [lit. Canto] dos Ainur”)

mat- verbo “comer”

cenda- verbo “ler”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

A. I nís lálëa.

B. I antiuca Nauco máta.

C. I tári tíra i aran.

D. I analta oron ná taura.

E. I nér tultëa i anvanya vendë.

F. I aiwë lindëa.

G. I Naucor mápëar i canta Eldar.

H. I antaura aran ná saila.

2. Traduza para o quenya:

I. A mulher está observando o maior navio.

J. Os homens mais maus estão mortos.

K. O elfo está segurando o livro.

L. Quatro homens estão deitados sob uma árvore.

*M. O elfo mais sábio está lendo o livro. (cuidado: o que provavelmente acontece ao prefixo superlativo quando ele é adicionado a uma palavra como **saila** “sábio”?)*

N. O rei e a rainha estão lendo o livro.

O. Os pássaros estão cantando.

P. Os quatro anões estão observando um pássaro.

LIÇÃO SEIS

Pretérito

A lição anterior tratou do tempo *presente* do quenya, que é tipicamente usado para descrever uma corrente ação atual. Contudo, o quenya possui diferentes tempos cobrindo a trindade inteira de pretérito, presente e futuro, e ao recontar eventos passados, se usará geralmente o *pretérito*.

No quenya, a maioria das formas do pretérito é construída por meio da adição de uma desinência ao radical verbal. Até onde sabemos, todos os verbos no pretérito terminam com a vogal **-ë** (embora desinências adicionais, tais como a desinência de plural **-r** que é usada no caso de um sujeito no plural podem, é claro, ser acrescentadas após esta vogal). Em muitos casos, esta vogal **-ë** é parte da desinência **-në**, que parece ser a desinência de pretérito mais comum em quenya.

Como tratado na lição anterior, a maioria dos verbos do quenya são *radicais A*, o que significa que eles terminam na vogal **-a**. O pretérito destes verbos é geralmente formado ao se adicionar simplesmente a desinência **-në**. Por exemplo, o *Etymologies* menciona um verbo **orta-** “levantar, erguer” (ver a entrada *ORO*), e no *Namárië* no SdA seu pretérito é visto como sendo **ortanë**. (A tradução mais simples de **ortanë** é, claro, “levantou, ergueu”.) Outros exemplos a partir das notas de Tolkien:

ora- “incitar”, pretérito **oranë** “incitou” (VT41: 13, 18)

hehta- “excluir”, pretérito **hehtanë** “excluiu” (WJ: 365)

ulya- “derramar, verter”, pretérito **ulyanë** “derramou, verteu” (Etym, entrada *ULU*)

sinta- “desvanecer”, pretérito **sintanë** “desvaneceu” (Etym, entrada *THIN*)

Podemos incluir o verbo **ahyanë** “mudou”, visto deste modo apenas no pretérito, como parte da pergunta **manen lambë quendion ahyanë[?]** “como o idioma dos elfos mudou?” (PM: 395). O verbo “mudar” seria **ahya-**.

Com respeito ao verbo **ava-** (aparentemente significando “recusar, proibir”), Tolkien apontou que seu pretérito **avanë** “revelava que em sua origem ele não era um radical verbal ‘forte’ ou básico”. O último parece ser mais ou menos como um verbo primário. Ele chamou **avanë** de uma forma de pretérito “fraca” (WJ: 370). Isto provavelmente se aplica a todos os pretéritos até agora tratados. (O que Tolkien chamaria de um pretérito “forte” não é muito claro. Talvez ele fosse usar este termo para pretéritos formados por meio de *infixação nasal* – ver abaixo.)

Devemos também considerar os “básicos” ou “primários”, verbos sem desinência, verbos que, ao contrário dos radicais A, não possuem uma vogal final: verbos como **sil-** “brilhar”, **tir-** “observar”, **mat-** “comer”.

Parece que a desinência **-në** pode ser usada também para formar o pretérito de alguns verbos primários. Tolkien mencionou **tirnë** como o pretérito do verbo **tir-** “observar” (Etym, entrada *TIR*), e ele também citou **tamnë** como o pretérito do verbo **tam-** “bater (de leve)” (Etym, entrada *TAM*). Nestes casos, adicionar **-në** aos radicais verbais em questão não produz encontros consonantais impossíveis: tanto **rn** como **mn** são permitidos pela fonologia do quenya. Por esta razão, a desinência **-në** pode ser também *provavelmente* adicionada a radicais verbais terminando em **-n**, visto que **nn** é da mesma forma uma combinação completamente aceitável em quenya. Por exemplo, o pretérito do verbo **cen-**

“ver” é presumidamente **cennë** “viu”, embora não tenhamos um exemplo do pretérito de um verbo desta forma.

Mas sempre que o radical de um verbo básico termina em qualquer *outra* consoante que não **-m**, **-n**, ou **-r**, simplesmente adicionar a desinência **-në** produziria encontros consonantais que o quenya não possui. As formas do pretérito de verbos como **mat-** “comer”, **top-** “cobrir” ou **tac-** “atar, unir, ligar” não podem ser ****matnë**, ****topnë** e ****tacnë**, pois encontros como **tn**, **pn** e **cn** não são encontrados no idioma. O que acontece então?

O modo difícil de descrever o que ocorre é dizer que o **n** da desinência **-në** é substituída por *infixação nasal* colocada antes da última consoante do radical verbal. O que é “infixação”? Já mencionamos os *suffixos*, elementos adicionados no final de uma palavra (como a desinência de plural **-r**, anexada ao substantivo **Elda** na sua forma plural **Eldar**), e os *prefixos*, elementos adicionados no começo de uma palavra (como o prefixo superlativo **an-**, anexado ao adjetivo **calima** “brilhante” em sua forma superlativa **ancalima** “o(a) mais brilhante”). Se você quer adicionar algo a uma palavra, há apenas três lugares para encaixá-lo nela; se não é para ser *prefixada* ou *suffixada*, a última opção é *infixá-la*, isto é, comprimi-lo no *interior* da palavra. Por exemplo, o verbo **mat-** “comer” possui o pretérito **mantë** “comeu” (VT39: 7), um **n** *infixado* aparecendo antes da consoante final do radical verbal (**t** se tornando **nt**). De forma parecida, o verbo **hat-** “quebrar em pedaços” possui o pretérito **hantë** (Etym, entrada *SKAT*).

Antes da consoante **p**, o infixo toma a forma de **m** ao invés de **n**, de forma que o pretérito de **top-** “cobrir” é **tompë** (Etym, entrada *TOP*). Antes de **c**, o infixo aparece como **n** (ou, na verdade, **ñ**; ver abaixo), de forma que o pretérito de **tac-** “atar, unir, ligar” é **tancë** (Etym, entrada *TAK*). As várias formas do infixo – **n**, **m** ou **ñ**, dependendo da circunstância – são todas *nasais*, sons emitidos ao se fazer a corrente de ar dos pulmões sair através do nariz ao invés da boca. Assim, *infixação nasal* é um termo apropriado para este processo fonológico.

Como eu disse, este era o modo difícil de determinar o que acontece. Colocando de maneira mais simples: se adicionar a desinência de pretérito **-në** a um verbo primário resulta em quaisquer dos impossíveis encontros **tn**, **cn** e **pn**, o **n** e a consoante antes dele trocam de lugar. **Tn** e **cn** simplesmente se tornam **nt** e **nc**; o que seria **np** muda para **mp** para facilitar a pronúncia. (Realmente, o que seria **nc** muda similarmente para **ñc**, usando **ñ** para *ng* como em *king* como Tolkien fez algumas vezes – mas de acordo com as convenções ortográficas aqui empregadas, **ñc** é representado simplesmente como **nc**.) Assim:

mat- “comer”, pretérito (****matnë** >) **mantë** “comeu”

top- “cobrir”, pretérito (****topnë** > ****tonpë** >) **tompë** “cobriu”

tac- “atar, unir, ligar”, pretérito (****tacnë** >) **tancë** “atou, uniu, ligou”

Este, ao menos, é um modo fácil de se imaginar para propósitos pedagógicos. Não podemos saber com certeza se Tolkien imaginou ser este o desenvolvimento real – uma forma parecida com **matnë** realmente ocorre em um estágio mais primitivo, mas posteriormente se tornando **mantë** ao se trocar as consoantes **t** e **n**. O termo lingüístico para tal mudança de dois sons é *metátese*, e existem outros exemplos de consoantes metatesadas na evolução imaginária dos idiomas de Tolkien (ver por exemplo o *Etymologies*, entrada *KEL-*). Contudo, algumas pistas sugerem que Tolkien imaginou estes pretéritos para refletir

infixação nasal “genuína” já ocorrendo em élfico primitivo, não meramente uma posterior transposição de consoantes. Afinal, ele fez um de seus personagens observar que a “infixação nasal é de considerável importância no avaloniano” (SD: 433; avaloniano é outro termo para quenya). Mas esta é uma questão acadêmica.

Verbos primários com **-l** como sua consoante final devem receber atenção especial. Do verbo **vil-** “voar”, diz-se possuir o pretérito **villë** (Etym, entrada *WIL*). Este **ll** provavelmente representa alguma combinação de **l** e **n**. Talvez **villë** represente o **wilnë** mais antigo com a desinência normal de pretérito (note que neste caso, o **v** vem do **w** antigo: raiz *WIL*), o grupo **ln** se tornando **ll** em quenya. Entretanto, outros exemplos sugerem que o **ln** mais antigo produziria, ao invés disso, o **ld** do quenya. Pode bem ser que **villë** tenda a representar o **wilnë** mais antigo, isto é, uma variante infixada nasal do verbo **vil-** (uma vez que **nl** também se tornou **ll** em quenya; por exemplo, o substantivo **nellë** “riacho” é dito vir do *nen-le* mais antigo: Etym, entrada *NEN*). Seja qual for o desenvolvimento que Tolkien possa ter imaginado, verbos primários com **l** como sua consoante final parecem formar seu pretérito ao se adicionar **-lë**.

NOTA: em *telerin*, o idioma irmão do quenya no Reino Abençoado, um verbo formado a partir de uma raiz *DEL* (“ir”) é dito possuir o pretérito *delle*: WJ: 364. Como apontado por Ales Bican, esta forma provavelmente descende do *denle* mais antigo (com infixação nasal). Se ela descende de *delne*, ela provavelmente teria permanecido a mesma no *telerin*, visto que o encontro *ln* é permitido neste idioma (cf. uma palavra *telerin* como *elni* “estrelas”, WJ: 362). Esta observação sustenta a visão de que pretéritos com infixação nasal já ocorriam em élfico primitivo.

O sistema mencionado acima é o que eu consideraria o modo “regular” de formar o pretérito de um verbo em quenya. Isto é, enquanto um verbo se adequar a este sistema, eu não listarei explicitamente seu pretérito quando eu o mencionar pela primeira vez. Todos os pretéritos nos exercícios abaixo são construídos de acordo com este sistema, de modo que a sua tarefa desta vez é assimilar as regras acima. Algumas formas irregulares serão tratadas em lições posteriores mas, ainda assim, analisaremos aqui certas formações de pretérito “alternativas” (compará-las com formas mais regulares pode realmente ser útil para memorizar o sistema normal – mas não se espera que o estudante memorize esta análise como tal). Logo, aproveite o que você puder do que for tratado abaixo, e passe para os exercícios quando achar que já absorveu o suficiente.

O pretérito de verbos primários com **-r** como sua consoante final é relativamente bem confirmado: exemplos confirmados incluem **car-** “fazer”, pret. **carnë** (Etym, entrada *KAR*), **tir-** “observar, vigiar, guardar”, pret. **tirnë** (Etym, entrada *TIR*) e **tur-** “governar”, pret. **turnë** (Etym, entrada *TUR*). Assim, acima enunciamos a regra na qual verbos deste formato possuem formas de pretérito que são construídas ao se adicionar o sufixo **-në**. Mas uns poucos verbos comportam-se muito diferentemente. O pretérito do verbo **rer-** “semear” não é ****rernë** como poderíamos supor, mas **rendë**: ver Etym, entrada *RED*. A razão para isto é precisamente o fato de que a palavra raiz original era *RED* ao invés de ****RER**. Desse modo o verbo **rer-** apareceu como **red-** em um estágio primitivo, e portanto o pretérito **rendë** é na verdade bastante “regular”: ele é formado simplesmente a partir de **red-** por meio de infixação nasal + a desinência **-ë** (assim como um verbo regular tal como **quet-** “dizer” possui o pret. **quentë**). O que complica um pouco esta questão é que, em quenya, o **d** original sobreviveu apenas como parte dos encontros **ld**, **nd**, e **rd**; em todas as outras posições ele foi modificado, e após um vogal ele geralmente se tornou **r**. Dessa forma **red-** transformou-se em **rer-**, enquanto o pretérito **rendë** permaneceu incólume pelas mudanças

fonológicas. Nesta perspectiva, o verbo não é, estritamente falando, de nenhum modo “irregular”; ele apenas se comporta diferentemente porque ele possui uma história especial – e isto se aplica a muitas das “irregularidades” em quenya: como observado pelo seu filho, as criações lingüísticas de Tolkien “idealizavam o idioma não como uma ‘estrutura pura’, sem ‘antes’ ou ‘depois’, mas como um crescimento, no tempo certo” (LR: 342). Tolkien claramente gostava de deixar em várias recomendações este longo “crescimento” imaginário.

Não conhecemos muitos verbos em **-r** que devam ter pretéritos em **-ndë** por causa de sua história especial. Do *Etymologies* devemos presumidamente incluir os verbos **hyar-** “fender, partir” e **ser-** “descansar” (uma vez que estes vêm das raízes *SYAD* e *SED*; ver as entradas relevantes no Etym – mas Tolkien na verdade não mencionou as formas de pretérito **hyandë** e **sendë**). Em uma fonte pós-SdA temos um verbo **nir-** “pressionar, empurrar, forçar”; mais uma vez nenhuma forma de pretérito foi publicada, mas já que o radical é dado como *NID*, ela deve ser, ao que tudo indica, **nindë** ao invés de **nirnë** (VT41: 17). Mais exemplos confirmados podem ser citados a partir de material de “qenya” primitivo, mas estes escritos não possuem autoridade no que diz respeito ao estilo de quenya do SdA. Por exemplo, o Kenya Lexicon de 1915 parece incluir o verbo **nyar-** “contar, relatar” nesta categoria (pretérito **nyandë**, QL: 68). Mas em material tardio, Tolkien derivou este verbo de uma raiz *NAR* (entrada *NAR*² no Etym) ao invés de *NAD*, de modo que agora que seu pretérito seria aparentemente regular (**nyarnë**).

Alguns verbos primários aparecem usando uma formação de pretérito que dispensa quaisquer sons nasais. O verbo recebe a desinência **-ë**, a vogal usada por todas as formas de pretérito, mas ao invés de adicionar um som nasal (infixado ou como parte da desinência **-në**), a vogal raiz do verbo é *alongada*. Por exemplo, o pretérito do verbo **lav-** “lamber” é tido como **lávë** (visto no *Namárië* como parte do verbo **undulávë** “mergulhado, engolido”, isto é, “coberto”). Da mesma forma, o pretérito do verbo de negação **um-** “não fazer” ou “não ser” diz-se ser **úmë** (Etym, entrada *UGU/UMU*; voltaremos a este verbo peculiar na Lição Nove). Esta formação de pretérito é bastante comum no Kenya Lexicon primitivo, e ela também acontece em fontes relativamente tardias (mas ainda pré-SdA). *Fíriel’s Song*, de aproximadamente 1936, concorda com o Lexicon de 1915 que o pretérito do verbo **car-** “fazer” é **cárë** (QL: 45, LR: 72; a grafia usada nas fontes é **káre**). Contudo, de acordo com o *Etymologies* (entrada *KAR*), o pretérito é **carnë** – e esta é a forma que usaremos aqui: o *Etymologies* é, ao menos em parte, um pouco mais novo que a *Fíriel’s Song*. Seguindo o padrão de **cárë**, algumas fontes pré-SdA dão **túlë** como o pretérito do verbo **tul-** “vir, chegar” (LR: 47, SD: 246), mas **villë** como o pretérito de **vil-** no *Etymologies* sugere que o pretérito “veio, chegou” poderia ser, em vez disso, preferencialmente **tullë** (representando *tulne* ou *tunle* mais antigo).

Pode parecer que Tolkien eventualmente decidiu limitar o uso da formação de pretérito representada por **túlë** e **cárë**, embora ela jamais tenha sido abandonada completamente, como a forma **undulávë** no *Namárië* no SdA demonstra. Poderíamos realmente ter suposto que o pretérito de **lav-** “lamber” fosse ****lambë** ao invés de **lávë**. Uma forma de pretérito **lambë** seria construída por infixação nasal da palavra raiz original *LAB* (ela mesma registrada no Etym): em quenya, o **b** original geralmente torna-se **v** sucedendo a vogal, mas **b** prosseguiu inalterado no grupo **mb**. O Kenya Lexicon realmente registra **ambë** como o pretérito de um verbo **av-** “partir” (QL: 33); este pode ser um exemplo deste fenômeno. Entretanto, ****lambë** como pretérito de **lav-** entraria em conflito com o substantivo **lambë** “língua, idioma”; talvez este seja o porque Tolkien decidiu

manter a formação irregular **lávë**. Ou devemos generalizar a partir de **lav-** e deixar *todos* os verbos primários do quenya em -v formar seus pretéritos após o modelo de **lávë**?

Felizmente, estes verbos não são muito numerosos. Há um verbo distinto **lav-** significando “permitir, conceder” (raiz *DAB*, ver Etym), possivelmente um verbo **tuv-** “encontrar” (radical verbal isolado de uma forma mais longa), e mais **tyav-** como o verbo “experimentar, provar” (ver entrada *KYAB* no Etym). O pretérito “provou” deveria ser **tyambë** ou **tyávë**? A última forma de pretérito é na verdade atestada no *Kenya Lexicon* (pág. 49), mas uma vez que no QL é visto o uso desta formação em demasia comparada ao quenya tardio, não podemos estar certos de que a informação é válida para os estágios posteriores da concepção de Tolkien. (**Tyávë** é atestada em uma fonte pós-SdA como um *substantivo* “gosto”; se isto vai contra a mesma forma, sendo usada como um pretérito “provou”, não é claro. No *Lexicon* de 1915, Tolkien colocou substantivos e tempos verbais de sonoridade similar coexistindo; ver QL: 49, entrada *KUMU*.)

Existem alguns casos curiosos, onde mesmo longos verbos derivados (radicais A) *perdem suas desinências* e possuem pretéritos no estilo do **lávë** derivados diretamente da raiz sem desinência. Um exemplo primitivo é o verbo **serta-** “amarrar”, pretérito **sérë** (QL: 83) ao invés de ****sertanë** como poderíamos supor. Estas formações estão longe de serem incomuns no *Lexicon* de 1915, mas a idéia também não era completamente obsoleta no quenya posterior: o *Etymologies* da metade dos anos trinta registra que o verbo **onta-** “gerar, criar” possui dois pretéritos possíveis: além da forma regular **ontanë**, também temos a forma irregular **ónë** (Etym, entrada *ONO*).

Os radicais A mais simples, aqueles que adicionam a desinência curta **-a** à raiz (e não desinências mais longas, como **-ta** ou **-ya**), também podem perder esta desinência em algumas formações de pretérito. Acima citamos a forma do QL **tyávë** como um pretérito atestado do verbo **tyav-** “provar, experimentar”, mas no *Lexicon* de 1915, o verbo “provar” é de fato dado como um radical A **tyava-**: ele não é um verbo primário **tyav-**, como ele se tornou em fontes tardias (QL: 49 vs. Etym, entrada *KYAB*). Dentro do último sistema, esperaríamos que um radical A **tyava-** tivesse o pretérito **tyavanë**, mas a validade de ambas as formas no estilo de quenya do SdA é altamente questionável. Mais frequentemente, os verbos radicais A mais simples possuem pretéritos que são “regulares” o suficiente – se você fingir que o **-a** final não existe! Acima citamos **oranë** como um exemplo do pretérito regular de um simples verbo radical A (**ora-** “impelir”), mas imediatamente após escrever **oranë**, Tolkien realmente adicionou **ornë** como uma alternativa parentética (VT41: 13). Certamente, **ornë** seria uma forma perfeitamente regular se ela fosse o pretérito de um verbo primário ****or-** (cf. por exemplo **tur-** “governar”, pret. **turnë**). Na verdade, **ora-** pode se comportar como um verbo primário no pretérito, descartando sua desinência e pulando para outra classe. O material mais primitivo possui exemplos do mesmo fenômeno: no QL, as formas de pretérito dos verbos **papa-** “tremar” e **pata-** “dar pancadas (secas e rápidas)” são dadas como **pampë**, **pantë** (pág. 72), e não ****papanë**, ****pAtanë** como iríamos supor de acordo com o sistema “regular”. As formas de pretérito infixadas nasalmente seriam perfeitamente “regular” se admitirmos que no pretérito os verbos radicais A simples **papa-** e **pata-** são disfarçados como verbos primários ****pap-** e ****pat-**. Assim, não podemos ter certeza se o pretérito do verbo **mapa-** “agarrar, segurar” deva ser **mapanë** ou **mampë**; escritores têm usado ambos. Uma vez que Tolkien parece indicar que o pretérito de **ora-** possa ser tanto **oranë** como **ornë**, talvez ambos sejam admissíveis.

NOTA: em QL: 59, Tolkien de fato relacionou o pretérito de **mapa-** como **nampë** (sic!). No cenário de 1915, havia duas raízes variantes, *MAPA* e *NAPA*, que compartilhavam o pretérito **nampë**. Ousáramos presumir que esta idéia ainda fosse válida décadas depois? O verbo **mapa-** é indicado no *Etymologies*, mas se Tolkien ainda tivesse imaginado seu pretérito tão irregular quanto **nampë**, me inclino a pensar que isto também teria sido mencionado claramente no Etym. Além do mais, no Etym não há sinal da raiz alternativa *NAPA*; encontramos apenas *MAP* (LR: 371) correspondendo a *MAPA* no QL. Mas por outro lado, a forma **nampë** é confirmada; logo, se você achar esta melhor do que as formas não confirmadas **mapanë** ou **mampë**, sintase livre para usá-la.

O verbo **lala-** “rir” é outro exemplo de um dos radicais A mais simples. Ele pode ter o pretérito **lalanë**, mas também é possível que ele se comporte como um verbo primário no pretérito. Mas se é assim, devemos levar em conta o fato de que **lala-** é para ser derivado do *g-lada-* mais antigo (PM: 359); este é um dos casos onde um **d** original sucedendo a vogal se tornou **l** ao invés de **r** (influenciado pelo **l** anteriormente na palavra). Então se **lala-** possui um pretérito “curto”, ele provavelmente não deve ser **lallë**, e sim **landë** – derivado de uma forma infixada nasalmente da palavra original *g-lada-*. Por outro lado, o parecido mas distinto verbo **lala-** “negar” encontrado no *Etymologies* (LR: 367) nunca incluiu um **d**, de modo que seu pretérito pode bem ser **lallë** (a menos que seja **lalanë**, e acho que me inclino àquela forma).

O *Etymologies* realmente fornece poucos exemplos de radicais A ainda mais complexos que também perdem suas desinências e na verdade transformam a si mesmos em verbos primários no pretérito. O verbo **farya-** “bastar, satisfazer” é dito possuir o pretérito **farnë** (Etym, entrada *PHAR*); aqui a desinência **-ya** inteira perde-se no pretérito, que é formado como se este fosse um verbo primário ****fer-**. Baseados em tal exemplo regular como o que citamos acima – ou seja, **ulya-** “derramar, verter”, pretérito **ulyanë** – iríamos supor que o pretérito de **ferya-** fosse ****feryanë**. Mas, na verdade, mesmo nosso exemplo “regular” **ulya-** também possui uma forma de pretérito alternativa **ullë** (Etym, entrada *ULU*), e este é um exemplo particularmente interessante, pois Tolkien indicou que os dois pretéritos, **ulyanë** e **ullë** não eram intercambiáveis. Eles possuem significados um tanto diferentes. Haverá uma discussão mais completa disto na Lição Dez; por ora, basta dizer que eu acho que a maioria dos verbos em **-ya** mantém esta desinência quando o sufixo de pretérito **-në** é adicionado. (Mas **ullë**, como um pretérito de **ulya-**, formado diretamente a partir de **ul-** ao invés da forma completa do verbo, parece confirmar que verbos primários em **-l** geralmente têm pretéritos em **-lë**. Exceto por **ullë**, temos apenas o exemplo **vil-** “voar”, pret. **villë** com o qual contar – então uma confirmação adicional deste padrão, se indireta, é muito bem-vinda!)

Enfim, trataremos de uma estranha formação de pretérito que pode ocorrer no caso de verbos em **-ta**. Talvez ela não deva ser vista como irregular, pois Tolkien na verdade descreveu tal pretérito como “regular...para um verbo **-ta** desta classe” (WJ: 366). Apesar de tudo, esta formação é menos do que clara. Ela já é exemplificada no material mais primitivo: o Lexicon de 1915 possui um verbo **lahta-** (QL: 50; o verbo não é claramente indicado), mas seu pretérito não é ****lahtanë** como poderíamos supor. Ao invés disso encontramos **lahantë**. Em outras palavras, o verbo **lahta-** é remanejado para **lahat-** (a vogal raiz sendo repetida entre a segunda e terceira consoante, desfazendo o encontro consonantal, enquanto o **-a** final é retirado), e o pretérito **lahantë** é então formado a partir deste **lahat-** por meios de inflexão nasal e um **-ë** adicionado, em si um processo familiar bastante regular dos verbos primários.

Um exemplo muito mais tardio pode ser encontrado no *Etymologies*, onde o verbo **orta-** “erguer, levantar” recebe uma forma de pretérito como **orontë** (Etym, entrada *ORO*), embora **orontë** não é apresentado lá claramente como uma forma do quenya: no Etym, de fato não é evidente a que idioma se pretendia que ela pertencesse. Contudo, em alguns dos rascunhos mais antigos de Tolkien para o *Namárië*, o pretérito de **orta-** aparecia como **orontë**, e não o **ortanë** “regular” como se tornou na versão final. Então, o que acontece aqui?

Nossa única pista real é o que Tolkien escreveu no WJ: 366, onde ele, de forma um tanto surpreendente, afirmou que a forma **oantë** – o pretérito de **auta-** “ir embora, partir” – era bastante regular “para um verbo *-ta* desta classe”. De acordo com o sistema “regular” que tentamos compreender, **oantë** ao invés de ****autanë** parece inevitavelmente muito irregular. Tolkien derivou o verbo **auta-** de uma raiz *AWA* (WJ: 365), de modo que sua forma no idioma primitivo deve provavelmente ser *awatâ* (minha reconstrução). Na medida em que o élfico primitivo evoluiu para o quenya como o conhecemos, a segunda de duas vogais curtas idênticas em sílabas concomitantes foi perdendo-se com frequência; assim, *awatâ* teria sido encurtada para *aw'tâ* = *autâ*, e esta, por sua vez, é a ancestral direta do quenya **auta-**. Mas parece que o antigo pretérito de um verbo como *awatâ*, com uma vogal imediatamente anterior à desinência *-tâ*, era formado por inflexão nasal: Tolkien claramente deu o pretérito de um verbo primitivo como *awantê* (WJ: 366; a grafia lá usada é na verdade *áwa-n-tê*, os hífens antes e depois do *n* aparentemente enfatizando que este é um infixo – enquanto que o acento no *á* inicial aqui significa apenas que ele é enfatizado, e não que a vogal é longa).

No caso de uma palavra como *awantê*, a regra na qual a segunda de duas vogais curtas idênticas é perdida não pode ser aplicada (não sendo ****aw'ntê**), pois tal perda não ocorre imediatamente a frente de um encontro consonantal – e a inflexão nasal aqui produziu um encontro *nt*. A forma quenya “definitiva” de *awantê*, ou seja, **oantë**, é um tanto obscurecida, pois o grupo *awa* posteriormente se tornou **oa** em quenya – mas esta mudança não tem nenhuma relação com a formação do pretérito. Agora podemos explicar uma forma como **orontë** como o pretérito de **orta-**: no *Etymologies*, a raiz original é dada como *ORO* (LR: 379), então Tolkien provavelmente pretendia que o verbo **orta-** descendesse do *orotâ-* mais antigo após a perda normal da segunda vogal. Mas o pretérito deste *orotâ-* era a forma infixada nasalmente *orontê* (ambas são reconstruções minhas), e isto produziu o quenya **orontë**, a segunda vogal aqui sendo preservada por causa do encontro seguinte **nt** (ninguém quer dizer ****orntë**!)

Quando Tolkien aparentemente mudou de opinião e alterou o pretérito de **orta-** de **orontë** para **ortanë** (uma forma “regular” de acordo com o sistema que apresentamos), pareceu sugerir que ele agora havia decidido que as formas primitivas seriam então *ortâ-*, com o pretérito *orta-nê*: no final das contas, nunca houve qualquer vogal imediatamente a frente da desinência *-tâ* e, portanto, o pretérito não era formado por inflexão nasal, mas pela desinência independente *-nê* (> quenya **-në**). Este não é o único exemplo de Tolkien aparentemente mudando de opinião sobre que verbos realmente pertencem a esta “classe” exclusiva. O *Etymologies* registra um verbo **atalta-** “desmoronar, ruir” (entrada *TALÁT*); nenhum pretérito é mencionado aqui, mas em um texto temos **atalantë** (LR: 56, traduzido “caído(a)”). Isto parece pressupor que as formas primitivas eram *atalatâ-*, com o pretérito *atalantê* (minhas reconstruções, mas cf. WJ: 319 com respeito a *ATALAT* como uma forma derivada da raiz *TALAT*). Ainda assim, nos textos tardios de Tolkien o pretérito de **atalta-** se tornou **ataltanë** (LR: 47 e SD: 247), simplesmente formado pela adição da desinência

normal **-në**. Logo, agora Tolkien presumidamente veio a antever as formas primitivas como *atalta-*, pretérito *atalta-në* (minhas reconstruções).

Se as aparentes revisões **orontë** > **ortanë** e **atalantë** > **ataltanë** não refletem mudanças em suas idéias sobre formas do élfico primitivo, pode ser que ele tenha imaginado um desenvolvimento segundo o qual os Eldar substituíram as formações de pretérito mais complexas pelas formas análogas mais simples. Por exemplo, **orontë**, como pretérito de **orta-**, poderia ter sido substituído por **ortanë** por causa da analogia com tais formações claras de pretérito como **hehta-**, pret. **hehtanë** (WJ: 365). No *Etymologies*, a forma **orontë** é de fato marcada com um símbolo que indica que ela é “poética ou arcaica” (cf. LR: 347); isto é para sugerir que ela foi simplesmente substituída pela forma “não-arcaica” **ortanë**? Considerando especialmente como Tolkien posteriormente veio a antever a história do quenya – que era usado como um idioma cerimonial na Terra-média, mas já não era a língua materna de ninguém – poderíamos supor muito plausivamente que sua gramática foi um tanto simplificada, as formações mais complexas sendo suprimidas e substituídas por outras análogas mais simples. De fato, **oantë** ao invés de ***autanë** como o pretérito de **auta-** “partir, deixar” é o único verbo no qual eu posso pensar onde “devemos” usar esta formação de pretérito especial, a menos que aceitemos alguns dos materiais mais primitivos de “quenya” sem restrições (e eu tenho muitas).

Com isto concluímos nossa análise de vários modos estranhos ou irregulares de se formar o pretérito; como eu disse acima, os exercícios abaixo visam, porém, refletir o sistema *regular*.

Lembre-se que assim como os verbos no presente, uma forma de pretérito recebe a desinência **-r** se possui um sujeito no plural (ou múltiplos sujeitos). Por exemplo, o pretérito mais simples do verbo **lanta-** “cair” é **lantanë**, mas com um sujeito no plural ele se torna **lantaner** (SD: 246). Naturalmente, o trema sobre o **-ë** final desaparece, uma vez que a vogal não é mais final quando a desinência de plural **-r** é adicionada a ela.

Sumário da Lição Seis: à medida que várias formações irregulares ocorrem, parece que o pretérito dos verbos do quenya é geralmente formado de acordo com estas regras: verbos radicais A simplesmente recebem a desinência **-në**. Os verbos “primários” ou sem desinência também podem receber esta desinência se a última consoante destes for **-r** ou **-m**, e também provavelmente **-n** (sem exemplos). Se adicionada a um verbo primário em **-l**, a desinência **-në** torna-se **-lë** (resultando em um **l** duplo **ll**; ex: **villë** como pretérito de **vil-** “voar”). Verbos primários terminando em uma das consoantes **p**, **t** ou **c** possuem pretéritos construídos adicionando-se a desinência **-ë** combinada com *infixação nasal* introduzida antes da última consoante do radical verbal; o infixado manifesta-se como **m** antes de **p** (assim, **tompë** como o pretérito de **top-** “cobrir”), e de outro modo como **n** (assim, **mantë** como o pretérito de **mat-** “comer”).

VOCABULÁRIO

lempë “cinco”

elen “estrela”

harma “tesouro”

sil- verbo “brilhar” (com luz branca ou prateada, como o luar ou o brilho das estrelas)

hir- verbo “encontrar”

cap- verbo “pular”

tec- verbo “escrever”

quet- verbo “falar, dizer”

mel- verbo “amar” (como amigo; nenhuma palavra em quenya se referindo a amor erótico entre os sexos foi publicada)

cen- verbo “ver” (relacionado com **cenda-** “ler”, cuja palavra é derivada de uma forma fortalecida do mesmo radical e significando, basicamente, olhar atentamente).

orta- verbo “erguer”, também usado = “levantar, alçar”.

harya- verbo “possuir; ter” (relacionado ao substantivo **harma** “tesouro”, basicamente se referindo a uma “posse”)

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português (e pratique seu vocabulário ao mesmo tempo; a maioria das palavras empregadas nos exercícios *A-H* foram apresentadas em lições anteriores):

A. I nér cendanë i parma.

B. I Naucor manter.

C. I aran tultanë i tári.

D. Nís lindanë.

E. I vendi tirner i Elda.

F. I lempë roccor caitaner nu i alta tasar.

G. I eleni siller.

H. I Nauco cennë rocco.

2. Traduza para o quenya:

I. Um anão encontrou o tesouro.

J. O elfo falou.

K. O cavalo pulou.

L. O rei amava os elfos.

M. Um homem escreveu cinco livros.

N. A rainha se levantou.

O. Os reis possuíam grandes tesouros.

P. O rei e a rainha mandaram vir quatro elfos e cinco anões.

LIÇÃO SETE

Futuro e Aoristo

O TEMPO FUTURO

Nesta lição introduziremos dois novos tempos do verbo, o *futuro* e o *aoristo*. teremos que usar vários parágrafos para tentar definir a função do último, mas a função do futuro é fácil o suficiente para se captar: este tempo é usado com referência à ações *futuras*.

O português (ao contrário do inglês) possui formas distintas de futuro. Tolkien evitou as características assimétricas existentes no inglês (com o futuro formado por verbos auxiliares como “shall” ou “will”). Idiomas como quenya e sindarin possuem verdadeiras formas de futuro do verbo. Por exemplo, o futuro do verbo **hir-** “encontrar” aparece próximo do final *Namárië*, na frase **nai elyë hiruva**, “talvez tu mesmo hajas de *encontrá-la*”. O exemplo **hiruva** “hajas de encontrar” inclui o que parece ser o indicador de futuro – possivelmente universal – normal do quenya: a desinência **-uva**. Este modelo é confirmado pelo poema *Markirya*, que inclui os exemplos **cenuva** “considerará”, **tiruva** “observará” e **hlaruva** “escutará” (verbos **cen-** “ver, contemplar, considerar”, **tir-** “observar, guardar”, **hlar-** “escutar”). No LR: 63, Tolkien traduz o verbo **queluva** como “faltar”, mas este é apenas um exemplo do “presente” ou não-pretérito do inglês abrangendo também o futuro. O contexto claramente indica que a ação verbal em questão pertence ao futuro: **Man tárë antáva nin Ilúvatar, Ilúvatar, enyárë tar i tyel irë Anarinya keluva?** “O que me dará Ilúvatar, ó Ilúvatar, naquele dia além do fim, quando meu Sol me *faltar*?”

Os exemplos registrados até agora exemplificam apenas o futuro de verbos “primários” ou sem desinência. Parece que a desinência **-uva** também é usada no caso dos verbos radicais A mais numerosos que, entretanto, *perdem seu -a final* antes que a desinência de futuro seja adicionada (com uma exceção; ver nota abaixo). Em uma fonte pós-SdA, o futuro do verbo **linda-** “cantar” aparece como **linduva**. Além disso, o que deve ser o futuro de um verbo radical A **ora-** “impelir” é aparentemente dado como **oruva** em outra fonte pós-SdA (VT41: 13, 18; Tolkien na verdade escreveu **oruv**, mas o editor apontou que “o ponto pode ser um *a* incompleto não intencional”: nenhuma palavra em quenya pode terminar em *-v*.)

NOTA: repare, porém, que um **-a** final não é retirado antes da desinência **-uva** quando este **-a** também é a *única* vogal do radical verbal. Assim, a forma de futuro dos verbos de ligação derivados do radical *NÁ* “ser, estar” (cf. **ná** “é, está”) não é ****nuva**, mas **nauva**: esta palavra para “será” é atestada em VT42: 34.

Pode ser que Tolkien a um certo ponto imaginou um sistema um tanto mais complicado com respeito aos radicais A. Acima citamos uma linha do texto pré-SdA geralmente conhecido como *Fíriel’s Song*, incluindo **antáva** como o futuro de **anta-** “dar” (LR: 63, 72). Aqui Tolkien parece estar usando um sistema segundo o qual verbos radicais A formam seu futuro pelo *alongamento* do **-a** final para **-á** e ao se *adicionar* a desinência **-va** (variante mais curta de **-uva**?) Entretanto, devido aos exemplos tardios **linduva** e **oruva** (ao invés de ****lindáva** e ****oráva**), podemos concluir que Tolkien eventualmente decidiu fazer de **-uva** o indicador de futuro mais ou menos universal: esta desinência simplesmente ocasiona a retirada do **-a** final de radicais A. Meu melhor palpite é que, no estilo de quenya do SdA, o futuro de **anta-** deva ser **antuva** ao invés de **antáva**, uma vez que Tolkien parece ter simplificado o sistema.

Contudo, também há uma *possível* complicação no estilo de quenya do SdA, com respeito aos verbos primários. No *Namárië* no SdA ocorre a forma de futuro **enquantuva**, “reencherá”. Removendo o prefixo **en-** “re-”, temos **quantuva** para “encherá”. Esta costumava ser tomado como o futuro do **quanta-** “encher”, relacionado ao adjetivo **quanta** “cheio”. A lista de palavras em “qenya” mais antiga de Tolkien e fato relaciona tal verbo (QL: 78, lá escrito **quanta-**). De qualquer forma, cerca de cinco anos após a publicação do SdA, Tolkien, no ensaio *Quendi and Eldar* aparentemente citou o verbo em quenya “encher” como **quat-** (WJ: 392). Este parece ser um verbo primário, o pretérito sendo presumidamente **quantë** (o pret. “qante” é realmente dado em QL: 78, mas lá ele está apenas representado como um encurtamento admissível da forma completa “qantane”; o pretérito regular do verbo **quanta-** também seria **quantanë** em quenya tardio). Se Tolkien decidiu que o verbo “encher” em quenya seja na verdade **quat-**, e seu futuro seja **quantuva** como o *Namárië* parece indicar, devemos concluir que os mesmos verbos que formam seus pretéritos em inflexão nasal + a desinência **-ë** formam de maneira similar seus *futuros* com inflexão nasal + a desinência **-uva**? Por exemplo, o futuro de verbos como **mat-** “comer”, **top-** “cobrir” e **tac-** “atar” deve ser **mantuva** “comerá”, **tompuva** “cobrirá”, **tancuva** “atará”? (Compare a inflexão nasal nas formas de pretérito: **mantë**, **tompë** e **tancë**.) Ou devemos apenas acrescentar a desinência **-uva** ao radical verbal sem quaisquer manipulações adicionais, tendo assim **matuva**, **topuva** e **tacuva**? Os princípios gerais talvez sugeririam a última opção, mas então permanece o curioso exemplo de **quantuva** em relação a **quat-**. Se não fosse para haver inflexão nasal nas formas de futuro, teríamos que aceitar que o verbo “encher” pode ser tanto **quanta-** como **quat-**, com os futuros separados **quantuva** e **quatuva**.

Tenho usado formas de futuro com inflexão nasal em certas composições minhas (e assim também fazem algumas pessoas que depositam mais confiança na minha suposta “opinião de especialista” do que possivelmente deveriam). Mas pode bem ser que, aludindo à forma **quat-** em WJ: 392, realmente pretendesse que esta fosse simplesmente o modo da raiz básica *KWATA* se manifestar em quenya. A expressão exata na fonte envolve a referência “ao radical verbal **KWATA*, Q *quat-* ‘encher’.” Se **quat-** é meramente o modo pelo qual o radical antigo *KWATA* aparece em quenya, o verbo “encher” de fato pode ainda ser **quanta-** com o futuro **quantuva**. (Compare, por exemplo, a entrada *PAT* no *Etymologies*, esta raiz *PAT* produzindo o verbo em quenya **panta-** “abrir”. Há também um adjetivo **panta** “aberto”, exatamente paralelo ao **quanta** “cheio” em relação ao verbo **quanta-** “encher”; talvez o verbo seja derivado do adjetivo em ambos os casos.)

Alternativamente, **quat-** é realmente o verbo “encher” e não apenas uma forma raiz básica, mas o futuro **quantuva** ainda pressupõe um radical A mais longo **quanta-**. Talvez Tolkien tenha apenas simplesmente *esquecido* que ele já havia publicado uma forma do verbo radical A **quanta-** “encher”, de modo que ele não estava mais livre para mudá-la para um verbo primário **quat-**. (Ver PM: 367-371 para um exemplo de Tolkien desenvolvendo algumas elaboradas explicações lingüísticas que ele teve que abandonar porque descobriu que elas conflitavam com algo que ele já havia publicado no SdA – uma nota de rodapé fatal em um Apêndice o forçando a rejeitar suas belas novas idéias!)

Assim, o material agora disponível não permite qualquer conclusão exata sobre este assunto. Escritores podem igualmente de maneira plausível deixar os verbos que mostram inflexão nasal no pretérito também fazê-lo no futuro (argumentando a partir do par **quat-/quantuva** que é assim que o idioma funciona) ou escolher explicar **quat-** diferentemente e formar o futuro de *qualquer* verbo primário simplesmente adicionando a desinência **-uva**

(como em **hir-/hiruva**). Como usuários do quenya, provavelmente bem podemos nos permitir viver com dialetos levemente diferentes no que diz respeito a este detalhe, até que futuras publicações nos permitam (esperamos) escolher a explicação correta.

Deve-se presumir que o futuro, como todos os outros tempos, recebe a desinência **-r** onde ele ocorrer com um sujeito o plural (ex: **elen siluva** “uma estrela brilhará”, mas com o plural **eleni siluvar** “estrelas brilharão”).

O AORISTO

Agora tratamos de todos os três tempos correspondendo à trindade básica de pretérito, presente e futuro. Ainda assim, o verbo do quenya também possui outros tempos. Um deles é chamado *aoristo*. O uso deste termo com referência à gramática do quenya foi por muito tempo contestado por alguns, mas um texto de Tolkien, que finalmente se tornou disponível em julho de 2000, demonstra que ele havia de fato inventado um tempo de quenya que chamou de aoristo (VT41: 17).

Enquanto que mesmo pessoas sem treinamento lingüístico facilmente compreendem para “que” servem o pretérito, presente e futuro, da mesma forma é dificilmente entendida que função o aoristo possui. (Alguns lingüistas diriam que o aoristo não é, de modo algum, um “tempo” em si, de acordo com certas definições deste termo; entretanto, Tolkien usou a expressão “tempo aoristo” em VT41: 17. Não trataremos desta questão aqui, completamente acadêmica como ela é.) Então o que, realmente, é um aoristo?

Começando com a palavra em si, ela vem do grego e significa literalmente algo como “ilimitado” ou “indeterminado”. A palavra foi originalmente cunhada para descrever uma certa forma grega do verbo. Em grego esta forma contrasta com o pretérito “imperfeito”, que é usada como uma ação passada que *estava sendo feita* sobre um período de tempo (não apenas uma ação momentânea). O aoristo, por outro lado, não possui tais implicações com respeito à “duração” da ação. Ele apenas indica um período, ação passada, com distinções adicionais. Quando comparado com o imperfeito, o aoristo grego pode ser usado por uma ação momentânea ou claramente terminada (não corrente). Outro uso do aoristo grego não está especificamente associado com o passado: o aoristo podia ser usado para expressar *verdades universais* que não são limitadas por qualquer tempo específico, como “carneiro *come* grama”.

Mas este era o aoristo grego; o aoristo do quenya não é usado bem do mesmo modo. Ainda assim suas funções coincidem em alguns aspectos, que deve ser a razão pela qual Tolkien decidiu empregar este termo da gramática grega em primeiro lugar. Tentaremos determinar a *função* do aoristo em quenya antes de discutirmos como ele é realmente formado. Por ora, apenas aceite a minha palavra de que os verbos nos exemplos que cito são aoristos.

O aoristo do quenya, como o grego, pode ser usado para expressar “verdades universais”. Nosso melhor exemplo é uma frase que ocorre em WJ: 391, onde os elfos são descritos como **i carir quettar ómainen**, “aqueles que *fazem* palavras com vozes”. O verbo aoristo **carir** “fazem” aqui indica um hábito universal dos elfos, cobrindo passado, presente e futuro, pois os elfos estiveram criando palavras no decorrer de sua história. A frase **polin quetë** “*eu posso* falar” (VT41: 6) inclui outro verbo aoristo, e novamente uma “verdade universal” é apresentada, embora neste caso ela se relacione apenas ao falante: o significado é, claro, “eu posso (sempre) falar”, mostrando uma habilidade *universal*, e não apenas algo que se aplica somente ao tempo atual (como se o falante estivesse mudo ontem

e possa vir a ficar mudo de novo amanhã). Logo, uma importante função do aoristo do quenya é que ele é usado, ou melhor, *pode* ser usado, para ações verbais que transcendem o aqui e agora – descrevendo particularmente alguma verdade “eterna” ou situação “universal”. No *Namárië* do SdA, Galadriel descreve sombrio estado da Terra-média usando um verbo aoristo: **sindanóriello caita mornië** “de uma terra cinzenta a escuridão se *deita*” (não o presente **caitëa** = “está deitando”, como se este fosse meramente um fenômeno estritamente presente, a passar logo). As primeiras palavras do *Namárië* também incluem um aoristo: **laurië lantar lassi**, “como ouro *caem* as folhas” – mas isto não é apenas uma descrição aqui-e-agora de folhas que *estão caindo* (que presumivelmente seria **lantëar**, no presente): as linhas seguintes indicam que Galadriel descreve a situação geral na Terra-média, a constante decadência outonal como ela tem observado durante **yëni únótimë**, “longos anos inumeráveis”. Logo, nosso exemplo “carneiro *come* grama” é provavelmente melhor vertido para o quenya usando um verbo aoristo: **mámar matir salquë** (singular “carneiro” = **máma**, “grama” = **salquë**). Como o exemplo **polin quetë** “eu posso falar” demonstra, o aoristo também pode ser usado para descrever as habilidades ou hábitos de um único indivíduo (**i máma matë salquë** = “o carneiro *come* grama”).

Parece, porém, que o aoristo do quenya não é usado apenas para descrever “verdades universais”. Em alguns casos, o próprio Tolkien parece hesitar na escolha entre o aoristo e o presente, o segundo descrevendo mais tipicamente uma corrente situação aqui-e-agora. Esta hesitação da parte de Tolkien sugere que estes tempos são de certa forma intercambiáveis. Temos um aoristo na frase **órenya quetë nin** “meu coração me *conta*” (VT41: 11), que é aparentemente sinônima com a expressão alternativa **órenya quëta nin** (VT41: 13) empregando uma forma de presente ao invés de um aoristo. Na famosa saudação **elen síla lúmenn’ omentielvo**, “uma estrela *brilha* [ou, melhor, *está brilhando*] sobre a hora do nosso encontro”, Tolkien finalmente decidiu usar uma forma de presente – mas em esboços mais primitivos, ele usou, ao invés disso, um aoristo **silë** (RS: 324). Esta saudação, tendo relevância apenas para “nosso encontro”, obviamente não pode descrever qualquer “verdade universal” transcendendo o tempo. Ainda assim é admissível usar uma forma aorista mesmo em tal contexto (embora Tolkien tenha decidido que era *melhor* usar o presente).

Deve ser notado que o aoristo do quenya é geralmente associado com o presente, e não com o passado como em grego. Como Jerry Caveney escreveu sobre Tolkien na lista Elfling (3 de agosto de 2000):

No que me parece típico de sua criatividade e ‘diversão’ na criação de idiomas, ele pegou a idéia do aspecto do aoristo, e disse, na verdade, ‘O que aconteceria se um idioma usasse o aoristo para comparar ações *presentes* universais (ilimitadas) com ações presentes contínuas ao invés de usá-lo para comparar ações universais passadas com presentes contínuas [como no grego clássico]?’ O resultado é o ‘aoristo presente de Tolkien. :) Ele assim criou um idioma que pode distinguir simplesmente ações presentes contínuas das universais, algo que o grego clássico não podia fazer com facilidade, e que o português e francês modernos, por exemplo, podem fazê-lo apenas com palavras extras (*eu ando*, *eu estou andando*; *je marche*, *je suis en train de marcher*). Desconfio que Tolkien se divertiu com a elegância desta distinção básica gramatical, da qual eu não estou ciente de que qualquer idioma ‘vivo’ possua.

Por outro lado, Carl F. Hostetter acredita que o aoristo do quenya é usado para descrever uma ação que é “pontual, habitual, ou de outra forma atemporal” (VT41: 15). Isto está provavelmente correto na maioria dos casos, descrevendo a função *típica* do aoristo. Mesmo assim alguns exemplos sugerem que pode ser melhor dizer que, enquanto o presente identifica claramente uma ação *corrente*, o aoristo do quenya simplesmente não é *distinguido* até onde se relaciona com duração. Ele não contrasta necessariamente com o tempo presente contínuo; um aoristo *como tal* não indica que uma ação verbal deva ser não-contínua ou “atemporal”. Sem dúvida, como Caveney diz, esta é uma forma “universal”, um “tempo presente” de múltiplas funções que simplesmente não esclarece a questão de que se ação indicada é contínua, habitual ou momentânea. Como Luká Novák observou na lista Elfling (1 agosto de 2000): “Parece que o aoristo é desse modo ‘aoristos’ [grego: ilimitado], que pode expressar quase tudo.”

Na exclamação **auta i lómë!** “a noite está passando” (*Silmarillion* cap. 20), a forma **auta** parece ser um aoristo (contrastando com o presente, que é provavelmente **autëa**) – apesar disso, Tolkien emprega a tradução “está passando” ao invés de “passa”. De modo que parece que o aoristo também pode ser usado para uma ação *corrente*; ele apenas não é distinguido como tal, gramaticamente falando. Se isto está certo, seria difícil reconhecer qualquer caso onde é claramente *errado* substituir o presente com um aoristo. Usar o aoristo é simplesmente um modo bastante neutro de falar sobre ações “presentes” – se tal ação é realmente corrente, habitual ou meramente uma expressão de “verdades universais”. (Assim, **mámar matir salquë** = “carneiros *comem* grama” também pode ser compreendido como “carneiros *estão comendo* grama”, embora este significado seja provavelmente melhor – mas dificilmente obrigatório – usar o presente: **mátar**.) Ao escolher entre o aoristo e o presente, a única regra obrigatória parece ser a de que o presente *não* deve ser usado com referência a ações inteiramente atemporais: o presente do quenya é sempre usado com respeito a algum tipo de ação *contínua*. (De fato alguns estudantes dispensariam o termo “presente” e fariam de preferência da forma “contínua”.) além dessa única restrição, parece que os escritores podem escolher bem livremente entre o aoristo e o presente.

Geralmente, entretanto, parece que o aoristo do quenya corresponde ao presente do indicativo do português. Assim, Tolkien frequentemente traduziu os aoristos do quenya; ex: **topë** “cobre” (LR: 394), **macë** “rachar, fender (com machado)” (VT39: 11), **tirin** “eu observo” (LR: 394). O *presente* do quenya, por outro lado, é com frequência melhor traduzido usando o gerúndio do português (está...-ndo): **tópa** “está cobrindo”, **máca** “está fendendo”, **tíran** “eu estou observando”. (a desinência -n nos exemplos **tirin/tíran**, assim como na forma **polin** “eu posso” citada acima, significa “eu”: este sufixo será discutido na próxima lição.) Na Lição Cinco salientamos que a forma de presente **quëta** indica “está dizendo” ao invés de apenas “diz”; de modo oposto, o aoristo **quetë** é geralmente “diz” ao invés de “está dizendo”. Se o aoristo em quenya é usado de certa forma como o presente do indicativo português, o aoristo pode ser usado para descrever ações que são percebidas como atemporais ou habituais. Por exemplo, um aoristo como **capë** “pula, salta” pode descrever uma ação que é momentânea (“ele pula”) ou habitual/característica (“qualquer sapo pula”).

Todavia, parece que também temos exemplos de Tolkien usando o presente/“contínuo” do quenya ao invés do aoristo onde o português ainda traduziria o verbo em questão como uma forma do presente do indicativo, não como uma construção “está ...-ndo”. Considere esta linha do *Namárië*: **hísië untúpa Calaciryo míri** “névoa *cobre* as jóias de Calacirya”. A forma de presente **untúpa** descreve uma ação contínua, mais

literalmente “está cobrindo”, mas aqui Tolkien escreveu, porém, “cobre”. Presumivelmente, de modo algum estaria errado usar um aoristo no lugar. Afinal, a névoa cobrindo as jóias de Calacirya é evidentemente percebida como um estado universal de coisas, e não meramente como um fenômeno meteorológico corrente que logo passará! (O aoristo ao que tudo indica seria **untupë** – talvez esta forma, enfatizada na primeira sílaba ao invés da penúltima, apenas não se encaixava a métrica do poema de Tolkien? De qualquer modo, o último elemento deste verbo **untup-** parece ser uma variante de **top-** no *Etymologies*, ambos os verbos significando “cobrir”).

Outro exemplo de presente onde poderíamos esperar ver um aoristo pode ser encontrado no Juramento de Cirion (CI: 340, 497), na frase **i hárar mahalmassen mi Númen** = “daqueles que se *assentam* sobre os tronos do Oeste”. Este se refere aos Valar, e eles estando entronados no Oeste deve ser considerada uma “verdade universal”, assim como é uma verdade universal que os elfos *fazem* (aoristo **carir**) palavras com vozes. Mesmo assim Tolkien usou o que parece ser um presente ao invés de um aoristo: **hára**, aqui o plural **hárar**, aparentemente sugerindo um verbo primário **har-** “sentar, assentar”. O aoristo plural seria provavelmente **harir**. Pode ser notado que, enquanto Tolkien traduziu **hárar** como “sentar” na corrente tradução em português no CI: 340, ele empregou a tradução mais literal “estão sentados” na sua discussão lingüística em CI: 498. Isto ainda parece demonstrar que em quenya, pode-se usar o presente assim como o aoristo para também descrever um estado universal de coisas. Afinal de contas, o estado milenar de estarem entronados dos Valar também é “contínuo”. Cf. também a frase **yonya inyë tye-méla**, “eu também, meu filho, te *amo*” (LR: 61), onde Tolkien usa um presente ao invés de um aoristo: literalmente **inyë tye-méla** parece significa “eu *estou* te *amando*”, mas a referência deve ser a um estado emocional um tanto “permanente”. Se qualquer pessoa, que não Tolkien, tivesse escrito isso, eu aconselharia firmemente o escritor a usar um aoristo (**melë**) ao invés de **méla** – na verdade, eu *ainda* penso que o aoristo ficaria melhor neste contexto, embora tenha sido Tolkien que escreveu isto! Mas este exemplo confirma que o presente também pode ser usado para descrever “verdades universais” ou situações mais ou menos permanente, embora este seja *mais tipicamente* o campo do aoristo.

Posso bem imaginar que, após esta discussão, o estudante desejará saber se há alguma finalidade em manter o aoristo e o presente como tempos distintos, uma vez que suas funções parecem se sobrepor neste ponto – a única regra concreta sendo aquela que, se algum tipo de ação presente não pode de maneira alguma ser vista como contínua, mas é inteiramente atemporal, deve-se usar o aoristo. Em quase todos os outros contextos, qualquer um dos tempos aparentemente servirá, e o uso do aoristo pode não implicar necessariamente que uma ação *tenha* que ser atemporal: por exemplo, ele também pode descrever uma “verdade universal”, ou de fato uma ação corrente (como em **auta** = “está passando”). O contexto deve ser levado em consideração.

Só posso dizer que não fui eu que criou este idioma (outro cara o fez...). Talvez futuras publicações joguem mais luz sobre quaisquer distinções sutis que Tolkien tivesse em mente. Mas nos exercícios que criei para este curso, usei consistentemente aoristos para o presente do indicativo do português, enquanto que uso o presente do quenya para a construção de gerúndio (está...-ndo) do português. Acredito que os escritores, ao transpor o uso do português para o quenya usando esta fórmula, o fariam bem (ou, pelo menos, não criariam erros evidentes!) na maior parte do tempo.

Esta é a *função* do aoristo; difícil, embora necessário reconhece-la. Agora devemos discutir como o aoristo em quenya é realmente *formado*.

Parece que em élfico primitivo as regras de como o aoristo era construído eram bastante simples: no caso de um verbo “derivado” ou radical A, o aoristo é simplesmente idêntico ao radical verbal em si (independente do fato de que o aoristo pode, é claro, receber tais desinências secundárias como o indicador de plural **-r**, onde tal for exigido). Nenhum indicador de tempo verbal tem que estar explicitamente presente. No que diz respeito ao radicais A, este sistema permanece em quenya. O aoristo de um verbo como **lanta-** “cair” é simplesmente **lanta** “caí” (ocorrendo no *Namárië*, lá com a desinência de plural **-r** para concordar com seu sujeito no plural “folhas”: **laurië lantar lassi**, “douradas *caem* [as] folhas”).

No caso dos verbos “primários” ou sem desinência como **mat-** “comer”, eles originalmente (em élfico primitivo) formavam seu aoristo ao se adicionar a desinência **-i**: “come” aparentemente costumava ser *mati*. É um tanto argumentável se a desinência **-i** é aqui estritamente um indicador de aoristo. Se for assim, poderíamos esperar vê-lo também na formação de aoristos radicais A. Talvez a regra para a formação do aoristo no élfico primitivo devesse ser expressa desse modo: *o aoristo é geralmente idêntico ao radical verbal, mas no caso de radicais verbais “primários” ou sem desinência, eles recebem a desinência -i como um tipo de substituto para compensar a ausência de qualquer outra desinência*. (Devo acrescentar que esta concepção “simplificada” não é completamente livre de problemas, mas ela funciona na maior parte do tempo.) Este sistema continua essencialmente no quenya, mas o desenvolvimento fonológico vindo desde o élfico primitivo acrescentou uma pequena complicação: quando final, o **-i** curto do élfico primitivo era em certo ponto mudado para **-ë**. (Por exemplo, o substantivo em quenya **rincë** “tremor, abalo, balanço” é dito vir do primitivo *rinki*: ver a entrada *RIK(H)* no *Etymologies*. Onde o *quenya* possui **-i** final, ele é geralmente encurtado a partir do **-i** longo no idioma primitivo.) Assim, a antiga forma *mati* “come” tornou-se **matë** em quenya. Mas visto que esta mudança só ocorria onde o **-i** era *final*, ainda vemos **mati-** se a forma aorista recebe qualquer desinência, tal como **-r** no caso de um sujeito no plural. Por conseguinte, **Nauco matë** “um anão *come*”, mas com um sujeito no plural, temos **Naucor matir** “anões *comem*”. A desinência “protege” o **-i** final de forma que ele não era mais final no fim das contas, e portanto não mudou para **-ë**.

NOTA 1: existem alguns exemplos do que parece ser formas aoristas onde a desinência **-ë** permanece na forma **-e-** *mesmo* se o aoristo recebe uma desinência. Por exemplo, o que deve ser o aoristo plural do verbo **ettul-** “aparecer” aparece como **ettuler** (ao invés da forma esperada **ettulir**) em SD: 290. Talvez Tolkien em certo estágio imaginou que a desinência primitiva **-i** tornava-se **-e** em *todas* as posições, mesmo onde ela não era final – como **ettulir** sendo alterado para **ettuler** em comparação com a forma sem desinência **ettulë**. Mas isto parece ter sido apenas uma “etapa” passageira na evolução de Tolkien do quenya: em nossa melhor fonte tardia, o ensaio *Quendi and Eldar* de aproximadamente 1960, o aoristo plural de **car-** “fazer” aparece como **carir**, e não ***carer** (WJ: 391). Assim, Tolkien restabeleceu o sistema que ele também havia usado um quarto de século antes, no *Etymologies*. – a forma **ettuler** é (aparentemente) traduzida “estão ao alcance” em SD: 290; uma tradução mais literal seria presumivelmente “estão aparecendo”. Isto confirmaria que pode ser admissível usar o aoristo também para ações correntes; este tempo simplesmente não é *distinguido* com relação a duração da ação, enquanto que o “presente” ou tempo “contínuo” claramente identifica uma ação como corrente. Em nossos exercícios, usaremos ainda assim o aoristo no modo mais “típico” (para indicar ações que são momentâneas ou habituais/atemporais).

NOTA 2: no caso de verbos primários, o aoristo e o presente diferem não somente no que diz respeito à desinência. No presente, a vogal raiz é alongada (**máta** “está comendo”), enquanto que no aoristo, ela permanece curta (**matë** “come”). Há ainda algumas poucas formas estranhas em nosso corpus que parecem aoristos por sua desinência, mas ainda mostram uma vogal raiz longa; ex: **tápë** “para, bloqueia” (Etym, entrada *TAP*). Esperaríamos **tapë**, com uma vogal curta (é tentador acreditar que o acento sobre o **a** seja apenas uma mancha de tinta no manuscrito de Tolkien...) – também pode ser notado que alguns verbos *derivados* (radicais A) incluem uma vogal longa “central”; ex.: **cúna-** “curvar, entortar”, **súya-** “respirar” ou **móta-** “trabalhar, labutar”. Usando o último verbo como um exemplo, seu aoristo ao que tudo indica seria **móta**, embora isso possa *parecer* como o presente de um verbo primário não-existente ****mot-**. (Devemos supor que o presente real de **móta** seja **mótëa**.)

Sumário da Lição Sete: em quenya, o futuro é formado com a desinência **-uva**. Quando adicionada a um radical A, o **-a** do radical é retirado antes desta desinência; por exemplo, o futuro do verbo **linda-** “cantar” é **linduva** (e não ****lindauva**). O quenya possui também um tempo chamado *aoristo*, que difere do presente por este último descrever explicitamente uma ação corrente. O aoristo nada diz sobre a duração da ação, e enquanto o uso de uma forma aorista não *impede* que a ação indicada seja corrente, parece que este tempo é mais tipicamente usado para descrever ações atemporais, habituais, características ou no geral eternas. Um exemplo de um aoristo é **quetë** = “fala”, em oposição ao presente **quetá** “está falando”. Pode ser que o aoristo do quenya bem corresponda ao presente do indicativo do português (“falas”), enquanto que o presente do quenya corresponde preferencialmente à construção de gerúndio (está...-ndo) do português (“está falando”). No caso de verbos radicais A, o aoristo é idêntico ao próprio radical verbal (independente de quaisquer desinências secundárias que o verbo aoristo possa receber). No caso de verbos primários, o aoristo é formado por meio da desinência **-i** que, contudo, muda para **-ë** se nenhuma desinência secundária (ex: **-r** para plural) seguir-se. Assim, o aoristo de **mat-** “comer” é **matë** “come” se não houver nenhuma desinência adicional acrescentada à palavra, mas de outra forma vemos **mati-** + desinência (ex: **matir** “comem” no caso de um sujeito no plural).

VOCABULÁRIO

enquë “seis”

ilya, substantivo/adjetivo “todo, tudo/cada” (“cada” antes de um substantivo no singular, ex: **ilya Elda** “cada elfo”, mas **ilya** ocorrendo por si só significa “todo”). Note que antes de um substantivo no plural, esta palavra também significa “todo” e é declinado para o plural como um adjetivo comum, se tornando assim **ilyë** para o **ilyai** mais antigo (cf. **ilyë tier** “todos os caminhos” no *Namárië* e **ilyë mahalmar** “todos os tronos” no *Juramento de Cirion*)

rimba, adjetivo “numeroso”, aqui usado para “muitos” (presumidamente se tornando **rimbë** quando usado em conjunção com substantivos no plural, se ele for declinado como qualquer outro adjetivo – assim, ex: **rimbë rávi** “muitos leões”)

Atan “homem” (não “macho senciente”, que é **nér**, mas homem mortal em oposição a elfo imortal, ou anão. Dentro dos mitos de Tolkien, esta palavra veio a ser usada especialmente para os amigos-dos-elfos de Beleriand e seus descendentes, aqueles chamados *edain* ou *dúnedain* em sindarin. Mas mesmo dentro dos mitos, a palavra era originalmente usada simplesmente para humanos como opostos a elfos, e assim o usamos aqui. Cf. as palavras de Ilúvatar no *Silmarillion*, capítulo 1: “Olhem a Terra, que será uma mansão para os quendi e os Atani [elfos e homens]!”)

ohhtar “guerreiro”

rá (ráv-) “leão”

Ambar “o mundo” (a palavra em quenya provavelmente não exige o artigo **i**; ela é escrita em maiúsculas e aparentemente é tratada como um nome próprio)

hrávë “carne”

macil “espada”

fir-, verbo “morrer, falecer” (cf. o adjetivo **firin** “morto”)

tur-, verbo “governar, controlar, empunhar”

or, preposição “sobre, acima”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português

A. Rimbë Naucor haryar harmar.

B. Anar ortuva ar i aiwi linduvar.

C. Enquë neri tiruvar i ando.

D. Ilya Atan firuva.

E. Ilyë Atani firir.

F. Saila nér cenda rimbë parmar.

G. Ilya elen silë or Ambar.

H. I Elda mapa i Nauco.

2. Traduza para o quenya:

I. Cada elfo e cada homem.

J. O elfo encontrará o anão.

K. O cavalo pula sobre o anão.

L. O rei controla muitos guerreiros e controlará (/governará) todo o mundo.

M. O rei e a rainha lerão o livro.

N. O guerreiro empunha a espada.

O. Todos os leões comem carne.

P. Seis leões estão comendo carne.

LIÇÃO OITO

Tempo perfeito.

Desinências pronominais -n(yë), -l(yë), -s.

O TEMPO PERFEITO

Tolkien certamente imaginou mais tempos para os verbos do quenya do que aqueles que aparecem em material publicado, mas apenas um destes tempos conhecidos permanece agora para ser discutido. O último tempo quenya conhecido é o *perfeito*. (Existem ainda outras *formas* do verbo que teremos que discutir mais tarde, tais como o infinitivo, o gerúndio e o imperativo, mas estes não contam como tempos.)

O português constrói o tempo perfeito (presente perfeito) com o acréscimo do verbo “ter” e/ou “estar” como, por exemplo, “tem estudado”, “está escrito”, “tem falado”, “está feito” (assim como o inglês, que acrescenta o verbo “have”). O tempo perfeito descreve uma ação que em si é passada, mas ao usar o tempo perfeito, se enfatiza que esta ação passada é ainda de alguma forma diretamente relevante para o momento presente. Em inglês, pelo menos, tais construções também podem ser usadas para descrever uma ação que começou no passado e ainda continua no momento presente: “The king *has ruled* (ou, *has been ruling*) for many years.” = “O rei *tem* reinado (ou *tem estado reinando*) por muitos anos*.”

O quenya, ao contrário do português (e do inglês), possui um tempo perfeito verdadeiro – uma forma unitária do verbo que expressa este significado, sem circunlocações e verbos extras. Vários exemplos deste tempo perfeito ocorrem no SdA. Dois deles são encontrados no capítulo *O Regente e o Rei* no volume 3. O primeiro exemplo é da *Declaração de Elendil*, repetida por Aragorn durante sua coroação. Ela segue, em parte: **Et Eärello Endoreнна utúlien** = “Do Grande Mar para a Terra-média *estou vindo* (vim) [ou: *tenho vindo*].” Removendo a desinência -n significando “eu”, descobrimos que o presente puro “tem/está vindo (veio)” é **utúlië** (de acordo com as convenções ortográficas aqui empregadas, devemos acrescentar um trema ao -e quando este se torna final). Mais adiante no mesmo capítulo, Aragorn encontra a muda da Árvore Branca, e exclama: **Yé! utúvienyes!** “Encontrei-a!” (A palavra **yé** não é traduzida; ela é aparentemente uma simples exclamação “Sim!” ou “Ah!”) **Utúvienyes** pode ser dividida como **utúvie-nye-s** “tenho encontrado-eu-a”. Somos deixados assim com **utúvië** como o tempo perfeito do verbo **tuv-** “encontrar”. (Este verbo não é atestado de outra forma, a menos que possa ser igualado com o verbo **tuvu-** “receber” encontrado em material muito

* Contudo, é mais comum no português omitir estes verbos “ter”, “estar”, pois o significado de uma determinada expressão fica subentendido no contexto da frase (assim, enquanto no inglês temos “the day has come”, em português isto é melhor traduzido como “o dia chegou”); porém, para evitar uma confusão um tanto grande, principalmente com o pretérito dos verbos, mantereí as formas com os verbos “ter” e “estar”, tendo assim a tradução mais literal dos termos; entretanto, colocarei entre parênteses (exceto quando a tradução literal for a mais adequada) a tradução mais usual no português, como acontece nas citações das versões das obras de Tolkien já traduzidas, como o SdA e o Contos Inacabados (ex: “Do Grande Mar para a Terra-média *estou vindo*”: na tradução brasileira, a expressão “estou vindo” tornou-se “vim”, encaixando-se assim perfeitamente no contexto da frase, e não deixando a mesma com uma eufonia um tanto quanto estranha). O estudante, é claro, também é livre para escolher a forma que melhor se adapte a sua preferência. [N. do T.]

primitivo [1917]; ver GL: 71. Se este **tuv-** difere de algum modo em significado de **hir-**, não podemos saber. Nos exercícios deste curso, eu sempre uso **hir-** para “encontrar”).

Um exemplo pós-SdA de um tempo perfeito de quenya é encontrado em VT39: 9, com Tolkien mencionando a forma **irícië** “tem torcido (torceu)” – evidentemente o tempo perfeito do verbo primário **ric-** “torcer” (não atestado de outra forma, mas o *Etymologies* registra a raiz primitiva *RIK(H)-* “sacudir, mover repentinamente”). Como indicado acima, a forma **utúvië** “tem encontrado (encontrou)” parece pressupor um verbo **tuv-** “encontrar”, e **utúlië** “está vindo (veio)” é o tempo perfeito do verbo **tul-** “vir, chegar” que é atestado no *Etymologies* (entrada *TUL-*). A partir destes exemplos está claro que o tempo perfeito é formado com a desinência **-ië**, mas o radical do verbo também é manipulado de outras formas. No caso de verbos primários ao menos, a vogal raiz é *alongada*: **utúvië**, **utúlië**, **irícië**.

O estudante aplicado lembrará que um alongamento ocorre no presente (temos **túva** “está encontrando”, **túla** “está chegando”, **rica** “está torcendo”), mas a formação do tempo perfeito difere não apenas no fato de que ele recebe a desinência **-ië** ao invés de **-a**. O perfeito, único de todos os tempos do quenya, também recebe um tipo de prefixo. Este prefixo é variável em forma, pois ele é sempre o *mesmo que a vogal raiz* (mas curto). Assim, os verbos **tuv-** “encontrar” e **tul-** “vir, chegar” tornam-se **utúvië** e **utúlië** no perfeito (sublinhei o prefixo), uma vez que a vogal raiz é **u**. Por outro lado, o verbo **ric-** “torcer”, com a vogal raiz **i**, torna **irícië** no tempo perfeito. Outros exemplos (construídos por mim, com a vogal raiz e o prefixo sublinhados):

Vogal raiz **A**: **mat-** “comer” vs. **amátië** “tem comido”

Vogal raiz **E**: **cen-** “ver” vs. **ecénië** “tem visto”

Vogal raiz **I**: **tir-** “observar” vs. **itúrië** “tem observado”

Vogal raiz **O**: **not-** “contar (numericamente)” vs. **onótië** “tem contado”

Vogal raiz **U**: **tur-** “governar” vs. **utúrië** “tem governado”

O prefixo visto no tempo perfeito é geralmente relacionado como o *aumento*. Também pode ser notado que o processo de “copiar” ou “repetir” uma parte de uma palavra, como a prefixação de vogais raízes vista aqui, é chamado por um tempo lingüístico de *duplicação*. Logo, para usar tantas palavras bonitas quanto possíveis, uma característica do tempo perfeito do quenya é que ele inclui uma vogal raiz *duplicada* que é *prefixada* como um *aumento*.

Até agora usamos apenas exemplos envolvendo verbos primários. A evidência é na verdade extremamente escassa no que diz respeito aos verbos derivados (radicais A). Princípios gerais sugerem que eles perdem o **-a** final antes que a desinência **-ië** seja adicionada. Por exemplo, o tempo perfeito de **lala-** “rir” ou **mapa-** “agarrar” é presumidamente **alálië** “tem rido (riu)”, **amápië** “tem agarrado (agarrou)”. (Onde tal verbo possui uma vogal raiz longa, ela pelo jeito continua longa no perfeito, onde ela teria sido alongada de qualquer modo. O aumento deve provavelmente ser aplicado a uma vogal curta; assim, um verbo como **móta-** “trabalhar” pode ter o tempo perfeito **omótië** “tem trabalhado”).

Contudo, muitos radicais A possuem um encontro consonantal sucedendo a raiz vogal; ex: **rn** sucedendo o primeiro A em um verbo como **harna-** “ferir”. Visto que o quenya não é fã de vogais longas imediatamente em frente a encontros consonantais, devemos supor que o alongamento das vogais raízes simplesmente não ocorre em verbos

dessa forma. De outro modo, o tempo perfeito seria formado de acordo com as regras normais: duplicando a vogal raiz como um aumento e substituir o -a final pela desinência -ië (logo, “tem ferido [feriu]” seria **aharnië**, e não ****ahárnië**). Podemos ter alguns exemplos atestados de perfeitos *sem aumento* nos quais se verifica que omitem o alongamento da vogal raiz onde há um encontro consonantal a sucedendo (ver abaixo).

Os numerosos radicais A que terminam em -ya podem ser um tanto especiais. Pegue um verbo como **hanya-** “entender”. De acordo com as regras dadas até agora, o perfeito “tem entendido (entendeu)” deveria ser ****ahanyië** (ou mesmo ****ahányië** com a vogal alongada, pois é um tanto incerto se o **ny** aqui conta como um encontro consonantal ou como uma consoante unitária – **n** palatalizado como o **ñ** espanhol). Contudo, tal forma é impossível, pois a combinação **yi** não ocorre em quenya.

Podemos ter um exemplo para nos guiar: no *Namárië*, ocorre um tempo perfeito **avánië** “tem passado (passou)” (na verdade, ele aparece no plural: **yéni avánier ve lintë yuldar lisse-miruvóreva** = “anos *têm passado* (*se passaram*) como goles rápidos do doce hidromel” – note que o perfeito, como outros tempos, recebe a desinência -r quando ele ocorre com um sujeito no plural. No ensaio *Quendi and Eldar* de cerca de 1960, Tolkien explicou **avánië** (ou **vánië** sem o aumento) como sendo o tempo perfeito do verbo altamente irregular **auta-** (WJ: 366). Mas um quarto de século antes, no *Etymologies*, ele havia registrado o verbo **vanya-** “ir, partir, desaparecer” (ver a entrada *WAN*). É bem possível que *quando ele de fato escreveu o Namárië* nos anos quarenta, ele ainda pensasse em (a)**vánië** como o tempo perfeito deste verbo **vanya-**, embora ele posteriormente fosse sugerir outra explicação (talvez ele quisesse eliminar o conflito entre o adjetivo **vanya** “belo”, apesar das palavras não serem difíceis de distinguir no contexto). Se é assim, Tolkien revelou como tratar os verbos em -ya: no tempo perfeito, a desinência -ya é retirada antes que o -ië seja adicionado, e o que sobra do verbo é tratado como se fosse um verbo primário. O tempo perfeito, portanto, mostra tanto o aumento como o alongamento da vogal raiz, algo dessa forma:

hanya- “entender”, perfeito **ahánië** “tem entendido (entendeu)”

hilya- “seguir”, perfeito **ihílië** “tem seguido”

telya- “terminar”, perfeito **etélië** “tem terminado (terminou)”

tulya- “conduzir”, perfeito **utúlië** “tem conduzido”

Claro que, a partir das formas de tempo perfeito, você não pode determinar com certeza como o radical verbal original se parece. Por exemplo, **ihílië** também poderia ser o perfeito de um verbo primário ****hil-** ou um radical A ****hila-**. Neste caso, não se conhece a existência de tal verbo, mas **utúlië** seria o perfeito não apenas de **tulya-** “conduzir”, mas também do verbo primário distinto **tul-** “vir, chegar”. Logo, pode-se depender aparentemente do contexto para se descobrir se o perfeito **utúlië** é formado a partir de **tulya-** (de forma que significa “tem conduzido”) ou a partir de **tul-** (significando assim “tem vindo [veio]”). O mesmo com o perfeito **ahárië**: esta forma significa “tem possuído (possuiu)” se for construída a partir de **harya**, mas “tem sentado, tem estado sentando” se for o perfeito de **har-** (aparentemente o verbo primário “sentar”; apenas o presente do plural **hárar** “estão sentados” é atestado: CI: 340, 497).

Verbos incluindo ditongos: em alguns casos pode ser um tanto difícil determinar o que é a vogal raiz. Onde um verbo contém um *ditongo* em -i ou -u, é provavelmente a *primeira*

vogal deste ditongo que funciona como um aumento no tempo perfeito. Por exemplo, o tempo perfeito de verbos como **taita-** “prolongar” ou **roita-** “perseguir” seria provavelmente **ataitië** e **oroitië**, e o tempo perfeito de **hauta-** “cessar, descansar” é aparentemente **ahautië**. (A vogal raiz dificilmente pode ser alongada quando é parte de um ditongo; logo, não esperaríamos ver ****atáitië**, ****oróitië**, ****aháutië**.) As raízes originais destes verbos são dadas no *Etymologies* como *TAY*, *ROY* e *KHAW* respectivamente; assim, as vogais raízes apropriadas destes verbos são vistas como *A*, *O* e *A* (mais uma vez respectivamente). O **-i** ou **-u** finais vistos nos ditongos do quenya surgem as consoantes originais **-y** e **-w**, de modo que elas não podem contar como vogais raízes.

Perfeitos não-aumentados: o material contém alguns exemplos de verbos no tempo perfeito que são construídos de acordo com as regras apresentadas, exceto que eles não possuem qualquer aumento prefixado. MR: 250 (reproduzindo uma fonte pós-SdA) menciona a forma **firië** “está desvanecido (desvaneceu)” ou, em uso mais atual, “está morto (morreu)”; o aumento está ausente, embora não haja razão para supor que a forma “completa” **ifirië** estivesse errada. (A tradução real de **firië** dado em MR: 350 é “ela desvanecera”, mas nenhum elemento significando “ela” pode ser identificado; ela é logicamente compreendida.) O verbo **avánier** “têm passado (passaram)” ocorrendo no *Namárië* era, na verdade, **vánier** sem aumento na primeira edição do SdA; Tolkien forneceu o aumento na segunda edição (1966). Antes disto, no ensaio *Quendi and Eldar* de cerca de 1960, ele explicou a variante não-aumentada como sendo simplesmente uma forma variante “aparecendo em verso” (WJ: 366). Adicionando uma sílaba, como Tolkien fez ao introduzir a forma completa **avánier** no poema em 1966, de fato não se encaixa muito bem na métrica do *Namárië* – mas ele evidentemente decidiu deixar precisão gramatical tomar prioridade.

Nos outros perfeitos que ocorrem no SdA (**utúlien**, **utúvienyes**), o aumento também estava presente na primeira edição de 1954-55. Porém parece que a idéia total do aumento de verbos no tempo perfeito apareceu relativamente mais tarde na evolução de Tolkien do quenya. Em fontes primitivas, o aumento está ausente. Por exemplo, a expressão “os Eldar têm vindo (vieram)” aparece como **i-Eldar tulier** no “qenya” mais primitivo de Tolkien (LT1: 114, 270). O perfeito de **tul-** aparecendo aqui apresenta a mesma desinência **-ie-** como no quenya no estilo do SdA, mas o aumento, assim como o alongamento da vogal raiz, ainda não havia sido introduzido no idioma. Atualizando esta frase para o quenya no estilo do SdA ao se implementar as revisões tardias provavelmente se produz **Eldar utúlier** (com um perfeito aumentado e sem artigo antes de **Eldar** quando se refere à raça élfica inteira).

Em material muito posterior, mas ainda pré-SdA, encontramos **lantië** (com um sujeito plural **lantier**) como uma forma do verbo **lanta-** “cair, abaixar”: LR: 56. Estas formas também pareceriam ser perfeitos não-aumentados, mostrando a desinência **-ië** característica deste tempo. Realmente, Tolkien traduziu estas formas como “caiu, abaixou” (**lantië nu huinë** “caiu sob a sombra”, **ëari lantier** “mares abaixaram”) como se elas representassem algum tipo de forma de pretérito – e não o perfeito “tem caído/abaixado”. Entretanto, ele posteriormente observou que “as formas de pretérito e perfeito se tornaram progressivamente mais estritamente associadas no quenya” (WJ: 366). Se isto significa que o quenya pode às vezes usar o perfeito onde o português particularmente teria um pretérito, podemos explicar “caiu” ao invés de “tem caído” como uma possível tradução de **lantië/lantier**. Em SD: 310, onde Christopher Tolkien discute uma versão tardia do texto

em questão, ele registra como seu pai mudou de **lantier** para **lantaner** – aparentemente substituindo uma verdadeira forma de pretérito por um perfeito-usado-como-pretérito.

Se **lantier**, sing. **lantië**, pode de fato ser considerado uma forma de perfeito, ele confirmaria que a vogal raiz não pode ser alongada antes de um encontro consonantal (e não ****lántië**). Por volta deste estágio, Tolkien certamente introduziu tal alongamento da vogal raiz no perfeito; a *Fíriel's Song* possui **cárier** para “criou” (ou “eles criaram”, uma vez que a desinência de plural **-r** está incluída). Esta forma do verbo **car-** “criar, fazer” parece ser outro perfeito-usado-como-pretérito, a julgar pela tradução. Visto que a vogal raiz é alongada em **cárier**, devemos supor que ela permanece curta em **lantier** por razões puramente fonológicas: vogais longas não são permitidas antes de um encontro consonantal. – Pode ser que a ausência do aumento em algumas fontes primitivas seja devida simplesmente ao fato de que Tolkien não o havia inventado ainda; no quenya no estilo do SdA eu recomendaria **alantië** como o tempo perfeito de **lanta-** e **acárië** como o perfeito de **car-**.

Apesar de tudo, o exemplo citado acima **fírië** “está desvanecido, está falecido (desvaneceu, morreu)” a partir de uma fonte pós-SdA (MR: 250) parece indicar que, mesmo em quenya no estilo do SdA, é *admissível* omitir o aumento, construindo o perfeito simplesmente através da desinência **-ië** + o alongamento da vogal raiz se não houver encontro consonantal sucedendo-a. Perfeitos possivelmente não-aumentados tendem a ser mais comuns na linguagem falada ou informal, e em poesia pode-se omitir o aumento se a sílaba extra comprometer a métrica (assim, **vánier** para **avánier** no *Namárië*, embora Tolkien tenha mudado de idéia em 1966 e introduziu a forma completa). Contudo, nos exercícios que criei para este curso, todas as formas de tempo perfeito incluem o aumento.

Verbos começando em vogais: verbos começando em uma vogal propõem um problema. Onde um verbo possui um prefixo começando em uma vogal, o aumento pode encaixar-se entre o prefixo e o radical verbal mais básico. Por exemplo, o verbo **enyal-** “chamar de volta, lembrar” é bem literalmente **en-yal-** “re-chamar”, onde **yal-**, e não **en-**, é o radical verbal básico incorporando a vogal raiz; em tal caso, suponho que o perfeito seja **enayálië**. Mas alguns verbos começam em uma vogal mesmo sem qualquer elemento prefixado; ex: **anta-** “dar”. Em tal caso, a primeira vogal também é a vogal raiz, aqui ocorrendo sem qualquer consoante na frente dela. Um verbo também pode incluir um prefixo que vem a ser idêntico à vogal raiz; ex: **onot-** “somar” (formado a partir de **not-** “contar” com o prefixo **o-** que significa “junto”; assim **onot-** é literalmente “contar junto”). Outros radicais verbais já prefixam a vogal raiz como um tipo de intensificação; ex: **atalta-** “desmornar, ruir” (vs. o verbo **talta-** com um significado menos duro: “inclinar, deslizar, escorregar”). Em todos esses casos, é difícil prefixar a vogal raiz como um aumento no tempo perfeito. Não podemos ter **a'antië** para “tem dado (deu)”, **o'onótië** para “tem somado (somou)”, **a'ataltië** para “tem desmornado (desmornou)”. Então, o que temos ao invés disso?

Um pressuposto popular tem sido o qual, em tais casos, a primeira sílaba inteira é duplicada como um aumento: assim, o tempo perfeito de **anta-** “dar” seria **anantië** (**antantië**?), e assim por diante. Com a publicação do *Vinyar Tengwar* #41 em julho de 2000, esta teoria foi *quase* confirmada. Apresentou-se que em uma fonte tardia, Tolkien registrou **orórië** como o tempo perfeito do verbo **ora-** “impelir, incitar” (VT41: 13, 18; na verdade, esta forma não é claramente identificada como o tempo perfeito, mas ela dificilmente pode ser outra coisa). Note que a primeira sílaba inteira (**or-**) é duplicada no perfeito: ao de duplicar a *consoante* sucedendo a vogal raiz, assim como a própria vogal

raiz, a estranha forma ****o'órië** é evitada; em **orórië**, a consoante duplicada **r** mantém o aumento e a vogal inicial do radical verbal confortavelmente à parte. Pois bem – o único problema é que, após escrever a forma **orórië**, Tolkien *eliminou-a*! Se isto significa que voltamos à estaca zero, ou se Tolkien eliminou a forma **orórië** não porque a invalidou mas simplesmente porque ele não teve vontade de tratar o tempo perfeito de **ora-** imediatamente, ninguém pode dizer.

Uma vez que não está claro como devemos adicionar o aumento à maioria dos verbos começando em uma vogal, eu simplesmente evitei o tempo perfeito de tais verbos nos exercícios criados para este curso. Mas visto que perfeitos não-aumentados parecem ser admissíveis, a solução mais fácil deve ser simplesmente *omitir* o aumento no caso de tais verbos: **anta-** “dar” tornando-se **antië** “tem dado (deu)”, **onot-** “somar” tornando-se **onótië** “tem somado (somou)” (embora este também seja o perfeito de **not-** “contar”!), e assim por diante. Após a forma rejeitada **orórië**, Tolkien realmente escreveu **orië**. Este era um tempo perfeito substituto, sem aumento? Eu esperaria **órië**, com uma vogal raiz alongada; **orië** parece mais uma forma bem diferente do verbo (um *gerúndio*, a ser discutido em lições posteriores). Mesmo assim, esta palavra é digna de nota.

Antes de deixar o tempo perfeito, devo comentar brevemente uma forma um tanto estranha que ocorre no *Silmarillion*, capítulo 20. Aqui temos a exclamação **utúlie'n aurë**, traduzida “o dia chegou”. **Utúlie** (**utúlië**) é claramente o perfeito de **tul-** “vir, chegar”, como confirmado pela tradução “tem chegado (chegou)”. Contudo, o **'n** adicionado é de certo modo um mistério. O que esta consoante extra está fazendo aqui? A forma **utúlie'n** é remanescente de **utúlien** “estou vindo (vim)” na Declaração de Elendil no SdA, mas aqui o **-n** é uma desinência *pronominal* que significa “eu” (ver a próxima seção). Tal desinência não pode estar presente em **utúlie'n**, dada a tradução de Tolkien. O apóstrofo **'** inserido antes deste último **n** provavelmente indica também uma pronúncia diferente; em **utúlie'n**, a consoante final talvez tenda a soar como uma sílaba separada. Pode ser que este **n** seja adicionado simplesmente devido a eufonia, evitando três vogais em sequência (visto que a próxima palavra também começa com uma vogal; se você contar o ditongo **au** em **aurë** como duas vogais, seriam ainda *quatro* vogais sucessivas). Se um tempo perfeito aparece sem uma desinência secundária anexada a **-ië**, e a próxima palavra começa em uma vogal, devemos *sempre* inserir **'n** para evitar tantas vogais em hiato? Usei tal sistema em pelo menos uma composição de minha autoria, mas esta conclusão é extremamente experimental: nos exercícios abaixo não usei nenhuma vez este **'n** extra, já que ninguém conhece sua função realmente. Alguns pensam ainda que ele representa uma encarnação alternativa do artigo (que normalmente aparece como **i**): afinal, Tolkien empregou a tradução “o dia chegou”. Assim, **utúlie'n aurë** = ?**utúlië en aurë** ou ?**utúlië in aurë** “chegou o dia”??? (Para uma possível confirmação de **in** como um artigo do quenya, ver PM: 395.) Podemos apenas esperar que publicações futuras dêem uma luz a isto. Pode-se observar que Christopher Gilson, que tem acesso ao material não publicado de Tolkien material, defende a interpretação do **'n** = “o”.

PRONOMES

É hora de introduzir um dos artifícios de linguagem realmente econômico, o *pronome*. (Se você sabe perfeitamente o que é um pronome, e conhece também as três diferentes “pessoas” nas quais os pronomes pessoais são divididos, por favor desça até que você veja a palavra *quenya* em vermelho. Não estou tentando fazer ninguém perder seu tempo aqui!)

A palavra “pronome” é auto-explicativa; ela simplesmente significa “para (ao invés de) um nome”. Pronomes são palavras (ou desinências) que podem *substituir* um substantivo, freqüentemente se referindo a um substantivo que já foi mencionado. Desse modo você não tem que repetir o próprio substantivo o tempo todo. Pronomes fornecem um tipo de estenografia falada, salvando o idioma do tédio absoluto. Graças aos pronomes, os falantes do português podem manter uma conversa com outra pessoa sem ter que repetir incessantemente o nome do outro indivíduo cada vez que se dirigissem a ele; ao invés disso, o pronome *você* é usado como substituto. Em vez de dizer “o grupo recém referido” ou “as pessoas das quais está se falando agora”, falantes de português têm a sua disposição a palavra curta e ágil *eles*. E tente imaginar como você trataria de referir a si mesmo sem o pronome *eu*. Expressões como “esta pessoa” ou “o que está falando agora” se tornariam tediosas muito rápido.

Existem vários tipos de pronomes (mesmo *interrogativos* como “quem”), mas os mais freqüentemente encontrados são os *pronomes pessoais*, nos quais iremos nos concentrar nesta introdução. Costumeiramente, eles são divididos em três diferentes “pessoas” (não que os pronomes envolvidos refiram-se somente a seres sencientes; neste contexto, “pessoa” é apenas um termo estabelecido para uma classe de pronome). Em português, esta classificação dividida em três partes produz uma tabela como esta:

- *PRIMEIRA PESSOA* (referindo-se a si próprio ou um grupo próprio): singular *eu*, como objeto *me*, *mim*, de posse *meu*; plural *nós*, como objeto *nos*, de posse *nosso*.
- *SEGUNDA PESSOA* (dirigindo-se diretamente a outra pessoa ou outro grupo): singular *tu*, como objeto *te*, *ti*, de posse *teu*; plural *vós*, como objeto *vos*, *vós*, de posse *vosso*.
- *TERCEIRA PESSOA* (referindo-se a outra pessoa ou grupo): singular *ele*, *ela*, como objeto *o*, *a*, *lhe*, de posse *dele*, *dela*; plural *eles*, *elas*, como objeto *os*, *as*, *lhes*, de posse *deles*, *delas*.

Apesar do conceito destas três “pessoas” como tal ser quase universal nos idiomas do mundo, é um tanto arbitrário o que outros idiomas distintos constroem em suas tabelas.

O finlandês, sempre relevante para este estudo uma vez que ele foi a principal inspiração de Tolkien para o quenya, possui apenas uma única palavra (*hän*) que abrange tanto “ele” como “ela”: os finlandeses entendem-se muito bem sem fazer esta distinção. Por outro lado, outros idiomas podem ir além do inglês (que, além de “he [ele]” e “she [ela]”, possui “it”, que é neutro e é usado para animais e objetos). Por exemplo, os hebreus aparentemente acharam que a distinção masculino/feminino era tão interessante que não era suficiente ter palavras separadas para “ele” e “ela”. O hebraico também possui palavras separadas para “você” (*atta*, ao se falar com um homem e *att* ao se falar com uma mulher).

O que dizer, então, do **quenya**? Que distinções pronominais Tolkien fez seus elfos criarem?

É um tanto difícil dizer qualquer coisa muito definida sobre o sistema pronominal do quenya. Mesmo agora, com quantidades enormes de material ainda não disponíveis para estudo, já é seguro dizer que os pronomes dos idiomas élficos de Tolkien eram bastante “instáveis” – provavelmente ainda mais do que muitos outros aspectos de suas construções lingüísticas sempre flexíveis. As tabelas de pronomes parecem ter passado por incontáveis revisões, e alguns acham que Tolkien nunca conseguiu classificar bem cada detalhe. (Pessoalmente acho que ele conseguiu – sem dúvida, o problema é que ele fazia isso *freqüentemente!*)

Sabemos que o sistema pronominal do quenya, como Tolkien o via em seus últimos anos, faz algumas distinções que não são regularmente expressadas em português. Em primeiro lugar, do mesmo modo que o quenya possui uma forma *dual* do substantivo em adição às formas no singular e no plural, também há pelo menos alguns pronomes duais. Assim, na primeira pessoa não encontramos apenas o “eu” e o plural “nós”, mas também um pronome dual distinto significando “você e eu” ou “nós dois”. Outra distinção sutil é feita nas palavras para “nós”: em quenya, existem palavras separadas ou desinências para “nós”, dependendo se o grupo ao qual se dirige está ou não incluído em “nós”. Por outro lado, parece que o quenya não mantém sempre a distinção entre “ele”, “ela”: estes podem ser abrangidos por um único pronome.

A medida em que este curso prosseguir, discutiremos várias partes da tabela de pronomes e suas obscuridades associadas, e também voltaremos às distinções pronominais especiais feitas em quenya. Contudo, vamos introduzir alguns pronomes agora mesmo.

Uma coisa deve ser compreendida: em quenya, os pronomes aparecem tipicamente como *desinências*, e não tão freqüentemente como palavras independentes. (Onde um pronome em quenya aparece como uma palavra separada, ele geralmente é enfático – bem produzindo o mesmo efeito de se colocar um pronome português em itálico: “*você* [e ninguém mais] fez isso.” Voltaremos aos pronomes independentes mais tarde.) Nas últimas linhas do *Namárië* encontramos a palavra **hiruvalyë**, traduzida “tu encontrarás” por Tolkien. Se você resolveu todos os exercícios, se lembrará da forma **hiruva**, futuro de **hir-** “encontrar”. Este **hiruva** “encontrará” aparece aqui com a *desinência pronominal* **-lyë** anexada, indicando o sujeito do verbo. esta desinência pertence à segunda pessoa e significa “tu” – ou, usando uma tradução menos arcaica, “você”. Assim **hiruvalyë** = “tu encontrarás”, ou “você encontrará”. O sufixo **-lyë** pode ser anexado a qualquer verbo para indicar que seu sujeito é “você, tu”.

Havendo mencionado este pronome, nos deparamos com a Obscuridade Instantânea, uma situação na qual nos encontraremos freqüentemente enquanto tratarmos dos pronomes do quenya. Não está muito claro se esta desinência **-lyë** abrange ou não tanto singular como plural; no *Namárië* ela está no singular, como demonstrado pela tradução “tu”. Em um dos rascunhos para os Apêndices do SdA, ele de fato escreveu que os idiomas élficos não distinguem entre o singular e o plural na segunda pessoa: “todos estes idiomas... não possuíam, ou apenas originalmente, distinção entre o singular e o plural dos pronomes na segunda pessoa; mas eles possuíam uma distinção indicada entre as formas *familiares* e as *polidas*” (PM: 42-43). A desinência **-lyë**, usada por Galadriel ao se dirigir a um relativo estranho como Frodo, parece ser um “você” polido ou cortês. No *Namárië* ela é assim usada como o “tu” singular, dirigindo-se apenas a uma pessoa, mas de acordo com PM: 42-43 recém citado, ela poderia bem ser igualmente “vós” (logo, se todos os membros da Sociedade compreendessem quenya, eles ainda não poderiam ter certeza de que Galadriel estava se dirigindo a todos eles, ou apenas a Frodo).

Entretanto, no ensaio *Quendi and Eldar* escrito cerca de cinco anos após a publicação do SdA, Tolkien indicou a existência de desinências pronominais que fazem a distinção entre a segunda pessoa do singular e do plural (WJ: 364). Aqui ele se refere a “afixos pronominais reduzidos da segunda pessoa”, indicando ser **-t** no singular e **-l** no plural. Este **-l** pode bem ser uma forma “reduzida” de **-lyë**, que seria então “vós”. Ainda assim, Tolkien incontestavelmente usou esta desinência para um “você (vós)”, no *singular*, no *Namárië*, visto que ele a traduziu como “tu” no texto no SdA. Esta desinência **-l** mais curta também é atestada como parte do verbo **hamil** “você julga” (VT42: 33), e este

também pode ser tomado como no singular, embora o contexto tampouco seja conclusivo. Parece que, na segunda metade dos anos cinquenta, Tolkien esteve repensando o sistema pronominal. A afirmação feita no rascunho para os Apêndices do SdA, para o fato de que o élfico não distinguia a segunda pessoa do singular e do plural, na verdade não foi feita no SdA publicado. Por este motivo ele não estaria preso a ela. (Enquanto estivermos lidando com material de Tolkien que foi publicado apenas postumamente, jamais poderemos ter certeza de que a informação fornecida é inteiramente “canônica”: o autor podia sempre mudar de idéia, e ele o fez freqüentemente, especialmente com respeito aos idiomas.)

Tolkien aparentemente descobriu que o quenya possui pronomes distintos para a segunda pessoa do singular e do plural, afinal de contas. Talvez a nova idéia (de aproximadamente 1960) seja mais ou menos assim: **-lyë** e a variante mais curta **-l** seriam *adequadamente* “vós (vocês)”, mas elas também são usadas como *singular polido*, por conseguinte a tradução “tu” no *Namárië*.

Para resumir: a desinência **-l(yë)** *certamente* pode ser usada como “vós (singular)”, sendo assim uma forma cortês/polida ao invés de uma forma familiar/íntima. *Pode* ser que **-l(yë)** também abranja o “vós” no plural[†], este podendo ser mesmo seu significado adequado, mas é nisto que as coisas se tornam um tanto obscuras. Tolkien provavelmente mudou de idéia sobre os detalhes constantemente. Nos exercícios abaixo, eu simplesmente usei a palavra neutra “vós” como o equivalente de **-l(yë)**. Então é impossível dar errado.

Mas parece que mergulhamos direto na segunda pessoa; voltemos para a primeira. Na primeira pessoa do singular, as coisas felizmente são claras (bem, ao menos muito próximas disso). O pronome “eu” é representado com maior freqüência pela desinência **-n**. (Linguístas observaram que nos idiomas do mundo, o termo para “eu, mim” inclui com muita freqüência algum som nasal como N ou M. Quaisquer que sejam as características sutis da psicologia humana que sustentem este fenômeno, Tolkien parece ter gostado dessa associação, e a introduziu em vários de seus idiomas. Cf. sindarin *im* = “eu”.) Note como a desinência **-n** é adicionada aos verbos **utúlië** (tempo perfeito de **tul-** “vir, chegar”) e **maruva** (futuro de **mar-** “residir, morar”) na Declaração de Elendil:

Et Eärello Endoreнна utúlien = “do Grande Mar *eu* vim para a Terra média.”

Sinomë maruvan = “neste lugar *eu* vou morar”.[‡]

Contudo, a desinência **-n** para “eu” também ocorre como uma variante mais longa, **-nyë**. (Como observado acima, a desinência **-lyë** para “vós” possui uma variante mais curta **-l**; a variação **-nyë** vs. **-n** para “eu” seria um paralelo disso.) Esta variante mais longa é vista em uma palavra a qual já tocamos nessa lição, a forma **utúvienyes!** “Encontrei-a!” – a exclamação de Aragorn quando encontrou a muda da Árvore Branca. A palavra **utúvië**, aparentemente o tempo perfeito do verbo **tuv-** “encontrar”, aqui ocorre com *duas* desinências pronominais. A primeira delas, **-nyë** ou “eu”, indica o sujeito do verbo: **Utúvie+nyë** “tenho encontrado (encontrei) + eu” = “encontrei”. Entretanto, sucedendo **-nyë** temos ainda outra desinência pronominal, o sufixo de terceira pessoa do singular **-s**,

[†] Isto realmente pode acabar sendo confuso em português, mas espera-se que o sentido seja compreendido devido ao contexto onde o “vós” for aplicado, na expressão ou frase. [N. do T.]

[‡] Na tradução da editora Martins Fontes do SdA, o pronome “eu” não aparece, por questões gramaticais; porém, para evitar algum problema com a omissão do pronome (que é subentendido pelo contexto da frase) decidi mantê-lo, deixando assim bem claro a relação da desinência **-n** do quenya com o mesmo. [N. do T.]

significando “o, a, isto”. Dessa forma, uma frase inteira de verbo, sujeito e objeto foi encurtada em uma única palavra: **utúvienyes** = “**eu encontrei-a**”.

NOTA: Note que, de acordo com as convenções ortográficas aqui empregadas, o **-ë** final perde seu trema sempre que uma desinência é adicionada, de forma que ela não é mais final: **utúvië** + **-nyë** = **utúviennyë** e não **utúviënyë**; adicionando **-s** a **utúviennyë** produz do mesmo modo **utúvienyes** e não **utúviennyës**. Esta é somente uma questão de ortografia.

Podemos simplificar esta regra gramatical: se um verbo receber *duas* desinências pronominais, a primeira indica o sujeito do verbo e a segunda o objeto: a desinência do sujeito é anexada primeiro e a desinência do objeto depois. No material publicado, há dois ou três outros exemplos disto, além de **utúvienyes**.

Então é óbvio por que a forma longa **-nye** é preferida aqui. Enquanto **utúvien** serve perfeitamente para “**eu** tenho encontrado (encontrei)”, a desinência do objeto **-s** “a, o, isto” não poderia ser adicionada a desinência curta **-n**, uma vez que ****utúviens** não é uma palavra possível em quenya. Logo, podemos formular outra regra: a forma longa **-nyë** (**-nye-**), e NÃO o **-n** curto, deve ser usada para “eu” se outra desinência pronominal a suceder. (Semelhantermente, para “vós (você)” *deve-se* usar a desinência longa **-lyë** [**-lye-**], e não a forma mais curta **-l**, se uma segunda desinência pronominal for adicionada: “você tem encontrado (encontrou)” poderia ser tanto **utúviel** como **utúvielyë**, mas “você a encontrou” deve ser **utúvielyes**, uma vez que ****utúviels** seria impossível.)

A desinência longa **-nyë** “eu” pode, porém, ocorrer mesmo se não houver pronome de objeto a sucedendo (como pode a forma longa **-lyë** para “você, tu”, cf. **hiruvalyë** “tu encontrarás” no *Namárië*). A forma **linduvanyë** “eu cantarei” ocorre no frontispício na edição bilíngüe francesa de 1975 de *As Aventuras de Tom Bombadil*. O frontispício reproduz uma página manuscrita por Tolkien, incluindo algumas breves notas lingüísticas. (Taum Santoski, analisando estas notas na newsletter *Beyond Bree*, outubro de 1985, leu esta forma como “linduvanya” – mas como apontado por Carl F. Hostetter, Tolkien provavelmente pretendia, ao invés disso, “linduvanye”. Tolkien era capaz de uma caligrafia maravilhosa, mas letra normal é com frequência um desafio para os transcritores!) Enquanto nenhuma segunda desinência pronominal se suceder, aparentemente é completamente opcional usar a desinência longa **-nyë** ou a desinência curta **-n** para “eu”. Temos a desinência longa em **linduvanyë** “eu cantarei”, mas a Declaração de Elendil usa a desinência curta em **maruvan** “eu vou morar”. Certamente estes exemplos podem ser misturados para produzir **linduvan** e **maruvanyë** com exatamente o mesmo significado.

Parece, entretanto, que a desinência curta **-n** é muito mais comum do que o sufixo longo **-nyë**. Já encontramos este **-n** anexado a vários verbos, tais como **polin** “eu posso”, **tirin** “eu observo” na lição anterior. Tolkien com muita frequência cita verbos primários como este, listando-os como aparecem no aoristo da primeira pessoa (com a desinência **-i** intacta, pois ela mesma é seguida por uma desinência e portanto não é final, de forma que ela se tornaria **-ë**). **Tirin** é um exemplo realmente encontrado no *Etymologies* (entrada *TIR*), mas pelos padrões desta área, os exemplos realmente abundam: **carin** “eu crio, construo” (entrada *KAR*), **lirin** “eu canto” (*GLIR*) ou “eu então” (*LIR*¹), **nutin** “eu amarro” (*NUT*), **nyarin** “eu conto” (*NAR*²), **rerin** “eu semeio” (*RED*), **serin** “eu descanso” (*SED*), **sucin** “eu bebo” (*SUK*), **tamin** “eu bato (de leve)” (*TAM*), **tucin** “eu puxo, arrasto” (*TUK*), **tulin** “eu venho” (*TUL*), **turin** “eu exerço (poder)” (*TUR*), **tyavin** “eu provo” (*KYAP*), **vilin** “eu vôo” (*WIL*), **umin** “eu não faço” (*UGU/UMU*). A forma **polin** “eu posso” (VT41: 6) é um

dos muitos exemplos de fontes pós-SdA. Presumidamente não estaria de modo algum errado usar, ao invés disso, a desinência longa **-nyë** (ex: **polinyë**), mas o **-n** é a desinência mais comum no corpus publicado. Mas especialmente para o propósito da poesia, é muitas vezes prático ser capaz de escolher entre uma desinência pronominal longa e uma curta, de forma que se pode incluir ou retirar uma sílaba se a métrica o exigir.

Note também que a desinência **-nyë**, assim como **-lyë** para “vós”, faz com que a ênfase recaia na sílaba que precede a desinência porque o **ny** e o **ly** aqui contam como encontros consonantais. Cf. ver as regras de tonicidade a Lição Um. Se **hiruvanyë** “eu encontrarei” (com a ênfase no **a**) não soar bem no seu poema, você pode sempre usar a forma curta **hiruvan** e fazer, ao invés disso, a ênfase cair sobre o **i** na primeira sílaba. (Novamente, podemos ter o mesmo sistema na segunda pessoa: é completamente possível que no *Namárië*, Tolkien escreveu **hiruvalyë** ao invés da forma mais curta **hiruval** simplesmente porque a primeira variante se encaixa melhor em sua métrica poética.)

Quanto a desinência **-s** significando “a, o, isto”, ocorrendo como um pronome de objeto em **utúvienyes** “eu encontrei-a”, parece que ela também pode ser usada como um sujeito. Por exemplo, se **polin** é “eu posso”, podemos supor que “ela pode” seria **polis**. Entretanto, a desinência **-s** nos traz para a terceira pessoa com seu próprio grupo de obscuridades, que deixaremos para mais tarde (Lição 15). Nos exercícios abaixo, **-s** é usada do mesmo modo como no exemplo **utúvienyes**: anexada a outra desinência pronominal para indicar o *objeto* do verbo (assim como a primeira desinência adicionada ao verbo indica seu *sujeito*).

Sumário da Lição Oito: o tempo perfeito do quenya é formado ao se adicionar a desinência **-ië** ao radical verbal (se o radical termina em uma vogal, ela aparentemente é omitida antes de **-ië** ser adicionada; verbos em **-ya** parecem perder esta desinência inteira). A menos que seja seguida de um encontro consonantal, a vogal raiz é alongada. Geralmente ela também é duplicada como um *aumento* prefixado ao verbo (**rië-** “torcer” vs. **iricië** “tem torcido (torceu)”, **hanya-** “entender” vs. **ahánië** “tem entendido (entendeu)”). Contudo, também aparecem alguns perfeitos não-aumentados no corpus publicado (notavelmente **firië** ao invés de **ifirië** para “está desvanecido [desvaneceu]”), de modo que pode ser admissível omitir o aumento e ainda possuir uma forma de tempo perfeito válida. Não está muito claro como o aumento deve ser prefixado a radicais verbais começando em uma vogal. – os *pronomes* do quenya aparecem mais tipicamente como desinências em vez de palavras separadas. Entre estas desinências pronominais temos **-n** ou **-nyë** “eu”, **-l** ou **-lyë** “tu, vós” e **-s** “a, o, isto”. Duas desinências pronominais podem ser adicionadas ao mesmo verbo, a primeira delas indicando o *sujeito* do verbo, e a segunda seu *objeto*.

VOCABULÁRIO

otso “sete”

seldo “menino” (na verdade, Tolkien não forneceu uma nota explícita, mas a palavra é citada em um contexto onde ele discute palavras em quenya para “criança”, e **seldo** parece ser uma forma masculina. Ver a entrada *SEL-D-* no *Etymologies*.)

mól “escravo”

an “pois” (ou “uma vez que, porque”, introduzindo uma frase dando uma *razão*, como em “eu confio nele, pois ele com frequência tem sido de ajuda para mim”).

tul- verbo “vir, chegar”

lanta- verbo “cair”

nurta- verbo “ocultar, esconder” (cf. a **Nurtalë Valinóreva** ou “Ocultação de Valinor” referida no *Silmarillion*)

lerya- verbo “libertar”

metya- verbo “terminar” = “pôr fim a”

roita- verbo “perseguir”

laita- verbo “abençoar, louvar”

imbë preposição “entre”

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português (e pratique seu vocabulário; exceto pelo numeral **otso** e pelas desinências pronominais, os exercícios *A-H* empregam apenas palavras que se supõem que você tenha memorizado em lições anteriores):

A. I nér ihírië i harma.

B. I rávi amátier i hrávë.

C. I aran utultië i tári.

D. I nissi ecendier i parma.

E. I úmëa tári amápië i otso Naucor.

F. Etécielyë otso parmar.

G. Equétien.

H. Ecénielyes.

2. Traduza para o quenya:

I. O homem tem chegado (chegou).

J. Os sete anões têm comido (comeram).

K. Os meninos têm visto (viram) um leão entre as árvores.

L. Os seis elfos têm perseguido (perseguiram) os sete anões.

M. O anão tem escondido (escondeu) um tesouro.

N. Eu tenho louvado (louvei) o rei, pois o rei tem libertado (libertou) todos os escravos.

O. Você tem caído (caiu), e eu o tenho visto (o vi).

P. Eu tenho posto (pus) um fim a isto. [/eu o tenho terminado (terminei-o)].

LIÇÃO NOVE

O infinitivo.

O verbo de negação.

Particípios ativos.

O INFINITIVO

Todas as formas do verbo que discutimos até agora, todos os tempos, são o que um linguísta chamaria de formas *finitas* do verbo. A definição de um verbo finito é que ele é capaz de funcionar como o *predicado* de uma frase, a parte da frase que nos diz o que o sujeito faz (ou *é* – na Lição Quatro mostramos que uma expressão feita de verbo de ligação + substantivo ou adjetivo também conta como um predicado; ex: “ouro é belo”, mas aqui lidaremos, ao invés disso, com verbos mais normais). Em uma frase como **i Elda máta massa** “o elfo está comendo pão”, os linguistas podem facilmente classificar as funções de todas as partes da frase: assim como **i Elda** “o elfo” é o sujeito e **massa** “pão” é o objeto, o verbo **máta** “está comendo” é o *predicado* da frase. E precisamente porque a forma **máta**, presente de **mat-** “comer”, é capaz de funcionar como um predicado aqui, diremos que **máta** é uma forma *finita* do verbo.

O infinitivo é outra história. Ele é, como o nome sugere, in-finito – não-finito. Ele não é flexionado por tempo. Ele recebe a desinência **-r**, independente da frase estar no plural ou não. Assim, por si próprio, um infinitivo *não* é capaz de funcionar como o predicado de uma frase. Um infinitivo não pode ser diretamente associado com um sujeito. Qual, então, é seu uso?

Infinitivos portugueses têm vários usos, mas uma importante função do infinitivo é que ele permite que *vários* verbos sejam combinados em uma frase. Em uma frase como “os anões queriam comer”, o verbo “queriam” é uma forma finita, aparecendo em um tempo específico (neste caso, o pretérito). Mas o verbo “comer” aparece como um infinitivo, complementando o verbo finito para formar uma expressão verbal mais longa: “queriam comer”.

Em quenya, parece não haver um indicador independente de infinitivo como o “-r” no português, de forma que não precisamos nos preocupar onde incluí-lo ou omiti-lo. É quase certo que exemplos atestados de infinitivos em quenya não existam em abundância, mas há a frase **polin quetë** “eu posso falar” (VT41: 6). Aqui o verbo **polin** “eu posso” é uma forma finita, o aoristo do verbo primário **pol-** aparecendo com a desinência pronominal **-n** “eu” anexada – mas a palavra **quetë** deve ser analisada como um infinitivo. Claro, **quetë** é parecida em forma com o aoristo “fala”, mas como indicado pela tradução “falar” assim como o contexto, a forma **quetë** é infinitiva aqui. Podemos dizer, portanto, que verbos primários como **quet-** possuem infinitivos em **-ë** (indubitavelmente representando o **-i** do élfico primitivo). A desinência pode ser analisada simplesmente como um tipo de substituto temporário que é fornecido para compensar a ausência de qualquer outra desinência, ou **quetë** pode ser visto como representando o primitivo “radical I” não flexionado *kweti*. Não importa como imaginamos a derivação definitiva e o “significado” da desinência **-ë**: provavelmente sabemos o suficiente para começar de fato a usar a forma infinitiva de verbos primários. Aqui estão alguns exemplos (caseiros) combinando infinitivos com várias formas finitas (tempos) dos verbos **mer-** “desejar, querer” e **pol-** “poder”. Verbos finitos em **vermelho**, infinitivos em **azul**:

I Elda polë cenë i Nauco “O elfo **pode ver** o anão” (note que, embora os verbos **pol-** “poder” e **cen-** “ver, contemplar” recebam aqui a mesma desinência **-ë**, o primeiro é um aoristo e o último é um infinitivo: o contexto deve decidir se a forma **cenë** deve ser compreendida como o aoristo “vê” ou o infinitivo “ver”)

I Naucor merner matë “Os anões **queriam comer**” (verbo finito **merner** “queriam”, flexionado para o pretérito e plural, + o verbo infinitivo **matë** “comer”)

I seldo pollë hlarë ilya quetta “O menino **podia ouvir** cada palavra”

Polilyë carë ilqua “Você **pode fazer** tudo”

I nissi meruvar tulë “As mulheres **desejaram vir**”

O que dizer dos radicais A? No *Etymologies*, Tolkien frequentemente registrava verbos radicais A como se eles fossem infinitivos; ex: **anta-** “presentear, dar”, **varya-** “proteger” ou **yelta-** “detestar” (entradas *ANA*¹, *BAR* e *DYEL*). Isto não é, por si só, uma evidência conclusiva de que uma forma como **anta** pode de fato ser usada como o infinitivo “dar” em um texto em quenya, pois na tradição dos linguistas ocidentais, o infinitivo é geralmente a forma usada para designar, listar ou registrar um verbo em listas de palavras. Às vezes este sistema é posto em prática mesmo onde tal nota é estritamente errada: uma lista de palavras hebraico-português pode insistir que *nathan* significa “dar”, embora na verdade signifique “ele deu” – esta sendo a forma mais simples e básica deste verbo, a forma lógica a ser registrada em um dicionário. Entretanto, uma forma como **anta-** é simplesmente um radical A não flexionado, e Tolkien se referiu a certas circunstâncias gramaticais “onde o radical puro do verbo é usado...como infinitivo” (MC: 223). O sistema geral também parece sugerir que radicais A sem adições podem funcionar como infinitivos. (Note que ambos infinitivos de verbos primários e radicais A parecem ser similares em forma a aoristos sem desinência.) Logo, acho que temos frases como as seguintes (e deixe-me apenas sublinhar os infinitivos para evitar coloração muito exagerada):

I vendi merner linda “As donzelas queriam cantar”

I norsa polë orta i alta ondo “O gigante pode erguer a rocha grande”

Merin cenda i parma “Eu quero ler o livro”

Vários infinitivos podem provavelmente ser justapostos por meio de **ar** “e”:

I neri merir cenda ar tecë rimbë parmar “Os homens querem ler e escrever muitos livros”

A discussão acima certamente não abrange tudo que há para ser dito sobre os infinitivos do quenya. Mais detalhes são conhecidos e serão inseridos posteriormente neste curso, mas existem muitos pontos obscuros. Em algumas notas muito tardias (cerca de 1969), Tolkien se refere ao “(aorist) 'infinitivo' geral formado ao se adicionar *-i*” (VT41: 17), mas uma vez que apenas breves notas deste material foram publicadas, não podemos ter certeza do que ele quis dizer. Existe um “aoristo infinitivo” específico? Tratamos anteriormente da distinção feita entre tais formas como **máta** “está comendo” (presente/tempo contínuo) e **matë** “come” (aoristo). Estas distinções persistem no infinitivo, de modo que se pode de alguma forma distinguir “comer” (aoristo infinitivo) de “estar comendo” (infinitivo contínuo)?

Além disso, ao que Tolkien se referia com “adicionar *-i*”? Obviamente há um infinitivo que é formado adicionando-se *-i* ao radical verbal (dos verbos primários, ao menos). Mas esta desinência é um sufixo contemporâneo em quenya ou ela representa uma forma élfica primitiva? Como mencionado acima, o infinitivo atestado **quetë** “dizer” pode ter a intenção de representar a forma primitiva *kweti*, que seria de fato a raiz *kwet-* com “*-i* adicionado”. Mas se este *-i* é um sufixo contemporâneo em quenya, haveria um infinitivo alternativo **queti** “dizer”. Como ele é usado, ou se ele é alternável com a forma atestada **quetë**, não podemos sequer começar a supor. No ensaio *Quendi and Eldar*, Tolkien mencionou algumas formas de verbo que parecem exemplificar um infinitivo em *-i*, ou seja, **auciri** e **hóciri**, ambas significando “cortar” (em dois sentidos diferentes, ver WJ: 365-366). Mas adiante no ensaio, ele citou as mesmas formas com um hífen anexado (**auciri-**, **hóciri-**), como se estas fossem radicais verbais ao invés de formas infinitivas independentes (WJ: 368). Logo, não podemos estar seguros de nada, e devemos esperar a publicação de mais material.

Como observado acima, o infinitivo é tradicionalmente usado para *designar* ou *listar* verbos, ou para dar o seu significado como um registro geral. De agora em diante iremos frequentemente definir os verbos de tal maneira; ex: registrando um radical verbal como **tul-** como “vir, chegar” e **lanta-** como “cair”. Deve ser compreendido que o mero radical de um verbo primário como **tul-** não pode agir como um infinitivo real (“**tul**”) em um texto em quenya (ele deve ser então **tulë**). É simplesmente costumeiro e conveniente dar o significado de um verbo citando seu nome no infinitivo. Nas listas dos Vocabulários das Lições 5 a 8, tive que escrever “verbo” na frente do nome de cada novo verbo para deixar bem claro a que parte da língua a palavra nova pertence.

O VERBO DE NEGAÇÃO

Este pode ser um bom lugar para introduzir um verbo do quenya um tanto peculiar. Anteriormente mencionamos o verbo de ligação **ná** “é/está”, ao qual agora podemos nos referir como um tempo do verbo “ser/estar”. (Não me pergunte se **ná** é o presente ou o aoristo, e os outros tempos deste verbo infelizmente são ainda mais obscuros: o verbo “ser/estar” é notoriamente irregular nos idiomas do mundo, e Tolkien pode bem ter inventado algumas belas irregularidades para o quenya também.)

De qualquer modo, o quenya também possui um verbo único que significa “*não ser/estar*”; você pode expressar este significado sem combinar alguma forma de **ná** com a palavra separada para “*não*” (embora o quenya também não possua tal negação). Este verbo é registrado no *Etymologies*, entrada *UGU/UMU*, onde ele aparece como **umin** “eu não sou/estou” (outro exemplo do hábito frequente de Tolkien de registrar verbos primários na primeira pessoa do aoristo). O pretérito também é registrado, um tanto irregular: ele é **úmë**, e não ****umnë** como teria que ser de acordo com o padrão “regular” mais simples. **Úmë** como o pretérito do verbo primário **um-** parece pertencer ao mesmo padrão de **lávë**, pret. de **lav-** “lamber lick” (cf. **undulávë** “mergulhado, engolido” = “coberto” no *Namárië* no SdA). Deve-se ter cuidado para não confundir a forma de pretérito **úmë** “não era/estava” com o aoristo sem desinência **umë** “não é”.

Como o *futuro* deste verbo, podemos esperar **umuva**, e esta forma não atestada pode bem ser admissível – mas na verdade uma forma mais curta, **úva**, ocorre na *Fíriel's Song*. Aqui temos a expressão **úva...farëa**, “não será suficiente” (**farëa** = adjetivo “suficiente, bastante”). Possivelmente, esta **úva** é na verdade o futuro de outro verbo: além

de **umin** “eu não sou/estou” da raiz *UMU*, Tolkien também registrou a forma **uin**, de mesmo significado – aparentemente derivada da raiz *UGU*. Talvez **úva** seja estritamente o futuro do último verbo. Ela pode representar uma forma primitiva de certo modo como *uguba*, enquanto que **uin** parece ser derivada de *ugin* (ou *ugi-ni* no estágio ainda mais antigo). Entre vogais, o *g* era perdido em quenya, de forma que os dois *u*'s de *uguba* fundiram-se em um **ú** longo em **úva**, enquanto que o *u* e o *i* de *ugin* fundiram-se em um ditongo **ui** (como em **uin**) quando o desaparecimento do *g* causou o contato direto de duas vogais. Qualquer que seja o desenvolvimento que Tolkien possa ter imaginado, usaremos aqui **úva** como o futuro de **um-** “não ser/estar”, evitando a forma não atestada (e talvez um tanto estranha) **umuva**.

Como **ná**, este “verbo de ligação negativo” presumidamente pode ser usado para conectar um sujeito com um substantivo ou um adjetivo:

I Nauco umë aran “O anão não é um rei”
I nissi umir tiucë “As mulheres não são gordas”
I rocco úmë morë “O cavalo não era preto”
I neri úmer sailë “Os homens não eram sábios”
Elda úva úmëa “Um elfo não será mau”
Nissi úvar ohtari “Mulheres não serão guerreiras” (*desculpa, Éowyn!*)

Ou, usando desinências pronominais ao invés de um sujeito independente:

Umin Elda “Eu não sou um elfo”
Úmen saila “Eu não fui sábio”
Úvalyë ohtar “Você não será um guerreiro”

Mas acima eu disse que este era um bom lugar para introduzir o verbo de negação. Isto é porque ele provavelmente também pode ser combinado com os *infinitivos*. Carecemos de exemplos reais, mas na entrada *UGU/UMU* no Etym, Tolkien indicou que **umin** não significa sempre “eu não sou/estou”. Ele também pode bem significar “eu não (faço algo)”. Ao se combinar tal verbo com um infinitivo, pode-se provavelmente negar os verbos em questão. Exemplos caseiros envolvendo vários tempos do verbo de negação:

Umin turë macil “Eu não empunho uma espada”
Máma umë matë hrávë “Um carneiro não come carne”
I Nauco úmë tulë “O anão não veio”
I neri úmer hirë i harma “Os homens não encontraram o tesouro”
I nís úva linda “A mulher não cantará”
I neri úvar cenë i Elda “Os homens não verão o elfo”

Devemos supor que sucedendo o verbo de negação, assim como em outros contextos, *vários* infinitivos podem algumas vezes ser combinados, como **merë** e **cenë** nesta frase (o verbo finito em **vermelho**, os dois infinitivos em **azul** e **rosa**):

I Elda úmë merë cenë i Nauco. “O elfo **não quis ver** o anão.”

Ou novamente, com os infinitivos **merë** e **cenda**:

I Nauco úva merë cenda i parma. “O anão **não** **desejará** **ler** o livro.”

Presumidamente o tempo presente/contínuo do verbo de negação, que teria que ser **úma**, pode ser usado para negar a existência de uma ação *corrente*:

I Nauco úma linda “O anão não está cantando” (nesse instante)

Compare o aoristo: **i Nauco umë linda** “o anão não canta”. O último frequentemente teria (mas não necessariamente) uma aplicação mais abrangente, como “o anão não é um cantor”. De qualquer modo, we will stick to the aoristo nos exercícios abaixo.

PARTICÍPIOS ATIVOS

As várias partes da linguagem, tais como substantivos, verbos e adjetivos, permanecem categorias relativamente distintas na maior parte do tempo. Contudo, algumas palavras unificam as propriedades de várias partes da linguagem. Os *particípios* são palavras com uma função basicamente adjetiva, mas eles são derivados diretamente de verbos, e no caso de particípios ativos, eles ainda são capazes de tomar um objeto.

Os particípios são subdivididos em duas categorias, frequentemente chamadas *particípios presentes* e *particípios passados*. Estes termos estão um tanto equivocados, pois a distinção mais importante entre não tem nada a ver com tempos. Os termos alternativos *particípios ativos* e *particípios passivos* são melhores, e tentaremos usá-los consistentemente aqui.

Deixaremos o particípio passivo ou “passado” para a próxima lição e nos concentraremos nos *particípios ativos* ou “presentes” aqui. Em inglês, esta forma é derivada por meios da desinência *-ing*; já no português, geralmente usa-se os sufixos *-ando*, *-endo*, *-indo*-, *-ondo*, *-undo*.^{*} Por exemplo, o verbo “seguir” possui o particípio ativo “seguindo”. Este adjetivo verbal descreve o estado de algo ou alguém que realiza a ação do verbo correspondente: o dia que se *segue* pode ser descrito como o dia *seguinte*.

Se o verbo for capaz de tomar um objeto, também o é seu particípio correspondente. Uma pessoa que *ama elfos* pode ser descrita como uma pessoa *amando elfos*.

A desinência em quenya correspondente ao particípio ativo do português é **-la**. Existem muitos exemplos de particípios ativos no poema Markirya. Por exemplo, Tolkien, em sua anotação, observou que “*ilkala* [é o] particípio de *ilka* 'brilhar (branco)’” (MC: 223). O particípio **ilcala** (como escreveríamos aqui) significa assim “brilhando”, e assim ele é usado no poema, em uma expressão traduzida “na lua brilhando” (MC: 215).

Parece que, em um particípio ativo do quenya, a vogal raiz é alongada se possível. Em **ilcala** o **i** não pode se tornar **í** longo porque há um encontro consonantal o sucedendo. Contudo, Tolkien, em MC: 223, também mencionou a verbo **hlapu-** “voar ou ondear ao vento” (um dos raros *radicais U*, uma categoria de verbos bastante obscura). Seu particípio aparece como **hlápula** na página anterior: **winga hlápula**, traduzido “espuma soprando”

^{*} Mais uma vez, isso pode causar alguma confusão, em particular com o *gerúndio* (a ser discutido na Lição Treze) que é formado adicionando-se *-ndo* à palavra; mas isso pode ser evitado compreendendo-se o contexto das expressões e/ou frases. [N. do T.]

(cf. MC: 214). Devemos supor, então, que o particípio de um verbo como **lala-** “rir” é **lálala** (!) “rindo”: a vogal raiz é alongada. Se o radical verbal inclui uma vogal que já é longa, ela simplesmente permanece longa no particípio: os particípios de **píca-** “diminuir, definhar” e **rúma-** “deslocar, mover, levantar” aparecem como **pícala** e **rúmala** no poema *Markirya*.

No caso de radicais verbais mais longos onde as vogais raízes ocorrem duas vezes, como em **falasta-** “espumar” (a raiz evidentemente sendo *PHALAS*), parece que é a *segunda* ocorrência da vogal raiz que deve ser alongada se possível. Neste caso ela não pode ser alongada, visto que é seguida por um encontro consonantal; o particípio “espumando” é atestado (no *Markirya*) como **falastala**. A primeira ocorrência da vogal raiz *poderia* ter sido alongada até o ponto em que diz respeito à fonologia (****fálastala**), mas esta primeira vogal evidentemente não “conta” para o propósito de alongamento. (Presumidamente ela também não é alongada no presente: **falastëa** “está espumando”; dificilmente ?**fálastëa** e muito menos ****falástëa**.)

Os verbos primários são um problema. Adicionar a desinência **-la** aos seus radicais simplesmente resultaria em encontros consonantais que não são permitidos em quenya. Por exemplo, o particípio do verbo **tir-** “observar” não pode ser ****tirla** (muito menos ****tírla**), uma palavra em quenya bastante impossível. Tem sido assumido que, em tais casos, pode-se começar a construir o “radical contínuo” (similar ao presente) ao se alongar a vogal raiz e adicionando **-a**; ex: **tíra** “está observando”, e então se produz o particípio ao se adicionar a desinência participial **-la** a *esta* forma: **tírala** “observando”. O *Markirya* possui **hácala** como o particípio “bocejando”; infelizmente o verbo base “bocejar” não é atestado, mas se ele é um verbo primário **hac-**, a forma participial atestada confirmaria tal teoria. Mas é claro, o verbo fundamentando o particípio **hácala** poderia bem ser um radical A **haca-** ou **háca-** (cf. **hlápula** “soprando, ondeando” de **hlapu-** e **pícala** “diminuindo, definhando” de **píca-**).

Com a publicação de *The Peoples of Middle-earth* em 1996, uma forma que parece ser o particípio de um verbo primário se tornou disponível: PM: 363 se refere à raiz “[como em] **itila** 'brilhante, cintilhante', e **íta** 'um brilho', **ita-** verbo 'cintilar'.” Mas **itila** é realmente o particípio de um verbo primário **it-**? Tolkien se refere a **it-** como uma “radical” ou raiz (cf. PM: 346), e não como um verbo do quenya. O verdadeiro verbo do quenya em questão é registrado como **ita-**, um radical A curto significando “cintilar”. Seu particípio presumidamente seria **ítala**, e não **itila**. Se o último não é de modo algum um particípio, ele é um tanto peculiar: ele não mostra alongamento da vogal raiz (não sendo ****ítila**), e uma vogal de ligação **-i-** é inserida antes da desinência **-la**. Uma vez que o aoristo de um verbo **it-** seria **iti-** (se tornando **itë** apenas na ausência de quaisquer desinências), pode-se perguntar se **itila** é um *particípio aoristo*. Isto significaria que o quenya é capaz de manter a distinção de aoristo/presente no particípio, de modo que há formas diferentes para “fazendo” (habitualmente ou momentaneamente) e “fazendo” (continuamente): talvez algo como **carila** e **cárala**, respectivamente (do verbo **car-** “fazer”). Mas isto é especulativo, e não posso recomendar tal sistema a escritores; devemos esperar a publicação de mais material. Pode ser que **itila** seja simplesmente uma antiga formação adjetiva que não “conta” mais como um adjetivo em quenya. A desinência **-la** ocorre também em adjetivos, como por exemplo **saila** “sábio”; indubitavelmente **-la** é em origem simplesmente uma desinência adjetiva que veio a ser favorecida como o sufixo usado para produzir adjetivos verbais = particípios.

Ainda assim, os participípios do quenya parecem ter estabelecidos a si próprios como formações bem distintas dos adjetivos, pois em um aspecto seu comportamento difere: ao contrário dos adjetivos, os participípios ativos aparentemente *não* concordam em número. Por exemplo, o *Markirya* tem **rámar sisilala** para “asas brilhando” (a segunda palavra sendo o participípio do verbo **sisila-**, uma variante mais longa do verbo **sil-** “brilhar (com luz branca)”). Como lembramos, adjetivos normais em **-a** possuem formas plurais em **-ë** (representando o **-ai** do quenya arcaico). Logo, se **sisilala** fosse concordar em número com o substantivo que ele descreve, esperaríamos ter ****rámar sisilalë**. Talvez Tolkien não quisesse que participípios em **-la** concordassem em número precisamente porque a forma plural da desinência participial teria que ser **-lë**: esta desinência poderia facilmente ser confundida com a conhecida desinência *abstracta* **-lë** (que em inglês corresponde a “-ing”) que é adicionada a radicais verbais para produzir substantivos – ex: **lindalë** “canto” de **linda-** “cantar” (como em **Ainulindalë** “canto Ainu”, a tradução livre sendo “Música dos Ainur”). Tanto **lindala** como **lindalë** são traduzidas como “singing (canto/cantando, dependendo do contexto)” em inglês, mas o último é um *substantivo* (“a singing [um canto]”), enquanto que o primeiro é “cantando” em um sentido *adjectival*.

O português com frequência emprega o participípio ativo para expressar o significado de um tempo contínuo, combinando o participípio com um verbo de ligação como “é/está” ou “era/estava”; ex: “o menino está rindo”. Mas no que diz respeito ao menos a ações presentes, o quenya preferencialmente expressaria este significado usando o tempo presente/contínuo genuíno: **i seldo lálëa**. Ninguém pode dizer se a expressão no estilo do português **i seldo ná lálala** é uma frase válida em quenya; suspeita-se que, embora isto fosse inteligível, os Eldar (/Tolkien) não pensariam nisto como “quenya agradável”.

Apesar de não termos qualquer exemplo atestado de um participípio ativo tomando um objeto, devemos supor que ele é possível; ex: **Nauco tírala Elda**, “um anão observando um elfo”.

Sumário da Lição Nove: o infinitivo é uma forma do verbo que não é flexionado por tempo e portanto é incapaz de agir como o predicado de uma frase (como pode um verbo *finito*); um infinitivo pode ser combinado com outros verbos para formar expressões verbais mais longas. Apesar de haver algumas obscuridades, o (ou um) infinitivo do quenya é aparentemente idêntico ao próprio radical verbal, exceto que verbos primários recebem a desinência **-ë** – ex: **quet-** “falar” na frase **polin quetë** “eu posso falar”. Este infinitivo parece ser o usado quando verbos finitos e infinitos são combinados (como no exemplo recém citado, onde o infinitivo **quetë** é combinado com a forma finita do verbo **pol-** “poder”). – O *verbo de negação* **um-** (pretérito **úmë**, futuro **úva**) aparentemente pode agir como um verbo de ligação negativo (“não ser”) e como um verbo que pode ser combinado com o infinitivo de outros verbos para expressar “não fazer...” algo; ex: **umin quetë** “eu não falo”. – O *participípio ativo*, um adjetivo verbal descrevendo o estado daquele que executa a ação indicada pelo verbo correspondente, é produzido ao de adicionar **-la** ao radical verbal correspondente. A vogal raiz é alongada se não houver encontro consonantal sucedendo-a. Não é muito claro como a desinência **-la** deva ser adicionada aos radicais de verbos primários, mas uma hipótese plausível pode ser a de que a desinência é sufixada à forma “contínua” (com a vogal raiz alongada e a desinência **-a**; ex: **tíra** de **tir-** “observar”, tendo assim **tírala** como o participípio “observando”).

VOCABULÁRIO

tolto “oito”

pol- “ser (físicamente) capaz de”, geralmente traduzido “poder” (onde este se refere a alguma habilidade física – e *não* “poder” no sentido de “saber como”, se referindo a habilidade intelectual, ou “poder” no sentido de “ser permitido”, se referindo à liberdade a partir de proibições. Para os dois últimos significados, o quenya usa palavras distintas.)

um- verbo de negação “não fazer” ou “não ser/estar”, pretérito **úmë**, futuro **úva**

mer- “desejar, querer”

hlar- “escutar” (relacionado ao sindarin *lhaw* como em *Amon Lhaw*, a Colina da Audição no SdA)

verya- “ousar” (da mesma raiz do nome sindarin *Beren*, significando destemido ou ousado)

lelya- “ir, prosseguir, passar por, viajar”, pretérito **lendë**, perfeito **[e]lendië** (mais sobre este verbo “irregular” na próxima lição)

pusta- “parar”

ruhta- “aterrorizar, amedrontar” (completamente relacionado a **urco** ou **orco**, as palavras em quenya para “orc”)

coa “casa” (apenas a construção, e não “casa” = “família”)

mir preposição “em, dentro de”

ter preposição “através” (uma variante mais longa, **terë**, também existe, mas usei **ter** nos exercícios abaixo)

EXERCÍCIOS

Traduza para o português:

- A. **Sílala Isil ortëa or Ambar.**
- B. **I cápala Nauco lantanë ter i talan.**
- C. **Polin hlarë lindala vendë.**
- D. **Minë nér túrala minë macil úva ruhta i tolto taurë ohtari.**
- E. **Mól mápala taura nér umë saila.**
- F. **I tolto rávi caitala nu i aldar ortaner, an i rávi merner matë i neri.**
- G. **Rá umë polë pusta matë hrávë.**
- H. **I ruhtala ohtar pustanë tirë i lië, an i ohtar úmë saila.**

Traduza para o quenya:

- I. O homem perseguindo o anão é um guerreiro.
- J. O rei queria ir.
- K. A donzela não ousou ver a rainha.
- L. As mulheres rindo (risonhas) foram para dentro da casa.
- M. Os oito anões viajando (viajantes) podem encontrar muitos tesouros.
- N. Você não louvou o elfo, você não louva o homem [**Atan**], e você não louvará o anão.
- O. Eu quero viajar através do mundo e libertar todos os povos.
- P. Um homem ousando (ousado) passou através do portão e para dentro da montanha.

LIÇÃO DEZ

Advérbios.

As desinências pronominais *-ntë* e *-t*.

Infinitivos com pronomes oblíquos.

O pretérito de verbos intransitivos em *-ya*.

Particípios passivos.

ADVÉRBIOS

Advérbios formam uma parte da linguagem que é usada para fornecer “informação extra” em uma frase. Uma frase típica fornece informação sobre quem faz o que (a quem), envolvendo um sujeito, um predicado e, se necessário, um objeto. Mas você também pode querer introduzir informação sobre *quando*, *onde* ou *de que maneira* a ação verbal ocorre. É aqui onde os advérbios entram no estágio linguístico.

Em muitos casos, os advérbios são para os verbos o que os adjetivos são para os substantivos. Assim como um adjetivo pode descrever um substantivo, um advérbio pode descrever a *natureza da ação verbal* da frase. Em uma frase como “eles saíram rapidamente”, a última palavra é um advérbio descrevendo *como* ou *de que maneira* “eles saíram”. Se dissermos “ela está cantando agora”, a palavra “agora” é um advérbio respondendo a questão de *quando* a ação verbal acontece. E se dissermos “eles fizeram isto aqui”, a palavra “aqui” é um advérbio nos dizendo *onde* a ação verbal aconteceu.

Alguns advérbios podem ser chamados de “básicos”, uma vez que eles não são derivados de outra parte da linguagem. Considere tal advérbio de tempo como o português “agora” e seu equivalente em quenya *sí*; nenhum dos dois pode ser analisado além disso. Mas muitos advérbios portugueses não são básicos desse modo. Eles são evidentemente derivados de adjetivos, como em um dos exemplos recém usados: o advérbio “rapidamente” é obviamente baseado no adjetivo “rápido”. O grade formador de advérbios portugueses é o sufixo *-mente*, que pode em princípio ser adicionado a qualquer adjetivo, tornando-o um advérbio (produzindo pares como profundo/profundamente, final/finalmente, grande/grandemente, alto/altamente, rápido/rapidamente e incontáveis outros. Visto que temos apenas um punhado de palavras que Tolkien explicitamente identificou como advérbios, mas um monte de adjetivos, seria bom se pudéssemos reconhecer um formador de advérbio em quenya como o sufixo português *-mente*. Então poderíamos produzir nossos próprios advérbios em quenya.

Talvez tenhamos tal desinência em quenya. Ela ocorre no SdA, como parte do *Louvor de Cormallen* (volume 3, Livro Seis, capítulo IV: “O Campo de Cormallen”). Como parte do louvor recebido pelos Portadores do Anel, temos as duas palavras **andavë** **laituvalmet**, traduzidas “longamente os louvaremos” em Letters: 308. Temos aqui o advérbio **andavë**, “longamente” (aqui significando “por muito tempo”). Sabemos que o *adjetivo* em quenya “longo, comprido, por muito tempo” é **anda** (cf. sindarin *and* como em *And+duin* = *Anduin*, “Rio Comprido”). Parece, então, que este adjetivo foi transformado em um advérbio ao se fornecer a desinência *-vë* (provavelmente relacionada à preposição em quenya *ve* “como”). No caso de **anda/andavë**, a tradução portuguesa é “longo” em qualquer caso, mas geralmente a desinência *-vë* corresponderia ao “*-mente*” português. Logo, se **alta** é “grande”, podemos usar **altavë** para “grandemente”? Uma vez que **tulca** é

uma palavra para “firme”, “firmemente” seria **tulcavë**? Sabendo que **saila** significa “sábio”, podemos supor que **sailavë** seja uma palavra aceitável para “sabidamente”? De um modo geral, acho que tais formações são plausíveis, embora a aplicação potencial da desinência **-vë** possa não ser literalmente ilimitada. O adjetivo em quenya, “bom”, é **mára**; pode-se perguntar se **máravë** para “bem” soaria da mesma forma como “boamente” em português! (Um advérbio básico **vandë** “bem” ocorre na lista de palavras mais primitiva de “qenya” de Tolkien [QL: 99]; se esta ainda era uma palavra válida no quenya no estilo do SdA quarenta anos mais tarde, ninguém pode dizer.)

Como **anda** “longo”, a grande maioria dos adjetivos do quenya terminam em **-a**. Os adjetivos menos frequentes em **-ë** em praticamente todos os casos vem de formas de élfico primitivo em **-i**, no qual vogal seria preservada imutável antes de uma desinência ou em palavras compostas: compare **morë** “escuro, preto, negro, sombrio” com a palavra composta **moriquendi** “elfos escuros”. Devemos supor que a qualidade original da vogal seria preferida antes da desinência adverbial **-vë** – então, se tentarmos produzir o advérbio “sombriamente” a partir de **morë**, ele provavelmente deveria ser **morivë** ao invés de **morevë**. Na verdade, poucos dos adjetivos em **-ë** são aptos a possuir quaisquer advérbios correspondentes; eles indicam principalmente cores. Talvez possamos ter **mussë/mussivë** “suave/suavemente”, **nindë/nindivë** “tênuetenuamente” e **ringë/ringivë** “frio/friamente” (mas em uma fonte tardia, a palavra para “frio” aparece como **ringa** ao invés de **ringë**, e então o advérbio seria simplesmente **ringavë**).

Como a desinência **-vë** seria adicionada aos poucos adjetivos em **-n** é bastante incerto. O adjetivo **melin** “querido, caro, prezado” (não confundir com o aoristo na primeira pessoa com sonoridade parecida “eu amo”) poderia ter o adjetivo correspondente **melinvë** “prezadamente”, pois apesar de **nv** não ocorrer em palavras unitárias, é uma combinação possível em quenya (cf. o título de Aragorn **Envinyatar** “Renovador”, onde **en-** = “re-”). Por outro lado, se a desinência **-vë** está relacionada a preposição **ve** “como”, ambas provavelmente descendem de **be** em élfico primitivo. Poderíamos argumentar então que o original **melin-be** surgiria preferencialmente como **melimbë** em quenya. Ainda por outro lado (se podemos pressupor mais lados ainda), adjetivos em **-in** parecem ser encurtados a partir de formas mais longas em **-ina**, e então se poderia afirmar que este **a** seria preservado antes de uma desinência. Assim, “prezadamente” poderia ser **melinavë**. (Eu diria, esqueça **melin** e comece, ao invés disso, a partir de **melda** ou **moina**, adjetivos que também significam “querido”. Então podemos simplesmente ter **meldavë** ou **moinavë**!)

Em português, ao menos, um advérbio não descreve necessariamente uma ação verbal. Ele também pode ser usado para modificar o significado de um adjetivo (ou mesmo outro advérbio). Este é um tipo de meta-descrição, uma palavra descritiva descrevendo outra. Se advérbios em quenya (ou especificamente aqueles em **-vë**) podem ser usados de tal modo, ninguém sabe. Por exemplo: sabendo que **valaina** é o adjetivo em quenya “divino”, podemos nos sentir livres para usar **valainavë vanya** para “divinamente lindo”? Tolkien forneceu **aqua** como o advérbio “completamente, totalmente, inteiramente” (WJ: 392 – este é um advérbio “básico” *não* derivado de adjetivo, diferente das palavras portuguesas em **-mente** que são derivadas dos adjetivos “completo, total e inteiro”). Parece muito provável que este **aqua** possa modificar um adjetivo; ex: **aqua morë** “completamente escuro”. Se não é assim, Tolkien deveria nos ter contado!

Pode ser observado que, em algumas fontes primitivas, Tolkien usa advérbios em **-o** ao invés de **-vë**. A única confirmação do último é, como demonstrei, **andavë** vs. o adjetivo **anda** “longo”. Contudo, existe uma frase primitiva em “qenya” que é traduzida como “os elfos permaneceram longamente adormecidos em Kovienéni [posteriormente: Cuiviénen]”; ver *Vinyar Tengwar* #27. Nesta frase, o advérbio “longamente” aparece como **ando**, e não **andavë**. Exemplos adicionais de advérbios em **-o** incluem **ento** “depois” e **rato** “logo, em breve” (de uma frase “ártica” citada em *Father Christmas Letters* – obviamente uma forma de “qenya”, apesar de aparecer em um contexto que não tem nada a ver com a séria produção literária de Tolkien). Podemos ainda incluir o advérbio **voro** “sempre, continuamente” de uma fonte relativamente tardia como o *Etymologies* (entrada *BOR*), embora nesta palavra o **-o** final pode ser simplesmente a vogal raiz duplicada e sufixada.

O exemplo **ando** “longamente” (não confundir com o substantivo “portão”), que é obviamente derivado do adjetivo **anda**, parece indicar que a desinência **-o** pode ser usada para produzir advérbios a partir de adjetivos. Podemos ter então (digamos) **tulco** “firmemente” de **tulca** “firme”, como uma alternativa para **tulcavë**? Ou devemos entender que Tolkien, por volta do período do SdA, *abandonou -o* como uma desinência adverbial? Se é assim, ele introduziu **-vë** como uma substituição, e não uma alternativa (mudando **ando** para **andavë**).

Não podemos saber se **-o** ainda é uma desinência adverbial válida no quenya no estilo do SdA. Mas ao se derivar advérbios de adjetivos, eu recomendaria usar, ao invés disso, a desinência “segura” (ou, pelo menos, mais segura) **-vë**. Nos exercícios abaixo, não usei a desinência **-o**, mas apenas **-vë**. Por outro lado, neste estágio, eu não mexeria com advérbios atestados como **ento**, **rato**, **voro** (mudando-os para **?entavë**, etc.)

Os advérbios, como os adjetivos, concordam em número? Foi sugerido que **andavë** é na verdade um advérbio no *plural*, concordando com um verbo no plural (**andavë laitavalmet** “longamente os louvaremos” – note a desinência de plural do sujeito anexada ao verbo). Sendo assim, **-vë** poderia ser a forma plural de uma desinência adverbial *singular -va*, completamente não atestada. De acordo com este sistema, teríamos tal variação como **i nér lendë andava** “o homem viajou longamente” (advérbio no singular correspondendo a um verbo no singular) vs. **i neri lender andavë** “os homens viajaram longamente” (advérbio no plural combinando com verbo no plural). Mas isto é 100% hipotético. Apesar de nada poder ser rejeitado neste estágio, tendo a acreditar que não há tal variação. Mais provavelmente, a desinência adverbial **-vë** é invariável em forma, relacionada à preposição **ve** “como” como sugerido acima.

Para terminar, devo mencionar que alguns advérbios do quenya são derivados de outras partes da linguagem além dos adjetivos. No *Namárië* temos **oialë** como o advérbio “para sempre” (ou “eternamente”, como a tradução entrelinhas no RGEO: 67 mostra). Mas o *Etymologies*, entrada *OY*, indica que **oialë** é corretamente ou em sua origem um *substantivo* significando “era duradoura”. Aparentemente este substantivo é usado como um advérbio no *Namárië*.

Expressões envolvendo preposições muito frequentemente possuem uma função adverbial em primeiro lugar, e algumas vezes advérbios unitários podem se desenvolver a partir delas: no *Juramento de Cirion* temos **tennoio** como outra palavra em quenya significando “para sempre”, mas em CI: 498, Tolkien explica que esta forma é simplesmente

uma contração de duas palavras originalmente distintas: a preposição **tenna** “até” + **oio** “um período infinito”.

Finalmente temos o que já chamei de “advérbios básicos”, não derivados de qualquer outra parte da linguagem. **Aqua** “completamente” e **sí** “agora” mencionados acima são apenas dois exemplos; também podemos incluir palavras como **amba** “para (a)cima”, **háya** “longe” (lido talvez **haiya** como na forma da Terceira Era), **oi** “sempre”, e outros.

AS DESINÊNCIAS PRONOMINAIS -NTĚ E -T

Na Lição Oito, introduzimos três desinências pronominais: **-n** ou o **-nyë** mais longo para “eu”, **-l** ou o **-lyë** mais longo para “você”, e **-s** para “a, o, isto”. Mas obviamente existem mais pronomes, e tentaremos agora identificar as desinências pronominais da terceira pessoa do plural: como sujeito “eles, elas”, como objeto “os, as, lhes”.

O *Juramento de Cirion* em CI: 340 inclui a palavra **tiruvantes**, em CI: 498 traduzida “eles o guardem”. O verbo **tir-** “observar, guardar”, a desinência de futuro **-uva** e a desinência pronominal **-s** “a, o, isto” agora devem ser familiares ao estudante. Somos deixados com **-nte-** como o elemento traduzido “eles”. CI: 498 claramente confirma que **-ntë** é a “inflexão da 3ª pessoa do plural quando não se menciona o sujeito previamente”. Como a maioria das breves notas linguísticas de Tolkien, esta requer algum comentário. Devo supor aqui que a intenção de Tolkien é esta: se uma frase possui um sujeito no plural que foi “mencionado previamente”, ocorrendo antes do verbo, o verbo receberia apenas a desinência normal de plural **-r** (ex: **i neri matir apsa** “os homens comem carne”). Mas se *não* há sujeito “previamente mencionado”, a desinência **-r** é substituída por **-ntë**, significando “eles”: **matintë apsa**, “eles comem carne”. Aparentemente, esta desinência ainda seria usada se o sujeito fosse identificado *posteriormente* na frase; talvez possamos ter uma frase como **matintë apsa i neri** “eles comem carne(,) os homens”. O *Juramento de Cirion* também identifica o sujeito posteriormente na frase (**nai tiruvantes i hárar mahalmassen mi Númen** “seja que eles o guardem, *aqueles que se assentam sobre os tronos no oeste...*”)

O *Juramento de Cirion* ocorre em material pós-SdA, de modo que a informação fornecida em CI: 340, 498 certamente pretendia ser compatível com o SdA. Entretanto, uma desinência pronominal bem diferente para “eles” ocorre no material mais primitivo de Tolkien. Em LT1: 114, encontramos a forma em “qenya” **tulielto** “eles chegaram”, incluindo a desinência **-lto** para “eles”. Esta desinência ainda era corrente quando Tolkien escreveu *Fíriel's Song*, que inclui as formas **cárielto** “eles fizeram” e **antalto** “eles deram” (LR: 72). Se ela também é válida no quenya no estilo do SdA já é outro assunto. A desinência **-lto** parece um tanto estranha comparada a outras desinências pronominais conhecidas. Das desinências pronominais atestadas no SdA ou durante o período pós-SdA, *todas* as desinências de sujeito que constituem uma sílaba separada terminam na vogal **-ë** (seis desinências ao todo, se incluirmos **-ntë** tratada acima). Um sufixo **-lto** terminando em **-o** parece não se encaixar muito bem (de modo que alguns mudariam de **-lto** para **-ltë** no quenya no estilo do SdA, embora não haja evidência de tal desinência). Tendo a supor que Tolkien eventualmente se desfez desta desinência completamente, a substituindo por **-ntë**.

A opinião expressa é de que **-lto** é válida mesmo assim. Alguns interpretariam a nota de Tolkien sobre **-ntë** sendo usada “onde nenhum sujeito é previamente mencionado” em um sentido *absoluto*: não seria suficiente que o sujeito não fosse “previamente mencionado” na *mesma frase*, como supus acima. Claro, quando a palavra “eles” é usada

em português, geralmente se refere a algum grupo mencionado anteriormente no texto ou conversação. De acordo com a estrita interpretação da nota de Tolkien sobre **-ntë**, esta desinência pronominal não pode ser usada para quaisquer “eles” que se refere a algum grupo mencionado anteriormente, mesmo se ela estivesse em uma frase bem diferente. A desinência **-ntë** apenas apontaria *adiante*, para algum grupo que deva ser identificado *posteriormente* no texto ou frase (como é o caso no Juramento de Cirion). “Eles”, se referindo a algum grupo (já mencionado em outra frase), exigiria uma desinência diferente, talvez a **-lto** atestada em fontes mais primitivas.

Não posso afirmar que esta não é uma interpretação *possível* das palavras de Tolkien ou dos exemplos disponíveis. Contudo, ainda não me sinto bem usando a desinência **-lto** no quenya no estilo do SdA. Nos exercícios que criei para este curso, ignorei **-lto**, supondo que **-ntë** pode ser usada como uma desinência pronominal significando “eles” de forma geral. Quando Tolkien fala de **-ntë** sendo usada apenas para um sujeito que não tenha sido “previamente mencionado”, suponho que ele queira dizer “não mencionado previamente *na mesma frase*” (pois se um sujeito no plural já tivesse ocorrido, o verbo receberia apenas o indicador normal de plural **-r**). Assim podemos – presumidamente – ter formas como estas, com **-ntë** anexada aos vários tempos de **pusta-** “parar”:

Aoristo **pustantë** “eles param”
 Presente **pustëantë** “eles estão parando”
 Pretérito **pustanentë** “eles pararam”
 Futuro **pustuvantë** “eles pararão”
 Perfeito **upustientë** “eles têm parado”

Como indicado pelo exemplo atestado **tiruvantes** = “**eles** o guardem”, uma segunda desinência pronominal pode ser anexada sucedendo **-ntë** (**-nte-**), indicando o *objeto* da frase. Isto nos leva a outra questão: se **-ntë** é a desinência de sujeito “eles”, qual é a desinência de objeto “os, as, lhes” correspondente?

Ao tratar dos advérbios acima, já citamos a frase **andavë laitivalmet** “longamente os louvaremos” do SdA. Sabendo que **laitivalmet** significa “os louvaremos”, podemos facilmente isolar o **-t** final como o elemento traduzido “os”. (O estudante perspicaz também será capaz de isolar a desinência pronominal que significa “nós” (que neste caso está inserida na palavra *louvaremos*), mas deixaremos esta para depois: na verdade, o quenya possui várias desinências para “nós”, com diferentes significados.)

Como sempre, as coisas não estão bem claras. Os que estão sendo louvados aqui são Frodo e Sam, *duas* pessoas. Alguns, porém, supõem que este **-t** é um “eles” *dual*, sugerindo ainda que **laitivalmet** pode ser traduzido “louvaremos ambos [os dois]”. Aqueles que aderiram a esta teoria foram encorajados pelo fato de que também há uma desinência dual **-t** (como em **ciryat** “2 navios”; dê uma olhada na Lição Três novamente). Nada pode ser definitivamente rejeitado neste ponto, mas a desinência **-t** “os” parece concordar com **-ntë** “eles” muito bem. Não acho que **-t** seja exclusivamente dual mas, de qualquer forma, esta é *uma* desinência que pode ser traduzida “os”. Assim, formas como as a seguir devem ser possíveis:

Tirnenyet = “**eu os** observei”

Melilyet = “você os ama”

Hiruvanyet = “eu os encontrarei”

e ainda:

Pustanentet = “eles os pararam”

Provavelmente, isso se refere a dois grupos diferentes. “Eles pararam *a si mesmos*” é possivelmente expresso de outro modo (infelizmente não sabemos realmente como).

INFINITIVOS COM PRONOMES OBLÍQUOS

Até agora identificamos duas desinências pronominais que podem ser usadas como o *objeto* da frase, **-s** para “o, a, isto” e **-t** para “eles”. Como é evidente a partir dos exemplos atestados (**tiruvantes** “eles o guardem”, **laituvalmet** “os louvaremos”), estas desinências de objeto podem ser anexadas a um verbo finito sucedendo outra desinência pronominal indicando o sujeito. Mas e quanto a uma expressão verbal mais longa envolvendo um *infinitivo*?

Vamos começar com uma frase como **i mól vëyanë cenë i aran ar i tári**, “o escravo ousou ver o rei e a rainha”. Aqui temos o verbo finito **vëyanë** “ousou” + o infinitivo **cenë** “ver”. Agora queremos nos livrar de toda a expressão “o rei e a rainha”, substituindo-a pelo pronome oblíquo “los”, assim “o escravo ousou vê-los”. (Note que eu propositalmente construí um exemplo que será compatível com a teoria do **-t** “os” sendo apenas *dual*, embora eu acredite que este não seja o caso...riscos desnecessários são apenas isto, desnecessários!) Bem, onde colocamos a desinência **-t**? Obviamente, ela deve ser anexada ao infinitivo **cenë** “ver”. **Cenet**, então? Ou, uma vez que o infinitivo **cenë** parece representar o *keni* do élfico primitivo e o *-i* primitivo muda para **-ë** apenas quando final, pode-se pensar que **cenit** é uma melhor escolha. Logo, “o escravo ousou **vê-los**” = **i mól vëyanë cenit**, certo?

Errado! No *Vinyar Tengwar* #41, julho de 2000, foi revelado que o infinitivo de verbos primários é formado com a desinência **-ita** se quaisquer desinências pronominais forem adicionadas (na verdade o sufixo é apenas **-ta-**, que adicionado a um infinitivo como **cenë** = **cenit-** produz **cenita-**). Tolkien, em algumas de suas notas tardias (por volta de 1969), se refere ao “‘infinitivo’ (aoristo) geral formado ao se adicionar *-i* (e como tal não sendo capaz de qualquer sufixação adicional; com afixos pronominais ele era o radical do aoristo); o infinitivo em particular com *-ita* diferenciando em uso do anterior principalmente ao ser capaz de receber afixos pronominais de objeto” (VT41: 17). Ele continuou citando o exemplo **caritas**, “fazendo isto” (ou sendo provavelmente melhor “fazer isto”) – um infinitivo do verbo **car-** “fazer” com a desinência de objeto **-s** “isto” anexada.

Como salientado na lição anterior, não está claro se a referência a um infinitivo construído ao se “adicionar *-i*” significa que há um infinitivo contemporâneo em quenya que mostre a desinência **-i**. Tolkien pode simplesmente se referir à forma original da desinência de infinitivo; ex: o élfico primitivo *kwet̪i* como a forma fundamentando a forma contemporânea em quenya **quetë** “falar” (atestada na frase **polin quetë** “eu posso falar”). De qualquer modo, este infinitivo “não era capaz de qualquer sufixação adicional”, aparentemente para evitar confusão com “o radical do aoristo”. O infinitivo de **car-** “fazer” seria **carë** (**cari-**), mas se tentarmos adicionar uma desinência como **-s** “o, a, isto”

diretamente a ele para expressar “fazer isto”, a forma resultante ****caris** pareceria exatamente como o aoristo “faz”. A forma real **caritas** não é ambígua.

No caso de “eles fazem” vs. “fazê-los”, haveria uma distinção mesmo sem o **-ta**-extra, visto que a desinência de sujeito para “eles” (**-ntë**) difere da desinência de objeto “os” (**-t**). Mesmo assim, Tolkien aparentemente decidiu eliminar qualquer confusão possível entre formas aoristas com desinências de sujeito e infinitivos com desinências de objeto: os infinitivos inserem **-ta**- entre o infinitivo propriamente dito e os sufixos pronominais. Contudo, o infinitivo “ver” é aumentado de **cenë** para **cenita**- quando recebe qualquer desinência de objeto. “O escravo ousou **vê-los**” deve na verdade ser **i mól veryanë cenitat**, o **-ta**- extra introduzido entre o infinitivo e a desinência de objeto.

Não está claro se verbos radicais A se comportam do mesmo modo. O *Vinyar Tengwar* #41 publicou apenas uma citação muito breve das notas de Tolkien de 1969 (o editor aparentemente precisou do espaço para coisas mais importantes, como um profundo artigo sobre a melhor tradução búlgara do Poema do Anel). A citação, reproduzida acima, trata aparentemente apenas da forma infinitiva de verbos primários – aqueles que possuem aoristos em **-ë** ou com desinências **-i**-. Alguns escritores supõem que verbos radicais A funcionando como infinitivo adicionariam de maneira parecida o **-ta** antes de quaisquer desinências de objeto serem sufixadas. Logo, com verbos como **metya**- “terminar, pôr fim a” e **mapa**- “agarrar, segurar”, ela funcionaria mais ou menos assim:

Merintë metyatas “eles querem **terminar isto**”

I ohtari úvar mapatat “os guerreiros não **os agarrarão**”

Talvez tais frases estejam certas, talvez não. Presentemente não há maneira de dizer. Pode-se duvidar que a desinência **-ta** seria adicionada ao radical de um verbo que já termina em **-ta**, como **orta**- “levantar, erguer”. “Eu posso **erguer isto**” seria realmente **polin ortatas**? Geralmente, o quenya não gosta de duas sílabas adjacentes que soem de forma parecida, como as duas **ta**'s aqui.

Felizmente, podemos contornar esta incerteza. Podemos simplesmente evitar anexar desinências pronominais de objeto aos infinitivos de verbos radicais A, uma vez que conhecemos pelo menos alguns pronomes oblíquos *independentes* (ex: **te** “os(los), as(las), lhes” ao invés da desinência **-t** – então para, digamos, “você quis agarrá-los” podemos ter **mernelyë mapa te** ao invés da construção incerta? **mernelyë mapatat**). Trataremos dos pronomes independentes em uma lição posterior. Nos exercícios abaixo, os infinitivos em **-ita** + sufixo de objeto envolvem apenas verbos primários.

É interessante notar que Tolkien traduziu **caritas** como “fazer isto” (VT41: 17). Isto pode sugerir que tais infinitivos também podem funcionar como o *sujeito* de uma frase; ex: **cenitas farya nin** “ver isto é suficiente para mim” (**farya**- verbo “bastar, ser suficiente”; **nin** “para mim”).

O PRETÉRITO DE VERBOS INTRANSITIVOS EM -YA

Na Lição Seis, colocamos algumas regras para a formação “regular” de pretérito, mas também chegamos a várias formas “irregulares” (isto é, formações de pretérito que seguem facilmente os padrões mais comuns). Algumas destas podem de fato formar sub-grupos que são “regulares” o suficiente de acordo com suas próprias regras especiais.

Primeiro deixe-me introduzir dois termos que facilitarão a discussão a seguir: *transitivo* e *intransitivo*. Em terminologia linguística, um verbo é dito transitivo se ele pedir um objeto. A maioria dos verbos facilmente pede, mas não todos. Um verbo como “cair” não é transitivo (= *intransitivo*). O sujeito em si pode “cair”, mas o sujeito não pode “cair” outra coisa; não pode haver objeto. Um típico verbo intransitivo descreve apenas uma ação que o sujeito em si pratica, e não uma ação que está sendo, ou pode ser, feita *a* alguém ou alguma coisa. (Digo “típico”, pois o quenya na verdade possui alguns verbos que não podem sequer ter um sujeito, os assim chamados verbos *impessoais* – a serem discutidos na Lição Dezoitoto.)

Alguns verbos formam pares onde um verbo é transitivo e o outro intransitivo. O sujeito pode *erguer* um objeto (transitivamente), mas o sujeito sozinho pode apenas *erguer-se* (intransitivamente) – não envolvendo qualquer objeto. Outros exemplos de tais pares incluem o transitivo “derrubar” vs. o intransitivo “cair”. Mas em muitos casos, o português usa a *mesma* forma de verbo tanto intransitivamente como transitivamente; ex: “afundar”. Um sujeito pode *afundar* um objeto (ex: “o torpedo afundou o navio”, verbo transitivo com tanto sujeito e objeto), ou o sujeito apenas “afunda” por si mesmo, por assim dizer (ex: “o navio afundou”, verbo intransitivo com apenas o sujeito – obviamente “afundou” é usado com dois significados bem diferentes aqui). Tal ambiguidade também pode ocorrer em quenya; por exemplo, **orta-** abrange tanto “erguer” e “erguer-se”, e o contexto deve ser levado em conta para determinar qual significado é relevante. (Para ser mais concreto: confira se a frase inclui um objeto ou não! Ex: **i aran orta** = “o rei *ergue-se*”, mas **i aran orta ranco** = “o rei *ergue* um braço”.)

Vamos considerar então alguns verbos “irregulares” em quenya. O verbo **farya-** “bastar, ser suficiente” é dito possuir o pretérito **farnë**, irregular no sentido de que a desinência **-ya** do radical verbal é retirada antes da desinência de pretérito **-në**: poderíamos esperar ****faryanë**, mas o *Etymologies* registra mais alguns verbos que exemplificam o mesmo fenômeno: **vanya-** “ir, partir, desaparecer” possui o pretérito **vannë**. (Provavelmente Tolkien substituiu posteriormente o verbo **vanya-** por **auta-** de significado similar, mas ainda podemos considerá-lo aqui.) A estes exemplos do *Etymologies* (ver entradas *PHAR*, *WAN*) podemos adicionar um verbo que o estudante deve ter memorizado como parte da lição anterior: **lelya-** “ir, prosseguir, passar por, viajar” de WJ: 363. Seu pretérito não é ****lelyanë**, mas sim **lendë**, aparentemente uma forma bem irregular (embora não tão irregular como o português “ir” vs. seu pretérito “foi”!) A aparição súbita do encontro **nd** não é um grande mistério; ele surge pela infixação nasal da raiz original **LED**. (Esta raiz é registrada no *Etymologies*, embora de acordo com uma fonte posterior, **LED** é remanejada a partir de **DEL**, ainda mais primitiva. **Lelya-** tenderia a descender do primitivo **ledyâ-** [**ledjâ-**], “visto que *dj* tornou-se *ly* medianamente em quenya” [WJ: 363]. O pretérito **lendë** viria de **lendê**, não muito diferente do verbo **ledyâ-** como estas formas posteriormente se tornaram.) O verdadeiro mistério aqui é este: por que os verbos **farya-**, **vanya-**, e **lelya-** entregam a desinência **-ya** no pretérito?

Pode ser notado que, pelos seus significados, todos os três verbos são distintamente *intransitivos*: bastar, desaparecer, ir. Isto pode ser apenas uma coincidência, é claro, mas o *Etymologies* nos fornece outro exemplo muito interessante. Na entrada **ULU**, o verbo **ulya-** “derramar, verter” é registrado. Tolkien indicou que ele possui um *pretérito duplo*. Se o verbo é usado em um sentido transitivo, como em “o servo derramou água em uma taça”, o pretérito “derramou” é **ulyanë**. Esta seria uma forma inteiramente “regular”. Contudo, se o verbo é usado *intransitivamente*, o pretérito de **ulya-** é **ullë** ao invés disso (presumidamente

representando *unlë* mais antigo, formado por infixação nasal de **ul-** sem a desinência **-ya**; cf. **villë** como o pretérito de **vil-** “voar”, embora no último caso a desinência **-ya** não apareça de qualquer forma). Logo, se você quiser traduzir “o rio *verteu* em um desfiladeiro”, a forma a ser usada é **ullë**, e não **ulyanë**.

Parece, então, que podemos discernir um padrão aqui: verbos intransitivos em **-ya** perdem esta desinência no pretérito; o pretérito é formado a partir de raiz sem desinência, como no caso de verbos primários. Ou colocando de modo diferente: no pretérito, verbos intransitivos em **-ya** entregam esta desinência para passarem por verbos primários. Nos raros casos onde um verbo pode ser tanto transitivo como intransitivo, a desinência **-ya** é mantida quando ele for usado em um sentido transitivo (como na forma de pret. **ulyanë**), mas é perdida quando o verbo é usado em um sentido intransitivo (**ullë**).

O *porquê* disto ser assim é, claro, inteiramente obscuro. Em outros tempos além do pretérito, o verbo **ulya-** “derramar, verter” parece se mostrar na mesma forma não importando se é transitivo ou intransitivo (aoristo **ulya** “derrama”, presente **ulyëa** “está derramando”, futuro **ulyuva** “derramará” etc.) Mas a intenção de Tolkien nunca foi criar um novo esperanto, um idioma visando ser 100% regular e lógico. Dentro de seus mitos, o quenya é tido como uma língua falada usual, desenvolvida durante milhares de anos. Assim, Tolkien deliberadamente pode ter incluído o que você encontrará em qualquer idioma natural: certas características que não fazem necessariamente “sentido” imediato.

A maioria dos verbos em **-ya** é transitiva, e presumidamente manteria sua desinência no pretérito, antes do sufixo de pret. **-në** ser adicionado (como no exemplo atestado **ulyanë**). Aqui está a maioria dos verbos *intransitivos* em **-ya** remanescentes, apesar de Tolkien na verdade não ter mencionado quaisquer formas de pretérito no caso deles: **hwinya-** “rodopiar, girar” (pretérito **hwinnë?**), **mirilya-** “brilhar, resplandecer” (pret. **mirillë?** – cf. **ulya-**, pret. **ullë**), **ranya-** “extraviar-se, perder-se” (pret. **rannë?**), **súya-** “respirar” (pret. **súnë?**), **tiuya-** “inchar, engordar” (pret. **tiunë?**). O verbo **yerya-** pode ser tanto transitivo “gastar (até estragar)” como intransitivo “envelhecer”. Talvez o pretérito seja **yeryanë** no primeiro sentido e **yernë** no último, assim como temos o transitivo **ulyanë** co-existindo com o intransitivo **ullë** como o pretérito “derramou”?

Devo acrescentar que tudo isso é um tanto hipotético, uma vez que Tolkien na verdade não mencionou o pretérito de muitos verbos intransitivos em **-ya**. Mas o estudante deve ao menos prestar atenção nos pretéritos “irregulares” *atestados*, incluindo o pret. duplo de **ulya-** “derramar, verter” e especialmente **lendë** “foi” como a forma de pretérito particularmente inesperada de **lelya-** “ir, viajar, prosseguir”.

NOTA: O tempo *perfeito* deste verbo aparece como **lendië** em alguns textos. SD: 56 indica que em um rascunho, Tolkien usou **lendien** ao invés de **utúlien** para “eu tenho vindo (vim)” na Declaração de Elendil (“Do Grande Mar eu vim para a Terra-média”). **Lendien** significaria, literalmente, “eu fui/parti/viajei” ou algo parecido. Esta forma de perfeito não é aumentada, talvez simplesmente porque Tolkien não havia inventado ainda o aumento que é geralmente prefixado no tempo perfeito. Eu geralmente o forneço, usando **elendië** como o perfeito de **lelya-**. Usei este perfeito em um dos exercícios abaixo.

PARTICÍPIOS PASSIVOS

Retornemos então aos participípios. A contraparte lógica dos participípios ativos tratados na lição anterior é obviamente a dos *participípios passivos*. Eles são frequentemente chamados, ao invés disso, de “participípios passados” (assim como os participípios ativos são frequentemente referidos como “participípios presentes”). Entretanto, o termo “participípio passivo” é bastante apropriado. Este participípio é uma forma adjetiva derivada do radical de

um verbo, e descreve o estado em que algo ou alguém é deixado ao ser exposto à ação verbal correspondente. Por exemplo: se você *esconde* alguma coisa, ela está *escondida*. Portanto, “escondida” é o particípio passivo do verbo “esconder”. A palavra “escondida” pode ser usada como um adjetivo, tanto predicativamente (“o tesouro está escondido”) como atributivamente (“tesouro escondido”). O *particípio passivo* “escondido” contrasta com o *particípio ativo* “escondendo”: o último descreve o estado do *sujeito*, a parte atuante, enquanto que o particípio passivo descreve o estado do *objeto*, aquele passivamente exposto à ação verbal.

No caso de verbos intransitivos, onde nenhum objeto pode estar envolvido, este particípio descreve o estado do próprio sujeito *após* executar a ação verbal em questão: se você *cai*, você estará, por conseguinte, *caído*; se você *vai*, você terá, portanto, *ido*. Aqui o termo frequentemente usado “particípio passado” faz sentido; particípios como *caído* ou *ido* descrevem a condição do sujeito após executar alguma ação “passada”. Eles contrastam com os “particípios presentes” (particípios ativos) *caindo* e *indo*, que descreve a condição do sujeito enquanto a ação verbal ainda é “presente” ou corrente. Mas enquanto estivermos tratando de verbos transitivos – e a maioria dos verbos é transitiva – acredito que seja melhor falarmos de “particípios ativos” vs. “particípios passivos”.

Em português, a maioria dos particípios passivos possui os sufixos *-ado* e *-ido* (os chamados *particípios regulares*: *suspendido*, *encontrado*, etc.); os *particípios irregulares* possuem um grande número de terminações, mas quase todos terminam em *-o* (ex: *pago*, *gasto*, *visto*, etc.). Então, como se parecem as formas correspondentes em quenya?

A grande maioria dos particípios em quenya parece ser formada através da desinência *-na* ou de sua variante mais longa *-ina*. Alguns particípios radicais A incluem a desinência mais longa, o *-a* final do radical verbal e o *i* do sufixo *-ina* fundindo-se em um ditongo *-ai-* (que recebe a ênfase, como qualquer ditongo na penúltima sílaba). Um exemplo é fornecido pela expressão **Arda Hastaina**, “Arda Desfigurada”, um termo élfico para o mundo como ele é, corrompido pelo mal de Morgoth (MR: 254). Esta **hastaina** “desfigurada” parece ser o particípio passivo do verbo **hasta-** “desfigurada”, não atestado de outra forma. Contudo, o verbo **hosta-** “reunir, recolher, agrupar” é atestado tanto no *Etymologies* (entrada *KHOTH*) como no poema *Markirya* (MC: 222-223). Seu particípio passivo aparece na *Fíriel's Song*, onde ele é indicado ser **hostaina** (atestado na forma **hostainiéva** “será reunido”; o sufixo *-iéva* “será” dificilmente é válido no quenya no estilo do SdA, mas o particípio certamente o é). Podemos provavelmente concluir que radicais A em *-ta* quase sempre possuem particípios passivos em *-taina*. Visto que **anta-** significa “dar”, o particípio “dado” seria **antaina**. E uma vez que **orta-** significa “erguer” (ou usado intransitivamente, “erguer-se”), a palavra para “erguido” seria **ortaina**.

É possível que a desinência *-ina* seja adicionada a quase todos os radicais A? A partir de um verbo como **mapa-** “agarrar, segurar”, acho que bem podemos produzir **mapaina** como o particípio “agarrado, segurado”. (Um apoio indireto para isto: a desinência *-ina* também é usada para produzir adjetivos, como em **valaina** “divino” – obviamente uma formação adjectiva baseada em **Vala**, substantivo o qual é análogo em forma a um simples radical A como **mapa-**. Realmente, é dado a entender que o substantivo **Vala** é derivado originalmente de um simples verbo radical A **vala-** “ordenar, ter poder”: WJ: 403-4. Se ele tivesse permanecido apenas um verbo, **valaina** poderia ter significado, ao invés disso, “ordenado”).

O comportamento de radicais A em *-ya* é levemente obscuro. No *Etymologies*, Tolkien registrou uma raiz *PER* “dividir no meio, repartir igualmente” (cf. sindarin *perian*

“pequeno, hobbit”). Ele mencionou então a palavra em quenya **perya**, evidentemente um verbo preservando o significado original. Imediatamente após **perya**, ele registrou uma palavra indefinida **perina**. É este o particípio passivo “repartido”? Creio que este é quase certamente o *significado* desta palavra, mas talvez devamos vê-la como uma formação adjetiva independente derivada diretamente da raiz, e não como o particípio passivo do verbo **perya-**. (Poderíamos ter excetuado **périna** com um *é* longo se este fosse um particípio passivo; ver abaixo a respeito do modelo **rácina**.)

Em outro lugar no *Etymologies*, na entrada **GYER**, temos o verbo **yerya-** “gastar, envelhecer”. A mesma entrada também menciona a palavra **yerna** “gasto”. Até o ponto em que as palavras portuguesas estão relacionadas, **yerna** poderia ser o particípio passivo do verbo **yerya-**. Deveríamos concluir, então, que verbos em **-ya** formam seus particípios passivos ao se substituir esta desinência por **-na**? Novamente acho que **yerna** não é realmente o particípio de **yerya-**, mas sim uma formação adjetiva independente. Os seguintes fatos sustentam isto: 1) Tolkien remontou **yerna** ao *gyernâ* do élfico primitivo, de modo que posteriormente ela não derivou do verbo; 2) Tolkien na verdade registrou a forma **yerna** antes de mencionar o verbo **yerya-**, novamente sugerindo que a primeira não é derivada da última; 3) **yerna** está registrada como “velho” assim como “gasto”, e a primeira palavra sugere que **yerna** deve ser considerada um adjetivo independente, e não um particípio. Dá-se o mesmo, então, com **perina** acima. Isto serviria também para um par como **halya-** “ocultar” vs. **halda** “oculto, escondido” (entrada **SKAL**¹): A última forma Tolkien referiu ao *skalnâ* do élfico primitivo (o *sk-* inicial se tornando **h-** e *ln* se tornando **ld** em quenya). Pode bem ser quem em élfico primitivo, *skalnâ* não contasse como o particípio passivo da raiz verbal **SKAL-** “encobrir, esconder”, mas seu descendente em quenya, **halda**, se desenvolveu em um adjetivo independente (uma das notas de Tolkien para esta palavra, “sombrio”, também é um adjetivo). Assim, **halda** não é necessariamente o particípio passivo do verbo **halya-** derivado a partir da mesma raiz, embora ela tenha de certa forma o mesmo significado que o particípio real teria.

Então como, realmente, trataremos os verbos em **-ya**? Creio que uma pista muito interessante é fornecida em MR: 326 (cf. MR: 315), onde Christopher Tolkien nos diz que, em um texto pós-SdA, Tolkien usou **Mirruyainar** ou **Mirroayainar** para “os Encarnados”. Removendo a desinência de plural **-r**, somos deixados com **mirruyaina/mirroayaina** como o possível particípio “encarnado” – e se também retirarmos a presumida desinência participial, o verbo “encarnar” parece ser **mirruya-** ou **mirroya-**. Tolkien posteriormente mudou a palavra **Mirruyainar/Mirroayainar** para **Mirroanwi**, não envolvendo qualquer **-ya-**, mas as formas rejeitadas ainda podem revelar como o particípio passivo de um verbo em **-ya** se pareceria. Tais verbos parecem ter particípios em **-yaina**, assim como verbos em **-ta** possuem particípios em **-taina**. Logo, supondo que **lanya-** seja o verbo “tecer”, a palavra para “tecido” pode bem ser **lanyaina**. Os particípios passivos normais dos verbos **perya-** “dividir em dois”, **yerya-** “gastar, envelhecer” e **halya-** “ocultar” seriam, de forma parecida, **peryaina**, **yeryaina** e **halyaina** (significando em muito o mesmo que os adjetivos relacionados **perina**, **yerna** e **halda**, é claro, mas o último pode não implicar tão claramente que os estados descritos são *inflingidos* – ver abaixo com respeito a **harna-** vs. **harnaina**).

Podemos provavelmente concluir que quase todos os verbos radicais A formam seus particípios passivos ao se adicionar **-ina**. A única exceção que ocorre no corpus publicado é a forma **envinyanta** “curado” ou mais literalmente “renovado” (MR: 405). Este parece ser o particípio passivo do verbo **envinyata-** “renovar” (não atestado sozinho, mas cf. o título

de Aragorn **Envinyatar** “Renovador”). Este particípio é formado através de inflexão nasal inserida antes da desinência **-ta**. Não podemos saber se a formação mais “regular”, **envinyataina**, ela mesma não atestada, seria uma forma válida.

Entretanto, a desinência **-ina** não é usada apenas no caso de radicais A; verbos primários com **c** ou **t** como sua consoante final também formam seus particípios passivos através desta desinência. O poema *Markirya* inclui a forma **rácina** “quebrado” (**man tiruva rácina cirya**?) “quem observará um navio quebrado?”, MR: 222). Tolkien claramente identifica **rácina** como o particípio passivo (ou “passado”) do verbo **rac-** “quebrar” (MC: 223). O verbo “contar, calcular” é **not-**, e na *Fíriel's Song* temos **nótina** como o particípio passivo “contado”. Parece, então, que verbos primários terminando em interrupções mudas como **c** ou **t** formam seus particípios passivos ao se *alongar* a vogal raiz e *adicionando* a desinência longa **-ina**. Parece que não temos qualquer exemplo atestado do particípio de um verbo primário terminando em **-p** (outra interrupção muda), mas isto com certeza insere o mesmo padrão: o verbo **top-** “cobrir” teria o particípio passivo **tópina** “coberto”. (O verbo **top-** é listado no *Etymologies*; o poema *Namárië* no SdA pode sugerir que Tolkien posteriormente o mudou para **tup-**. Sendo assim, ao invés disso o particípio seria, é claro, **túpina**.) Talvez verbos primários em **-v** também formem seus particípios passivos de acordo com este padrão; ex: **lávina** “permitido, concedido” a partir do verbo **lav-** “permitir, conceder” (não confundir com o verbo de sonoridade semelhante “lamber”). Porém, carecemos de exemplos.

Exemplos atestados também não existem exatamente em abundância para outros verbos primários, mas a maioria deles provavelmente prefere a desinência curta **-na** ao invés de **-ina**. MR: 408 (cf. MR: 405) indica que Tolkien usou **vincarna** para “curado”; a significado mais literal é evidentemente “renovado” ou, completamente literal, “recentemente feito”: **vin-** é o radical do adjetivo em quenya **vinya** “novo, recente”, e **carna** “feito” só pode ser o particípio passivo do verbo **car-** “fazer”. Logo, verbos primários terminando em **-r** possuem particípios passivos em **-rna** (e por causa do encontro consonantal aparecendo aqui, a vogal raiz precedendo-a obviamente *não* pode ser alongada como na classe **rácina** tratada acima). Supondo que **mer-** seja o verbo em quenya “querer, procurar”, os cartazes de *Procurado* do Velho Oeste do quenya teriam evidentemente **Merna**. Talvez **mérina** e **cárina** (sucendo **rácina**) seriam possíveis particípios passivos alternativos de **mer-** e **car-**, talvez não. Creio que é melhor deixar o exemplo atestado **carna** nos guiar aqui.

Para verbos primários em **-m** e **-n**, temos apenas o que pode ser chamado de exemplos indiretos de seus particípios passivos, mas eles provavelmente são bons o suficiente. O verbo **nam-** “julgar” (**namin** “eu julgo”, VT41: 13) parece possuir o particípio passivo **namna**. Esta forma é atestada como um *substantivo* significando “estatuto” (como em **Namna Finwë Míriello**, “o Estatuto de Finwë e Míriel”, MR: 258). Aparentemente o particípio **namna**, significando basicamente “julgado”, também é usado como o substantivo “julgamento, decisão jurídica” e então “estatuto”. Quanto a verbos primários em **-n**, podemos considerar tais substantivos como **anna** “presente” e **onna** “criatura” vs. os verbos **anta-** “dar, presentear” e **onta-** “criar” (ver as entradas *ANA*¹ e *ONO* no Etym) Estes não são verbos primários, é claro (e em quenya esperaríamos que eles tivessem os particípios **antaina** e **ontaina**) – mas os substantivos **anna** e **onna** podem descender de formações participiais primitivas baseadas na palavra raiz pura, antes que **-ta** fosse adicionada para produzir os verbos como eles aparecem em quenya. Assim, **anna** pode vir de um particípio primitivo “dado”, apenas posteriormente usado como um substantivo

“algo que é dado” = “presente”. **Onna** pode representar da mesma forma o particípio passivo original “criado”, posteriormente usado como um substantivo “um ser criado” = “criatura”. Tendo a crer, porém, que a desinência **-na** pode ser adicionada aos radicais de verbos primários do quenya terminando em **-n**. Por exemplo, visto que **cen-** é o verbo “ver”, **cenna** bem pode ser o particípio passivo “visto”. Mas, novamente, **cénina** pode ser uma formação alternativa admissível (talvez possamos ter também **námina** para “julgado”, pelo que sei).

O que dizer de verbos primários em **-l**, tais como **mel-** “amar”? Se não recorrermos ao padrão de **rácina** novamente, usando **mélina** para “amado”, a desinência **-na** teria que ser adicionada diretamente ao radical verbal. Mas uma vez que ****melna** não é uma palavra possível em quenya, **ln** se tornaria **ld**, assim como em um exemplo tratado acima (**halda** em quenya vindo de *skalnâ* do élfico primitivo). O *Etymologies* na verdade registra a palavra **melda**, significando “amado, querido”. Estas palavras são adjetivos, mas pelo seus significados elas estão, é claro, muito próximas ao particípio “amado”. Então estamos mais uma vez para um particípio original que se desenvolveu em um adjetivo independente? O particípio real de **mel-** diferiria em forma, precisamente para distingui-lo deste adjetivo? Sendo assim, podemos considerar **mélina** novamente. Ou **melda** é tanto o adjetivo “querido” como o particípio “amado”? Pode-se perguntar se há algum propósito mesmo em tentar distinguir entre eles, já que seus significados seriam na prática o mesmo.

Outro exemplo também pode ser considerado: o verbo em quenya “carregar, portar, vestir” parece ser **col-**, embora ele nunca tenha sido atestado independentemente: apenas várias derivações são encontradas no nosso corpus. Uma delas aparece em MR: 385: **colla** = “portado, vestido” (também usado como o substantivo “vestimenta, manto”, considerado como “algo que é usado”). Este é um exemplo do particípio passado de um verbo primário terminando em **-l**? Podemos então usar **mella** para “amado”? Tendo a crer que **colla** é preferencialmente um derivado adjetival – talvez representando o *konlâ* primitivo com infixação nasal da raiz *KOL* (não no Etym). Por sua derivação original ele seria paralelo a um adjetivo em quenya tal como **panta** “aberto” (que Tolkien relacionou ao *pantâ* do élfico primitivo, derivado da raiz *PAT* listada no Etym). Temo que nenhuma conclusão exata pode ser alcançada com respeito aos particípios passivos de verbos primários em **-l**, mas creio que o mais seguro seria usar tanto a desinência **-da** (representando o **-na** mais primitivo), como a desinência mais longa **-ina** combinada com o alongamento da vogal raiz.

Os particípios passivos devem concordar em número, assim como os adjetivos normais? Em outras palavras, o **-a** final deve se transformar em **-ë** (para o **-ai** mais antigo) se o particípio descreve um substantivo no plural? Até onde posso ver, o corpus não fornece algum exemplo que pudesse nos guiar. Lembramos que os particípios ativos (desinência **-la**) *não* concordam em número. Entretanto, tendo a crer que os particípios passivos se comportam como adjetivos normais neste respeito. Recém vimos que em muitos casos é difícil mesmo determinar se uma forma deve ser considerada um particípio passivo ou um adjetivo, visto que adjetivos podem ser produzidos com as mesmas desinências. (Isto também serve para o português: um adjetivo como *querido* poderia bem ser um particípio passivo por sua forma.) Uma vez que se assume que adjetivos como **valaina** “divino” e **yerna** “gasto” devam concordar em número, é difícil imaginar que particípios como **hastaina** “desfigurado” ou **carna** “feito” não mostrariam tal concordância. Logo, eu mudaria o **-a** final para **-ë** onde o particípio descreve um substantivo no plural (ou vários substantivos).

Em português, participípios passados/passivos são usados como parte das circunlocuções que simulam a função de um tempo perfeito verdadeiro: “o anão tem *visto* (viu) o elfo”; “a mulher está *caída*”. Mas aqui o quenya simplesmente usaria, ao invés disso, o tempo perfeito real: **I Nauco ecénië i Elda; i nís alantië**. Talvez **ná lantaina** também seja admissível para “*está caída*”, mas traduzir “o anão tem visto (viu) o elfo” como ****i Nauco harya cenna i Elda** (copiando diretamente a construção da expressão em português) apenas resultaria em algo sem sentido.

Uma nota final: em alguns casos, formas em **-na** que foram originalmente participiais ou adjetivais, tornaram-se verbos radicais A. A palavra primitiva *skarnâ*, registrada na entrada *SKAR* no *Etymologies*, talvez tenha sido originalmente o participípio passivo “rasgado, arrancado” (visto que a própria raiz *SKAR* é dita significar “rasgar, arrancar”). Em quenya, *skarnâ* se tornou **harna** “ferido”, provavelmente parecendo um adjetivo ao invés de um participípio. O engraçado é que **harna-** também veio a ser usado como o verbo “ferir”, e se este verbo possui seu próprio participípio passivo, **harnaina**, teremos fechado o círculo! Em português, tanto **harna** como **harnaina** devem ser traduzidas “ferido”, mas enquanto que **harna** meramente descreveria o estado de se ficar ferido, **harnaina** claramente implica que as feridas foram *inflingidas*. Cf. o adjetivo português “cheio” (meramente descrevendo um estado) vs. o participípio passivo “cheio” (implicando que o estado em questão resulta do ato de se encher).

Sumário da Lição Dez: advérbios são palavras usadas para fornecer informação extra sobre o *como*, o *quando*, ou o *onde* da ação verbal descrita em uma frase. Pelo menos em português, um advérbio também pode ser usado para modificar o significado de um adjetivo, ou mesmo outro advérbio. – a desinência pronominal em quenya para “eles” é aparentemente **-ntë** (Tolkien provavelmente abandonou a desinência **-lto** que ocorre em material mais primitivo); a desinência de objeto correspondente “os, as, lhes” parece ser **-t** (embora alguns achem que ela seja apenas dual: “os dois deles”). – Verbos primários, que possuem infinitivos em **-ë** (ex: **quetë** “falar, dizer”), tornam-se formas em **-ita-** se uma desinência pronominal indicando o objeto deva ser adicionada (ex: **quetitas** “dizer isto”, com a desinência **-s** “o, a, isto”). – Exemplos disponíveis parecem sugerir que verbos intransitivos em **-ya** abandonam esta desinência no pretérito, que é formado, ao invés disso, diretamente a partir do radical (como se o verbo fosse um verbo primário). Por exemplo, o pret. de **farya-** “bastar” é **farnë**, e não ****faryanë**. – Participípios passivos são derivações adjetivas que geralmente descrevem o estado que é infligido a alguém ou alguma coisa pela ação verbal correspondente: o que você *esconde* (verbo) torna-se *escondido* (participípio passivo). Verbos radicais A parecem formar seus participípios passivos em **-ina** (ex: **hastaina** “desfigurado” de **hasta-** “desfigurar”). Esta desinência também é usada no caso de verbos primários terminando em **-t** e **-c**, provavelmente também **-p** e ainda possivelmente **-v**; nesta classe de verbos, a desinência é combinada com o alongamento da vogal raiz (ex: **rácina** “quebrado” de **rac-** “quebrar”). pode ser que o mesmo padrão possa ser aplicado a *todos* verbos primários, mas verbos em **-r**, ao invés disso, usam a desinência **-na**, sem alongamento da vogal raiz (**carna** “feito” de **car-** “fazer”). Verbos primários em **-m**, e provavelmente também **-n**, usariam de maneira similar a desinência simples **-na** (ex: **namna** “julgado” de **nam-** “julgar”, **cenna** “visto” de **cen-** “ver”). É um tanto incerto como devemos tratar os verbos primários em **-l**; se formos usar a desinência simples **-na**, ela se tornaria **-da** por razões fonológicas (ex: **melna** > **melda** “amado” como o participípio passivo de **mel-** “amar”; **melda** é atestado como o adjetivo “amado, querido”). Participípios passivos

provavelmente concordam em número do mesmo modo que os adjetivos, mudando o **-a** para **-ë** se eles descreverem um substantivo no plural ou vários substantivos.

VOCABULÁRIO

nertë “nove”

núra “profundo”

anwa “real, atual, verdadeiro”

nulda “secreto”

telda “final, último” (adjetivo derivado da mesma raiz do nome dos *teleri*, o Terceiro Clã dos Eldar, assim chamados porque eles sempre eram os *últimos* ou mais atrasados durante a marcha a partir de Cuiviënen – bem atrás dos vanyar e dos Noldor, que estavam mais ansiosos para alcançar o Reino Abençoado)

linta “rápido” (pl. **lintë** no *Namárië*, que o poema se refere a **lintë yuldar** = “goles rápidos”)

hosta- “reunir, agrupar”

nórë “terra” (uma terra associada a um povo em particular, WJ: 413)

lambë “língua = idioma” (e não “língua” como uma parte do corpo)

car- “fazer”

farya- “bastar, ser suficiente”, pret. **farnë** (e NÃO ****faryanë** – por que o verbo é intransitivo?)

ve preposição “como”

EXERCÍCIOS

Traduza para o português:

- A. **Melinyet núravë.**
- B. **Lindantë vanyavë, ve Eldar.**
- C. **Ilyë nertë andor nar tirnë.**
- D. **Merintë hiritas lintavë.**
- E. **Haryalyë atta parmar, ar teldavë ecendielyet.**
- F. **Anwavë ecénien Elda.**
- G. **I nurtaina harma úva hirna.**
- H. **Úmentë merë caritas, an cenitas farnë.**

Traduza para o quenya:

- I. Eles têm viajado [/ido] (viajaram/foram) secretamente através da terra.
- J. Os elfos reunidos quiseram ver isto.
- K. Idioma escrito não é como idioma falado.
- L. Cinco navios não eram suficientes [/não bastavam]; nove bastaram.
- M. Eu realmente pararei de fazer isto [/verdadeiramente cessarei de fazê-lo].
- N. Eles rapidamente reuniram os nove anões apavorados.
- O. Finalmente você irá vê-los como você tem desejado (quis) vê-los.
- P. Eles não querem escutar isto.

LIÇÃO ONZE

O conceito de casos.

O caso genitivo.

CASOS

As Lições de 1 a 10 trataram principalmente de adjetivos e verbos. Quanto aos substantivos, nós apenas discutimos como seu plural e formas duais são construídas. Há, porém, muito mais a ser dito sobre a declinação do substantivo em quenya. A segunda metade deste curso tratará predominantemente do elaborado sistema de *casos* do quenya, que é de fato a característica mais típica do idioma. É no tratamento dos substantivos que a estrutura gramatical do quenya reflete mais claramente duas das inspirações de Tolkien: o finlandês e o latim.

O que, lingüisticamente falando, são casos? Um substantivo pode possuir muitas funções em uma frase. O português pode indicar que função um substantivo possui por meio apenas da ordem das palavras. Em uma frase como “o homem ama a mulher”, é meramente a ordem das palavras que revela o fato de que “o homem” é o sujeito e “a mulher” é o objeto. A regra que muito cedo é inserida na mente subconsciente das crianças expostas ao português é mais ou menos desse modo: “o substantivo em frente do verbo predicado é seu sujeito, enquanto que o substantivo que após ele geralmente é seu objeto.” Onde a ordem de palavras não é suficiente, o português pode inserir preposições esclarecedoras na frente de um substantivo; ex: “para” em uma frase como “o elfo dá um presente *para* o anão”. Existem idiomas que não precisariam ter um “para” aqui; ao invés disso, o substantivo “anão” ocorreria em uma forma declinada especial.

Claro, o quenya também possui preposições, e o estudante já encontrou várias: **nu** “sob”, **or** “sobre”, **imbë** “entre”, **ve** “como”, **mir** “dentro de” (palavra na qual, por sinal, é formada a partir da preposição mais simples **mi** “em”). Mas é uma característica do quenya que, onde o português freqüentemente colocaria uma preposição em frente de um substantivo, ou depende unicamente da ordem das palavras para indicar qual é a função de um substantivo, *ele possui uma forma especial do substantivo* que por si só indica sua função. Estas várias formas especializadas do substantivo são chamadas de *casos*. Por exemplo, o citado acima – “o elfo dá um presente **para** o anão” – seria traduzido para o quenya em algo como **i Elda anta anna i Naucon**, onde a *desinência de caso -n* adicionada a **Nauco** “anão” corresponde a preposição portuguesa “para”. (Este caso em particular é chamado de *dativo*, a ser completamente tratado na Lição 13.)

Certas preposições também podem exigir que a palavra (substantivo ou pronome) sucedendo-as apareça declinada por algum caso – algumas vezes um tanto sem relação com a independente função normal deste caso. A preposição relevante é dita então “tomar” (ou “dominar”) este ou aquele caso.

As formas do substantivo em quenya até agora tratadas (singular, plural ou dual) são exemplos do caso *nominativo*. A função gramatical mais importante do nominativo é que esta é a forma que um substantivo possui quando ele funciona como o sujeito de um verbo. Na Lição Cinco, tocamos brevemente em outra forma do substantivo – o caso *acusativo*, que é a forma que o substantivo assume quando ele é o *objeto* de um verbo. O português moderno não preserva qualquer distinção entre nominativo e acusativo em substantivos. Substantivos portugueses não mudam sua forma quanto ao substantivo ser o sujeito ou o

objeto da frase – e também não o fazem os substantivos no quenya da Terceira Era. Tolkien imaginou uma forma arcaica de quenya, “quenya livresco”, que possuía um caso acusativo distinto em forma do nominativo. O substantivo “navio” seria **ciryá** (pl. **ciryar**) se ele fosse usado como o sujeito de uma frase, mas seria **ciryá** (pl. **ciryai**) se aparecesse como o objeto: nominativo vs. acusativo. Entretanto, o acusativo distinto desapareceu da idioma como falado na Terra-média; as formas **ciryá** (pl. **ciryar**) vieram a ser usadas tanto como sujeito e objeto. Logo, ou você pode dizer que no quenya da Terceira Era os casos nominativo e acusativo vieram a ser idênticos em forma, ou pode dizer que o nominativo assumiu as funções do acusativo distinto de modo que, na verdade, não existe mais acusativo. Isto se reduz exatamente a mesma coisa.

Mas até onde sabemos, o acusativo foi o único caso do quenya que se perdeu entre os Exilados. Os casos remanescentes, em acréscimo ao nominativo, são o *genitivo*, o *possessivo*, o *dativo*, o *alativo*, o *ablativo*, o *locativo*, e o *instrumental*. Há também um caso misterioso que Tolkien registrou na Carta Plotz, mas sem discutir seu nome ou uso – logo, há pouco que eu posso dizer sobre ele aqui.

Nas Lições 11 a 16, trabalharemos a lista de casos do quenya, discutindo suas funções e como eles são formados. Precisamente porque temos a abençoada Carta Plotz, estamos agora em um terreno um tanto mais sólido do que geralmente nos encontramos ao discutir a gramática do quenya. (Tolkien realmente deveria também ter enviado a Dick Plotz uma lista de pronomes e formas do verbo!)

O GENITIVO

Começaremos nossa discussão dos casos do quenya com as poucas formas de substantivos do quenya que realmente possuem (mais ou menos) um equivalente direto em português. Enquanto o quenya possui nove ou dez casos do substantivo, o português possui apenas dois (puros): nominativo e acusativo (os outros casos são formados geralmente por uma preposição + o acusativo). Já tratamos do nominativo: em português, assim como no quenya exílico, um substantivo aparece no nominativo quando ele é o sujeito ou o objeto de uma frase. Em ambos os idiomas, o nominativo no singular pode bem ser considerado a forma mais simples do substantivo. Não há uma desinência especial ou outro elemento declinável para indicar que “esta é uma forma nominativa”; mais exatamente, é a *ausência* de tais elementos que nos diz em que caso está o substantivo.

Todos os outros casos, porém, apresentam elementos especiais. Um desses casos é o *genitivo*. No singular, ele é formado pela adição de uma preposição, *de*, e duas contrações (*da* e *do*) antes do substantivo; ex: casa *de* boneca, etc.

A função gramatical deste caso deve ser familiar o suficiente pra qualquer um capaz de ler este texto; já na Lição Dois, tocamos brevemente nesta “forma de propriedade”. O caso genitivo é usado para indicar “origem ou posse”. Em uma combinação como *a boneca da menina*, o caso genitivo é usado para coordenar dois substantivos de forma a indicar que o segundo é dono ou possuidor do primeiro. (Desta primeira palavra a qual a forma de genitivo de conecta, como “boneca” no nosso exemplo, diz-se algumas vezes ser *regida* pelo genitivo. De modo oposto, pode-se dizer que a forma de genitivo em si “depende” desta outra palavra; esta é a expressão de Tolkien em CI: 497.) O genitivo português não implica necessariamente “posse” no sentido mais estrito, mas também pode ser usado para descrever outros tipos de “pertence”, tais como relações familiares – ex: *a mãe da menina*. Quanto ao genitivo sugerindo *origem*, podemos pensar em expressões como *os desenhos do arquiteto* (os desenhos feitos pelo arquiteto, e não necessariamente pertencendo a ele, mas

se *originando* dele). O substantivo do genitivo pode ainda não indicar um ser senciente; ex: *os melhores artistas da Inglaterra* (os melhores artistas vindos da/vivendo na Inglaterra). O último exemplo também pode ser chamado genitivo de *locação*; os melhores artistas da Inglaterra são os melhores artistas localizados *na Inglaterra*.

O substantivo do qual a forma de genitivo depende bem pode ser *outro* genitivo, que por sua vez se refere a um terceiro substantivo – ex: “a casa da irmã da rainha”. A princípio podemos ligar um número infinito de genitivos (“o cão do irmão da tia do pai do rei... [etc. etc.]”) – embora isto não deva ser um grande incômodo para aquelas pessoas que se importam com o estilo e clareza, pois não levariam isso muito adiante.

De certa forma como os adjetivos, os genitivos podem ser usados tanto atributivamente e como predicados. Todos os exemplos acima são exemplos de genitivos atributivos, diretamente associados com um substantivo do qual o genitivo então depende. Um genitivo entretanto funcionaria como um predicado em uma frase como *o livro é de Pedro*. Mas ao invés de usar genitivos como predicados, o português freqüentemente recorre a circunloqu coastes (como *o livro pertence a Pedro*).

E o que dizer do quenya? As funções dos genitivos portugueses são cobertas por *dois* casos de substantivos do quenya; discutiremos o outro caso relevante na próxima lição. As funções do caso geralmente referido como o genitivo do quenya são de certa forma mais limitadas do que as funções do genitivo português. Mas em primeiro lugar, vamos tratar da maneira que o genitivo do quenya é formado.

A desinência básica do genitivo do quenya é **-o**. A partir dos substantivos que agora devem ser bem conhecidos do estudante, podemos produzir genitivos como **arano** “do rei”, **tário** “da rainha” e **vendão** “da donzela”. Se o substantivo *já termina em -o*, a desinência de genitivo geralmente se torna “invisível”. Em CI: XXII temos **ciryamo** para “do marinheiro”. Esta é a nossa única confirmação deste substantivo, mas não há razão para duvidar de que sua forma nominativa “marinheiro” é do mesmo modo **ciryamo** (esta palavra é obviamente derivada de **cirya** “navio”, e a desinência masculina/pessoal **-mo** [WJ: 400] é bem atestada em outro lugar: assim, **cirya-mo** = “pessoa de navio”). Um nome como **Ulmo** poderia ser tanto nominativo “Ulmo” como genitivo “de Ulmo”; o contexto deve decidir como a forma deve ser compreendida. (Contudo, no caso de substantivos em **-o** que possuem formas de radicais especiais em **-u**, como **curo**, **curu-** “artifício habilidoso”, provavelmente veríamos **curuo** como a forma do genitivo.)

Substantivos terminando em **-a** perdem esta vogal quando a desinência de genitivo **-o** é adicionada: uma vez que a fonologia do quenya não permite a combinação **ao**, ela é simplificada para **o**. Por exemplo, o *Namárië* demonstra que o genitivo “de Varda” é **Vardo**, e não ****Vardao**. E acontece, então, que alguns substantivos de outra forma distintos coincidem no genitivo; por exemplo, parece que tanto **anta** “face, rosto” como **anto** “boca” possuem a forma de genitivo **anto**. O contexto deve ser levado em conta para determinar qual substantivo é pretendido.

No *plural*, a desinência de genitivo **-o** é aumentada para **-on** (como veremos depois, o indicador de plural **-n** ocorre em várias das desinências de casos do quenya). Esta desinência **-on** é adicionada à forma mais simples de plural (nominativo) do substantivo, em **-r** ou **-i**. Assim, um plural **r-** como **aldar** “árvores” possui o plural genitivo **aldaron** “das/de árvores” – enquanto que um plural **i** como **eleni** “estrelas” possui a forma genitiva **elenion** “das/de estrelas”. (As regras normais de tonicidade ainda se aplicam, de modo que enquanto **eleni** é enfatizada na primeira sílaba, a ênfase deve cair sobre **-len-** na forma mais longa **elenion**.) Ambas são atestadas no SdA: o *Namárië* tem **rámar aldaron** para “asas

das árvores” (uma circunlocução poética para “folhas”), e Frodo, falando em quenya em Cirith Ungol refere-se a Eärendil como **elenion ancalima**, “a mais brilhante das estrelas”.

Um exemplo conhecido de um genitivo plural é o próprio título do **Silmarillion**, formado a partir do nominativo plural **Silmarilli** “Silmarils”. Este título é bem aplicado, considerando que é propriamente apenas uma metade de uma expressão mais longa de genitivo, encontrada no frontispício sucedendo o *Ainulindalë* e o *Valaquenta*: **Quenta Silmarillion**, “A História das Silmarils”.

Quanto ao genitivo *dual*, Tolkien indicou que sua desinência é **-to**, combinando a desinência dual **-t** com a desinência básica de genitivo **-o**. Na Carta Plotz, Tolkien usou o exemplo **ciryato**, “de um par de navios”. Há uma incerteza aqui, não referida em Plotz: a desinência também deve ser **-to** no caso dos substantivos que possuem formas duais em **-u** ao invés de **-t**? Ou o **u** simplesmente substituiria o **t** aqui, de modo que tais pronomes, ao invés disso, possuiriam genitivos duais em **-uo**? Concretamente: se o nominativo “(as) Duas Árvores” é **Aldu**, o genitivo “das Duas Árvores” deve ser **Alduto** ou **Alduo**? Uma forma como **Alduto** teria um indicador de dual *duplo*, tanto **u** como **t**, mas então genitivos no *plural* incluiriam da mesma forma indicadores duplos de plural (**elenion**, **aldaron**). Ainda assim, não estou pronto para excluir a possibilidade de que genitivos em **-u** devam ter genitivos em **-uo**; ex: **i cala Alduo** para “a luz das Duas Árvores”. Mas visto que o material publicado não permite conclusões certas a este respeito, eu simplesmente evitei o problema nos exercícios abaixo.

As “formas de radicais” especiais de alguns substantivos são relevantes também para a formação de genitivos. De **rá** (**ráv-**) “leão” teríamos o genitivo **rávo** “de/do leão”; de **nís** (**niss-**) “mulher” teríamos **nisso** “de/da mulher”. As formas no plural seriam **rávion** “de/dos leões” e **nission** “de/das mulheres” – cf. os plurais nominativos **rávi** e **nissi**. Não estou muito certo sobre as formas duais; talvez possamos ter **ráveto** e **nisseto** (um **-e-** inserindo-se antes da desinência **-to** de modo que encontros consonantais impossíveis não apareçam; ver as lições posteriores com respeito a exemplos atestados de um **-e-** extra sendo introduzido desta forma).

Até agora vimos a formação do genitivo; agora devemos retornar a sua *função*. Em português, o genitivo frequentemente indica quem é dono do que, como em “a casa do homem”. De fato, esta é a principal função do genitivo português. Contudo, o caso genitivo do quenya *não* é geralmente usado para descrever simples posse de coisas. Tolkien indicou expressamente que este caso justamente “não era [usado] como um 'possessivo', ou adjetivamente para descrever qualidades” (WJ: 368).

Para compreender sua função, é bem útil ter em mente sua derivação final. Tolkien explicou que “a fonte da declinação do “genitivo” mais usada do quenya” era um antigo elemento adverbial ou “preposicional” significando basicamente *de* ou *dentre*. De acordo com WJ: 368, ele originalmente possuía a forma *HO* ou, como um elemento adicionado a substantivos, *-hó*. O último era a fonte direta da desinência casual do quenya **-o** (plural **-on**). Mas de acordo com o *Etymologies*, o quenya também possuía uma preposição regular **ho** “de (no sentido de *proveniente de*), desde”, e em WJ: 368 Tolkien menciona **hó-** “desde, fora de” como um prefixo verbal; ex: em **hótuli-** “vir de longe” (literalmente deixar um lugar ou grupo e se unir a outros em pensamento ou no local do falante).

Mesmo a desinência casual **-o** pode ocasionalmente expressar “de, desde”, o significado mais básico do elemento primitivo *HO*. No *Namárië* prosaico temos a linha

Varda...ortanë máryat Oiolossëo, “Varda...ergueu suas mãos **do** Oiolossë” (essencialmente o mesmo na versão do SdA, mas com uma ordem “poética” de palavras mais complicada). A tradução no SdA tem “Varda...do Monte Semprebranco ergueu suas mãos” – **Oiolossë** “Semprebranco” sendo um nome de Taniquetil, a grande montanha do Reino Abençoado onde Manwë e Varda habitam.

Entretanto, **Oiolossëo** é o nosso único exemplo de genitivo do quenya sendo usado com tal significado. (Para “(vindo) de”, o quenya geralmente usa outro caso – o *ablativo*, a ser tratado em uma lição posterior.) Normalmente, a desinência **-o** é vista tendo adquirido outros significados mais abstratos. Apesar disso, uma importante função do genitivo do quenya ainda reflete claramente a idéia de alguma coisa vindo “de” algo ou de outra pessoa: o genitivo do quenya pode ser usado para descrever a *fonte*, *origem* ou *dono anterior* de algo – chamados “genitivos derivativos” (WJ: 369). Tolkien explicou que **róma Oromëo** “trompa de Oromë” se refere a uma trompa *vindo de* Oromë, e não uma trompa que Oromë ainda possui, ou ainda possuísse no momento em que ele fosse considerado (WJ: 168). Da mesma maneira, **lambë Eldaron** não poderia ser usado para “o idioma dos Eldar”, pois isto significaria “o idioma vindo dos Eldar”; Tolkien acrescentou que tal expressão apenas seria válida “em um caso onde o idioma inteiro fosse adotado por outro povo” (WJ: 368-369). Levando isto em conta, a expressão genitiva **Vardo tellumar** “abóbadas de Varda” no *Namárië* pode não implicar necessariamente que as “abóbadas” celestiais *pertencam* a Varda, mas sim que ela criou-as, que elas se *originaram* dela.

Tolkien também registrou “dentre” como um dos significados do elemento primitivo *HO*, e este significado é discernível em exemplos de *genitivo partitivo* do quenya, o genitivo indicando do que alguma coisa ou alguém faz *parte*. Na expressão **Eärendil Elenion Ancalima** “Eärendil, a mais brilhante *das estrelas*” (Letters: 385), as palavras **elenion ancalima** na verdade implicam “a mais brilhante *dentre* as estrelas”: após sua lendária transformação, Eärendil carregando a Silmaril é ele mesmo uma das estrelas, como indicado pelo capítulo *O Espelho de Galadriel* no Volume Um do SdA (“Eärendil, Estrela da Tarde, a mais amada pelos elfos, emanava do céu um brilho...”)

Parece que um genitivo partitivo também pode indicar do que alguma coisa é parte em um sentido completamente físico: em uma expressão traduzida como “as mãos do Poderes”, a *Fíriel's Song* usa o genitivo plural **Valion** para “dos Poderes” (sc. “dos **Valar**” – como indicado pelo *Etymologies*, entrada *BAL*, **Vali** é uma alternativa válida para **Valar** como a forma plural de **Vala**). As mãos dos Valar, quando estão encarnados, são fisicamente *parte* dos próprios Valar.

A relação entre um *lugar* e algo *localizado naquele lugar* também pode expressada por meio do caso genitivo (cf. nosso próprio exemplo “os melhores artistas da Inglaterra”). O *Namárië* possui **Calaciryo míri** para “jóias de Calacirya” (**Calacirya** “Fenda de luz” sendo um lugar no Reino Abençoado; note que como no caso de **Vardo** “de Varda”, a desinência de genitivo **-o** “engole” o **-a** final). Talvez isto também possa ser analisado como um genitivo partitivo, se algo localizado em um lugar é de alguma forma considerado *parte* deste lugar. Uma construção mais abstrata, mas talvez basicamente parecida, é encontrada em no *Juramento de Círon*: **Elenna-nórëo alcar** “a glória da terra de Elenna”. Se não percebermos a **alcar** ou glória como estando de alguma forma “localizada” em Elenna (= Númenor), devemos pensar nela como emanando *de* Elenna, de modo que o genitivo indica *fonte*. (Ver a próxima lição a respeito do caso comparável **alcar Oromëo**.)

Relações familiares são indicadas pelo caso genitivo. Na Saudação de Barbárvore a Celeborn e Galadriel ocorre a expressão genitiva **vanimálion nostari**, “pais de belas

crianças” (Letters: 308) ou mais literalmente “criadores de seres belos” (SD: 73) – **vanimáli** significando “seres belos” (genitivo pl. **vanimálion**) e **nostari** significando “criadores”. Pode-se argumentar também que este exemplo mostra que um substantivo indicando algum tipo de agente, e outro substantivo indicando aquele que ao qual este agente *faz* alguma coisa, pode ser coordenado por meio do caso genitivo (os “seres belos” foram *criados* pelos *criadores*). Qualquer que seja o caso, temos outros exemplos de relações familiares descritas por meio de um genitivo. No índice do *Silmarillion*, entrada “Filhos de Ilúvatar”, aprendemos que esta é a tradução de **Híni Ilúvataro**. Visto que Ilúvatar (“Pai de Todos”) é um título de Deus, este exemplo é um tanto profundo, mas o caso genitivo certamente também seria usado em expressões como “os filhos do rei” (provavelmente **i arano yondor**). Já que o caso genitivo descreve relação de *pais* quanto a sua prole, podemos analisar as construções como genitivos derivativos, os pais sendo a origem física de seus filhos. Mas no exemplo **Indis i-Ciryamo** “a Esposa do Marinheiro” (CI: XXII), o genitivo inquestionavelmente descreve uma relação familiar e nada mais, uma vez que o “Marinheiro” não é de modo algum a fonte ou origem de sua esposa.

Talvez possamos generalizar mais além e dizer que relações entre *peessoas* podem ser descritas pelo caso genitivo do quenya. Em WJ: 369, Tolkien indicou que o genitivo seria usado em uma expressão como **Elwë, Aran Sindaron** “Elwë [= Thingol], Rei dos Sindar [elfos-cinzentos]”. Aqui a relação é aquela entre um governante e os governados. A mesma construção, porém, poderia ser usada com referência à *área* que é governada: “Rei de Lestanórë” seria **Aran Lestanórëo** (Lestanórë sendo o nome em quenya da terra chamada *Doriath* em sindarin). O caso genitivo também pode se referir a *coisas* que são controladas: em um livreto que acompanhava uma exibição nos Arquivos da Universidade de Marquette em setembro de 1983, *Catálogo de uma Exibição dos Manuscritos de JRRT*, Taum Santoski apresentou a tradução em quenya de Tolkien do título “Senhor dos Anéis”: **Heru i Million**, que é **heru** “senhor” + **i** “o” + o que provavelmente seria o genitivo plural de um substantivo **millë** “anel”, não atestado de outra forma. No próprio SdA, porém, a palavra em quenya para “anel” é dada como **corma**, Frodo e Sam sendo saudados como **Cormacolindor** ou Portadores do Anel (esta palavra ocorrendo no Louvor de Cormallen). Para “Senhor dos Anéis” poderíamos esperar portanto **Heru i Cormaron**, mas de qualquer modo, a expressão **Heru i Million** confirma que o caso genitivo pode ser usado para descrever a relação entre um governante e o governado (peessoas, área ou coisa).

Um dos significados mais abstratos do caso genitivo pode adquirir é *de = sobre, a respeito*, como em **Quenta Silmarillion** “a História das (= a respeito das) Silmarils”. Outro exemplo atestado é **quentalë noldoron** “a história dos noldor” (VT39: 16). É provável que o genitivo possa ser usado neste sentido também em ligação com os verbos como **nyar-** “contar, relatar” ou **quet-** “falar”, ex: **nyarnen i Eldo** “eu relatei **sobre** o elfo” ou **i Naucor quetir altë harmaron** “os anões falam **de** grandes tesouros”. Porém, carecemos de exemplos atestados.

Algumas vezes o significado preciso de um genitivo é difícil de se definir claramente. Na famosa saudação **elen síla lúmenn' omentielvo**, “uma estrela brilha sobre a hora do nosso encontro”, o genitivo simplesmente coordena os substantivos “encontro” e “hora” para indicar que o “encontro” aconteceu na “hora”. Na expressão **Heren Istarion** “Ordem dos Magos” (CI: 426), pode-se perguntar se o genitivo **Istarion** “dos Magos” implica que a ordem foi *fundada* por magos, que ela *pertence* a magos, que ela é *composta* de magos, que ela *organiza* ou *controla* (ou ainda *é controlada por*) magos, etc. Com toda

probabilidade, várias ou todas estas sombras de significado poderiam estar envolvidas ao mesmo tempo.

Considere também esta passagem do SdA, no capítulo *As Casas de Cura* no terceiro volume:

Logo em seguida entrou o mestre-de-ervas. – Vossa Senhoria solicitou a *folha-do-rei*, como os rústicos a chamam – disse ele –, ou *athelas* na língua nobre, ou ainda para aqueles que conhecem um pouco da língua de Valinor...

- Eu a conheço – disse Aragorn -; e não quero saber se você a chama de *asëa aranion* ou *folha-do-rei*, contanto que tenha um pouco.

Assim, **asëa aranion** é a expressão em quenya (ou na “língua de Valinor”) para “folha-do-rei”, a erva chamada *athelas* em sindarin. A palavra **asëa** se refere a algum tipo de planta útil ou benéfica, mas que significado preciso o genitivo plural **aranion** “dos reis” expressa aqui? Os reis não *possuíam* ou *criaram* a folha-do-rei; ela era meramente *usada* por eles para propósitos de cura. A menos que isto seja comparável a construção **Calaciryo míri** pelo fato de que a folha-do-rei estava fisicamente com os reis quando eles a usavam para cura (“Vida dos que morrendo estão/ Que o rei detém em sua mão!”), devemos concluir que o genitivo também pode ser usado para indicar de preferência estados mal definidos de “propriedade”, ou mera associação.

Ordem das palavras: na versão prosaica do *Namárië*, Tolkien colocou um genitivo na *frente* do substantivo do qual ele depende: **Aldaron lassi** = literalmente “asas das árvores”, **ómario lírinen** = literalmente “na canção de sua voz”, **Calaciryo míri** = literalmente “jóias de Calacirya” – cf. a tradução entrelinhas em RGEO: 66-67. (Deve ser notado que **aldaron lassi** foi alterado a partir de **lassi aldaron** na versão “poética” no SdA.) Em cima da versão “prosaica” inteira, Tolkien também colocou o sobrescrito **Altariello nainië**, “lamento de Altariel (= de Galadriel)”. O *Juramento de Cirion* apresenta a mesma ordem de palavras: **nórëo alcar** “a glória da terra”, **Elendil vorondo voronwë** “a fé de Elendil, o Fiel” (a desinência de genitivo sendo anexada à *última* palavra na expressão **Elendil voronda** “E. [o] Fiel”; Como sempre, a desinência remove um -a final). No SdA também temos **elenion ancailima** para “a mais brilhante das estrelas”. Então em prosa normal o genitivo deve sempre vir antes?

Não necessariamente, ao que parece. A maioria dos genitivos atestados em quenya *sucede* o substantivo do qual dependem, com a mesma ordem de palavras da construção com *de* em português. No caso da maior parte destas atestações, não temos qualquer razão para supor que a ordem das palavras é particularmente “poética”: **Quenta Silmarillion** “História das Silmarils”, **Heru i Million** “Senhor dos Anéis”, **lúmenn' omentielvo** “sobre a hora do nosso encontro”, **asëa aranion** “*asëa* [planta benéfica] dos reis” (folha-do-rei; os dois últimos exemplos são do SdA), **Híni Ilúvataro** “Filhos de Ilúvatar” (Índice do *Silmarillion*), **mannar Valion** “para as mãos dos Poderes” (*Fíriel's Song*), **Heren Istarion** “Ordem dos Magos” (CI: 426), **Pelóri Valion** “Elevações Circundantes dos Vali [Valar]” (MR: 18), **Aran Sindaron** “Rei dos Sindar” (WJ: 369), **Aran Lestanórëo** “Rei de Doriath” (*ibid.*), **i equesti Rúmilo** “os ditos de Rúmil” (WJ: 398), **lambë Eldaron** ou **lambë Quendion** “o idioma dos elfos” (WJ: 368/PM: 395), **Rithil-Anamo** “Círculo do Destino” (WJ: 401).

Um mal-entendido em potencial pode ser mencionado aqui: ocasionalmente as pessoas se vêem completamente seduzidas pelas construções com *de* do português, achando que a desinência de genitivo **-o** deve aparecer no mesmo lugar na expressão assim como a preposição *de* faz. Por este motivo eles terminam *anexando a desinência de genitivo à palavra errada* em uma tentativa inútil para copiar a ordem portuguesa de todos os elementos na expressão. Peça a dez pessoas para traduzir “a glória de Aman” para uma expressão genitiva em quenya, e é bem provável que várias delas irão sugerir algo como **i alcaro Aman**, que na verdade significa “Aman da glória”! O que queremos é **Amano alcar** ou **(i) alcar Amano**.

Quanto a ordem de palavras empregada quando uma *preposição* é usada em conjunto com uma expressão genitiva, o *Namárië* prosaico fornece o estranho exemplo **Vardo nu luini tellumar**. Tolkien traduziu isto como “sob as abóbadas azuis de Varda”. Como vemos, a expressão em quenya é literalmente “sob de Varda abóbadas azuis”, a preposição *sucedendo* o substantivo genitivo – uma ordem mais inesperada, especialmente considerando que esta é para ser a prosa normal. O *Namárië* prosaico também tem ainda **ve aldaron rámar** para “como as asas das árvores”. Aqui a ordem das palavras é exatamente o que esperaríamos, ou seja, preposição + genitivo + o substantivo que ele rege (e não ****aldaron ve rámar** ou o que quer que seja!) É quase tentador supor que **Vardo nu luini tellumar** seja simplesmente um erro para **?nu Vardo luini tellumar**. Ao menos neste estágio, eu usaria sempre a ordem de palavras no “estilo português” exemplificada por **ve aldaron rámar**. Talvez **Vardo nu luini tellumar** seja um exemplo da sintaxe extremamente esotérica preferida pelos Eldar, cujos pensamentos não são como aqueles dos homens mortais...ou talvez isto seja apenas um erro de digitação. Devemos esperar pela publicação de mais material.

O uso do artigo: um genitivo determina o substantivo do qual depende, assim como faz o artigo definido: **Indis i-Ciryamo** significa “a Esposa do Marinheiro”. Isto não pode ser interpretado “uma esposa do marinheiro” em um sentido indefinido ou indeterminado, embora o artigo definido **i** esteja ausente antes do substantivo **indis** “esposa, noiva”. O mesmo com **lambë Quendion** “o idioma dos elfos” (PM: 395, ênfase adicionada); isto não pode ser interpretado “um idioma dos elfos”, pois **lambë** é determinada pelo genitivo **Quendion**. Deve-se compreender que, enquanto o primeiro substantivo de uma construção portuguesa com *de* pode ou não ser definido e conseqüentemente recebe o artigo apropriado (*o, a* ou *um, uma*), um substantivo em quenya ligado ao genitivo que o segue é sempre determinado, sendo o artigo **i** usado ou não. O sistema é na verdade o mesmo do português, com uma complicação menor acrescentada: enquanto que um genitivo português sempre *precede* o substantivo do qual depende, um genitivo em quenya também pode vir *após* este substantivo.

Onde o genitivo *sucede* o substantivo do qual depende, o uso do artigo definido antes deste substantivo é aparentemente opcional. O substantivo é definido de qualquer modo, de modo que incluir o artigo é de certa forma supérfluo; ainda temos os exemplos **i arani Eldaron** “os reis dos Eldar” (WJ: 369) e **i equessi Rúmilo** “os ditos de Rúmil” (WJ: 398). **Equessi Rúmilo** e **arani Eldaron** sem o artigo significariam precisamente a mesma coisa. De forma oposta, a expressão **indis i ciryamo** “a esposa do marinheiro” poderia presumidamente ter sido ampliada para ser lida **i indis i ciryamo** “a esposa do marinheiro”, novamente sem alterar o significado.

Nenhum exemplo atestado de um genitivo *precedente* é seguido por um artigo. Mas se podemos escolher livremente entre **i equessi Rúmilo** e apenas **equessi Rúmilo**, este princípio talvez ainda se aplicaria se o genitivo fosse movido para o início da expressão? **Rúmilo equessi** “os ditos de Rúmil” é certamente uma expressão válida, mas e quanto a **Rúmilo i equessi**? Isto seria igualmente possível, ou soaria tão estranhamente como “os de Rúmil ditos” em português? Quanto a mim, eu evitaria esta construção incerta e não atestada.

Algumas preposições regem o caso genitivo. É dito que **ú** “sem” é geralmente seguida por genitivo, com Tolkien mencionando o exemplo **ú calo** “sem luz” (VT39: 14). Este **calo** parece ser a forma genitiva do substantivo **cala** “luz” (como em **calaquendi** “elfos da luz” ou **Calacirya** “Fenda de Luz”).

Sumário da Lição Onze: o substantivo em quenya é declinado por um número de *casos*, formas especiais do substantivo que esclarecem qual função o substantivo possui em uma frase. As formas até agora tratadas são exemplos do caso *nominativo*, usado quando um substantivo é o sujeito ou o objeto de uma frase (um caso de “objeto” distinto, o *acusativo*, ocorreu anteriormente mas saiu de uso no quenya exílico). A caso *genitivo* do quenya possui a desinência **-o** (deslocando um **-a** final, onde tal está presente); a forma no plural é **-on** (adicionada ao nominativo plural), enquanto que os genitivos duais recebem a desinência **-to** (mas substantivos com formas nominativas duais em **-u** teriam possivelmente genitivos duais em **-uo** ao invés de **-uto**). O substantivo regido pelo genitivo pode vir tanto antes como após ele; **Rúmilo equessi** ou **(i) equessi Rúmilo** serviriam igualmente para “os ditos de Rúmil”. O genitivo do quenya indica propriamente fonte ou origem (incluindo possuidores *anteriores*), mas também abrange a maioria das relações entre pessoas (como relações familiares), assim como o relacionamento entre um governante e o governado (povo ou território). “**Xo Y**” ou “**Y Xo**” também pode implicar “Y de X” no sentido de Y sendo uma parte física de X, ou (se X é uma palavra no plural) Y sendo um de X. Assim, diz-se Eärendil ser **elenion ancailima** “a mais brilhante das (/dentre as) estrelas”. A relação entre um lugar e algo localizado naquele lugar também pode ser expressa por meio de um genitivo: **Calaciryo míri** “as jóias de Calacirya”. Um genitivo também pode ser expresso “de = sobre, com respeito a”, como em **Quenta Silmarillion** “a História das Silmarils”. Além disso, a preposição **ú** “sem” geralmente é empregada no caso genitivo.

VOCABULÁRIO

cainen “dez”

laman (lamn-) “animal” (a forma do radical também pode ser simplesmente **laman-**, mas usaremos **lamn-** aqui)

yulma “taça, copo”

limpë “vinho” (dentro dos mitos de Tolkien, **limpë** era um tipo de bebida especial dos elfos ou dos Valar – mas no *Etymologies*, entrada *LIP*, Tolkien também fornece a palavra como “vinho”, e usaremos a palavra neste sentido aqui)

rassë “chifre” (“especialmente em animais vivos, mas também aplicado a montanhas” – Etym., entrada *RAS*)

toron- (torn-) “irmão”

Menel “o firmamento, céu, os céus” (mas a palavra em quenya está no singular. Ela aparentemente não é usada em um sentido religioso, mas se refere apenas aos céus físicos. Cf. **Meneltarma** “Coluna dos Céus” como o nome da montanha central em Númenor. A palavra **Menel** é em maiúsculas e tratada aparentemente como um nome próprio, não exigindo assim qualquer artigo.)

ulya- “verter, derramar” (pretérito transitivo **ulyanë**, intransitivo **ullë**)

sírë “rio”

cilya “fenda, desfiladeiro” (também **cirya**, como em **Calacirya** “Fenda de Luz”, o nome aparecendo na verdade como **Calacilya** em alguns textos – mas uma vez que **cirya** também significa “navio”, usaremos **cilya** aqui)

anto “boca” (possivelmente representando *amatô*, *amto* mais primitivos; se for assim, ela provavelmente vem da mesma raiz do verbo **mat-** “comer”)

ú preposição “sem” (geralmente seguida por genitivo)

EXERCÍCIOS

1. Traduza para o português:

- A. **Hirnentë i firin ohtar macil.**
- B. **Menelo eleni silar.**
- C. **Tirnen i nisso hendu.**
- D. **Cenuvantë Aran Atanion ar ilyë nórion.**
- E. **Coa ú talamion umë anwa coa.**
- F. **I tário úmië torni merir turë Ambaro lier.**
- G. **I rassi i lamnion nar altë.**
- H. **I cainen rávi lintavë manter i rocco hrávë.**

2. Traduza para o quenya:

- I. Os pássaros do céu verão dez guerreiros entre os grandes rios.
- J. O servo do rei derramou vinho dentro da maior das taças. (“o[a] maior” = **analta**. Hora de repetir a Lição Cinco, onde tratamos dos superlativos?)
- K. O irmão do elfo reuniu os dez livros sobre estrelas.
- L. O grande rio da terra verteu em um desfiladeiro.
- M. Um homem sem uma boca não pode falar.
- N. Eu tenho visto (vi) a maior de todas as montanhas sob o céu.
- O. Eu quero encontrar uma terra sem grandes animais como leões.
- P. Você verá um animal sem chifres (*dual: um par de chifres*)